O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

Allan Kardec

TRADUÇÃO: **Ery Lopes**

LUZ ESPÍRITA

O Evangelho segundo o Espiritismo

Allan Kardec (1804-1869)

Título original em francês:
L'Évangile selon le Spiritisme

Originalmente publicada em abril de 1864
Paris, França

Tradução: Ery Lopes
com base na 4ª edição, 1868 - Ebook

Revisão: José Nunes Pereira Sobrinho

Versão digital: 5.5
Atualizado em 22 de abril de 2026
São Paulo, Brasil

Não nos importamos com os direitos autorais.
Esta tradução pode ser copiada e reproduzida, impressa e até comercializada,
sem prévia autorização ou mesmo sem citar a fonte.
Apenas pedimos que seja mantida a fidelidade do texto.

Distribuição gratuita:
Portal Luz Espírita

LUZ ESPÍRITA
www.luzespirita.org.br

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

Allan Kardec

Tradução:

Ery Lopes

LUZ ESPÍRITA
www.luzespirita.org.br

Não nos importamos com os direitos autorais.
Esta tradução pode ser copiada e reproduzida, impressa e até comercializada,
sem prévia autorização ou mesmo sem citar a fonte.
Apenas pedimos que seja mantida a fidelidade do texto.

Apresentação da obra

> "São chegados os tempos em que todas as coisas devem ser restabelecidas no seu verdadeiro sentido, para dissipar as trevas, confundir os orgulhosos e glorificar os justos."
>
> ***Espírito da Verdade***

Mais uma obra fundamental de Allan Kardec foi traduzida para o vernáculo pátrio, dessa feita, ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***, publicada no ano de 1864. Uma obra singular da Doutrina dos Espíritos, ponto de inflexão no arcabouço literário espírita, quando o Espiritismo se cristianiza e adquiri caráter universal: *"Esta obra é para o uso de todos"*, seu lema, que traduz o espaço aberto para todos os cultos e quaisquer crença, onde *"cada qual pode dela tirar os meios de conformar sua conduta à moral do Cristo"*. Seu objetivo primeiro é apresentar a Ética Cristã sob as instruções dos Espíritos, que são verdadeiramente as *vozes do céu* que vêm esclarecer a humanidade e convidá-la à **prática do Evangelho**. Depois de concluir os princípios fundamentais do Espiritismo, em obras anteriores, Allan Kardec aplica-os na análise de textos selecionados da Bíblia, numa exegese bíblica espírita.

A Introdução do livro é um convite à reflexão. Estruturada com o formalismo aplicado aos estudos exegéticos bíblicos. Esclarece o tema central da obra — explicar o ensino moral contido nos Evangelhos para uso de qualquer culto, indiscriminadamente, com explicações dos princípios éticos, extraídos das "passagens obscuras" dos textos bíblicos e, de forma figurativa, afirmar que o Espiritismo é "a chave" que dá o verdadeiro sentido à diversos "pontos do Evangelho, da Bíblia e dos autores sagrados". No seu entender, é através do Espiritismo que as máximas do Evangelho serão acessíveis a todos para aplicá-las na vida cotidiana. E para isso, contou com a ajuda dos Espíritos Superiores que o assessoraram. Portanto, essa exegese bíblica visa o uso

utilitário da mensagem cristã, numa aproximação com o ocorrido na China milenar com o Confucionismo.

A Introdução também apresenta o argumento de *Autoridade da Doutrina Espírita;* sua âncora está na universalidade do ensino dos Espíritos, que revelam à humanidade essas verdades. Mas, as revelações devem passar primeiro pelo controle da razão, pelo bom senso, utilizando-se de uma lógica rigorosa. O segundo critério é o da concordância desses ensinos vindos espontaneamente por meio de grande número de médiuns, de diversos lugares — aqui é a aplicação da lei dos grandes números.

E, após colocar um sucinto dicionário com palavras de significados históricos, adentra na parte mais crível, ao fazer de Sócrates e de Platão — leia-se *pagãos* — precursores da ideia cristã e do Espiritismo. Portanto, elaborou um estudo comparativo entre os ensinos de filósofos da Grécia Clássica, com o Cristianismo e o Espiritismo, similar ao realizado por Agostinho de Hipona, com os filósofos gregos e o Cristianismo nascente, no séc. V d.C.

A partir dessa Introdução, o corpo da obra se desenvolve numa série de análise de textos evangélicos, onde os capítulos, em sua maioria, seguem a estrutura com textos bíblicos, a maioria do Novo Testamento, selecionados por máximas de mesma natureza, seguida da dissertação de Kardec sobre o tema, e, por fim, colocou mensagens explicativas dos Espíritos. Encerrou a obra com uma coletânea de Preces Espíritas.

Numa visão geral, é uma obra que contém a exegese do Sermão do Monte — o cerne da Ética Cristã; um livro de doutrina que analisa passagens dos livros revelados do Judaísmo e do Cristianismo para ser utilizado por todas as pessoas, um Código de Moral Universal, um código de conduta para a vida pública e privada.

A tradução desse livro proporciona a divulgação da mensagem de paz e de equilíbrio emocional, evidenciada na forma como Allan Kardec construiu suas obras fundamentais, um presente, que se faz presente na humanidade terrena encarnada e desencarnada.

Luís Jorge Lira Neto

Nota do tradutor

A necessidade de estudar constantemente a obra de Allan Kardec, para aprender e fortalecer nossos aprendizados doutrinários espíritas — o que, aliás, constitui uma satisfação para nós — serviu de ensejo para cuidarmos desta tradução, que também é motivada pelo desejo de ofertarmos mais uma opção aos nossos confrades e demais estudiosos do Espiritismo, especialmente aqueles que não disponham da fluência na leitura em francês, cumprindo assim o papel essencial do tradutor, qual seja a de ser um facilitador.

Não se ignora a dificuldade natural no trabalho de verter para outro idioma qualquer uma obra de fôlego, tal como esta; acrescente-se aí a gravidade das implicações de uma tradução de ***O Evangelho segundo o Espiritismo***, posto que se trata de um livro que contém fundamentos de uma doutrina de cunho científico, filosófico e religioso, doutrina essa tão complexa quanto importante para toda a humanidade. Em face disso, não ousaríamos propor uma tradução perfeita, mas tratamos tanto quanto nos é possível de buscar a máxima fidelidade da mensagem iluminadora e consoladora contida nesta obra monumental.

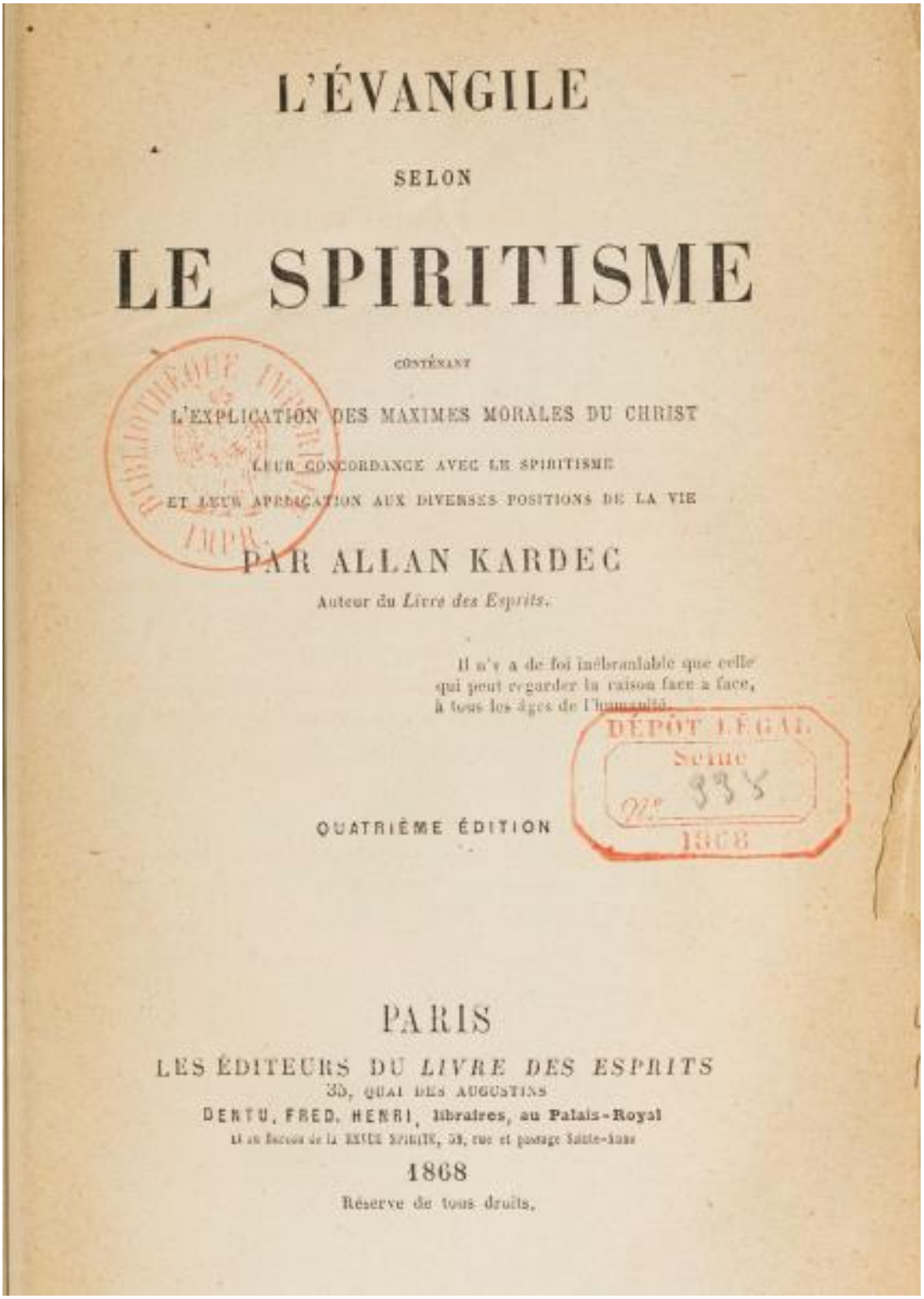
A revisão desta tradução é contínua, portanto, correções e sugestões de melhorias são bem-vindas. Por conseguinte, solicitamos que o leitor consulte periodicamente a possível existência de uma edição mais atualizada.

É então ciente desta responsabilidade que este trabalho vem para contribuir com a propagação desta doutrina que abraçamos com amor.

Ery Lopes
erylopes10@gmail.com

Observação: as notas de rodapé de autoria do tradutor estão sinalizadas no final com a inscrição “N. T.”; as demais, sem sinalização, correspondem à tradução das notas de Allan Kardec contidas na obra original.

Allan Kardec
(1804-1869)



L'ÉVANGILE

SELON

LE SPIRITISME

CONTENANT

L'EXPLICATION DES MAXIMES MORALES DU CHRIST

LEUR CONCORDANCE AVEC LE SPIRITISME

ET LEUR APPLICATION AUX DIVERSES POSITIONS DE LA VIE

PAR ALLAN KARDEC

Auteur du *Livre des Esprits*.

Il n'y a de foi inébranlable que celle qui peut regarder la raison face à face, à tous les âges de l'humanité.

DÉPÔT LÉGAL
Seine
Qe 334
1868

QUATRIÈME ÉDITION

PARIS

LES ÉDITEURS DU *LIVRE DES ESPRITS*

35, QUAI DES AUGUSTINS

DENTU, FRED. HENRI, libraires, au Palais-Royal

1868

Réserve de tous droits.

Folha de rosto da 4ª edição francesa, de 1868, obra-base desta tradução.
Ebook disponível no portal Gallica

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

CONTENDO

A EXPLICAÇÃO DAS MÁXIMAS MORAIS DO CRISTO
SUA CONCORDÂNCIA COM O ESPIRITISMO
E SUA APLICAÇÃO ÀS DIVERSAS SITUAÇÕES DA VIDA

POR **ALLAN KARDEC**

Autor de ***O Livro dos Espíritos***

Não há fé inabalável senão aquela que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da humanidade.

QUARTA EDIÇÃO

PARIS, 1867

SUMÁRIO

PREFÁCIO

INTRODUÇÃO

I. OBJETIVO DESTA OBRA – II. AUTORIDADE DA DOUTRINA ESPÍRITA: Controle universal do ensino dos Espíritos – III. NOTAS HISTÓRICAS – IV. SÓCRATES E PLATÃO, PRECURSORES DA IDEIA CRISTÃ E DO ESPIRITISMO: Resumo da doutrina de Sócrates e de Platão.

I – NÃO VIM DESTRUIR A LEI

As três revelações: Moisés, Cristo e o Espiritismo – Aliança da ciência e da religião – INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: A nova era.

II – MEU REINO NÃO É DESTE MUNDO

A vida futura – A realeza de Jesus – O ponto de vista – INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: Uma realeza terrestre.

III – HÁ MUITAS MORADAS NA CASA DE MEU PAI

Diferentes estados da alma na erraticidade – Diferentes categorias de mundos habitados – Destinação da Terra. Causa das misérias humanas – INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: Mundos inferiores e mundos superiores – Mundos de expiações e de provas – Mundos regeneradores – Progressão dos mundos.

IV – NINGUÉM PODE VER O REINO DE DEUS SE NÃO NASCER DE NOVO

Ressurreição e reencarnação – Laços de família, fortalecidos pela reencarnação e rompidos pela unicidade da existência – INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: Limites da encarnação – Necessidade da encarnação.

V – BEM-AVENTURADOS OS AFLITOS

Justiça das aflições – Causas atuais das aflições – Causas anteriores das aflições – Esquecimento do passado – Motivos de resignação – O suicídio e a loucura – INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: Bem e mal sofrer – O mal e o remédio – A felicidade não é deste mundo – Perda de pessoas amadas. Mortes prematuras – Se fosse um

homem de bem, ele teria morrido – Tormentos voluntários – A verdadeira infelicidade – A melancolia – Provações voluntárias – O verdadeiro cilício – Devemos dar fim às provas do próximo? – É permitido abreviar a vida do doente que sofre sem esperança de cura? – Sacrifício da própria vida – Proveito dos sofrimentos para outrem

VI – O CRISTO CONSOLADOR

O jugo leve – Consolador prometido – INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: Advento do Espírito de Verdade

VII – BEM-AVENTURADOS OS POBRES DE ESPÍRITO

O que se deve entender por pobres de espírito – Aquele que se eleva será rebaixado – Mistérios ocultos aos sábios e doutores – INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: O orgulho e a humildade – Missão do homem inteligente na Terra

VIII – BEM-AVENTURADOS AQUELES QUE TÊM O CORAÇÃO PURO

Deixem vir a mim as criancinhas – Pecado por pensamento. Adultério – Verdadeira pureza. Mãos não lavadas – Escândalos. Se a tua mão for motivo de escândalo, corte-a – INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: Deixem vir a mim as criancinhas – Bem-aventurados aqueles que têm os olhos fechados

IX – BEM-AVENTURADOS AQUELES QUE SÃO MANSOS E PACÍFICOS

Injúrias e violências – INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: A afabilidade e a doçura – A paciência – Obediência e resignação – A cólera

X – BEM-AVENTURADOS OS QUE SÃO MISERICORDIOSOS

Perdoem para que Deus lhes perdoe – Reconciliar-se com os adversários – O sacrifício mais agradável a Deus – O cisco e a trave no olho – Não julguem para não serem julgados. Quem estiver sem pecado atire a primeira pedra – INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: Perdão das ofensas – A indulgência – É permitido repreender os outros, notar as imperfeições de outrem e divulgar o mal alheio?

XI – AMAR O PRÓXIMO COMO A SI MESMO

O maior mandamento. Fazer aos outros o que gostaríamos que os outros nos fizessem. Parábola dos credores e dos devedores – Dar a César o que é de César – INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: A lei de amor – O egoísmo – A fé e a caridade – Caridade para com os criminosos – Devemos expor a vida por um malfeitor?

XII – AMEM SEUS INIMIGOS

Retribuir o mal com o bem – Os inimigos desencarnados – Se alguém lhes bater na face direita, apresentem-lhe também a outra – INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: A vingança – O ódio – O duelo

XIII – QUE SUA MÃO ESQUERDA NÃO SAIBA O QUE SUA MÃO DIREITA DÁ

Fazer o bem sem ostentação – Infortúnios ocultos – O óbolo da viúva – Convidar os pobres e os estropiados. Doar sem esperar retribuição – INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: Caridade material e caridade moral – A beneficência – A piedade – Os órfãos – Benefícios pagos com a ingratidão – Beneficência exclusiva

XIV – HONREM SEU PAI E SUA MÃE

Piedade filial – Quem é minha mãe e quem são meus irmãos? – Parentesco corporal e parentesco espiritual – INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: Ingratidão dos filhos e os laços de família

XV – FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO

O que é preciso para ser salvo. Parábola do Bom Samaritano – O maior mandamento – Necessidade da caridade segundo Paulo – Fora da Igreja não há salvação. Fora da verdade não há salvação – INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: Fora da caridade não há salvação

XVI – NÃO PODEMOS SERVIR A DEUS E A MAMON

Salvação dos ricos – Preservar-se da avareza – Jesus na casa de Zaqueu – Parábola do rico malvado – Parábola dos talentos – Utilidade providencial da fortuna. Provas da riqueza e da miséria – Desigualdade das riquezas – INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: A verdadeira propriedade – Emprego da riqueza – Desprendimento dos bens terrenos – Transmissão da fortuna

XVII – SEJAM PERFEITOS

Características da perfeição – O homem de bem – Os bons espíritas – Parábola do Semeador – INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: O dever – A virtude – Os superiores e os inferiores – O homem no mundo – Cuidem do corpo e do espírito

XVIII – MUITOS SÃO CHAMADOS E POUCOS SÃO ESCOLHIDOS

Parábola do banquete de núpcias – A porta estreita – Nem todos que dizem "Senhor! Senhor!" entrarão no reino dos céus – Muito se pedirá a quem muito recebeu – INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: Será dado mais àquele que tem – Reconhece-se o cristão pelas suas obras

XIX – A FÉ TRANSPORTA MONTANHAS

Poder da fé – A fé religiosa. Condição da fé inabalável – Parábola da figueira seca – INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: A fé, mãe da esperança e da caridade – A fé divina e a fé humana

XX – OS TRABALHADORES DA ÚLTIMA HORA

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: Os últimos serão os primeiros – Missão dos espíritas – Os obreiros do Senhor

XXI – HAVERÁ FALSOS CRISTOS E FALSOS PROFETAS

Conhece-se a árvore pelo seu fruto – Missão dos profetas – Prodígios dos falsos profetas – Não creiam em todos os Espíritos – INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: Os falsos profetas – Características do verdadeiro profeta – Os falsos profetas da erraticidade – Jeremias e os falsos profetas

XXII – NÃO SEPAREM O QUE DEUS UNIU

Indissolubilidade do casamento – O divórcio

XXIII – MORAL ESTRANHA

Quem não odiar seu pai e sua mãe – Deixar pai, mãe e filhos – Deixem aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos – Eu não vim trazer a paz, mas a divisão

XXIV – NÃO PONHAM A CANDEIA DEBAIXO DO ALQUEIRE

Candeia debaixo do alqueire. Por que Jesus fala por parábolas – Não vão ao encontro dos gentios – Não são os que estão com saúde os que precisam de médico – A coragem da fé – Carregar sua cruz. Quem quiser salvar a vida vai perdê-la

XXV – PROCUREM E ENCONTRARÃO

Ajuda-te e o céu te ajudará – Olhem os pássaros no céu – Não se preocupem em ter ouro

XXVI – DEEM GRATUITAMENTE O QUE RECEBERAM GRATUITAMENTE

Dom de curar – Preces pagas – Vendilhões expulsos do templo – Mediunidade gratuita

XXVII – PEÇAM E VOCÊS OBTERÃO

Qualidades da prece – Eficácia da prece – Ação da prece - Transmissão do pensamento – Preces inteligíveis – Prece pelos mortos e pelos Espíritos sofredores – INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: Maneira de orar – Felicidade da prece

XXVIII – COLETÂNEA DE PRECES ESPÍRITAS

Preâmbulo

I – PRECES GERAIS

Oração dominical – Reuniões espíritas – Para os médiuns

II – PRECES PARA SI MESMO

Aos anjos guardiões e aos Espíritos protetores – Para afastar os maus Espíritos – Pedir para se corrigir de um defeito – Pedir para resistir a uma tentação – Ação de graças pela vitória obtida sobre uma tentação – Para pedir um conselho – Nas aflições da vida – Ação de graças por um favor obtido – Ato de submissão e de resignação – Diante de um perigo iminente – Ação de graças por ter escapado de um perigo – Quando for dormir – Prevendo a morte próxima

III – PRECES PELOS OUTROS

Por alguém que esteja em aflição – Ação de graças por um benefício concedido a outro alguém – Pelos nossos inimigos e pelos que nos querem mal – Ação de graças pelo bem concedido aos nossos inimigos – Pelos inimigos do Espiritismo – Por uma criança que acaba de nascer – Por um agonizante

IV – PRECES POR AQUELES QUE NÃO ESTÃO MAIS DA TERRA

Por alguém que acaba de morrer – Pelas pessoas a quem tivemos afeição – Pelas almas sofredoras que pedem preces – Por um inimigo que morreu – Por um criminoso – Por um suicida – Pelos Espíritos arrependidos – Pelos Espíritos endurecidos

V – PRECES PELOS ENFERMOS E PELOS OBSIDIADOS

Pelos enfermos – Pelos obsidiados

Anexo

CITAÇÕES BÍBLICAS

PREFÁCIO

Os Espíritos do Senhor, que são as virtudes dos céus, como um imenso exército que se move assim que recebe a ordem, espalham-se por toda a superfície da Terra; semelhantes a estrelas que caem do céu, eles vêm iluminar o caminho e abrir os olhos dos cegos.

Eu digo a vocês, em verdade, que chegou o tempo em que todas as coisas devem ser restabelecidas no seu verdadeiro sentido, para dissolver as trevas, desmascarar os orgulhosos e glorificar os justos.

As grandes vozes do céu ressoam como o som de uma trombeta e os coros dos anjos se reúnem. Homens, nós lhes convidamos para o divino concerto; que vossas mãos peguem a lira, que vossas vozes se unam e que em um só hino sagrado elas se estendam e vibrem de um extremo a outro do Universo.

Homens, irmãos a quem amamos, estamos junto de vocês; amem-se também uns aos outros e digam do fundo do coração, fazendo a vontade do Pai que está no céu: "Senhor! Senhor!" e vocês poderão entrar no reino dos céus.

O ESPÍRITO DE VERDADE

Nota – Esta instrução, transmitida por via medianímica, resume de uma só vez o verdadeiro caráter do Espiritismo e a finalidade desta obra; eis por que foi colocada aqui como prefácio.

INTRODUÇÃO

I – OBJETIVO DESTA OBRA

Podemos dividir as matérias contidas nos Evangelhos em cinco partes: ***os atos comuns da vida do Cristo***, ***os milagres***, ***as predições***, ***as palavras que serviram para o estabelecimento dos dogmas da Igreja*** e o ***ensinamento moral***. Se as quatro primeiras têm sido objeto de controvérsias, a última parte permaneceu inatacável. Diante desse código divino, até a própria incredulidade se curva; este é o terreno onde todos os cultos podem se reunir, a bandeira sob a qual todos podem se abrigar, quaisquer que sejam suas crenças, pois ele jamais foi pretexto de disputas religiosas — que sempre e por toda a parte foram levantadas por questões dogmáticas. Aliás, se o discutissem, as seitas teriam aí encontrado a sua própria condenação, porque a maioria está mais apegada à parte mística do que à parte moral — que exige a reforma de si mesmo. Para os homens, em particular, esse código é uma regra de conduta que abrange todas as circunstâncias da vida privada ou pública, o princípio de todas as relações sociais fundadas sobre a mais rigorosa justiça; enfim, e acima de tudo, é o caminho infalível para a felicidade futura, uma ponta do véu levantada sobre a vida futura. Essa parte é o tema exclusivo deste livro.

Todo mundo admira a moral evangélica; todos proclamam a sua sublimidade e necessidade, mas muitos assim o fazem por fé, com base no que ouviram dizer ou na confiança em certos provérbios que se tornaram comuns; porém, poucos a conhecem profundamente e menos ainda são os que a compreendem e sabem deduzir as suas consequências. A razão disso está principalmente na dificuldade apresentada na leitura do Evangelho — incompreensível para a grande maioria. A forma alegórica e o misticismo

intencional da linguagem fazem com que a maioria o leia por desencargo de consciência e por obrigação, como leem as preces sem entendê-las, ou seja, sem proveito. Os preceitos morais — espalhados aqui e ali, misturados no meio de outras narrativas — passam desapercebidos; então, torna-se impossível compreender o seu conjunto e fazer desses preceitos o objeto de uma leitura e de uma meditação em separado.

É verdade que vários tratados já foram escritos sobre a moral evangélica, mas o arranjo em estilo literário moderno lhes tira a pureza original, que a ela confere ao mesmo tempo o encanto e a autenticidade. O mesmo ocorre com as citações isoladas, reduzidas à sua mais simples expressão proverbial; então, não passam de aforismas que perdem parte do seu valor e do seu interesse, pela ausência de acessórios e das circunstâncias nas quais foram proferidos.

Para evitar esses inconvenientes, reunimos nesta obra os artigos que podem constituir — propriamente falando — um código de moral universal, sem distinção de culto; nas citações, nós conservamos tudo que fosse útil ao desenvolvimento da ideia, eliminando apenas as coisas estranhas ao assunto. Além disso, respeitamos escrupulosamente a tradução de Sacy[1], assim como a divisão em versículos. Contudo, em vez de nos prendermos a uma ordem cronológica impossível e sem vantagem real para em tal caso, as máximas foram agrupadas e classificadas metodicamente conforme sua natureza, de modo que sejam deduzidas umas das outras, tanto quanto possível. A marcação dos números ordenados dos capítulos e dos versículos nos permite recorrer à classificação comum, quando julgamos oportuno.

Tratava-se apenas de um trabalho material que, por si só, teria sido de utilidade secundária, pois o essencial era colocá-lo ao alcance de todos, pela explicação das passagens obscuras e o desenvolvimento de todas as consequências, tendo em vista a aplicação diante das diversas situações da vida. Foi o que procuramos fazer, com a ajuda dos bons Espíritos que nos auxiliam.

---

[1] Menção ao sacerdote católico francês Louis-Isaac Lemaistre de Sacy (1613-1684) cuja tradução bíblica (*Bíblia de Port-Royal*) tornou-se a mais difundida versão francesa em sua época. — N. T. (Nota do Tradutor).

Muitos pontos do Evangelho, da Bíblia e dos autores sacros em geral são incompreensíveis; muitos deles até parecem irracionais, por falta de uma chave para que se compreenda o seu verdadeiro significado; essa chave está inteiramente no Espiritismo, assim como já puderam se convencer aqueles que o estudaram seriamente, e como o reconhecerão melhor ainda mais tarde. O Espiritismo se encontra por toda a parte na Antiguidade e em todas as épocas da humanidade; em toda a parte encontramos vestígios dele nos escritos, nas crenças e nos monumentos; é por isso que tanto ele abre novos horizontes para o futuro quanto projeta luz não menos viva sobre os mistérios do passado.

Como complemento de cada preceito, acrescentamos algumas instruções escolhidas entre as que foram ditadas pelos Espíritos em diversos países e através de diferentes médiuns. Se essas instruções fossem tiradas de uma única fonte, elas poderiam ter sofrido uma influência pessoal ou do ambiente local, ao passo que a diversidade de origens prova que os Espíritos dão seus ensinos em toda parte, e que não há ninguém privilegiado a esse respeito.[2]

Esta obra é para o uso de todos; cada qual pode colher dela os meios de adequar sua conduta à moral do Cristo. Os espíritas aqui encontrarão, além disso, as aplicações que lhes concernem de modo especial. Graças às comunicações estabelecidas, doravante de uma maneira permanente entre os homens e o mundo invisível, a lei evangélica ensinada a todas as nações pelos próprios Espíritos já não será mais uma letra morta, porque cada um a compreenderá e será incessantemente convocado a colocá-la em prática, pelos conselhos de seus guias espirituais. As instruções dos Espíritos são

---

[2] Sem dúvidas, nós poderíamos ter dado sobre cada assunto um número maior de comunicações obtidas numa multidão de outras cidades e centros espíritas além das que citamos, mas quisemos, antes de tudo, evitar a monotonia de repetições inúteis e limitar a nossa escolha àquelas que — pela essência e pela forma — se enquadram mais especialmente no formato dessa obra, reservando para as publicações posteriores as comunicações que não couberam aqui.

Quanto aos médiuns, preferimos não nomear nenhum; na maior parte dos casos, foi a pedido deles mesmos para que não fossem designados, e desde então não convinha fazer exceções. Os nomes dos médiuns, aliás, não acrescentariam nenhum valor à obra dos Espíritos; portanto, a menção deles não seria mais do que uma satisfação do amor-próprio, à qual os médiuns verdadeiramente sérios não dão a menor importância; eles compreendem que, como o seu papel é puramente passivo, o valor das comunicações não realça em nada o mérito pessoal deles, e que seria pueril se envaidecerem de um trabalho intelectual ao qual eles prestam apenas um auxílio mecânico.

verdadeiramente ***as vozes do céu*** que vêm esclarecer os homens e os convidar ***à prática do Evangelho***.

II – AUTORIDADE DA DOUTRINA ESPÍRITA

Controle universal do ensino dos Espíritos

Se a doutrina espírita fosse uma concepção puramente humana, ela só teria como garantia as luzes daquele que a tivesse concebido; ora, ninguém neste mundo poderia ter a pretensão bem fundamentada de possuir exclusivamente nele a verdade absoluta. Se os Espíritos que a revelaram tivessem se manifestado a um só homem, nada garantiria a sua origem, pois seria preciso acreditar na palavra daquele que dissesse ter recebido o ensinamento deles. Admitindo de sua parte uma perfeita sinceridade, no máximo ele poderia convencer as pessoas do seu entorno; ele poderia conseguir sectários, mas ele jamais chegaria a unificar o mundo.

Deus quis que a nova revelação chegasse aos homens por uma via mais rápida e mais autêntica; eis por que ele encarregou os Espíritos de levá-la de um polo a outro, manifestando-se por toda a parte, sem conceder a ninguém o privilégio exclusivo de ouvir a sua palavra. Uma pessoa pode ser iludida e pode iludir a si mesmo, mas isso não aconteceria quando milhões de pessoas veem e ouvem a mesma coisa: essa é uma garantia para cada um e para todos. Ademais, pode-se fazer que um homem desapareça, mas não se pode fazer desaparecer multidões; pode-se queimar os livros, mas não se pode queimar os Espíritos; ora, mesmo que todos os livros fossem queimados, a fonte da doutrina ainda seria inesgotável, pelo fato de ela não estar na Terra, de ela surgir de toda parte e de que cada pessoa pode usufrui-la. Na falta de homens para propagá-la, sempre haverá os Espíritos, que alcançam a todos e a quem ninguém pode atingir.

Na realidade, portanto, são os próprios Espíritos que fazem a propaganda, com a ajuda dos incontáveis médiuns que eles suscitam de todos os lados. Se tivesse havido apenas um intérprete, por mais favorecido que ele fosse, o Espiritismo mal seria conhecido; até mesmo esse intérprete, seja qual

fosse a classe a que ele pertencesse, teria sido objeto de prevenções de muita gente e nem todas as nações o teriam aceitado, enquanto os Espíritos — comunicando-se em toda parte, a todos os povos, a todas as seitas e a todos os partidos — são aceitos por todos. O Espiritismo não tem nacionalidade, está além de todos os cultos particulares, nem é imposto por nenhuma classe da sociedade, posto que qualquer pessoa pode receber instruções de seus parentes e amigos de além-túmulo. Era preciso que fosse assim para que ele pudesse conclamar todos os homens à fraternidade; se ele não fosse colocado em um terreno neutro, teria mantido as dissensões em vez de apaziguá-las.

Essa universalidade no ensinamento dos Espíritos faz a força do Espiritismo; nela também reside a causa de sua propagação tão rápida; enquanto a voz de um único homem — mesmo com o auxílio da imprensa — levaria séculos antes de chegar aos ouvidos de todos, eis que milhares de vozes se fazem ouvir simultaneamente em todos os pontos da Terra, para proclamar os mesmos princípios e os transmitir aos mais ignorantes, assim como aos mais instruídos, a fim de que ninguém seja deserdado. Essa é uma vantagem da qual nenhuma das doutrinas que já surgiram até hoje desfrutou. Logo, se o Espiritismo é uma realidade, ele não teme o malquerer dos homens, nem as revoluções morais, nem as convulsões físicas do globo, porque nenhuma dessas coisas pode atingir os Espíritos.

Mas essa não é a única vantagem que resulta dessa excepcional posição; o Espiritismo encontra aí uma garantia toda poderosa contra os cismas que pudessem ser suscitados — quer seja pela ambição de alguns, quer seja pelas contradições de certos Espíritos. Tais contradições são certamente um escolho, mas que traz consigo o remédio ao lado do mal.

Sabe-se que os Espíritos, por consequência da diferença que existe nas suas capacidades, estão longe de possuir individualmente toda a verdade; que não é permitido a todos penetrar determinados mistérios; que o saber deles é proporcional à sua depuração; que os Espíritos vulgares não sabem mais do que os homens, e até menos que certos homens; que há entre eles, como há entre os homens, presunçosos e pseudossábios que creem saber o que não sabem; que há sistemáticos que tomam as suas próprias ideias como verdades; enfim, que os Espíritos da ordem mais elevada — aqueles que já

estão completamente desmaterializados — são os únicos que já depuraram as ideias e os preconceitos terrenos. Mas, sabe-se também que os Espíritos enganadores não têm o escrúpulo de se esconder sob nomes alheios, para impor suas utopias. Disso resulta que, para tudo o que esteja fora do ensino exclusivamente moral, as revelações que cada um pode obter têm um caráter individual, sem autenticidade; que devem ser consideradas como opiniões pessoais de tal ou qual Espírito, e que seria imprudente aceitá-las e propagá-las levianamente como verdades absolutas.

O primeiro controle é incontestavelmente o da razão, ao qual é preciso submeter — sem exceção — tudo o que venha dos Espíritos; toda teoria em flagrante contradição com o bom senso, com uma lógica rigorosa e com os dados positivos que se possui — qualquer que seja o nome respeitável com que ela seja assinada — deve ser rejeitada. Porém, esse controle em muitos casos é incompleto, devido a insuficiência dos conhecimentos de certas pessoas e da tendência de muitos em tomar seu próprio julgamento como o único árbitro da verdade. Em semelhante caso, o que fazem os homens que não têm confiança absoluta em si mesmos? Eles tomam o conselho do máximo possível de pessoas e a opinião da maioria é o seu guia. Assim deve ser com relação ao ensino dos Espíritos, cujos meios eles mesmos nos fornecem.

A concordância no ensinamento dos Espíritos é então o melhor controle, mas é preciso ainda que ocorra em certas condições. A menos segura de todas é quando o próprio médium interroga vários Espíritos acerca de uma questão duvidosa. É muito evidente que, se ele estiver sob o domínio de uma obsessão ou lidando com um Espírito enganador, este Espírito pode lhe dizer a mesma coisa sob diferentes nomes. Também não há garantia suficiente na concordância que se possa obter por médiuns de um mesmo centro, pois todos eles podem estar sob a mesma influência.

A única garantia séria do ensino dos Espíritos está na concordância que exista entre as revelações feitas espontaneamente, por meio de um grande número de médiuns desconhecidos uns dos outros e em diversos lugares.

Compreende-se que não se trata aqui das comunicações relativas a interesses secundários, mas daquelas que se referem aos próprios princípios

da doutrina. A experiência prova que quando um princípio novo deve receber uma solução, ele é ensinado espontaneamente em diversos pontos ao mesmo tempo e de maneira idêntica — se não na forma, pelo menos na essência. Portanto, se agrada a um Espírito formular um sistema excêntrico, baseado somente nas suas ideias e fora da verdade, podemos estar certos de que esse sistema ficará ***circunscrito*** e tombará diante da unanimidade das instruções dadas em todas as outras partes, assim como já tivemos numerosos exemplos. Foi essa unanimidade que fez cair todos os sistemas parciais que surgiram no começo do Espiritismo, quando cada um explicava os fenômenos à sua maneira e antes que conhecêssemos as leis que regem as relações do mundo visível e do mundo invisível.

Tal é a base sobre a qual nós nos apoiamos quando formulamos um princípio da doutrina; não é porque esteja de acordo com as nossas ideias que o damos como verdadeiro; não nos colocamos absolutamente como juiz supremo da verdade, e a ninguém dizemos: “Creia em tal coisa, porque somos nós que estamos afirmando.” Aos nossos próprios olhos, a nossa opinião não é mais do que uma opinião pessoal, que pode estar correta ou falsa, porque nós não somos mais infalíveis do que outra pessoa qualquer. Também não é porque um princípio nos foi ensinado que para nós ele é a verdade, mas sim porque recebeu a sanção da concordância.

Na nossa posição, recebendo comunicações de cerca de mil centros espíritas sérios e disseminados pelos diversos pontos do globo, estamos em condições de enxergar os princípios sobre os quais essa concordância se estabelece; é essa observação que nos tem guiado até hoje e é igualmente ela que nos guiará nos novos campos que o Espiritismo é chamado a explorar. É assim que, estudando atentamente as comunicações vindas de diversas partes — tanto da França quanto do exterior — nós reconhecemos, pela natureza toda especial das revelações, que há uma tendência para ele entrar num novo caminho e que chegou o momento de dar um passo adiante. Essas revelações, às vezes formuladas com palavras veladas, com frequência têm passado desapercebidas a muitos daqueles que as obtiveram; outros tantos acreditaram ser os únicos a tê-las. Tomadas isoladamente, elas ficaram sem valor para nós; só a coincidência lhes dá a seriedade; depois, quando chegou o

momento de serem lançadas à publicidade, cada qual então se lembrará de ter recebido instruções no mesmo sentido. É esse movimento generalizado que nós observamos e que estudamos, com a assistência dos nossos guias espirituais, e que nos ajuda a julgar a oportunidade que temos para fazermos uma coisa ou para nos abstermos.

Esse controle universal é uma garantia para a unidade futura do Espiritismo e anulará todas as teorias contraditórias. É aí que, no porvir, se procurará o critério da verdade. O que determinou o sucesso da doutrina formulada em ***O Livro dos Espíritos*** e em ***O Livro dos Médiuns*** foi que em toda parte todos puderam receber diretamente dos Espíritos a confirmação do que esses livros contêm. Se de todas as partes os Espíritos tivessem vindo contradizê-los, essas publicações desde há muito já teriam sofrido a sorte de todas as concepções fantásticas. Nem o apoio da imprensa os teria salvado do naufrágio, ao passo que, privados desse apoio, não deixaram de trilhar um caminho rápido, porque tiveram o apoio dos Espíritos, cuja boa vontade compensou — e muito — a má vontade dos homens. Assim será com todas as ideias emanadas dos Espíritos ou dos homens que não possam suportar a prova desse controle, do qual ninguém pode contestar a força.

Suponhamos, pois, que agrade a certos Espíritos ditar, sob um título qualquer, um livro em sentido contrário; suponhamos até mesmo que, numa intenção hostil e visando desacreditar a doutrina, a malevolência suscitasse comunicações apócrifas: que influência poderiam ter esses escritos, se eles fossem desmentidos de todos os lados pelos Espíritos? É da adesão destes últimos que devemos nos assegurar antes de lançar um sistema em seu nome. Do sistema de um só diante do de todos há a distância da unidade ao infinito. De que valem todos os argumentos dos detratores diante da opinião das massas, quando milhões de vozes amigas provindas do Espaço vêm de todos os cantos do Universo e no seio de cada família para derrogá-los? A respeito disso, a experiência já não confirmou a teoria? O que aconteceu com todas essas publicações que — conforme afirmavam — deveriam aniquilar o Espiritismo? Qual delas pelo menos lhe deteve a marcha? Até hoje não se tinha encarado a questão sob esse ponto de vista, incontestavelmente um dos mais graves; cada um contou consigo, mas sem contar com os Espíritos.

O princípio da concordância é ainda uma garantia contra as alterações que pudessem ser feitas no Espiritismo pelas seitas que quisessem se apoderar dele, para o proveito particular delas, adaptando-o como bem pretendessem. Quem tentasse desviá-lo do seu objetivo providencial fracassaria, pela razão bem simples de que os Espíritos, através da universalidade de seus ensinamentos, derrubarão qualquer modificação que se afaste da verdade.

Ressalta de tudo isso uma verdade capital: a de que quem quisesse atravessar a corrente de ideias estabelecida e sancionada poderia até causar uma pequena perturbação local e momentânea, mas nunca dominar o conjunto — ainda que no presente, e menos ainda no futuro.

Disso também ressalta que as instruções dadas pelos Espíritos sobre os pontos da doutrina ainda não esclarecidos não constituirão lei enquanto elas permanecerem isoladas; que elas não devem, consequentemente, ser aceitas senão sob todas as reservas e a título de informação.

Daí a necessidade da aplicar à sua publicidade a maior prudência, e no caso em que se acredite dever publicá-las, é importante que elas sejam apresentadas apenas como opiniões individuais, mais ou menos prováveis, porém, em todos os casos, carecendo de uma confirmação. É essa confirmação que se deve aguardar antes de apresentar um princípio como verdade absoluta, se não quiser ser acusado de leviandade ou de credulidade irracional.

Os Espíritos superiores procedem em suas revelações com uma extrema sabedoria; eles não abordam as grandes questões da doutrina senão gradualmente, à medida que a inteligência está apta a compreender verdades de uma ordem mais elevada e quando as circunstâncias são propícias para a emissão de uma ideia nova. É por isso que eles não disseram tudo desde o começo, e até hoje ainda não disseram tudo, jamais cedendo à impaciência de pessoas muito apressadas que desejam colher os frutos antes de amadurecerem. Portanto, seria supérfluo querer avançar o tempo assinalado para cada coisa pela Providência, pois então os Espíritos verdadeiramente sérios recusam firmemente sua assistência; por outro lado, pouco se preocupando com a verdade, os Espíritos levianos respondem a tudo; é por

essa razão que, sobre todas as questões prematuras, sempre há respostas contraditórias.

Os princípios aqui citados não são o resultado de uma teoria pessoal, mas a consequência natural das condições nas quais os Espíritos se manifestam. Fica bem evidente que, se um Espírito diz uma coisa num lugar, enquanto milhões dizem o contrário noutro lugar, a presunção de verdade não pode pertencer àquele que está só ou quase só em sua opinião. Ora, pretender ter razão sozinho contra todos seria tão ilógico da parte de um Espírito quanto da parte dos homens. Os Espíritos verdadeiramente sábios, quando não se sentem suficientemente esclarecidos sobre uma questão, ***nunca*** a decidem de uma maneira absoluta; eles declaram que a tratam somente do seu ponto de vista e eles mesmos aconselham que se aguarde a confirmação.

Por maior, mais bela e mais justa que seja uma ideia, é impossível que ela reúna desde o início todas as opiniões. Os conflitos que dela resultam são a consequência inevitável do movimento que se opera; eles são até necessários para melhor fazer ressaltar a verdade, e é útil que ocorram no começo, para que as falsas ideias sejam rapidamente descartadas. Os espíritas que tiverem qualquer receio disso podem então ficar perfeitamente despreocupados. Todas as pretensões isoladas cairão, pela força das coisas, diante do grande e poderoso critério do controle universal.

Não será pela opinião de um homem que nos reuniremos, mas pela voz unânime dos Espíritos; não será um homem — ***nem nós, mais do que qualquer outro*** — que fundará a ortodoxia espírita; tampouco será um Espírito que venha se impor a quem quer que seja: será a universalidade dos Espíritos se comunicando em toda a Terra, por ordem de Deus; eis o caráter essencial da doutrina espírita; eis a sua força e a sua autoridade. Deus quis que sua lei fosse assentada sobre uma base inabalável, e foi por isso que ele não a fez repousar sobre a cabeça frágil de uma só pessoa.

É diante desse poderoso areópago[3] — que não tem nem as tramas, nem as rivalidades ciumentas, nem as seitas, nem as facções — que irão se quebrar

[3] Areópago: célebre tribunal de justiça de Atenas, na Grécia Antiga, reconhecido pela honestidade e pela retidão dos seus julgamentos. — N. T.

todas as oposições, todas as ambições, todas as pretensões de supremacia individual; ***que nos quebraríamos nós mesmos se quiséssemos substituir pelas nossas próprias ideias os seus decretos soberanos;*** só ele resolverá todas as questões litigiosas, silenciará as dissidências e declarará errado ou certo a quem tenha direito. Diante desse imponente acordo de todas ***as vozes do céu***, que poder tem a opinião de um único homem ou Espírito? Menos do que uma gota d'água que se perde no oceano, menos do que a voz de uma criança abafada pela tempestade.

A opinião universal — eis o juiz supremo, aquele que se pronuncia em última instância. Ela se forma de todas as opiniões individuais; se uma delas for verdadeira, não terá mais do que o seu peso relativo na balança; se for falsa, não poderá prevalecer sobre as demais. Nesse imenso concurso, as individualidades desaparecem, e isso constitui um novo baque para o orgulho humano.

Esse conjunto harmonioso já se desenha; ora, este século não passará sem que ele resplandeça em todo o seu brilho, de modo a solucionar todas as incertezas, porque, daqui até lá, potentes vozes terão recebido a missão de se fazerem ouvir para congregar os homens sob a mesma bandeira, desde que o campo se ache suficientemente lavrado. Enquanto isso, aquele que flutuar entre dois sistemas opostos poderá observar em que sentido se forma a opinião geral: este é o indício certo do sentido em que se pronuncia a maioria dos Espíritos, nos diversos pontos onde se eles comunicam; é um sinal não menos certo de qual dos dois sistemas prevalecerá.

III – NOTAS HISTÓRICAS

Para bem compreender certas passagens dos Evangelhos, é necessário conhecer o valor de várias palavras neles empregadas frequentemente, e que caracterizam o estado dos costumes e da sociedade judia naquela época. Essas palavras, já não tendo para nós o mesmo significado, muitas vezes têm sido mal interpretadas, e por isso mesmo tem causado uma espécie de incerteza. Além disso, a compreensão de sua significação explica o verdadeiro sentido de certas máximas que parecem estranhas à primeira vista.

SAMARITANOS – Após o cisma das dez tribos, Samaria tornou-se a capital do reino dissidente de Israel. Destruída e reconstruída várias vezes, ela foi, sob o domínio romano, a sede administrativa da Samaria — uma das quatro divisões da Palestina. Herodes, dito o Grande, a embelezou com suntuosos monumentos e, para lisonjear Augusto, deu-lhe o nome de ***Augusta***, em grego ***Sébaste***.

Os samaritanos quase sempre estiveram em guerra com os reis de Judá; uma aversão profunda, datando da separação, perpetuou-se entre os dois povos, que evitavam todas as relações recíprocas. Os samaritanos, para tornar a cisão mais profunda e não ter que vir a Jerusalém para a celebração das festas religiosas, construíram para si um templo particular e adotaram algumas reformas; eles só admitiam o Pentateuco[4] contendo a lei de Moisés e rejeitavam todos os livros que a ele foram anexados depois. Seus livros sagrados eram escritos em caracteres hebraicos da mais alta antiguidade. Aos olhos dos judeus ortodoxos eles eram heréticos e, por isso mesmo, desprezados, anatematizados e perseguidos. O antagonismo das duas nações então tinha por único princípio a divergência de opiniões religiosas, embora suas crenças tivessem a mesma origem. Os samaritanos eram os ***protestantes*** daquele tempo.

Ainda hoje se encontram samaritanos em algumas regiões do Oriente Médio, particularmente em Nablus e em Jafa. Eles seguem a lei de Moisés com mais rigor do que os outros judeus e só se casam entre si.

NAZARENOS – Nome dado, na antiga lei, aos judeus que faziam voto — perpétuo ou temporário — de conservar uma perfeita pureza; eles se devotavam à castidade, à abstinência de bebidas alcoólicas e à conservação da cabeleira. Sansão, Samuel e João Batista eram nazarenos.

Mais tarde, os judeus deram esse nome aos primeiros cristãos, por alusão a Jesus de Nazaré.

Esse também foi o nome de uma seita herética dos primeiros séculos da Era Cristã, a qual — assim como os ebionitas, de quem adotavam certos

---

[4] Pentateuco: os cinco primeiros livros da Bíblia (Gênese, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio) cuja autoria é atribuída a Moisés; também é conhecida como Torá (*Lei*, em hebraico). — N. T.

princípios — misturava as práticas mosaicas com dogmas cristãos. Essa seita desapareceu no quarto século.

PUBLICANOS – Chamavam-se assim, na antiga Roma, os cavalheiros arrendatários das taxas públicas, incumbidos da coleta dos impostos e das rendas de toda natureza — tanto na própria Roma quanto nas outras partes do Império. Eram semelhantes aos arrendatários gerais e contratantes do antigo regime na França, e iguais aos que ainda existem em algumas regiões. Os riscos que eles corriam faziam que fechassem os olhos para a riqueza que muitas vezes eles adquiriam e que, para muitos deles, era fruto de abusos e lucros escandalosos. O nome publicano se estendeu posteriormente a todos os que administravam os recursos públicos e aos agentes subalternos. Hoje, esse termo é empregado em sentido pejorativo para designar os financistas e negociantes pouco escrupulosos; diz-se, às vezes: "Ávido como um publicano; rico como um publicano", sobre uma fortuna de má procedência.

Da dominação romana, o imposto foi aquilo que os judeus aceitaram com mais dificuldade e o que mais causou irritação entre eles; surgiram várias revoltas, fazendo do imposto uma questão religiosa, porque ele era visto como contrário à lei. Formou-se até um partido poderoso à frente do qual estava um certo Judá — dito o Golanita — que tinha como princípio a recusa do imposto. Os judeus, portanto, tinham horror ao imposto e, por conseguinte, a todos os que eram encarregados de arrecadá-lo; daí a aversão deles aos publicanos de todas as categorias, entre os quais podiam encontrar-se pessoas muito estimáveis, mas que, em virtude de suas funções, eram desprezadas, tal como as pessoas que se relacionavam com eles, incluídas na mesma reprovação. Os judeus distintos acreditavam ser prejudicial ter relações próximas com eles.

PORTAGEIROS – Eram os cobradores de baixa categoria, encarregados do recolhimento principalmente dos pedágios na entrada das cidades. Suas funções correspondiam mais ou menos à dos aduaneiros e coletores de alfândega; eles compartilhavam da mesma reprovação aos publicanos em geral. É por essa razão que, no Evangelho, encontramos frequentemente o nome de ***publicano*** associado ao de ***gente de má vida***; essa qualificação não

se referia aos debochados e aos vagabundos; era um termo de desprezo, sinônimo de ***gente de má companhia***, indigna de se relacionar com pessoas decentes.

FARISEUS (do hebraico *Parasch:* divisão, separação.) – A tradição formava uma parte importante da teologia judia; consistia numa coletânea de interpretações sucessivas dadas sobre o sentido das Escrituras e que eram transformadas em artigos de dogma. Entre os doutores, isso era um tema de intermináveis discussões, muitas das vezes a respeito de simples questões de palavras ou de formalidades, do mesmo gênero das disputas teológicas e das sutilezas da escolástica da Idade Média. Daí nasceram diferentes seitas, cada qual pretendendo ter o monopólio da verdade e — como quase sempre acontece — todas se detestando cordialmente umas às outras.

Entre essas seitas, a mais influente era a dos ***fariseus***, que tinha como chefe Hillel, doutor judeu nascido na Babilônia, fundador de uma famosa escola, onde se ensinava que só se devia ter fé nas Escrituras. Sua origem remonta ao ano 180 ou 200 a.C. Os fariseus foram perseguidos em diversas épocas, notadamente no tempo de Hircano — soberano pontífice e rei dos judeus —, de Aristóbulo e de Alexandre, rei da Síria;[5] entretanto, tendo este último lhes restituído as honras e os bens, os fariseus recuperaram seu poder e o conservaram até a ***ruína de Jerusalém***, no ano 70 da Era Cristã, época na qual o nome deles desapareceu em consequência da dispersão dos judeus.

Os fariseus assumiam uma participação ativa nas controvérsias religiosas. Fiéis observadores das práticas exteriores do culto e das cerimônias, repletos de um zelo ardente de proselitismo e inimigos dos inovadores, eles fingiam grande severidade de princípios; mas, sob as aparências de uma devoção meticulosa, eles escondiam hábitos dissolutos, muito orgulho e sobretudo um amor excessivo pela dominação. Para eles, a religião era mais um meio de alcançar seus objetivos do que uma fé sincera. Tinham só as aparências e a ostentação da virtude; todavia, através disso,

[5] Referência a Alexandre Janeu, também conhecido como Alexander Jané (127 a.C. - 76 a.C.), filho de João Hircano e irmão de Aristóbulo I, a quem sucedeu no trono da província romana Síria Palestina, governando desde o ano 103 a.C. até o fim de sua vida. — N. T.

exerciam uma grande influência sobre o povo, aos olhos dos quais eles passavam por sagradas personagens. Eis por que eram muito poderosos em Jerusalém.

Eles acreditavam — ou, pelo menos, fingiam acreditar — na Providência, na imortalidade da alma, na eternidade das penas e na ressurreição dos mortos. (Cap. IV, item 4.) Jesus, que prezava antes de tudo a simplicidade e as qualidades do coração, que preferia na lei ***o espírito que vivifica à letra que mata***, dedicou-se durante toda a sua missão a desmascarar a hipocrisia deles; consequentemente, eles se transformaram em ferrenhos inimigos. Foi por isso que os fariseus se ligaram aos príncipes dos sacerdotes para incitar o povo contra Jesus e sacrificá-lo.

ESCRIBAS – Nome inicialmente dado aos secretários dos reis de Judá e a certos intendentes dos exércitos judeus. Mais tarde, essa designação foi aplicada especialmente aos doutores que ensinavam a lei de Moisés e a interpretavam para o povo. Faziam causa comum com os fariseus, de quem partilhavam os princípios e a antipatia contra os inovadores; por isso Jesus os incluiu na mesma reprovação.

SINAGOGA (do grego *Sunagógê:* assembleia, congregação.) – Não havia na Judeia senão um único templo, o de Salomão, em Jerusalém, onde eram celebradas as grandes cerimônias do culto. Os judeus se dirigiam para lá todos os anos em peregrinação para as festas principais, como as da Páscoa, da Dedicação e dos Tabernáculos. Foi nessas ocasiões que Jesus fez várias viagens para lá. As outras cidades não dispunham de templos, mas sim de sinagogas — edifícios onde os judeus se reuniam todo sábado (*sabbat*) para fazer preces públicas, sob a direção dos anciãos, dos escribas ou doutores da lei; nelas se faziam também leituras tiradas dos livros sagrados, que eram explicadas e comentadas. Qualquer homem podia participar; foi por isso que Jesus, mesmo sem ser sacerdote, ensinava nas sinagogas nos dias de *sabbat*.

Desde a ruína de Jerusalém e a diáspora dos judeus, as sinagogas, nas cidades onde eles habitam, lhes servem de templos para a celebração do culto.

SADUCEUS – Seita judia que se formou por volta do ano 248 a.C.; assim

nomeada por causa de ***Sadoc***, seu fundador. Os saduceus não acreditavam nem na imortalidade da alma, nem na ressurreição, nem nos anjos bons e maus. No entanto, eles acreditavam em Deus; mas, como não esperavam nada após a morte, só o serviam em vista de recompensas temporais, ao que, segundo eles, limitava-se à sua providência. Assim, a satisfação dos sentidos representava para eles a finalidade essencial da vida. Quanto às Escrituras, atinham-se ao texto da lei antiga, não admitindo nem a tradição nem qualquer interpretação; eles colocavam as boas obras e a observância pura e simples da lei acima das práticas exteriores do culto. Eram, como se vê, os materialistas, os deístas[6] e os sensualistas da época. Essa seita era pouco numerosa, mas contava com personagens importantes, tornando-se um partido político oposto constantemente aos fariseus.

ESSÊNIOS – Seita judia fundada por volta do ano 150 a.C., no tempo dos macabeus, e cujos membros, que habitavam uma espécie de monastério, formavam entre si um tipo de associação moral e religiosa. Eles se distinguiam pelos costumes brandos e pelas virtudes austeras, ensinavam o amor a Deus e ao próximo, a imortalidade da alma e acreditavam na ressurreição. Viviam em celibato, condenavam a escravidão e a guerra, compartilhavam seus bens e se dedicavam à agricultura. Opostos aos saduceus sensualistas, que negavam a imortalidade, e aos fariseus rigorosos pelas práticas exteriores e nos quais a virtude era só aparente, os essênios nunca participavam das querelas que dividiam essas duas seitas. Seu gênero de vida parecia com a dos primeiros cristãos, e os princípios da moral que eles professavam levaram algumas pessoas a pensarem que Jesus fizera parte dessa seita antes do começo de sua missão pública. O que é certo é que ele deve ter conhecido essa seita, mas nada prova que ele tivesse sido filiado a ela, e tudo que foi escrito sobre esse assunto é hipotético.[7]

---

[6] Os deístas — a quem Kardec compara os saduceus da época de Jesus — formam a corrente filosófica conhecida como Deísmo, que considera a razão como a única via capaz de explicar a existência de Deus, rejeitando assim qualquer revelação espiritual e, por conseguinte, condenando toda religião organizada. Um dos conceitos mais comuns dos deístas é o de que: Deus, caso exista, não interfere nem na natureza nem nos acontecimentos da vida humana. Essa doutrina foi difundida por grande parte dos filósofos iluministas e enciclopedistas, século XVIII, e foi o precursor do ateísmo moderno. — N. T.

[7] *A Morte de Jesus*, que se diz escrita por um irmão essênio, é um livro completamente apócrifo, escrito

TERAPEUTAS (do grego *therapeutés*, derivado de *therapeuein:* servir, cuidar; quer dizer, servidores de Deus ou curadores.) – Sectários judeus contemporâneos do Cristo, estabelecidos principalmente em Alexandria, no Egito. Tinham boa relação com os essênios, cujos princípios eles professavam; igual a esses últimos, eles se entregaram à prática de todas as virtudes. Sua alimentação era extremamente frugal; devotados ao celibato, à contemplação e à vida solitária, eles formaram uma verdadeira ordem religiosa. Fílon de Alexandria, filósofo judeu platônico, foi o primeiro a falar dos terapeutas, fazendo deles uma seita do judaísmo. Eusébio, São Jerônimo e outros Pais da Igreja pensavam que eles eram cristãos. Que eles fossem judeus ou cristãos, é evidente que, do mesmo modo que os essênios, eles formavam o traço de união entre o judaísmo e o cristianismo.

IV – SÓCRATES E PLATÃO, PRECURSORES DA IDEIA CRISTÃ E DO ESPIRITISMO

Do fato de que Jesus devia ter conhecido a seita dos essênios, seria errôneo concluir que ele tenha tirado a sua doutrina dessa seita e que, se ele tivesse vivido noutro meio, teria professado outros princípios. As grandes ideias jamais surgem subitamente; aquelas que tem por base a verdade sempre têm precursores que lhes preparam parcialmente os caminhos; ademais, quando é chegado o tempo, Deus envia um homem com a missão de resumir, coordenar e completar os elementos esparsos e formar a unidade deles; desse modo, não surgindo bruscamente, a ideia encontra já no seu aparecimento espíritos bastante dispostos a aceitá-la. Assim aconteceu com a ideia cristã, que foi pressentida vários séculos antes de Jesus e dos essênios, e da qual Sócrates e Platão foram os principais precursores.

Sócrates, bem como o Cristo, nada escreveu, ou pelo menos não deixou nenhum escrito. Como ele, teve a morte dos criminosos, vítima do fanatismo, por ter atacado as crenças conhecidas e por ter colocado a virtude real acima da hipocrisia e do simulacro das formalidades — numa palavra, por ter

---

com o propósito de servir a uma determinada opinião e que traz nele mesmo a prova de sua origem moderna.

combatido os preconceitos religiosos. Do mesmo modo que Jesus foi acusado pelos fariseus de corromper o povo com os seus ensinamentos, Sócrates também foi acusado pelos fariseus do seu tempo — pois sempre houve fariseus em todas as épocas — de corromper a juventude ao proclamar o dogma da unidade de Deus, da imortalidade da alma e da vida futura. E assim como só conhecemos a doutrina de Jesus pelos escritos de seus discípulos, nós conhecemos a de Sócrates somente pelos escritos de seu discípulo Platão. Cremos ser conveniente resumir aqui os pontos mais salientes para mostrar sua concordância com os princípios do cristianismo.

Aos que encaram essa comparação como uma profanação e acham que não pode haver paridade entre a doutrina de um pagão e a do Cristo, responderemos: que a doutrina de Sócrates não era pagã, pois tinha como propósito combater o paganismo; que a doutrina de Jesus, mais completa e mais depurada do que a de Sócrates, nada tem a perder com a comparação; que a grandeza da missão divina do Cristo não poderia com isso ser diminuída; responderemos também que se trata de um fato da História, que não pode ser abafada. O homem chegou a um ponto em que a luz eclode por si mesma de debaixo do alqueire e ele está maduro o bastante para encará-la; tanto pior para os que não ousarem abrir os olhos. Chegou a hora de considerarmos as coisas largamente e de modo elevado, e não mais do ponto de vista mesquinho e limitado dos interesses de seitas e de castas.

Essas citações provarão também que, se Sócrates e Platão pressentiram a ideia cristã, encontram-se igualmente em sua doutrina os princípios fundamentais do Espiritismo.

Resumo da doutrina de Sócrates e de Platão

I. O homem é ***uma alma encarnada***. Antes da sua encarnação, ela existia unida aos tipos primordiais, às ideias do verdadeiro, do bem e do belo; ela se separa deles ao encarnar e, ***recordando o seu passado***, fica mais ou menos atormentada pelo desejo de lá voltar.

Não se pode enunciar mais claramente a distinção e a independência

entre o princípio inteligente e o princípio material; é, além disso, a doutrina da preexistência da alma, da vaga intuição que ela conserva de um outro mundo ao qual ela aspira, da sua sobrevivência ao corpo, da sua saída do mundo espiritual para encarnar e do seu retorno a esse mesmo mundo após a morte; é, enfim, a semente da doutrina dos anjos decaídos.

> **II.** A alma se desvia e se perturba quando se serve do corpo para considerar qualquer objeto; tem vertigem como se estivesse ébria, porque se apega a coisas que, por sua natureza, são sujeitas a mudanças; em vez que, quando ela contempla a sua própria essência, então caminha em direção ao que é puro, eterno, imortal, e, sendo ela da mesma natureza, permanece ligada nisso pelo tempo que ela puder; logo suas inconstâncias cessam, pois ela fica unida ao que é imutável e é a esse estado da alma que chamamos ***sabedoria***.

Assim, o homem que considera as coisas de baixo, terra a terra, do ponto de vista material, torna-se iludido; para apreciá-las com justeza, é preciso enxergá-las do alto, isto é, do ponto de vista espiritual. A verdadeira sabedoria deve, portanto, de algum modo isolar a alma do corpo, para ver com os olhos do Espírito. É o que ensina o Espiritismo. (Cap. II, item 5.)

> **III.** Enquanto tivermos o nosso corpo e a alma se achar mergulhada nessa corrupção, jamais possuiremos o objeto dos nossos desejos: a verdade. De fato, o corpo nos suscita mil obstáculos pela necessidade que temos de cuidar dele; no mais, ele nos enche de desejos, de apetites, de temores, de mil quimeras e de mil tolices, de maneira que com ele é impossível ser sábio um só instante. Todavia, se nada for possível conhecer puramente enquanto a alma estiver ligada ao corpo, então é preciso uma de duas coisas: ou jamais conheceremos a verdade ou só a conheceremos após a morte. Libertos da loucura do corpo, então é de se esperar que conversaremos com homens igualmente livres e assim conheceremos, por nós mesmos, a essência das coisas. Eis por que os verdadeiros filósofos se preparam para morrer e a morte não lhes parece nada terrível. (Conforme em: ***O Céu e o Inferno***, 1ª parte, cap. II; 2ª parte, cap. I.)

Aí está o princípio das faculdades das almas obscurecidas em função dos

órgãos corporais e o da expansão dessas faculdades após a morte. Mas não se trata aqui senão de almas da elite, já depuradas; não é o mesmo caso das almas impuras.

> **IV**. A alma impura, nesse estado, fica oprimida e é arrastada novamente para o mundo visível pelo horror do que é invisível e imaterial; então ela vaga — como se diz — em torno dos monumentos e dos túmulos, junto aos quais já se têm visto algumas vezes fantasmas tenebrosos, como devem ser as imagens das almas que deixaram o corpo sem estarem inteiramente puras e que ainda conservam alguma coisa da forma material — o que faz com que o olho possa percebê-las. Não são as almas dos bons, mas as dos maus, que são forçadas a vagar nesses lugares, onde trazem consigo a punição da sua vida anterior e onde continuam a errar até que os apetites inerentes à forma material — que eles mesmos se deram — as recoloquem num corpo; e com isso, sem dúvidas, retomam os mesmos costumes que durante a vida anterior representavam o objeto de suas predileções.

Não somente o princípio da reencarnação se encontra claramente expresso aí, mas também o estado das almas que ainda estão sob o império da matéria é descrito tal como o Espiritismo mostra nas evocações. E tem mais: é dito que a reencarnação num corpo material é uma consequência da impureza da alma, enquanto as almas purificadas estão livres disso. O Espiritismo não diz outra coisa; apenas acrescenta que a alma que tomou boas resoluções na erraticidade e que adquiriu conhecimentos traz consigo ao renascer menos defeitos, mais virtudes e mais ideias intuitivas do que tinha na sua existência precedente; desse modo, cada existência marca para a alma um progresso intelectual e moral. (***O Céu e o Inferno***, 2ª parte, Exemplos.)

> **V**. Após a nossa morte, o gênio (*daïmon*, demônio), que nos tinha sido designado durante a nossa vida, nos encaminha a um lugar onde se reúnem todos os que deviam ser conduzidos ao ***Hades***[8], para ali serem julgados. Depois de terem estado no Hades o tempo necessário, as almas são reconduzidas a esta vida ***nos numerosos e longos períodos***.

[8] Hades: o mundo inferior, segundo a mitologia grega; mais ou menos equivalente ao inferno da tradição bíblica. — N. T.

Essa é a doutrina dos anjos guardiões, ou Espíritos protetores, e das reencarnações sucessivas após intervalos mais ou menos longos de erraticidade.

> VI. Os demônios ocupam o espaço que separa o céu da Terra; eles formam o laço que une o Grande Todo consigo mesmo. Como a divindade jamais entra em comunicação direta com o homem, é por intermédio dos demônios que os deuses se relacionam e conversam com ele — quer seja durante a vigília, quer seja durante o sono.

A palavra ***daïmon***, da qual fizeram o termo ***demônio***, não era tomada em sentido negativo na Antiguidade, como é nos tempos modernos; não se referia exclusivamente aos seres malfazejos, mas a todos os Espíritos em geral, entre os quais se distinguiam os Espíritos superiores, chamados de ***deuses***, e os Espíritos menos elevados, ou demônios propriamente ditos, que se comunicavam diretamente com os homens. O Espiritismo também afirma que os Espíritos povoam o espaço; que Deus não se comunica com os homens senão pelo intermédio dos Espíritos puros incumbidos de transmitir as vontades dele; que os Espíritos se comunicam com os homens durante a vigília e durante o sono. Substituam a palavra ***demônio*** pela palavra ***Espírito*** e vocês terão a doutrina espírita; ponham a palavra ***anjo*** e terão a doutrina cristã.

> **VII**. A preocupação constante do filósofo (tal como Sócrates e Platão entendiam) é a de tomar o maior cuidado com a alma, menos para esta vida — que não dura mais que um instante — do que tendo em vista a eternidade. Já que a alma é imortal, não é prudente viver visando a eternidade?

O Cristianismo e o Espiritismo ensinam a mesma coisa.

> **VIII**. Já que a alma é imaterial, ela deve passar, após esta vida, para um mundo igualmente invisível e imaterial, do mesmo modo que o corpo ao se decompor retorna à matéria. Importa somente distinguir bem a alma pura — verdadeiramente imaterial e que, como Deus, se nutre de ciência e pensamentos — da alma ***mais ou menos*** maculada de impurezas materiais,

que a impedem de se elevar rumo ao divino e a retêm nos lugares de sua passagem terrestre.

Como se vê, Sócrates e Platão compreendiam perfeitamente os diversos graus de desmaterialização da alma; eles insistem na diferença de situação que resulta para elas da ***sua maior ou menor*** pureza. O que eles diziam por intuição o Espiritismo o prova pelos numerosos exemplos que ele põe sob os nossos olhos. (***O céu e o inferno***, 2ª parte.)

IX. Se a morte fosse a dissolução total do homem, isso seria uma grande vantagem para os ímpios após a sua morte, por ficarem livres ao mesmo tempo do corpo, da alma e dos vícios. Aquele que adornou sua alma — não com enfeites estranhos, mas sim com aquilo que lhe é próprio —, só esse poderá esperar tranquilamente a hora da sua partida para o outro mundo.

Em outros termos, isso é dizer que o materialismo — que proclama o nada após a morte — seria a anulação de toda responsabilidade moral ulterior e, por conseguinte, um estímulo ao mal; que a pessoa má tem tudo a ganhar com o nada; que apenas o homem despojado dos seus vícios e enriquecido de virtudes pode esperar tranquilamente o despertar na outra vida. O Espiritismo nos mostra, pelos exemplos que ele diariamente põe sob os nossos olhos, quão penoso é para o ímpio o passamento de uma vida para a outra, isto é, a entrada na vida futura. (***O Céu e o Inferno***, 2ª parte, cap. I.)

X. O corpo conserva bem-marcados os vestígios dos cuidados que lhe foram dispensados ou dos acidentes que sofreu. Ocorre o mesmo com a alma; uma vez despojada do corpo ela traz os traços evidentes do seu caráter, de suas afeições e as impressões que cada um dos atos de sua vida deixou nela. Assim, a maior desgraça que pode acontecer ao homem é ir para o outro mundo com uma alma carregada de crimes. Veja, Cálicles, que nem tu nem Pólux, nem Górgias poderiam provar que se deva seguir outra vida que nos seja útil quando estivermos do outro lado. De tantas opiniões diversas, a única que permanece inabalável é a de que ***mais vale sofrer do que cometer uma injustiça*** e que, antes de todas as coisas, devemos cuidar, não de parecer um homem de bem, mas de ser um homem de bem. (Diálogos de Sócrates com seus discípulos na prisão.)

Aqui nós encontramos esse outro ponto capital, confirmado hoje pela experiência: que a alma não depurada conserva as ideias, as tendências, o caráter e as paixões que ela tinha na Terra. Esse ditado: ***mais vale sofrer do que cometer uma injustiça***, não é completamente cristão? É o mesmo pensamento que Jesus exprimiu através desta alegoria: "Se alguém te bater numa face, ofereça-lhe a outra." (Ver nesta obra, no cap. XII, os itens 7 e 8.)

> **XI**. De duas coisas, uma: ou a morte é uma destruição absoluta ou é a passagem da alma para outro lugar. Se tudo deve se extinguir, a morte será como uma dessas raras noites que passamos sem sonhar e sem nenhuma consciência de nós mesmos. Mas se a morte é apenas uma mudança de estadia, a passagem para um lugar onde os mortos devem se reunir, que felicidade é encontrarmos lá aqueles a quem conhecemos! Meu maior prazer seria examinar de perto os habitantes dessa outra morada e de distinguir lá, tal como aqui, aqueles que são sábios dos que acreditam sê-lo e não o são. Contudo, é tempo de nos separarmos, eu para morrer, vocês para viverem. (Sócrates aos seus juízes.)

Segundo Sócrates, os homens que viveram na Terra se reencontram após a morte e se reconhecem. O Espiritismo nos mostra isso continuando as relações existentes entre eles, de tal sorte que a morte não é nem uma interrupção nem a cessação da vida, mas uma transformação, sem solução de continuidade.

Se Sócrates e Platão tivessem conhecido os ensinamentos que o Cristo daria quinhentos anos mais tarde e os que estão sendo dado atualmente pelos Espíritos, eles não teriam falado de outro jeito. Quanto a isso, não há nada que deva surpreender, se considerarmos que as grandes verdades são eternas e que os Espíritos avançados devem tê-las conhecido antes de virem à Terra, para onde eles as trouxeram; se considerarmos que Sócrates, Platão e os grandes filósofos daqueles tempos puderam estar mais tarde entre aqueles que auxiliaram o Cristo na sua missão divina, e que tenham sido escolhidos precisamente porque eles estavam, mais do que outros, em condições de compreender as suas sublimes lições; se, enfim, considerarmos que eles hoje

podem fazer parte da plêiade dos Espíritos encarregados de vir ensinar aos homens as mesmas verdades.

XII. ***Nunca se deve pagar injustiça com injustiça, nem fazer mal a ninguém, qualquer que seja o mal que nos tenham feito***. Entretanto, poucos admitirão esse princípio, e os que discordarem dele naturalmente só desprezarão uns aos outros.

Não está aí o princípio da caridade que nos ensina a não retribuir o mal com o mal e a perdoar os nossos inimigos?

XIII. *É pelos frutos que se conhece a árvore.* É preciso qualificar cada ação conforme aquilo que ela produz: chamá-la de má, quando dela vem o mal, e de boa, quando dela nasce o bem.

Esta máxima: "É pelos frutos que se conhece a árvore", encontra-se textualmente repetida várias vezes no Evangelho.

XIV. A riqueza é um grande perigo. Todo homem que ama a riqueza não ama nem a si mesmo nem ao que é seu, mas sim a uma coisa que lhe é ainda mais estranha do que aquilo que lhe pertence. (Veja nesta obra o cap. XVI.)

XV. As mais belas orações e os mais belos sacrifícios agradam menos à Divindade do que uma alma virtuosa que se esforça para se assemelhar a ela. Seria uma coisa grave se os deuses tivessem mais consideração pelas oferendas do que pela nossa alma; se fosse assim, os mais culpados poderiam se beneficiar disso. Mas não; não há verdadeiramente justos e sábios exceto aqueles que, por suas palavras e por seus atos, cumprem o que devem para com os deuses e para com os homens. (Cap. X, itens 7 e 8.)

XVI. Chamo de homem vicioso a esse amante vulgar que ama o corpo mais do que a alma. O amor está por toda parte na natureza, convidando-nos a exercer nossa inteligência; nós o encontramos até no movimento dos astros. É o amor que ornamenta a natureza com os seus ricos tapetes; ele se enfeita e fixa sua morada lá onde encontra flores e perfumes. É também o amor que dá paz aos homens, a calma ao mar, o silêncio aos ventos e o sono à dor.

O amor, que deve unir os homens por um laço fraternal, é uma consequência dessa teoria de Platão sobre o amor universal, como a lei da natureza. Em razão de Sócrates ter dito que "o amor não é nem um deus nem um mortal, mas um grande demônio", ou seja, um grande Espírito que preside o amor universal, essa afirmação especialmente lhe foi imputada como crime.

XVII. A virtude não pode ser ensinada; ela vem por um dom de Deus aos que a possuem.

Isso é quase a doutrina cristã sobre a graça; mas, se a virtude fosse um dom de Deus, seria um favor, e então podemos perguntar por que essa virtude não seria concedida a todo mundo; por outro lado, se fosse um dom, não haveria mérito para aquele que a possui. O Espiritismo é mais explícito ao dizer que aquele que possui uma determinada virtude a adquiriu por seus esforços, nas suas existências sucessivas em se despojando pouco a pouco de suas imperfeições. A graça é a força com a qual Deus favorece todo homem de boa vontade para se depurar do mal e para fazer o bem.

XVIII. Existe uma disposição natural em cada um de nós, que é a de percebermos bem menos os nossos defeitos do que os defeitos de outrem.

O Evangelho diz: "Vocês enxergam um cisco no olho do vizinho e não enxergam a trave que está no vosso olho." (Cap. X, itens 9 e 10.)

XIX. Se os médicos fracassam na maior parte das enfermidades, ***é porque eles tratam do corpo sem a alma***, e porque, se o todo não estiver em bom estado, é impossível que uma parte esteja bem.

O Espiritismo dá a chave das relações existentes entre a alma e o corpo, e prova que há uma reação incessante de um sobre o outro. Assim, ele abre um novo caminho para a ciência; ao lhe mostrar a verdadeira causa de certas afecções, ele lhe fornece os meios de combatê-las. Quando a ciência levar em conta a ação do elemento espiritual no organismo, ela fracassará com menos frequência.

XX. Todos os homens, a partir da infância, fazem o mal muito mais do que o bem.

Essa afirmação de Sócrates toca na grave questão da predominância do mal na Terra, questão insolúvel sem o conhecimento da pluralidade dos mundos e da destinação da Terra, onde estão habitando apenas uma fração muito pequena da humanidade. Só o Espiritismo dá a solução para essa questão, que está desenvolvida logo adiante nos capítulos II, III e IV.

XXI. Há sabedoria em não achar que sabe aquilo que você não sabe.

Essa vai endereçada às pessoas que criticam aquilo de que muitas vezes elas não sabem absolutamente nada. Platão completa esse pensamento de Sócrates, dizendo: "Primeiro, tentemos tornar essas pessoas — se for possível — mais honestas nas palavras; se não for possível, ***não nos preocupemos com elas*** e vamos procurar somente a verdade. Tratemos de nos instruir, mas ***não nos injuriemos***." É assim que devem proceder os espíritas com relação aos seus contraditores de boa ou má-fé. Se Platão revivesse hoje, ele encontraria as coisas mais ou menos como no seu tempo e poderia usar da mesma linguagem. Sócrates também toparia com gente que zombaria da sua crença nos Espíritos e que o trataria como louco, assim como ao seu discípulo Platão.

Por ter professado esses princípios, primeiro Sócrates foi ridicularizado e depois acusado de impiedade, sendo condenado a beber da cicuta;[9] tanto é assim que as grandes verdades novas — suscitando contra si os interesses e os preconceitos que elas ferem — não podem se estabelecer sem luta e sem fazer mártires.

[9] Cicuta: veneno fatal que Sócrates foi obrigado a ingerir para cumprir sua pena de morte. — N. T.

Capítulo I

NÃO VIM DESTRUIR A LEI

As três revelações: Moisés, o Cristo e o Espiritismo – Aliança da ciência e da religião –

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS*:* **A Nova Era**

1. Não pensem que eu tenha vindo destruir a lei ou os profetas; não os vim destruir, mas sim cumpri-los, pois eu lhes digo em verdade que o céu e a Terra não passarão até que tudo o que consta na lei esteja perfeitamente cumprido, desde um único jota até um único ponto. (São Mateus, 5: 17 e 18)

Moisés

2. Há duas partes distintas na lei mosaica: a lei de Deus, promulgada no monte Sinai, e a lei civil, ou disciplinar, estabelecida por Moisés. Uma é invariável; a outra, apropriada aos costumes e ao caráter do povo, se modifica com o tempo.

A lei de Deus está formulada nos dez mandamentos seguintes:

I. Eu sou o Senhor, vosso Deus, que vos tirou do Egito, da casa da servidão. – Não tenham diante de mim outros deuses estrangeiros. – Não façam imagem esculpida e nem figura alguma de tudo o que está acima no céu e embaixo, na Terra, nem de tudo o que está nas águas, sob a terra. Não os adorem e nem lhes prestem nenhum culto soberano.

II. Não tomem em vão o nome do Senhor, vosso Deus.

III. Lembrem-se de santificar o sábado (dia do *sabbat*).

IV. Honrem o vosso pai e a vossa mãe, a fim de viverem longo tempo na terra que o Senhor vosso Deus vos dará.

V. Não matem.

VI. Não cometam adultério.

VII. Não roubem.

VIII. Não prestem falso testemunho contra o vosso próximo.

IX. Não cobicem a mulher do vosso próximo.

X. Não cobicem a casa do vosso próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem qualquer outra coisa que lhe pertença.[10]

Essa lei é de todos os tempos e de todos os países, e por isso mesmo tem um caráter divino. Todas as outras são leis estabelecidas por Moisés, obrigado a manter pelo temor um povo naturalmente turbulento e indisciplinado, no qual ele tinha que combater arraigados abusos e preconceitos adquiridos durante a escravidão no Egito. Para impor autoridade às suas leis, ele precisou atribuir a elas uma origem divina, assim como fizeram todos os legisladores dos povos primitivos. A autoridade do homem precisava se apoiar na autoridade de Deus, mas só a ideia de um Deus terrível podia impressionar homens ignorantes, em quem o senso moral e o sentimento de uma requintada justiça estavam ainda pouco desenvolvidos. É evidente que aquele que tivesse colocado entre os seus mandamentos: "Não matem; não façam mal ao teu próximo", não poderia se contradizer ao fazer da exterminação um dever. As leis mosaicas propriamente ditas tinham, pois, um caráter essencialmente transitório.

O Cristo

3. Jesus não veio destruir a lei, quer dizer, a lei de Deus; ele veio cumpri-la, isto é, desenvolvê-la, dar a ela o seu verdadeiro sentido e a adequar ao grau de adiantamento dos homens. É por isso que encontramos nessa lei o princípio dos deveres para com Deus e para com o próximo, que constitui a base da sua doutrina. Quanto às leis de Moisés propriamente ditas, ele, ao contrário, as modificou profundamente — tanto na sua essência quanto na sua forma: ele

[10] Êxodo, 20: 2 a 17. — N. T.

combateu constantemente o abuso das práticas exteriores e as falsas interpretações, e não podia fazê-las passar por uma reforma mais radical do que as reduzindo a estas palavras: “Amar a Deus acima de todas as coisas e ao teu próximo como a si mesmo”, e dizendo: ***aí está toda a lei e os profetas***.

Por estas palavras: “O céu e a Terra não passarão até que tudo esteja cumprido, desde um único jota”, Jesus quis dizer que era necessário que a lei de Deus recebesse seu cumprimento — quer dizer, que fosse praticada sobre toda a Terra, em toda a sua pureza, com todos os seus desenvolvimentos e todas as suas consequências, pois, de que serviria ter estabelecido essa lei, se ela devesse manter o privilégio de alguns homens ou mesmo de um único povo? Como todos os homens são filhos de Deus, então todos — sem exceção —- são o objeto de uma mesma solicitude.

4. Mas o papel de Jesus não foi simplesmente o de um legislador moralista, sem outra autoridade além da sua palavra; ele veio cumprir as profecias que haviam anunciado o seu advento; ele detinha sua autoridade da natureza excepcional do seu Espírito e da sua missão divina; veio ensinar aos homens que a verdadeira vida não é na Terra, e sim no reino dos céus; veio lhes ensinar o caminho que conduz a esse reino, os meios de se reconciliar com Deus e lhes intuir sobre a marcha das coisas por vir, para a cumprimento do destino humano. Entretanto, ele não disse tudo, e com relação a muitas questões ele se limitou a plantar o germe de verdades que ele mesmo declarou que ainda não podiam ser compreendidas. Ele falou de tudo, mas em termos mais ou menos explícitos; para entender o sentido oculto de certas palavras, era preciso que novas ideias e novos conhecimentos viessem dar a chave desse entendimento, e essas ideias não podiam vir antes de um determinado grau de maturidade do espírito humano. A ciência devia contribuir poderosamente para a eclosão e o desenvolvimento dessas ideias; fazia-se necessário, portanto, dar tempo para a ciência progredir.

O Espiritismo

5. O ***espiritismo*** é a ciência nova que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e as suas

relações com o mundo corpóreo; ele nos mostra o mundo espiritual não mais como uma coisa sobrenatural, mas ao contrário, como uma das forças vivas e incessantemente atuantes da natureza, como a fonte de uma multidão de fenômenos até hoje incompreendidos e, por essa razão, relegados ao domínio do fantástico e do maravilhoso. É a essas relações que o Cristo faz alusão em muitas circunstâncias, e é por isso que muitas coisas que ele disse permaneceram ininteligíveis ou foram falsamente interpretadas. O espiritismo é a chave pela qual tudo se explica com facilidade.

6. A Lei do Antigo Testamento está personificada em Moisés; a do Novo Testamento está no Cristo; o Espiritismo é a terceira revelação da lei de Deus, mas não está personificada em nenhum indivíduo, porque é produto do ensinamento dado, não por um homem, e sim pelos Espíritos, que são ***as vozes do céu***, em todos os cantos da Terra e por uma multidão inumerável de intermediários; é, de certa maneira, um ser coletivo, formado pelo conjunto dos seres do mundo espiritual, cada qual trazendo aos homens a contribuição de suas luzes, para fazê-los conhecer esse mundo e a sorte que lá os espera.

7. Assim como o Cristo disse: "Eu não vim destruir a lei, mas cumpri-la", o espiritismo diz igualmente: "Não venho destruir a lei cristã, mas cumpri-la". Ele não ensina nada contrário ao que o Cristo ensinou; ele desenvolve, completa e explica, em termos claros para todo mundo, o que foi dito apenas sob uma forma alegórica; ele vem realizar, nos tempos preditos, aquilo que o Cristo anunciou, e vem preparar a concretização das coisas futuras.[11] Em suma, ele é a obra do Cristo, que preside pessoalmente — assim como ele igualmente anunciou — a regeneração que se opera e prepara o reino de Deus na Terra.

Aliança da ciência e da religião

8. A ciência e a religião são as duas alavancas da inteligência humana; uma

[11] Esta predição feita por Jesus, que o Espiritismo vem realizar, está bem desenvolvida no capítulo VI: *O Cristo Consolador*, nesta obra. — N. T.

revela as leis do mundo material e a outra as leis do mundo moral; porém, ***ambas, tendo o mesmo princípio, que é Deus***, não podem se contradizer; se fossem a negação uma da outra, uma necessariamente estaria certa e a outra estaria errada, pois Deus não pode querer destruir a sua própria obra. A incompatibilidade que alguns acreditam ver entre essas duas ordens de ideias deriva de uma falta de observação e de um grande exclusivismo da parte de um e de outro; daí surgiu um conflito do qual nasceram a incredulidade e a intolerância.

Chegou o tempo em que os ensinamentos do Cristo devem receber o seu complemento; em que o véu intencionalmente lançado sobre algumas partes desse ensino há de ser levantado; em que a ciência, deixando de ser exclusivamente materialista, há de levar em conta o elemento espiritual, e em que a religião, deixando de desconhecer as leis orgânicas e imutáveis da matéria, essas duas forças — apoiando-se uma na outra e marchando em harmonia — se prestarão mútuo apoio. Então, não mais desmentida pela ciência, a religião adquirirá uma força inabalável, porque estará de acordo com a razão e já não será mais possível se opor à irresistível lógica dos fatos.

A ciência e a religião não puderam se entender até o presente porque, como cada uma delas tem encarado as coisas do seu ponto de vista exclusivo, elas se repeliram mutuamente. Faltava alguma coisa para preencher o vazio que as separava, faltava um traço de união que as aproximasse; esse traço de união está no conhecimento das leis que regem o mundo espiritual e suas relações com o mundo corpóreo, leis tão imutáveis quanto as que regem o movimento dos astros e a existência dos seres. Uma vez constatadas essas relações, através da experiência, fez-se uma nova luz: a fé dirigiu-se à razão, a razão nada encontrou de ilógico na fé, e o materialismo foi vencido. Mas nisso, como em todas as coisas, há pessoas que permanecem retraídas, até que elas sejam arrastadas pelo movimento geral que as esmaga, se elas quiserem resisti-lo em vez de o acompanhar. É toda uma revolução moral que se opera neste momento e trabalha as disposições; após ser elaborada durante mais de dezoito séculos, essa revolução chega à sua efetivação e vai marcar uma nova era para a humanidade. As suas consequências são fáceis de se prever; ela deve trazer inevitáveis modificações nas relações sociais, às quais ninguém

tem o poder de se opor, porque elas fazem parte dos desígnios de Deus e resultam da lei do progresso, que é uma lei de Deus.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

A Nova Era

9. Deus é único, e Moisés é o Espírito que Deus enviou em missão para torná-lo conhecido, não só dos hebreus como também dos povos pagãos. O povo hebreu foi o instrumento de que Deus se serviu para sua revelação através de Moisés e dos profetas, e as vicissitudes desse povo ocorrem para impressionar os olhos dos homens e derrubar o véu que lhes ocultava a divindade.

Os mandamentos de Deus dados através de Moisés contêm o germe da mais extensa moral cristã; os comentários sobre a Bíblia restringiram seu significado porque, se essa moral tivesse sido implementada em toda a sua pureza, ela então não teria sido compreendida. Mas nem por isso os dez mandamentos de Deus deixavam de ser uma espécie de frontispício brilhante, tal qual um farol que devesse iluminar a humanidade no caminho a percorrer.

A moral ensinada por Moisés era apropriada ao estado de adiantamento no qual se encontravam os povos a quem ela foi chamada a regenerar, e esses povos — semisselvagens quanto ao aperfeiçoamento da alma — não teriam compreendido que era possível adorar a Deus de outro modo que não por meio de holocaustos, nem que se devesse perdoar um inimigo. A inteligência deles — que era notável do ponto de vista da matéria, até mesmo das artes e das ciências — era bastante atrasada em moralidade, e não teria se convertido sob a ordem de uma religião inteiramente espiritual; faltava para eles uma representação semimaterial tal como a religião hebraica então a oferecia. Era assim que os sacrifícios falavam aos seus sentidos, enquanto a ideia de Deus falava ao seu espírito.

O Cristo foi o iniciador da moral mais pura e da mais sublime: da moral evangélico-cristã que deve renovar o mundo, aproximar os homens e os

tornar irmãos; que deve fazer brotar de todos os corações humanos a caridade e o amor ao próximo, além de criar entre todos os homens uma solidariedade comum; de uma moral, enfim, que há de transformar a Terra e a tornar uma morada para Espíritos superiores aos que a habitam hoje. Esta é a lei do progresso, à qual a natureza está submetida, que se cumpre, e o ***espiritismo*** é a alavanca que Deus utiliza para fazer a humanidade avançar.

Chegaram os tempos em que as ideias morais devem se desenvolver para realizar o progresso contido nos desígnios de Deus; elas devem seguir o mesmo trajeto percorrido pelas ideias de liberdade — que foram suas precursoras. Mas não devemos acreditar que esse desenvolvimento se faça sem lutas; não, pois para chegar à maturidade, essas ideias precisam de abalos e de discussões, a fim de que atraiam a atenção das massas. Uma vez despertada a atenção, então a beleza e a santidade da moral tocarão as disposições, e elas se dedicarão a uma ciência que lhes dá a chave da vida futura e lhes abre as portas da felicidade eterna. Foi Moisés quem abriu o caminho; Jesus continuou a obra; o espiritismo a concluirá.

UM ESPÍRITO ISRAELITA (Mulhouse, 1861)

10. Um dia, Deus, em sua inesgotável caridade, permitiu ao homem ver a verdade penetrar nas trevas; esse dia foi o do advento do Cristo. Depois da viva luz, as trevas voltaram; o mundo, após as alternâncias entre a verdade e a obscuridade, novamente se perdia. Então, semelhantes aos profetas do Antigo Testamento, os Espíritos se puseram a falar e a lhes advertir; o mundo está abalado em seus alicerces; o trovão rugirá. Sejam firmes!

O espiritismo é de ordem divina, pois se fundamenta sobre as próprias leis da natureza, e creiam bem que tudo o que é de ordem divina tem um propósito grande e útil. O vosso mundo se perdia; a ciência — desenvolvida às custas do que é de ordem moral e vos conduzindo somente ao bem-estar material — convertia-se em proveito do espírito das trevas. Vocês sabem disso, cristãos: o coração e o amor devem caminhar unidos à ciência. O reino do Cristo — ah! —, após dezoito séculos e malgrado o sangue de tantos mártires, ainda não veio. Cristãos, voltem-se para o Mestre, que quer salvar vocês. Tudo é fácil àquele que crê e que ama; o amor o enche de uma inefável

alegria. Sim, meus filhos, o mundo está abalado; os bons Espíritos dizem isso com frequência. Curvem-se ao sopro precursor da tempestade, para que não sejam derrubados; quer dizer, preparem-se e não se assemelhem às virgens loucas que foram apanhadas desprevenidas pela chegada do esposo.[12]

A revolução que se prepara é antes moral do que material, e os grandes Espíritos, mensageiros divinos, sopram a fé, para que todos vocês, obreiros esclarecidos e ardorosos, façam ouvir vossa humilde voz, pois vocês são o grão de areia, mas sem grãos de areia não haveria montanhas. Assim, pois, que esta afirmação "Somos pequenos" não faça sentido para vocês. Cada um com sua missão, cada um com o seu trabalho. Não é a formiga que constrói o seu formigueiro? Não são os animálculos imperceptíveis que elevam os continentes? A nova cruzada já começou; apóstolos da paz universal e não de uma guerra, modernos são Bernardos:[13] olhem e marchem avante, pois a lei dos mundos é a lei do progresso.

FÉNELON (Poitiers, 1861)

11. Santo Agostinho é um dos maiores divulgadores do espiritismo; ele se manifesta quase por toda parte e a razão disso nós encontramos na vida desse grande filósofo cristão. Ele pertence à vigorosa falange dos Pais da Igreja, aos quais a cristandade deve os seus mais sólidos alicerces. Como muitos outros, ele foi arrancado do paganismo, ou melhor, da impiedade mais profunda, pelo clarão da verdade. Quando ele, em meio aos seus excessos, sentiu na sua alma aquela estranha vibração que o fez voltar a si mesmo e lhe fez compreender que a felicidade estava alhures, e não nos prazeres enervantes e efêmeros; quando ele, no seu caminho de Damasco, enfim também ouviu a voz santa lhe clamar: "Saulo, Saulo, por que me persegue?", ele exclamou: "Meu Deus, meu Deus! Perdoa-me, pois eu creio, eu sou cristão!" E desde então se tornou um dos mais firmes sustentáculos do Evangelho. Podemos ler, nas marcantes confissões que esse eminente Espírito nos deixou, as palavras características e ao mesmo tempo proféticas que ele pronunciou após ter perdido santa

[12] Referência à parábola contada por Jesus, segundo o Evangelho de Mateus, 25: 1 a 13. — N. T.

[13] Alusão a São Bernardo de Claraval (1090-1153), o organizador da Segunda Cruzada, uma expedição armada dos cristãos ocidentais que tentou reconquistar o condado de Edessa (atualmente, Şanlıurfa - Turquia), tomada pelos mulçumanos. — N. T.

Mônica: ***"Estou convencido de que minha mãe virá me visitar e me dar conselhos, revelando-me o que nos espera na vida futura."*** Quanto ensinamento nessas palavras e que brilhante previsão da futura doutrina! É por isso que, hoje, vendo chegada a hora para a divulgação da verdade que ele outrora tinha pressentido, ele se constituiu um ardoroso propagador e, por assim dizer, se multiplica para responder a todos que o chamam.

ERASTO, discípulo de são Paulo (Paris, 1863)

Nota – Será que santo Agostinho vem demolir o que edificou? Não, certamente; mas como tantos outros, ele vê com os olhos do espírito o que não via como homem; sua alma desprendida entrevê novas claridades e compreende o que antes não compreendia. Novas ideias lhe revelaram o verdadeiro sentido de certas palavras; na Terra, ele julgava as coisas conforme os conhecimentos que possuía, mas quando uma nova luz brilhou para ele, então pôde julgá-las mais claramente; foi assim que ele teve que reconsiderar sua crença a respeito dos Espíritos íncubos e súcubos,[14] além do anátema[15] que ele havia lançado contra a teoria dos antípodas. Agora, que o cristianismo lhe aparece em toda a sua pureza, ele pode, sobre alguns pontos, pensar de modo diverso de quando estava vivo, sem deixar de ser o apóstolo cristão; ele pode, sem renegar sua fé, fazer-se o propagador do espiritismo, porque vê nele a realização das coisas preditas. Proclamando-o hoje, ele não faz mais do que nos conduzir a uma interpretação mais sã e mais lógica dos textos. Assim acontece com outros Espíritos que se encontram numa posição análoga.

---

[14] Segundo a crença vulgar, típica da Era Medieval, íncubos e súcubos eram os demônios que vinham durante o sono tentar sexualmente os cristãos, com o objetivo de desviá-los do caminho religioso, sendo o primeiro um diabo na forma masculina, para tentar as mulheres, e o outro na forma feminina, para levar os homens à perdição. — N. T.

[15] Anátema: sentença de maldição aplicada pela religião católica contra os seus hereges, que então são excomungados da igreja. — N. T.

CAPÍTULO II

MEU REINO NÃO É DESTE MUNDO

A vida futura – A realeza de Jesus – O ponto de vista – INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: Uma realeza terrestre

1. Pilatos, tendo retornado ao palácio e tendo feito vir Jesus, disse-lhe: Você é o rei dos judeus? — Jesus lhe respondeu: ***Meu reino não é deste mundo***. Se o meu reino fosse deste mundo, o meu povo teria combatido para impedir que eu caísse nas mãos dos judeus; mas o meu reino não é aqui.

Em seguida, disse-lhe Pilatos: Você é um rei? — Jesus lhe respondeu: Você está dizendo; eu sou rei; eu nasci e vim a este mundo apenas para dar testemunho da verdade; quem pertence à verdade escuta a minha voz. (São João, 18: 33, 36 a 37.)

A vida futura

2. Por essas palavras, Jesus designa claramente ***a vida futura***, que ele apresenta em todas as circunstâncias como o término para o qual se encaminha a humanidade e como devendo ser o objeto das principais preocupações do homem na Terra; todas as suas máximas se reportam a esse grande princípio. Com efeito, sem a vida futura, a maior parte dos seus preceitos de moral não teriam nenhuma razão de ser; é por isso que aqueles que não creem na vida futura — imaginando que ele só falava da vida presente — não compreendem tais preceitos ou os acham infantis.

Portanto, esse dogma pode ser considerado como o ponto central do ensinamento do Cristo; eis por que é colocado entre os primeiros lugares à frente desta obra, pois ele deve ser o alvo de todos os homens; só ele pode

justificar as anomalias da vida terrena e se harmonizar com a justiça de Deus.

3. Os judeus tinham ideias muito imprecisas no tocante à vida futura; eles acreditavam nos anjos — que eles consideravam como seres privilegiados da criação — mas não sabiam que os homens pudessem um dia se tornar anjos e participar da felicidade destes. Segundo eles, a obediência às leis de Deus era recompensada com os bens terrenos, com a supremacia de seu povo e com a vitória sobre os seus inimigos; as calamidades públicas e as derrotas eram o castigo da sua desobediência. Moisés não poderia dizer nada mais do que isso a um povo pastor, ignorante, que precisava ser tocado antes de tudo pelas coisas deste mundo. Mais tarde, Jesus viria lhe revelar que há outro mundo, onde a justiça de Deus segue o seu curso; é esse mundo que ele promete aos que observam os mandamentos de Deus e onde os bons encontrarão sua recompensa. Esse mundo é o seu reino; é lá que Jesus está em toda a sua glória e para onde ele retornaria ao deixar a Terra.

Entretanto, Jesus, adequando seu ensino ao estado dos homens de sua época, não achou que devia lhes dar uma luz completa, que os teria deslumbrado sem esclarecer, pois eles não a teriam compreendido; limitou-se a apresentar, de algum modo, a vida futura como um princípio, como uma lei da natureza da qual ninguém pode escapar. Logo, todo cristão acredita necessariamente na vida futura, mas a ideia que muitos fazem dela é vaga, incompleta e por isso mesmo falsa em diversos pontos; para grande parte deles, não passa de uma crença sem nenhuma certeza patente; daí as dúvidas e até mesmo a incredulidade.

O espiritismo veio completar nesse ponto, como em vários outros, o ensinamento do Cristo, quando os homens estavam maduros para compreender a verdade. Com o espiritismo, a vida futura não é mais um simples artigo de fé, uma hipótese; é uma realidade material demonstrada pelos fatos, pois são as testemunhas oculares que vêm descrevê-la em todas as suas fases e em todas as suas peripécias, de tal sorte que não somente a dúvida já não é mais possível, como também a inteligência mais vulgar é capaz de imaginá-la sob o seu verdadeiro aspecto, como se imagina um país do qual se lê uma descrição detalhada. Ora, essa descrição da vida futura é tão

minudenciada e as condições de existência — feliz ou infeliz — dos que nela se encontram são tão racionais, que nós somos obrigados a dizer que ela não poderia ser de outro jeito, e que ela realmente é a verdadeira justiça de Deus.

A realeza de Jesus

4. O reino de Jesus não é deste mundo — isso é o que todos compreendem. Contudo, será que na Terra ele também não teria uma realeza? O título de rei nem sempre requer o exercício do poder temporal; ele é dado, por um consentimento unânime, àquele cuja genialidade o coloca na primeira classe numa ordem qualquer de ideias, àquele que domina a sua época e que influencia o progresso da humanidade. É nesse sentido que se diz: o rei ou o príncipe dos filósofos, dos artistas, dos poetas, dos escritores etc. Por acaso, essa realeza — nascida do mérito pessoal, consagrada pela posteridade — muitas vezes não tem uma preponderância bem maior do que aquela que tem uma coroa real? Ela é imperecível, enquanto a outra é joguete das circunstâncias; ela é sempre abençoada pelas gerações futuras, enquanto a outra às vezes é amaldiçoada. A realeza terrestre termina com a vida; a realeza moral continua governando, sobretudo após a morte. Nesse sentido, Jesus não é um rei mais poderoso do que muitos soberanos? Foi com razão, então, que ele disse a Pilatos: Eu sou rei, mas o meu reino não é deste mundo.

O ponto de vista

5. A ideia nítida e precisa que se faz da vida futura concede uma fé inabalável no futuro, e essa fé tem consequências imensas sobre a moralização dos homens, porque ela muda completamente ***o ponto de vista sob o qual as pessoas encaram a vida terrena***. Para quem se coloca, pelo pensamento, na vida espiritual que é indefinida, a vida corpórea não é mais do que uma passagem, uma breve estadia num país ingrato. As vicissitudes e tribulações da vida são só incidentes que ele enfrenta com paciência, pois sabe que elas têm curta duração e devem ser seguidas de uma situação mais feliz; a morte

nada tem de apavorante; ela não é mais a porta do nada, e sim a porta da libertação que abre aos exilados a entrada numa morada de felicidade e de paz. Sabendo que está num lugar temporário e não definitivo, o homem encara as preocupações da vida com mais indiferença e disso resulta para ele uma calma de espírito que suaviza as suas amarguras.

Pela simples dúvida sobre a vida futura, o homem dirige todos os seus pensamentos para a vida terrestre; sem a certeza do futuro, ele se dedica só na vida presente. Sem entrever os bens mais preciosos que os da Terra, ele se comporta igual uma criança que não vê nada além de seus brinquedos; para obtê-los, não há nada que ele não faça e a perda do menor desses bens é um doloroso desgosto. Uma decepção, uma esperança desiludida, uma ambição não realizada, uma injustiça de que seja vítima, o orgulho e a vaidade feridos são outros tantos tormentos que fazem da sua vida uma angústia perpétua, ***entregando-se assim voluntariamente a uma verdadeira tortura a todo instante***. Tomando seu ponto de vista a partir da vida terrena, no centro do qual ele está colocado, tudo ao seu redor assume grandes proporções; o mal que o atinja, assim como o bem que incumba aos outros, tudo aos seus olhos adquire uma grande importância. Da mesma forma, para aquele que está no centro de uma cidade, tudo parece grande: tanto os homens que ocupam o topo da escala quanto os monumentos; mas se ele se transportar para uma montanha, as pessoas e as coisas parecerão bem pequenas para ele.

Assim acontece com a pessoa que encara a vida terrestre do ponto de vista da vida futura: a humanidade, bem como as estrelas do firmamento, perde-se na imensidão; ela então percebe que grandes e pequenos estão misturados como as formigas sobre um monte de terra; que proletários e potentados são da mesma estatura; então ela tem pena dessas pessoas efêmeras que se preocupam tanto em conquistar aí um lugar que as eleva tão pouco e que elas conservam por tão pouco tempo. É assim que a importância dada aos bens terrenos está sempre na razão inversa da fé na vida futura.

6. Alguém poderá dizer: Se todo mundo pensasse dessa maneira, e ninguém mais se ocupasse com as coisas na Terra, então tudo estaria ameaçado. Mas não é assim, pois instintivamente o homem sempre procura o seu bem-estar,

e, mesmo com a certeza de que só ficará num lugar por pouco tempo, ainda assim ele quer estar o melhor ou o menos mal possível; não há ninguém que, encontrando um espinho na sua mão, não o retire, para não se machucar. Ora, a procura pelo bem-estar força o homem a melhorar todas as coisas, já que ele é impulsionado pelo instinto do progresso e da conservação — que está nas leis da natureza. Portanto, ele trabalha por necessidade, por gosto e por dever, e dessa maneira ele cumpre os desígnios da Providência, que o colocou na Terra para essa finalidade. Somente aquele que considera o porvir dá à vida presente a sua relativa importância, e facilmente ele se consola de seus fracassos justamente pensando na destinação que o espera.

Consequentemente, Deus não condena os gozos terrenos, mas sim o abuso desses gozos em prejuízo das coisas da alma; é contra esse abuso que está prevenido quem aplica a si mesmo estas palavras de Jesus: ***Meu reino não é deste mundo***.

Aquele que se identifica com a vida futura assemelha-se ao rico que perde uma pequena soma sem se alterar com isso; aquele que concentra seus pensamentos na vida terrena parece o homem pobre que perde tudo o que possui e se desespera.

7. O espiritismo alarga o pensamento e lhe abre novos horizontes; ao invés dessa visão estreita e mesquinha que o concentra na vida presente e que faz do instante que se passa na Terra o único e frágil suporte do futuro eterno, ele mostra que essa vida não passa de um elo no conjunto harmonioso e grandioso da obra do Criador; ele mostra a solidariedade que religa todas as existências do mesmo ser, todos os seres de um mesmo mundo e os seres de todos os mundos; ele dá, dessa forma, uma base e uma razão de ser à fraternidade universal, enquanto a doutrina da criação da alma no momento do nascimento de cada corpo torna todos os seres estranhos uns aos outros. Essa solidariedade entre as partes de um mesmo todo explica o que é inexplicável quando só uma única parte é considerada. É esse conjunto que na época do Cristo os homens não poderiam compreender, e foi por isso que ele reservou esse conhecimento para mais tarde.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

Uma realeza terrestre

8. Quem poderia compreender a verdade desta afirmação do Nosso Senhor: “Meu reino não é deste mundo”, melhor do que eu? O orgulho me desvirtuou na Terra; quem, pois, compreenderia o vazio dos reinos deste mundo se eu não o compreendesse? O que eu trouxe comigo da minha realeza terrena? Nada, absolutamente nada; e, como que para tornar a lição mais terrível, ela nem mesmo me acompanhou até o túmulo! Rainha eu fui entre os homens e como rainha eu achava que entraria no reino dos céus! Que desilusão! Que humilhação quando, em vez de ser recebida como uma soberana, eu vi acima de mim — mas muito acima — pessoas que eu julgava bem pequenas e que eu desprezava, por eles não terem sangue nobre! Oh, só então compreendi a inutilidade das honras e das grandezas que buscamos com tanta avidez na Terra!

Para se conquistar um lugar neste reino é preciso abnegação, humildade, caridade em toda a sua prática celeste e benevolência para com todos. Ninguém te pergunta o que você foi nem que posição ocupou, mas o bem que você fez, as lágrimas que enxugou.

Oh, Jesus! Tu disseste que teu reino não é deste mundo, porque é preciso sofrer para chegar ao céu, e os degraus do trono não levam a ele; só as trilhas mais penosas da vida conduzem até lá. Então, procurem a rota através das sarças e dos espinhos, e não por entre as flores.

Os homens correm atrás dos bens terrenos como se pudessem guardá-los para sempre; mas aqui já não há ilusão, pois logo eles percebem que só se agarraram a uma sombra e que negligenciaram os únicos bens sólidos e duradouros, os únicos que lhes beneficiam na morada celeste, os únicos que podem lhes dar acesso a essa morada.

Tenham piedade dos que não ganharam o reino dos céus; ajudem-lhes com as vossas preces, pois a prece aproxima o homem do Altíssimo e é o traço de união entre o céu e a Terra. Não se esqueçam disso!

UMA RAINHA DA FRANÇA (Le Havre, 1863)

CAPÍTULO III

HÁ MUITAS MORADAS NA CASA DE MEU PAI

Diferentes estados da alma na erraticidade – Diferentes categorias de mundos habitados – Destinação da Terra. Causa das misérias humanas – INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS**: Mundos inferiores e mundos superiores – Mundos de expiações e de provas – Mundos regeneradores – Progressão dos mundos**

1. Que o vosso coração não se perturbe. Vocês creem em Deus, creiam também em mim. ***Há muitas moradas na casa de meu Pai***; se não fosse assim, eu já lhes teria dito isso, pois eu vou para lá lhes preparar o lugar, e depois que eu tiver ido e que tenha preparado o lugar de vocês, ***eu voltarei*** e os levarei comigo, a fim de que, onde eu estiver, lá também vocês estejam. (São João, 14: 1 a 3)

Diferentes estados da alma na erraticidade

2. A casa do Pai é o Universo; as diferentes moradas são os mundos que circulam no espaço infinito e oferecem aos Espíritos neles encarnados estadias apropriadas ao seu adiantamento.

Independentemente da diversidade dos mundos, essas palavras também podem se referir à situação feliz ou infeliz do Espírito na erraticidade[16]. Conforme ele esteja mais ou menos depurado e desprendido das amarras

[16] Erraticidade; condição em que o Espírito em evolução se encontra na dimensão espiritual entre uma e outra encarnação, sendo então um Espírito errante. — N. T.

materiais, o ambiente onde ele se encontre, o aspecto das coisas, as sensações que ele experimente e as percepções que ele tenha vão variar ao infinito; enquanto uns não podem se afastar da esfera onde tenham vivido, outros se elevam e percorrem o espaço e os mundos; enquanto alguns Espíritos culpados vagueiam nas trevas, os Espíritos venturosos desfrutam de uma claridade resplendente e do sublime espetáculo do infinito; enfim, o malvado geme, atormentado de remorsos e pesares, muitas vezes isolado, sem consolação e separado dos objetos de sua afeição, sob a opressão dos sofrimentos morais, enquanto o justo, junto com aqueles a quem ele ama, saboreia as delícias de uma indizível felicidade. Lá também há, portanto, moradas diversas — embora não sejam circunscritas nem localizadas.

Diferentes categorias de mundos habitados

3. Do ensino dado pelos Espíritos, resulta que os diversos mundos estão em condições muito diferentes uns dos outros quanto ao grau de avanço ou de inferioridade de seus habitantes. Nesse número, há mundos onde seus habitantes são ainda mais inferiores do que os da Terra — tanto fisicamente quanto moralmente. Noutros, eles são do mesmo nível, e há mundos em que os habitantes são mais ou menos superiores, em todos os aspectos. Nos mundos inferiores a existência é toda material e as paixões reinam soberanas, a vida moral é quase nula. Na medida em que a moralidade se desenvolve, a influência da matéria diminui, de tal sorte que nos mundos mais adiantados a vida é, por assim dizer, toda espiritual.

4. Nos mundos intermediários há uma mistura do bem e do mal, predominando um ou outro conforme o grau de adiantamento. Conquanto não se possa fazer dos diversos mundos uma classificação absoluta, pelo menos nós podemos — em virtude da sua situação e da sua destinação, baseando-nos pelas características mais marcantes — dividi-los de uma maneira geral, tal como a seguir: mundos primitivos, destinados às primeiras encarnações da alma humana; mundos de expiação e de provas, onde o mal predomina; mundos regeneradores, onde as almas que ainda têm que expiar

haurem novas forças, enquanto repousam das fadigas da luta; mundos felizes, nos quais o bem se sobrepõe ao mal; mundos celestes ou divinos, morada dos Espíritos depurados onde o bem reina completamente. A Terra pertence à categoria dos mundos de expiação e de provas; eis por que neste mundo o homem está exposto a tantas misérias.

5. Os Espíritos encarnados em um mundo não ficam confinados nele indefinidamente nem realizam nele todas as fases progressivas que eles devem percorrer para chegar à perfeição. Quando eles alcançam num determinado mundo o nível de avanço que esse mundo comporta, então eles passam para outro mais avançado, e assim por diante, até que alcancem o estado de Espíritos puros. São outras tantas estações, em cada uma das quais eles encontram elementos de progresso proporcionais ao seu avanço. Para eles, é uma recompensa passar a um mundo de uma ordem mais elevada, como é um castigo prolongar sua permanência num mundo desventuroso ou ser relegado a outro ainda mais infeliz do que aquele mundo do qual eles sejam forçados a sair, quando teimarem no mal.

Destinação da Terra. Causa das misérias humanas

6. Muitos se admiram de haver na Terra tanta maldade e paixões negativas, tantas misérias e enfermidades de todo tipo; daí alguns concluem que a espécie humana é uma coisa triste. Esse julgamento decorre do ponto de vista limitado de onde a pessoa se situa e que dá uma falsa ideia do conjunto. É preciso considerar que na Terra não se encontra toda a humanidade, mas apenas uma pequena fração dela. De fato, a espécie humana significa todos os seres dotados de razão que povoam os inumeráveis mundos do Universo; ora, o que é a população da Terra diante da população total desses mundos? Bem menos que a de uma aldeia em relação à população de um grande império. A situação material e moral da humanidade terrena não tem nada de espantoso, desde que se leve em conta a destinação da Terra e a natureza daqueles que a habitam.

7. Nós faríamos uma ideia muito falsa dos habitantes de uma grande cidade se

os julgássemos pela população de seus bairros mais pobres e sórdidos. Num hospital, só vemos doentes e estropiados; numa penitenciária, vemos todas as torpezas, todos os vícios; nas regiões insalubres, a maioria dos habitantes são pálidos, franzinos e sofredores. Pois bem: imaginemos a Terra como sendo um subúrbio, um hospital, uma penitenciária, um país insalubre, pois ela é ao mesmo tempo tudo isso, e então compreenderemos por que as aflições sobrepujam as alegrias, já que não se manda para o hospital quem está com boa saúde, nem para as casas de correção quem não fez o mal; e nem os hospitais nem as detenções são lugares de delícias.

Ora, da mesma forma como numa cidade a população não se encontra toda nos hospitais ou nas prisões, a humanidade inteira também não está na Terra; da mesma forma que a pessoa sai do hospital quando se cura e sai da prisão quando cumpre a pena, o homem troca a Terra por mundos mais felizes quando se cura de suas enfermidades morais.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

Mundos inferiores e mundos superiores

8. A qualificação de mundos inferiores e de mundos superiores é mais relativa do que absoluta; tal mundo é inferior ou superior com relação aos que estão acima ou abaixo dele numa escala progressiva.

Tomando a Terra como ponto de comparação, podemos fazer uma ideia do estado de um mundo inferior, supondo que ali o homem esteja no nível das raças selvagens ou dos povos bárbaros que ainda se encontram na sua superfície, e que são resquícios do seu estado primitivo. Nos mundos mais atrasados, os seres que lá habitam são de certo modo rudimentares; eles têm a forma humana, mas sem nenhuma beleza; seus instintos não são abrandados por nenhum sentimento de delicadeza ou de benevolência, nem pelas noções do justo e do injusto; a força bruta nesse lugar é a única lei. Sem indústrias e sem invenções, seus habitantes passam a vida na busca por alimento. Entretanto, Deus não abandona nenhuma de suas criaturas; no fundo das trevas da inteligência jaz, latente, a vaga intuição mais ou menos

desenvolvida de um Ser supremo. Esse instinto é suficiente para torná-los superiores uns aos outros e para preparar a sua ascensão a uma vida mais completa, pois não são seres degredados, e sim crianças em crescimento.

Entre os níveis inferiores e os mais elevados há inúmeras etapas, e entre os Espíritos puros, desmaterializados e resplandecentes de glória, é difícil reconhecer os que animaram aqueles seres primitivos, do mesmo modo que no homem adulto é difícil reconhecer o embrião.

9. Nos mundos que alcançaram um grau superior, as condições da vida moral e material são totalmente diferentes das condições da Terra. A forma do corpo é sempre a humana, como em toda parte, só que embelezada, aperfeiçoada e sobretudo purificada. O corpo nada tem da materialidade terrestre e, por conseguinte, não está sujeito às necessidades, nem às doenças ou às deteriorações engendradas pela predominância da matéria; os sentidos, mais apurados, têm percepções que no nosso mundo são sufocadas pela rudeza dos órgãos; a leveza específica do corpo torna a locomoção rápida e fácil: em vez de se arrastar penosamente sobre o solo, o corpo — por assim dizer — desliza na superfície ou plana na atmosfera, sem outro esforço além do da vontade, da mesma maneira como os anjos são representados ou como os nossos antepassados imaginavam os manes nos Campos Elíseos.[17] Os homens conservam, com bem queiram, os traços de suas migrações passadas e aparecem a seus amigos tais como estes os conheceram, mas iluminados por uma luz divina, transfigurados pelas impressões interiores — que são sempre elevadas. Em vez de semblantes pálidos, abatidos pelos sofrimentos e paixões, a inteligência e a vida irradiam daquele brilho que os pintores traduziram pelo nimbo ou auréola dos santos.

A pouca resistência que a matéria oferece a Espíritos bastante avançados torna o desenvolvimento dos corpos rápido, torna a infância curta ou quase nula; a vida, isenta de preocupações e de angústias, é proporcionalmente muito mais longa do que na Terra. Em princípio, a longevidade depende do grau de adiantamento dos mundos. A morte nada tem dos horrores da

---

[17] Campos Elíseos: na mitologia greco-romana, lugar para onde iam as almas (manes) dos heróis e dos justos após a morte; mais ou menos equivalente ao céu, ou paraíso, da tradição bíblica. — N. T.

decomposição; longe de ser um motivo de temor, ela é considerada como uma transformação venturosa, porque lá a dúvida sobre o futuro já não existe. Durante a vida, como a alma não fica confinada numa matéria compacta, ela irradia e goza de uma lucidez que a coloca num estado quase permanente de emancipação, permitindo a livre transmissão do pensamento.

10. Nesses mundos ditosos, as relações sempre amistosas entre um povo e outro jamais são perturbadas pela ambição de subjugar o vizinho, nem pela guerra — que é a consequência dessa ambição. Não existem senhores nem escravos, nem privilegiados de nascença; somente a superioridade moral e intelectual estabelece diferença entre as condições e dá a superioridade. A autoridade é sempre respeitada, porque ela não é conferida senão pelo mérito e exercida sempre com justiça. ***O homem não procura se elevar acima do homem, mas acima de si mesmo, aperfeiçoando-se***. Seu objetivo é alcançar a classe dos Espíritos puros, e esse desejo não significa um tormento, mas uma nobre ambição que o faz estudar com ardor para igualar-se a eles. Todos os sentimentos delicados e elevados da natureza humana lá se encontram engrandecidos e purificados; os ódios, os ciúmes mesquinhos, as cobiças baixas da inveja lá são desconhecidos; um laço de amor e fraternidade une todos os homens; os mais fortes socorrem aos mais fracos. Eles têm posses, tanto mais ou tanto menos, de acordo com o que tenham adquirido, tanto mais ou tanto menos, por meio da sua inteligência; todavia, ninguém sofre pela falta do necessário, porque ali ninguém se encontra em expiação. Em suma, o mal não existe nos mundos felizes.

11. Neste mundo, vocês precisam do mal para sentir o bem; da noite, para admirar a luz; da enfermidade, para apreciar a saúde. Mas naqueles outros, esses contrastes não são necessários; a eterna luz, a eterna beleza, a eterna calma da alma proporcionam uma eterna alegria, que não é perturbada nem pelas angústias da vida material nem pelo contato com os maus, que lá não têm acesso. Eis o que o espírito humano tem a maior dificuldade em compreender; ele foi engenhoso para pintar os tormentos do inferno, mas nunca pôde imaginar as alegrias do céu. E Por quê? Porque, sendo inferior, ele só tem experimentado dores e misérias; ele jamais entreviu as claridades

celestes, pois ele só pode falar do que conhece. Contudo, à medida que ele se eleva e se depura, o horizonte se amplia e então ele compreende o bem que está diante dele, como compreendeu o mal que ele deixou para trás.

12. Entretanto, esses mundos afortunados não são mundos privilegiados, pois que Deus não é parcial com nenhum de seus filhos; ele dá a todos os mesmos direitos e as mesmas facilidades para chegarem até lá; ele faz todos partirem do mesmo ponto e não dota nenhum melhor do que aos outros; os primeiros postos são acessíveis a todos: cabe-lhes conquistá-los pelo seu próprio trabalho; cabe-lhes alcançá-los o mais cedo possível ou definhar durante séculos e séculos nas profundezas da humanidade.

Resumo do ensino de todos os Espíritos superiores

Mundos de expiações e de provas

13. O que lhes direi sobre os mundos de expiações que vocês já não saibam? Pois então, basta considerar a Terra em que habitam. A superioridade da inteligência em grande número dos seus habitantes indica que ela não é um mundo primitivo, destinado à encarnação dos Espíritos que acabaram de sair das mãos do Criador. As qualidades inatas que eles trazem consigo constituem a prova de que já viveram e que já realizaram um certo progresso; mas também os numerosos vícios aos quais estão inclinados são o indício de uma grande imperfeição moral. Por isso, Deus os colocou num mundo ingrato para aí expiarem suas faltas, através de um trabalho penoso e das misérias da vida, até que eles tenham merecido ir para um mundo mais feliz.

14. No entanto, nem todos os Espíritos encarnados na Terra estão aqui em expiação. As raças que vocês chamam de selvagens são formadas por Espíritos que mal saíram da infância e que se encontram neste mundo — por assim dizer — em aprendizado, e se desenvolvem pelo contato com Espíritos mais avançados. Em seguida, vêm as raças semicivilizadas, formadas por esses mesmos Espíritos em progresso. Estas são, de algum modo, as raças indígenas da Terra, que têm crescido pouco a pouco na passagem dos longos

períodos dos séculos, sendo que algumas delas puderam alcançar o aperfeiçoamento intelectual dos povos mais esclarecidos.

Os Espíritos em expiação neste mundo são — se assim podemos nos exprimir — estrangeiros; eles já viveram em outros mundos dos quais foram expulsos em consequência da sua obstinação no mal e porque eles estavam sendo lá uma causa de perturbação para os bons. Eles foram banidos, por algum tempo, para o meio de Espíritos mais atrasados — a quem eles têm a missão de fazer avançar, pois levaram consigo a inteligência desenvolvida e o germe dos conhecimentos adquiridos. É por isso que os Espíritos punidos se encontram entre as raças mais inteligentes; são também essas raças para as quais as misérias da vida têm maior amargura, porque há nelas mais sensibilidade e porque elas são mais colocadas à prova pelas perturbações do que as raças primitivas, cujo senso moral é mais rude.

15. A Terra, portanto, oferece um dos tipos de mundos expiatórios, cujas variedades são infinitas, mas que têm como característica comum o fato de servir de lugar de exílio aos Espíritos rebeldes à lei de Deus. Nela, esses Espíritos têm que lutar ao mesmo tempo contra a perversidade dos homens e contra a inclemência da natureza — duplo trabalho penoso que desenvolve ao mesmo tempo as qualidades do coração e as da inteligência. É assim que, na sua bondade, Deus torna o próprio castigo em proveito do progresso do Espírito.

SANTO AGOSTINHO (Paris, 1862)

Mundos regeneradores

16. Entre essas estrelas que cintilam na abóbada azulada, quantos mundos há iguais ao de vocês, destinados pelo Senhor para expiação e provação! Mas, entre eles há também mundos mais miseráveis e mundos melhores, como há os transitórios, que podemos chamar de regeneradores. Cada turbilhão planetário, correndo no espaço em torno de um centro comum, arrasta consigo seus mundos primitivos, de exílio, de provação, de regeneração e de felicidade. Já lhes foi falado desses mundos onde a alma recém-nascida é colocada, até então ainda ignorante do bem e do mal; mas ela pode caminhar

rumo a Deus, sendo ela senhora de si mesma, na posse do livre-arbítrio. Também já lhes foi revelado de que largas faculdades a alma é dotada para fazer o bem; mas, infelizmente, existem aquelas que sucumbem, e Deus, não querendo aniquilá-las, permite que possam ir para esses mundos onde, de encarnação em encarnação, elas se depuram, regeneram e retornam dignas da glória a elas destinada.

17. Os mundos regeneradores servem de transição entre os mundos de expiação e os mundos felizes; neles a alma que se arrepende encontra a calma e o repouso, conseguindo assim se depurar. Sem dúvidas, nesses mundos o homem ainda fica sujeito às leis que regem a matéria; a humanidade experimenta as suas sensações e desejos, mas fica livre das paixões desordenadas das quais vocês são escravos; lá não há mais o orgulho que emudece o coração, nem a inveja que o tortura, nem o ódio que o sufoca; a palavra amor está escrita em todas as frontes e uma perfeita equidade rege os relacionamentos sociais; todos reconhecem Deus e tentam caminhar rumo a ele obedecendo as suas leis.

Em resumo, nos mundos regeneradores ainda não existe a felicidade perfeita, mas já é a aurora da felicidade. Neles o homem ainda é de carne e, por isso mesmo, está sujeito às vicissitudes das quais só estão isentos os seres completamente desmaterializados; lá ele ainda tem provas a sofrer, mas essas provações não são as pungentes angústias da expiação. Comparados à Terra, esses mundos são muito felizes e muitos de vocês ficariam satisfeitos em morar lá, pois é como a calma após a tempestade, a convalescença após uma cruel enfermidade; menos absorvido pelas coisas materiais, seu habitante entrevê o futuro melhor do que vocês, pois ele compreende que há outras alegrias que o Senhor promete àqueles que se tornarem dignos delas, quando a morte novamente tiver ceifado os corpos para lhes dar a verdadeira vida. É então que a alma libertada planará sobre todos os horizontes; não mais os sentidos materiais e grosseiros, e sim os sentidos de um perispírito puro e celeste, aspirando as emanações do próprio Deus nos aromas de amor e de caridade que se expande do seu seio.

18. Ah, mas nesses mundos o homem ainda é falível e o espírito do mal não perdeu completamente o seu império. Não avançar é recuar, e se o homem não estiver firme na senda do bem, ele pode recair nos mundos de expiação — onde o aguardam novas e mais terríveis provações.

Então, contemplem essa abóbada azulada, à noite, na hora do repouso e da prece, e, diante dessas incontáveis esferas que brilham sobre as vossas cabeças, indaguem a vocês mesmos quais delas levam a Deus e peçam a ele para que um mundo regenerador se abra para vocês, após a expiação na Terra.

SANTO AGOSTINHO (Paris, 1862)

Progressão dos mundos

19. O progresso é uma das leis da natureza; todos os seres da Criação — animados e inanimados — estão submetidos a essa lei pela bondade de Deus, que quer que tudo cresça e prospere. Até a própria destruição — que, para os homens, parece o fim das coisas — não é mais do que um meio de chegar a um estado mais perfeito através da transformação, pois tudo morre para renascer e nada se perde.

Ao mesmo tempo em que os seres viventes progridem moralmente, os mundos onde eles habitam progridem materialmente. Quem pudesse acompanhar um mundo em suas diversas fases, desde o instante em que se aglomeraram os primeiros átomos que serviram para constituí-lo, iria ver esse mundo percorrer uma escala incessantemente progressiva, mas através de degraus imperceptíveis para cada geração e oferecendo aos seus habitantes uma morada cada vez mais agradável na proporção em que eles próprios avançarem na via do progresso. Assim, marcham paralelamente o progresso do homem, o dos animais (seus auxiliares), o dos vegetais e o da habitação, porque nada fica estacionário na natureza. Quão grandiosa e digna é essa ideia da majestade do Criador! E, ao contrário, quão mesquinha e indigna do seu poder é aquela ideia que concentra a solicitude e a providência divina no imperceptível grão de areia que é a Terra, restringindo a

humanidade a alguns homens que a habitam!

Segundo essa lei, a Terra esteve num estado material e moral inferior ao estado em que se encontra hoje, e ela atingirá, sob esse duplo aspecto, um grau mais elevado. Ela chegou a um dos seus períodos de transformação em que, de mundo expiatório, vai se tornar um mundo regenerador; então aí os homens serão felizes, porque nela a lei de Deus reinará.

SANTO AGOSTINHO (Paris, 1862)

CAPÍTULO IV

NINGUÉM PODE VER O REINO DE DEUS SE NÃO NASCER DE NOVO

Ressurreição e reencarnação – Laços de família, fortalecidos pela reencarnação e rompidos pela unicidade da existência – INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: Limites da encarnação – Necessidade da encarnação

1. Jesus, tendo vindo aos arredores de Cesareia de Filipe, interrogou seus discípulos lhes dizendo: O que os homens dizem com relação ao Filho do Homem? Quem eles dizem que eu sou? — Eles lhe responderam: Uns dizem que o senhor é João Batista; outros, que é Elias; alguns mais, que é Jeremias ou algum dos profetas. — Jesus lhes indagou: E vocês, quem vocês dizem que eu sou? — Simão Pedro, tomando a palavra, lhe disse: O senhor é o Cristo, o Filho do Deus vivo. — Jesus lhe replicou: "Bem-aventurado é você, Simão, filho de João,[18] porque não foi a carne e o sangue que te revelaram isso, mas meu Pai, que está nos céus. (São Mateus, 16: 13 a 17; são Marcos, 8: 27 a 30)

2. Entretanto, Herodes, o tetrarca, ouviu falar de tudo o que Jesus fazia, e seu espírito ficou apreensivo, porque uns diziam que João Batista ressuscitara dentre os mortos; outros, que Elias havia aparecido, e outros mais, que um dos antigos profetas tinha ressuscitado. Então Herodes disse: Eu mandei cortar a cabeça de João; então quem é esse de quem ouço dizer tão grandes coisas? E ficou com vontade de vê-lo. (São Marcos, 6: 14 a 15; são Lucas, 9: 7 a 9)

3. (Após a transfiguração) Seus discípulos então o interrogaram lhe dizendo: Por que então os escribas dizem que é preciso que Elias venha primeiro? —

[18] Algumas traduções bíblicas trazem "Simão, filho de Jonas" ou "Simão Barjonas" (*Barjonas* = de Jonas). Aqui, seguimos a versão transcrita por Kardec da Bíblia de Sacy. — N. T.

Mas Jesus lhes respondeu: É verdade que Elias há de vir e restabelecer todas as coisas; mas eu declaro a vocês que Elias já veio, e eles não o reconheceram e o trataram como bem quiseram. É assim que eles farão sofrer o Filho do Homem. — Então os discípulos compreenderam que era de João Batista que ele lhes havia falado. (São Mateus, 17: 10 a 13; são Marcos, 9: 11 a 13[19])

Ressurreição e reencarnação

4. A reencarnação fazia parte dos dogmas judeus, sob o nome de ***ressurreição;*** somente os saduceus (que pensavam que tudo termina com a morte) não acreditavam nisso. As ideias dos judeus acerca desse ponto — como de muitos outros — não eram claramente definidas, porque eles só tinham noções vagas e incompletas sobre a alma e a sua ligação com o corpo. Eles acreditavam que um homem que tinha vivido podia reviver, sem saberem precisamente de que maneira isso deveria ocorrer; designaram pela palavra ***ressurreição*** aquilo que o espiritismo chama mais acertadamente de ***reencarnação***. Com efeito, a *ressurreição* pressupõe o retorno à vida do corpo que já está morto, o que a ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos desse corpo já estão desde muito tempo dispersos e absorvidos. A *reencarnação* é o retorno da alma — ou Espírito — à vida corpórea, mas em outro corpo, novamente formado para ele e que nada tem em comum com o corpo anterior. O termo *ressurreição* podia assim ser aplicada a Lázaro, mas não a Elias, nem aos outros profetas. Se, portanto, segundo a crença deles, João Batista era Elias, o corpo de João não podia ser o de Elias, já que João tinha sido visto como criança e seus pais eram conhecidos. Logo, João podia ser Elias ***reencarnado***, mas não ***ressuscitado***.

5. Ora, havia um homem entre os fariseus, chamado Nicodemos, senador dos

[19] Ao logo desta obra, encontramos alguns equívocos no texto original com relação à marcação das passagens bíblicas; por exemplo, para esta passagem do Evangelho segundo Marcos, assinalando os versículos de 10 a 12 do capítulo 9, sendo que a referência exata corresponde apenas aos versículos 11 e 12, tal como escrevemos aqui. Esta ocorrência nos enseja informar que cuidamos de corrigir nesta tradução as marcações equivocadas subsequentes; veja a lista dessas ocorrências no anexo no final desta obra. — N. T.

judeus, que certa noite veio se encontrar com Jesus, e lhe disse: Mestre, sabemos que o senhor veio da parte de Deus para nos instruir, como um doutor, pois ninguém poderia fazer os milagres que o senhor faz se Deus não estivesse com ele.

Jesus lhe respondeu: Em verdade, em verdade eu te digo: ***Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo***.

Nicodemos lhe disse: Como um homem pode nascer, já sendo velho? Por acaso ele pode tornar a entrar no ventre de sua mãe para nascer uma segunda vez?

Jesus lhe respondeu: Em verdade, em verdade eu te digo: Se um homem não renasce da água e do Espírito, ele não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do Espírito é Espírito. Não fique admirado por eu te ter dito que é preciso que vocês nasçam de novo. O Espírito sopra onde quer, e vocês ouvem a sua voz, mas não sabem de onde ele vem nem para onde vai; o mesmo acontece com todo homem que é nascido do Espírito.

Nicodemos lhe respondeu: Como isso pode ser feito? — Jesus lhe disse: O quê?! Você é um mestre em Israel e ignora essas coisas? Em verdade, em verdade eu te digo que nós não dizemos senão o que nós sabemos e só damos testemunho do que temos visto; e, no entanto, vocês não aceitam o nosso testemunho. Mas, se vocês não creem em mim quando eu lhes falo das coisas da Terra, como acreditarão em mim quando eu lhes falar das coisas do céu? (São João, 3: 1 a 12)

6. A ideia de que João Batista era Elias e de que os profetas podiam reviver na Terra se encontra em muitas passagens dos Evangelhos, principalmente naquelas recém-relatadas (itens 1 a 3). Se essa crença fosse um erro, Jesus não teria deixado de combatê-la, como combateu tantas outras; longe disso, ele a sanciona com toda a sua autoridade e a colocou como um princípio e uma condição necessária, quando diz: ***Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo;*** e insiste, acrescentando: ***Não fique admirado por eu te ter dito que* É PRECISO *que vocês nasçam de novo***.

7. Estas palavras ***"Se um homem não renasce da água e do Espírito"*** têm sido interpretadas no sentido da regeneração pela água do batismo; mas o

texto primitivo trazia simplesmente: *"Não renasce da água e do Espírito"*, ao passo que em algumas traduções a expressão *"do Espírito"* foi substituída por: *"do Santo Espírito"* — o que já não corresponde ao mesmo pensamento. Esse ponto capital ressalta dos primeiros comentários feitos sobre o Evangelho, assim como um dia será constatado sem nenhum equívoco cabível.[20]

8. Para compreendermos o sentido verdadeiro dessas palavras, é preciso igualmente nos dirigirmos à significação do termo ***água***, que ali não foi empregado na sua acepção própria.

Os conhecimentos dos antigos sobre as ciências físicas eram muito imperfeitos; eles acreditavam que a Terra havia saído das águas e por isso consideravam a *água* como o elemento gerador absoluto; tanto é que no Gênesis se lê: "O Espírito de Deus era levado sobre as águas; flutuava sobre as águas. — Que o firmamento seja feito no meio das águas. — Que as águas que estão debaixo do céu se reúnam em um só lugar e que apareça o elemento árido. — Que as águas ***produzam*** animais vivos que nadem na água e pássaros que voem sobre a terra e sob o firmamento".[21]

Segundo essa crença, a água havia se tornado o símbolo da natureza material, como o Espírito era o símbolo da natureza inteligente. Estas palavras: "Se o homem não renasce da água e do Espírito, ou em água e em Espírito", então significam: "Se o homem não renasce com seu corpo e sua alma". É nesse sentido que foram compreendidas desde o princípio.

Aliás, tal interpretação se justifica por estas outras palavras: ***O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do Espírito é Espírito***. Aqui Jesus estabelece uma distinção concreta entre o Espírito e o corpo. *O que é nascido da carne é carne* indica claramente que só o corpo procede do corpo, e que o Espírito é independente do corpo.

9. ***"O Espírito sopra onde quer; vocês ouvem a sua voz, mas não sabem nem de onde ele vem nem para onde ele vai"*** pode ser entendido como: *O Espírito de Deus*, que dá a vida a quem ele quer, ou como: *a alma do homem;*

---

[20] A tradução de Osterwald está conforme o texto primitivo; ela traz o seguinte: *não renasce da água e do Espírito;* a tradução de Sacy diz: *do Santo Espírito;* na de Lamennais consta: *do Espírito Santo*.

[21] Gênesis, 1: 2, 6, 7 e 20. — N. T.

nesta última acepção, *"vocês não sabem de onde ele vem nem para onde ele vai"* significa que ninguém conhece nem o que foi nem o que será o Espírito. Se o Espírito — ou a alma — fosse criado ao mesmo tempo que o corpo, então nós saberíamos de onde ele vem, pois conheceríamos o seu começo. Em todo caso, essa passagem é a consagração do princípio da preexistência da alma e, por conseguinte, o da pluralidade das existências.

> **10.** Ora, desde o tempo de João Batista até a atualidade, o reino dos Céus é tomado pela violência e são os violentos que se apoderam dele; pois, até João, todos os profetas, assim como a lei, profetizaram; e se querem saber o que eu lhes digo, ***ele mesmo é o Elias que há de vir***. Quem tiver ouvidos para ouvir, que ouça. (São Mateus, 11: 12 a 15)

11. Se o princípio da reencarnação expresso em João podia, a rigor, ser interpretado em sentido puramente místico, já não seria o mesmo com esta passagem de são Mateus, que está sem equívoco possível: **ELE MESMO *é o Elias que há de vir***. Aqui, não há nem figuração nem alegoria: é uma afirmação concreta. — "Desde o tempo de João Batista até a atualidade, o reino dos céus é tomado pela violência." O que essas palavras significam, visto que João Batista ainda estava vivo naquele momento? Jesus as explica, dizendo: "Se querem saber o que eu digo, ele mesmo é o Elias que há de vir." Ora, João não sendo outro senão o próprio Elias, Jesus faz alusão à época em que João vivia com o nome de Elias. "Até o presente, o reino dos céus é tomado pela violência" é outra alusão à violência da lei mosaica, que ordenava o extermínio dos infiéis a fim de ganhar a Terra Prometida, Paraíso dos Hebreus, ao passo que, segundo a nova lei, o céu é ganho pela caridade e pela brandura.

Depois, ele acrescenta: ***Quem tiver ouvidos para ouvir, que ouça.*** Essas palavras — tantas vezes repetidas por Jesus — dizem claramente que nem todo mundo estava em condições de compreender certas verdades.

> **12.** Aqueles do vosso povo que foram mortos ***viverão de novo****;* aqueles que morreram ao meu redor ressuscitarão. Despertem do seu sono e cantem os louvores a Deus, vocês que habitam no pó; porque o orvalho que tomba sobre

> vocês é um orvalho de luz e porque vocês arruinarão a Terra e o reino dos gigantes. (Isaías, 26: 19)

13. Esta passagem de Isaías também é toda explícita: "Aqueles do vosso povo que foram mortos ***viverão de novo***". Se o profeta quisesse ter falado da vida espiritual, se quisesse ter falado que aqueles que tinham sido mortos não estavam mortos em Espírito, então ele teria dito: ***ainda vivem***, e não: ***viverão de novo***. No sentido espiritual, essas palavras seriam um contrassenso, pois implicariam uma interrupção na vida da alma. No sentido de ***regeneração moral***, elas seriam a negação das penas eternas, já que elas estabelecem o princípio de que ***todos aqueles que estão mortos reviverão***.

> **14.** Mas quando o homem morre uma vez, quando seu corpo, separado do seu espírito, é consumido, o que acontece com ele? — ***Uma vez*** tendo morrido o homem, poderia ele ***reviver de novo***? Nessa guerra em que me acho todos os dias da minha vida, eu espero que chegue a minha mutação. (Jó, 14: 10, 14. Tradução de Lemaistre de Sacy.)
>
> Quando o homem morre, ele perde toda a sua força, ele expira; depois, onde está ele? — Se o homem morre, ***reviverá***? Esperarei todos os dias do meu combate, até que chegue alguma mutação? (Idem. Tradução protestante de Osterwald.)
>
> Quando o homem está morto, ele vive sempre; acabando os dias da ***minha existência terrestre***, esperarei, porque ***a ela voltarei de novo***. (Idem. Versão da Igreja grega.)

15. O princípio da pluralidade das existências está claramente expresso nessas três versões. Ninguém poderá supor que Jó quis falar da regeneração pela água do batismo, que certamente ele não conhecia. "***Uma vez*** tendo morrido o homem, poderia ele ***reviver de novo***?" A ideia de morrer uma vez e de reviver implica a de morrer e reviver várias vezes. A versão da Igreja grega é ainda mais explícita, se é que isso é possível: "Acabando os dias da minha ***existência terrestre***, esperarei, porque a ***ela voltarei de novo***", quer dizer, voltarei à existência terrena. Isso é tão claro quanto se alguém dissesse: "Eu

saio da minha casa, mas a ela voltarei."

"Nessa guerra em que me encontro todos os dias da minha vida, ***eu espero*** que chegue a minha mutação." Jó evidentemente quis se referir à luta que sustentava contra as misérias da vida; ele espera a sua mutação, isto é, que ele se resigne. Na versão grega, ***esperarei*** parece mais se aplicar à nova existência. "Quando a minha existência estiver acabada, ***eu esperarei***, porque a ela voltarei." Jó parece se colocar, após a morte, no intervalo que separa uma existência de outra, e diz que lá aguardará o seu retorno.

16. Não há dúvidas, portanto, de que, sob o nome de ***ressurreição***, o princípio da reencarnação era uma das crenças fundamentais dos judeus, e que foi confirmado por Jesus e pelos profetas de maneira formal; donde se segue que negar a reencarnação é negar as palavras do Cristo. Suas palavras um dia serão autoridade sobre este ponto, assim como sobre muitos outros, quando forem meditadas sem preconceitos.

17. Mas a essa autoridade, do ponto de vista religioso, vem se juntar, do ponto de vista filosófico, a das provas que resultam da observação dos fatos; quando dos efeitos se quer remontar às causas, a reencarnação aparece como uma necessidade absoluta, como condição inerente à humanidade; numa palavra, como uma lei da natureza. Pelos seus resultados, ela se revela de uma maneira — por assim dizer — material, como o motor oculto se revela pelo movimento. Só a reencarnação pode dizer ao homem ***de onde ele vem, para onde vai, por que está na Terra***, e justificar todas as anomalias e todas as injustiças aparentes que a vida apresenta.[22]

Sem o princípio da preexistência da alma e da pluralidade das existências, a maioria das máximas do Evangelho fica ininteligível; é por isso que elas têm dado margem a interpretações tão contraditórias; esse princípio é a chave que deve lhes restituir o verdadeiro sentido.

---

[22] Para os desenvolvimentos sobre o dogma da reencarnação, veja em ***O Livro dos Espíritos***: cap. IV e V [do Livro Segundo]; ***O Que é o Espiritismo***: cap. II, por Allan Kardec; *Pluralidade das existências*, por [André] Pezzani.

Laços de família, fortalecidos pela reencarnação e rompidos pela unicidade da existência

18. Os laços de família não são destruídos pela reencarnação, como algumas pessoas pensam; ao contrário, eles são fortalecidos e apertados: o princípio oposto é que os destrói.

Os Espíritos formam no espaço grupos ou famílias unidos pela afeição, pela simpatia e pela similaridade das tendências; felizes por estarem juntos, esses Espíritos procuram uns aos outros. A encarnação só os separa momentaneamente, pois, após seu retorno à erraticidade, eles se reencontram como amigos que retornam de uma viagem. Muitas vezes, inclusive, eles seguem juntos numa encarnação, na qual ficam reunidos numa mesma família ou num mesmo círculo de amizade, trabalhando unidos pelo seu mútuo avanço. Se uns estão encarnados e outros não, nem por isso deixam de estar unidos pelo pensamento; aqueles que estão livres velam pelos que estão em cativeiro; os mais adiantados se esforçam para ajudar os retardatários a progredirem. Após cada existência, eles dão mais um passo no caminho da perfeição; cada vez menos apegados à matéria, sua afeição é mais forte, pela mesma razão de ela ser mais purificada e não ser atrapalhada pelo egoísmo, nem pelas sombras das paixões. Portanto, eles podem percorrer juntos um número ilimitado de existências corporais sem causar nenhum dano à mútua afeição entre eles.

Está bem entendido que aqui se trata de afeição real, de alma para alma, a única afeição que sobrevive à destruição do corpo, pois os seres que se unem neste mundo apenas pelos sentidos não têm nenhum motivo para se procurarem no mundo dos Espíritos. Não há afetos duráveis senão os espirituais; os afetos carnais se extinguem com a causa que lhes originou; ora, essa causa deixa de existir no mundo dos Espíritos, enquanto a alma existe sempre. Quanto às pessoas que se unem somente por motivo de interesse, essas realmente não significam nada umas para as outras: a morte as separa na Terra e no céu.

19. A união e a afeição que existem entre parentes são o indício da simpatia

anterior que os aproximou; assim, de uma pessoa cujo caráter, gostos e inclinações não têm nenhuma semelhança com os dos seus parentes mais próximos, então se diz que ela não é da família. Dizendo isso, enuncia-se uma verdade maior do que se imagina. Deus permite essas encarnações de Espíritos antipáticos ou estranhos numa mesma família, com o duplo objetivo de servir de provação para uns, e de progresso para outros. Então, os maus se melhoram pouco a pouco através do contato dos bons e pelos cuidados que recebem destes; seu caráter se abranda, seus costumes se requalificam, as antipatias se apagam: é assim que se estabelece a fusão entre as diferentes categorias de Espíritos, como ela se estabelece na Terra entre as raças e os povos.

20. O temor do aumento indefinido da parentela em consequência da reencarnação é um temor egoísta, que demonstra que não se sente um amor bastante amplo para abranger um grande número de pessoas. Por acaso um pai que tem muitos filhos os ama menos do que amaria se tivesse só um? Mas, que os egoístas se tranquilizem, pois esse temor não tem fundamento. Do fato de um homem ter tido dez encarnações, não significa que ele vá encontrar no mundo dos Espíritos dez pais, dez mães, dez mulheres e um número proporcional de filhos e de parentes novos; lá ele sempre encontrará os mesmos que foram objeto da sua afeição, a quem esteve ligado na Terra, por diversos títulos, e talvez sob o mesmo título.

21. Vejamos agora as consequências da doutrina da não reencarnação. Essa doutrina necessariamente anula a preexistência da alma; sendo as almas criadas ao mesmo tempo que o corpo, não existe entre elas nenhum laço anterior; elas são completamente estranhas umas às outras; o pai é estranho a seu filho; a filiação das famílias se encontra assim reduzida apenas à filiação corporal, sem qualquer laço espiritual. Então, não há nenhum motivo para se glorificar de haver tido por antepassados estes ou aqueles personagens ilustres. Com a reencarnação, ascendentes e descendentes podem ser conhecidos, ter vivido juntos, ter se amado e podem se reunir mais tarde, para apertarem seus laços de simpatia.

22. Isso quanto ao passado. Quanto ao futuro, segundo um dos dogmas fundamentais que decorem da não reencarnação, o destino das almas está irrevogavelmente fixado após uma única existência. A fixação definitiva do destino implica a cessação de todo progresso, porque, se houver qualquer progresso, já não há destino definitivo. Conforme tenham vivido bem ou mal, elas vão imediatamente parar na morada dos ditosos ou no inferno eterno; ***desta forma, elas ficam imediatamente separadas para sempre e sem esperança de jamais se reencontrarem***, de tal maneira que pais, mães e filhos, maridos e mulheres, irmãos, irmãs e amigos nunca estão certos se vão se rever: isso é a mais absoluta ruptura dos laços de família.

Com a reencarnação e o progresso, que é a sua consequência, todos aqueles que se amaram se reencontram na Terra e no espaço, gravitando juntos rumo a Deus. Se alguns fracassam no caminho, eles retardam o seu adiantamento e a sua felicidade, mas a esperança não está toda perdida; ajudados, encorajados e amparados por aqueles que os amam, um dia eles emergirão do atoleiro em que estão envolvidos. Enfim, com a reencarnação há uma perpétua solidariedade entre os encarnados e os desencarnados, e daí o estreitamento dos laços de afeição.

23. Em resumo, quatro alternativas se apresentam ao homem com relação ao seu futuro no além-túmulo: 1ª) o nada, conforme a doutrina materialista; 2ª) a absorção no todo universal, de acordo com a doutrina panteísta; 3ª) a individualidade, com fixação definitiva do destino, segundo a doutrina da Igreja; 4ª) a individualidade com progressão indefinida, em harmonia com a doutrina espírita. Pelas duas primeiras, os laços de família são rompidos após a morte e não há nenhuma esperança de reencontro; com a terceira, há chance das almas se reverem, contanto que estejam no mesmo ambiente, e esse ambiente tanto pode ser o inferno como o paraíso; com a pluralidade das existências — que é inseparável da progressão gradual — existe a certeza na continuidade das relações entre os que se amaram, e isso é o que constitui a verdadeira família.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

Limites da encarnação

24. *Quais são os limites da encarnação?*

A encarnação não tem — propriamente falando — limites claramente traçados, se com isso nos referirmos ao envoltório que constitui o corpo do Espírito, visto que a materialidade desse envoltório diminui na medida em que o Espírito se purifica. Em certos mundos mais avançados que a Terra, o corpo já é menos compacto, menos pesado e menos grosseiro, e por conseguinte, sujeito a menos vicissitudes; em grau mais elevado, ele é diáfano e quase fluídico; de degrau por degrau, ele se desmaterializa e termina por se confundir com o perispírito. Conforme o mundo no qual ele é chamado a viver, o Espírito se apossa de um envoltório apropriado à natureza desse mundo.

O próprio perispírito passa por transformações sucessivas; ele se eteriza mais e mais, até à depuração completa que constitui os Espíritos puros. Se mundos especiais são destinados como estações para Espíritos muito adiantados, estes não ficam presos nesses mundos, como nos mundos inferiores; o estado de desprendimento em que se encontram lhes permite se transportar para toda parte onde quer que sejam chamados pelas missões que lhes sejam confiadas.

Se considerarmos a encarnação do ponto de vista material, tal como acontece na Terra, podemos dizer que ela se limita aos mundos inferiores; consequentemente, depende de o Espírito se libertar dela mais ou menos rapidamente, trabalhando pela sua purificação.

É de se considerar também que, no estado errante — quer dizer, no intervalo das existências corpóreas — a situação do Espírito é proporcional à natureza do mundo a que se liga o seu grau de avanço; assim, na erraticidade ele é mais ou menos venturoso, livre e esclarecido, conforme seja mais ou menos desmaterializado.

SÃO LUÍS (Paris, 1859)

Necessidade da encarnação

25. *A encarnação é uma punição e somente os Espíritos culpados estão sujeitos a ela?*

A passagem dos Espíritos pela vida corpórea é necessária para que eles possam, com a ajuda de uma ação material, cumprir os desígnios dos quais Deus lhes confia a execução; ela é necessária para eles mesmos, porque a atividade que são obrigados a empregar lhes auxilia o desenvolvimento da inteligência. Sendo soberanamente justo, Deus deve dar uma parte igual a todos os seus filhos; é por isso que ele concede a todos o mesmo ponto de partida, a mesma aptidão, ***as mesmas obrigações a cumprir e a mesma liberdade de agir;*** qualquer privilégio seria uma preferência e qualquer preferência seria uma injustiça. Mas a encarnação, para todos os Espíritos, não passa de um estado transitório; é uma tarefa que Deus lhes impõe no começo da vida deles, como primeira prova do uso que farão do livre-arbítrio. Aqueles que desempenham essa tarefa com zelo passa rapidamente e menos penosamente esses primeiros degraus da iniciação, e desfrutam mais cedo do fruto do seu trabalho. Aqueles que, ao contrário, fazem um mau uso da liberdade que Deus lhes concede retardam o seu progresso; é assim que, pela sua teimosia, eles podem prolongar indefinidamente a necessidade de reencarnar, e é então que a encarnação se torna um castigo.

SÃO LUÍS (Paris, 1859)

26. *Observação* – Uma comparação simples fará que se compreenda melhor essa diferença. O estudante não chega aos graus superiores da ciência sem antes ter percorrido a série das classes que o conduz até lá. Essas classes, seja qual for o trabalho que exijam, são um meio de chegar ao objetivo, e não uma punição. O aluno esforçado abrevia o caminho e nele encontra menos espinhos; algo diferente acontece com aquele cuja negligência e preguiça o obrigam a repetir certas classes. Não é o trabalho da classe que constitui uma punição, mas sim a obrigação de recomeçar o mesmo trabalho.

Assim ocorre com o homem na Terra. Para o Espírito do selvagem, que está quase que no início da vida espiritual, a encarnação é um meio de

desenvolver a sua inteligência; porém, para o homem esclarecido, em quem o senso moral está largamente desenvolvido e que é obrigado a refazer as etapas de uma vida corpórea cheia de angústias, quando ele já poderia ter chegado ao fim, a encarnação é um castigo, pela necessidade que ele tem de prolongar sua estadia nos mundos inferiores e infelizes. Aquele que, ao contrário, trabalha ativamente pelo seu progresso moral, não somente pode abreviar a duração da encarnação material, mas também pode passar de uma só vez os degraus intermediários que o separam dos mundos superiores.

Poderiam os Espíritos encarnar uma única vez num mesmo globo e cumprir suas diferentes existências em esferas diferentes? Essa opinião só seria admissível se todos os homens na Terra estivessem exatamente no mesmo nível intelectual e moral. As diferenças que existem entre eles — desde o selvagem até o homem civilizado — mostram os níveis pelos quais eles são chamados a passar. A encarnação, aliás, deve ter um propósito útil; agora, qual seria o propósito das encarnações efêmeras das crianças que morrem em tenra idade? Elas teriam sofrido sem proveito para si e para os outros: Deus, cujas leis são todas soberanamente sábias, nada faz de inútil. Pela reencarnação no mesmo globo, ele quis que os mesmos Espíritos, estando novamente em contato, tivessem oportunidade de reparar seus erros recíprocos; por meio das suas relações anteriores, ele quis, além disso, fundar os laços de família sobre base espiritual e apoiar sobre uma lei da natureza os princípios da solidariedade, da fraternidade e da igualdade.

CAPÍTULO V

BEM-AVENTURADOS OS AFLITOS

Justiça das aflições – Causas atuais das aflições – Causas anteriores das aflições – Esquecimento do passado – Motivos de resignação – O suicídio e a loucura – INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: **Bem e mal sofrer – O mal e o remédio – A felicidade não é deste mundo – Perda de pessoas amadas. Mortes prematuras – Se fosse um homem de bem, ele teria morrido – Tormentos voluntários – A verdadeira infelicidade – A melancolia – Provações voluntárias – O verdadeiro cilício – Devemos dar fim às provas do próximo? – É permitido abreviar a vida do doente que sofre sem esperança de cura? – Sacrifício da própria vida – Proveito dos sofrimentos para outrem**

1. Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão saciados. Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus. (São Mateus, 5: 4, 6 e 10)

2. Bem-aventurados são vocês que são pobres, porque o reino dos céus é de vocês. Bem-aventurados são vocês que agora têm fome, porque serão saciados. Bem-aventurados são vocês que agora choram, porque vocês hão de rir. (São Lucas, 6: 20 e 21)

Mas ai de vocês, os ricos, porque vocês têm a sua consolação no mundo. Ai de vocês que estão saciados, porque hão de ter fome. Ai de vocês que agora riem, porque serão reduzidos a choro e lágrimas. (São Lucas, 6: 24 e 25)

Justiça das aflições

3. As compensações que Jesus promete aos aflitos da Terra não podem acontecer senão na vida futura; sem a certeza do futuro, estas afirmações

seriam um contrassenso — ou bem mais: seriam um engodo. Até mesmo com essa certeza, dificilmente se compreende a utilidade de sofrer para ser feliz. É — dizem — para se ter mais mérito; mas então, seria de se perguntar por que uns sofrem mais do que outros? Por que alguns nascem na miséria e outros na opulência, sem nada terem feito para justificar essa posição? Por que uns nada conseguem, ao passo que a outros tudo parece sorrir? Mas o que se compreende menos ainda é ver os bens e os males tão desigualmente repartidos entre o vício e a virtude; e ver que os homens virtuosos sofrem, ao lado dos maus que prosperam. A fé no futuro pode consolar e dar paciência, mas não explica essas anomalias que parecem desmentir a justiça de Deus.

Entretanto, desde quando admitimos Deus, não podemos concebê-lo sem o infinito das perfeições; ele deve ser todo poder, todo justiça e todo bondade, sem o que ele não seria Deus. Se é soberanamente justo e bom, ele não pode agir por capricho nem com parcialidade. **Portanto, as vicissitudes da vida têm uma causa, e já que Deus é justo, essa causa há de ser justa**. Eis aquilo de que cada um deve bem se convencer. Deus colocou os homens no caminho dessa causa pelos ensinamentos de Jesus, e hoje, julgando-os suficientemente maduros para compreendê-la, Deus lhes revela essa causa inteiramente pelo ***espiritismo***, quer dizer, pela ***voz dos Espíritos***.

Causas atuais das aflições

4. As vicissitudes da vida são de duas espécies, ou, se quiserem, têm duas fontes bem diferentes que importa distinguir; umas têm sua causa na vida presente e outras, fora desta vida.

Se remontarmos à fonte dos males terrestres, reconheceremos que muitos deles são a consequência natural do caráter e da conduta de quem suporta esses males.

Quantos homens tombam por sua própria culpa! Quantos são vítimas de sua imprevidência, de seu orgulho e de sua ambição!

Quanta gente se arruína por falta de ordem, de perseverança, por má condução ou por não ter sabido controlar seus desejos!

Quantas uniões infelizes, por se constituírem num cálculo de interesse

ou de vaidade, e porque o coração não foi levado em conta nisso!

Quantas dissensões e disputas funestas poderiam ser evitadas com mais moderação e menos suscetibilidade!

Quantas doenças e enfermidades derivam da intemperança e dos excessos de todos os gêneros!

Quantos pais são infelizes com seus filhos, porque não lhes combateram as más tendências desde o princípio! Por fraqueza ou indiferença, eles deixaram desenvolver neles os germes do orgulho, do egoísmo e da tola vaidade que ressecam o coração; então, mais tarde, colhendo o que eles semearam, os pais se admiram e se afligem com a falta de respeito e a ingratidão dos filhos.

Que todos os que são feridos no coração pelas vicissitudes e decepções da vida interroguem friamente suas consciências; que eles remontem passo a passo à origem dos males que os afligem, e então verão se, na maior parte das vezes, não podem dizer: ***Se eu tivesse feito ou deixado de fazer tal coisa, então eu não estaria em semelhante situação***.

Logo, a quem responsabilizar por todas essas aflições, senão a si mesmo? Pois assim o homem é, em grande número de casos, o artífice de seus próprios infortúnios; todavia, ao invés de reconhecer isso, ele acha mais simples e menos humilhante para a sua vaidade acusar a sorte, a Providência, a situação desfavorável, a má estrela — enquanto sua má estrela está na sua incúria.

Os males dessa natureza formam seguramente um contingente muito considerável nas vicissitudes da vida; o homem as evitará quando trabalhar pelo seu melhoramento moral tanto quanto o faz pelo seu melhoramento intelectual.

5. A lei humana alcança certas faltas e as pune; o condenado pode então dizer que sofre a consequência do que ele tenha feito. Mas a lei não atinge nem pode alcançar todas as faltas; ela incide mais especialmente sobre as que trazem prejuízo à sociedade, e não sobre as que só prejudicam os que as cometem. No entanto, Deus quer o progresso de todas as suas criaturas; é por isso que ele não deixa impune qualquer desvio do caminho reto; não existe uma só falta — por mais leve que seja —, nenhuma infração da sua lei, que

não acarrete consequências forçosas e inevitáveis, mais ou menos desagradáveis, donde se segue que — nas pequenas coisas, como nas grandes — o homem é sempre punido por aquilo em que pecou. Os sofrimentos que decorrem disso são para ele uma advertência de que agiu mal e lhe dão experiência, fazendo-lhe sentir a diferença entre o bem e o mal, assim como a necessidade de se melhorar, para evitar posteriormente aquilo que para ele foi uma fonte de amarguras; sem isso, ele não teria motivo algum para se emendar; confiante na impunidade, ele retardaria o seu avanço e, por conseguinte, a sua felicidade futura.

Mas a experiência algumas vezes chega um pouco tarde; quando a vida já foi desperdiçada e perturbada, quando as forças estão gastas e o mal já é irremediável, então o homem se põe a dizer: “Se no começo da vida eu soubesse o que sei agora, quantos erros eu teria evitado! ***Se tivesse que recomeçar***, eu me comportaria de outra maneira; mas não há mais tempo!” Como diz o operário preguiçoso: “Perdi o meu dia”, também o homem diz consigo: “Perdi a minha vida”. Porém, assim como para o operário o Sol se levanta no dia seguinte e começa uma nova jornada que lhe permite reparar o tempo perdido, também para o homem, após a noite do túmulo, raiará o sol de uma nova vida na qual ele poderá aproveitar a experiência do passado e suas boas resoluções para o porvir.

Causas anteriores das aflições

6. Mas se há males nesta vida de que o homem é a causa principal, há outros para os quais ele é — pelo menos na aparência — completamente estranho e que parecem atingi-lo como que por fatalidade. Tal é, por exemplo, a perda de entes queridos e a dos que amparam a família. Tais são, ainda, os acidentes que nenhuma previdência poderia impedir; os reveses da fortuna que frustram todas as medidas de prudência; os flagelos naturais, as enfermidades de nascença, sobretudo as que tiram dos infelizes os meios de ganhar a vida através do trabalho: as deformidades, doenças mentais etc.

Com certeza, aqueles que nascem em semelhantes condições nada fizeram nesta existência para merecer uma sorte tão triste, sem compensação,

e que eles não podiam evitar, estando eles impotentes para mudar por si mesmos e que os põe à mercê da comiseração pública. Por que então seres tão desgraçados, enquanto ao lado deles, sob o mesmo teto, na mesma família, outros são favorecidos em todos os sentidos?

O que dizer, enfim, dessas crianças que morrem com pouca idade e que da vida só conheceram sofrimentos? Problemas que nenhuma filosofia pôde resolver ainda, anomalias que nenhuma religião pôde justificar e que seriam a negação da bondade, da justiça e da providência de Deus, na hipótese de a alma ser criada ao mesmo tempo que o corpo e de sua sorte estar fixada irrevogavelmente após a permanência de alguns instantes na Terra. O que teriam feito essas almas que acabam de sair das mãos do Criador, para sofrerem tantas misérias neste mundo e para merecerem no futuro uma recompensa ou uma punição qualquer, já que não puderam praticar nem o bem nem o mal?

Entretanto, em virtude do axioma que ***todo efeito tem uma causa***, essas misérias são efeitos que devem ter uma origem; e desde quando admitimos um Deus justo, essa origem também deve ser justa. Ora, como a causa sempre precede o efeito, se ela não estiver na vida atual, há de ser anterior a esta vida, quer dizer, deve pertencer a uma existência precedente. Por outro lado, como não é possível que Deus nos puna pelo bem que fizemos nem pelo mal que não fizemos, se somos punidos, é porque fizemos o mal; se não fizemos esse mal nesta vida, é que o fizemos em outra. Esta é uma alternativa da qual é impossível escapar e na qual a lógica diz de que lado está a justiça de Deus.

Portanto, nem sempre o homem é punido ou completamente punido na sua existência atual, mas ele jamais escapa das consequências de suas faltas. A prosperidade do mau é só momentânea, e se ele não expiar hoje, expiará amanhã, enquanto aquele que sofre está expiando o seu passado. A infelicidade que à primeira vista parece imerecida, de fato tem sua razão de ser, e aquele que sofre sempre pode dizer: “Perdoe-me, Senhor, porque eu pequei!”

7. Muitas vezes, os sofrimentos pelas causas anteriores são — como aqueles pelas faltas atuais — a consequência natural do erro cometido; isso significa

que, por uma justiça distributiva rigorosa, o homem sofre o que fez sofrer aos outros; se foi duro e desumano, ele poderá, por sua vez, ser tratado duramente e com desumanidade; se foi orgulhoso, poderá nascer em condição humilhante; se foi avarento, egoísta ou se fez mau uso da sua fortuna, poderá ficar privado do necessário; se foi mau filho, poderá sofrer com seus filhos etc.

Assim fica explicado, pela pluralidade das existências e pela destinação da Terra como mundo expiatório, as anomalias que apresenta a repartição da felicidade e da infelicidade entre os bons e os maus neste mundo. Essa anomalia só existe na aparência, porque a tomamos apenas do ponto de vista da vida presente; mas se nos elevarmos, através do pensamento, de modo a abrangermos uma série de existências, nós veremos que a cada um é dado a parte que merece, sem prejuízo da parte que lhe cabe no mundo dos Espíritos, e que a justiça de Deus jamais é interrompida.

O homem jamais deve perder de vista que está num mundo inferior, onde ele só é mantido pelas suas imperfeições. A cada vicissitude ele deve dizer a si mesmo que, se pertencesse a um mundo mais adiantado, isso não aconteceria e que só depende dele não mais voltar a esse mundo, trabalhando para a sua melhoria.

8. As tribulações da vida podem ser impostas a Espíritos endurecidos ou muito ignorantes, para levá-los a fazer uma escolha com conhecimento de causa; porém, elas são livremente escolhidas e aceitas por Espíritos ***arrependidos***, que querem reparar o mal que fizeram e tentar fazer melhor. Tal é com aquele que, tendo realizado mal a sua tarefa, pede para recomeçá-la, a fim de não perder o fruto de seu trabalho. Desse modo, essas tribulações são ao mesmo tempo expiações do passado, que elas punem, e provas para o futuro, que elas preparam. Agradeçamos a Deus, que, em sua bondade, concede ao homem a faculdade da reparação e não o condena irrevogavelmente por uma primeira falta.

9. Não se deve crer, contudo, que todo sofrimento suportado neste mundo seja necessariamente o indício de um determinado erro; muitas vezes são simples provas escolhidas pelo Espírito para concluir a sua depuração e acelerar o seu avanço. Desse modo, a expiação serve sempre de prova, mas

nem sempre a prova é uma expiação; ainda assim, provas ou expiações são sempre sinais de uma relativa inferioridade, porque o que é perfeito não precisa ser provado. Um Espírito pode então ter adquirido certo grau de elevação, mas, desejando avançar mais, ele solicita uma missão, uma tarefa a executar, pela qual será tanto mais recompensado, se dela sair vitorioso, quanto mais penosa tenha sido a luta. Tais são, mais especialmente, essas pessoas de instintos naturalmente bons, de alma elevada, de nobres sentimentos inatos, que parecem nada ter trazido de mau de suas existências anteriores, e que sofrem com resignação cristã as maiores dores — pedindo a Deus para suportá-las sem murmurar. Podemos, ao contrário, considerar como expiações as aflições que incitam os murmúrios e levam o homem à revolta contra Deus.

O sofrimento que não provoca murmúrios pode ser sem dúvidas uma expiação, mas é o indício de que ela foi antes escolhida voluntariamente do que imposta, e que constitui a prova de uma forte resolução — o que já é um sinal de progresso.

10. Os Espíritos não podem aspirar à completa felicidade até que estejam puros: qualquer impureza interdita a sua entrada nos mundos felizes. Tais são como os passageiros de um navio atingido pela peste, aos quais a entrada em uma cidade é interditada até que eles estejam purificados. É nas diversas existências corpóreas que os Espíritos se depuram pouco a pouco de suas imperfeições. As provações da vida nos fazem avançar, quando as suportamos bem; como expiações, elas apagam nossas faltas e purificam; são o remédio que limpa as feridas e cura o doente. Quanto mais grave for o mal, mais o remédio deverá ser enérgico. Em suma, aquele que sofre muito deve reconhecer que muito tinha a expiar, e deve se alegrar de ser curado logo; depende dele, pela sua resignação, tornar esse sofrimento proveitoso, e não perder o fruto com suas reclamações, sem o que ele terá de recomeçar.

Esquecimento do passado

11. É em vão apontar o esquecimento como um obstáculo para que se possa

aproveitar a experiência das existências anteriores. Se Deus julgou conveniente lançar um véu sobre o passado, é que isso devia ser útil. De fato, essa recordação teria inconvenientes gravíssimos; em certos casos, ela poderia nos humilhar estranhamente, ou então exaltar o nosso orgulho e por isso mesmo entravar nosso livre-arbítrio. Em todo caso, ela poderia provocar uma perturbação inevitável nos relacionamentos sociais.

O Espírito renasce frequentemente no mesmo meio em que já viveu e se relaciona com as mesmas pessoas, a fim de reparar o mal que lhes tenha feito. Se ele reconhecesse nelas as pessoas a quem odiou, talvez o seu ódio se despertaria outra vez; em todos os casos, ele se sentiria humilhado diante de quem ele tivesse ofendido.

Para nos melhorarmos, Deus nos deu justamente o que nos é necessário e suficiente: a voz da consciência e as tendências instintivas; ele tira de nós o que poderia nos prejudicar.

Ao nascer, o homem traz aquilo que adquiriu; ele nasce como se fez. Cada existência para ele é um novo ponto de partida; pouco lhe importa saber o que ele foi: se é punido, é porque fez o mal; suas más tendências atuais indicam o que lhe resta a corrigir em si mesmo e é nisso que ele deve concentrar toda a sua atenção, pois, daquilo do que já se corrigiu completamente, não restará mais nenhum resquício. As boas resoluções que ele tomou são a voz da consciência, que o adverte do que é bem e do que é mal, dando-lhe a força para resistir às más tentações.

De resto, esse esquecimento ocorre apenas durante a vida corpórea. Retornando à vida espiritual, o Espírito recobra a lembrança do passado: o esquecimento não é mais do que uma interrupção momentânea, igual àquela que se dá na vida terrena durante o sono, e que no dia seguinte não nos impede de lembrar o que fizemos na véspera e nos dias precedentes.

Não é somente depois da morte que o Espírito recupera a lembrança do seu passado; podemos dizer que ele jamais a perde, e a experiência prova que na encarnação — durante o sono do corpo, quando ele desfruta de uma certa liberdade — o Espírito tem consciência de seus atos anteriores; ele sabe por que sofre e que ele sofre com justiça; a lembrança só se apaga no curso da vida exterior de relações. Mas, na falta de uma reminiscência exata, que lhe

poderia ser penosa e prejudicar suas relações sociais, ele haure novas forças nesses instantes de emancipação da alma — se souber aproveitá-los.

Motivos de resignação

12. Por estas palavras: ***Bem-aventurados os aflitos, porque eles serão consolados***, Jesus indica ao mesmo tempo a compensação que espera os que sofrem e a resignação que abençoa o sofrimento como um prelúdio da cura.

Essas palavras ainda podem ser traduzidas assim: Vocês devem se considerar felizes por sofrerem, porque as suas dores deste mundo são a dívida das suas faltas passadas, e essas dores, quando suportadas pacientemente na Terra, poupam vocês de séculos de sofrimentos na vida futura. Vocês devem, pois, estar felizes por Deus reduzir a dívida de vocês ao lhes permitir que a quitem agora, o que lhes garantirá a tranquilidade no porvir.

O homem que sofre é semelhante a um devedor de uma grande quantia e a quem o credor diz: "Se você me pagar hoje pelo menos a centésima parte do que me deve, eu te darei a quitação do restante e você ficará livre; se não o fizer, eu te perseguirei até que pague o último centavo." O devedor não ficaria feliz em suportar todo tipo de privações para se libertar, pagando apenas a centésima parte do que deve? Em vez de se queixar do seu credor, não ficaria agradecido a ele?

Tal é o sentido destas palavras: "Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados". São felizes porque quitam suas dívidas e, após a quitação, ficam livres. Mas se, saldando a dívida de um lado, eles se endividarem de outro, jamais se libertarão. Ora, cada nova falta aumenta o débito, porque todo débito — qualquer que seja ele — carrega consigo a própria punição, forçosa e inevitável; se não for hoje, será amanhã; se não for nesta vida, será em outra. Entre essas dívidas, devemos colocar em primeiro lugar a falta de submissão à vontade de Deus; por isso, se murmurarmos nas aflições, se não as aceitarmos com resignação e como algo que devemos ter merecido, ou se acusarmos Deus de ser injusto, então contraímos um novo débito, que nos faz

perder o fruto que poderíamos colher do sofrimento. Eis por que é preciso recomeçar, absolutamente como se, a um credor que te atormente, você pagasse uma quantia ao mesmo tempo em que novamente a tomasse emprestada.

Na sua entrada no mundo dos Espíritos, o homem ainda está igual ao operário que se apresenta no dia do pagamento: a uns, o patrão dirá: "Aqui está o prêmio dos teus dias de trabalho"; a outros, aos felizes da Terra, aos que tenham vivido na ociosidade, que tenham colocado sua felicidade nas satisfações do amor-próprio e nos gozos mundanos, ele dirá: "A você, não devo nada, porque você já recebeu o seu salário na Terra. Vá e recomece a tua tarefa".

13. O homem pode suavizar ou agravar o amargor de suas provações pela maneira como ele encare a vida terrena. Tanto mais ele sofre quanto mais longa ele considera a duração do sofrimento; agora, aquele que se coloca do ponto de vista da vida espiritual, este alcança a vida corporal de um só golpe de vista; ele a vê como um ponto no infinito, compreende a sua brevidade e reconhece que esse momento penoso passa bem depressa; a certeza de um futuro próximo mais feliz o sustenta e o encoraja, e então, em vez de se queixar, ele agradece ao céu as dores que o fazem avançar. Por outro lado, para aquele que não vê além da vida corporal, esta lhe parece interminável e a dor recai sobre ele com todo o seu peso. O resultado daquela maneira de encarar a vida é o de diminuir a importância das coisas deste mundo, de levar o homem a moderar os seus desejos e de se contentar com a sua posição, sem invejar a dos outros, atenuando a impressão moral dos contratempos e das decepções que ele experimenta; daí ele tira uma calma e uma resignação tão úteis à saúde do corpo quanto à da alma, enquanto pela inveja, pelo ciúme e pela ambição ele se entrega voluntariamente à tortura e assim aumenta as misérias e as angústias da sua curta existência.

O suicídio e a loucura

14. A calma e a resignação adquiridas na maneira de ver a vida terrestre e na

fé no futuro dão ao espírito uma serenidade que é o melhor preservativo contra ***a loucura e o suicídio***. Com efeito, é certo que a maioria desses casos de loucura se deve à comoção produzida pelas vicissitudes que o homem não tem coragem de suportar; portanto, pela maneira com que o espiritismo o faz encarar as coisas deste mundo, se ele recebe com indiferença — até mesmo com alegria — os reveses e as decepções que o teriam desesperado em outras circunstâncias, é evidente que essa força, que o coloca acima dos acontecimentos, preserva sua razão dos abalos que, sem isso, o teriam debilitado.

15. É o mesmo que acontece com o suicídio; fazendo exceção dos casos que se dão na embriaguez e na loucura — aos quais nós podemos chamar de inconscientes —, é certo que, quaisquer que sejam os motivos particulares, o suicídio sempre tem como pretexto um descontentamento. Ora, aquele que tem certeza de que só é infeliz por um dia e que estará melhor nos dias seguintes, então este facilmente adquire paciência; ele não se desespera, a não ser quando ele não vê o fim dos seus sofrimentos. O que é, pois, a vida humana em comparação com a eternidade, senão bem menos que um dia? Mas para aquele que não crê na eternidade e julga que tudo nele se acaba com a vida, se estiver sobrecarregado pela tristeza e pelo infortúnio, então ele só enxerga o fim desse sofrimento na morte; nada esperando, ele acha muito natural — muito lógico mesmo — encurtar as suas misérias pelo suicídio.

16. A incredulidade, uma simples dúvida sobre o futuro, as ideias materialistas enfim, são os maiores incitantes ao suicídio: elas dão a ***covardia moral***. E quando vemos homens de ciência se apoiarem na autoridade do seu saber para se esforçarem em provar aos seus ouvintes ou aos seus leitores que estes nada têm a esperar após a morte, então isso não é os levar à essa consequência de que, já que são infelizes, não há nada melhor a fazer do que se matar? O que lhes poderiam dizer para desviá-los dessa consequência? Que compensação poderiam lhes oferecer? Que esperança poderiam lhes dar? Nenhuma outra além do nada. Disso é preciso concluir que se o nada é o único remédio salvador, a única perspectiva, então mais vale entregar-se a ele

imediatamente do que mais tarde, e assim sofrer por menos tempo.

A propagação das ideias materialistas é, portanto, o veneno que inocula na maioria dos homens a ideia do suicídio, e os que se fazem apóstolos dessa propagação assumem para si uma terrível responsabilidade. Já que com o espiritismo a dúvida não é possível, o aspecto da vida se modifica; o crente sabe que a vida se prolonga indefinidamente para além do túmulo, mas em condições muito diversas; daí a paciência e a resignação que afastam muito naturalmente o pensamento do suicídio; daí, enfim, a ***coragem moral***.

17. O espiritismo ainda produz, sob esse aspecto, outro resultado igualmente positivo — e talvez mais decisivo: ele nos mostra os próprios suicidas vindo nos informar sobre sua situação infeliz, provando que ninguém viola impunemente a lei de Deus, que proíbe ao homem abreviar sua vida. Entre os suicidas estão aqueles cujos sofrimentos — mesmo sendo temporários, em vez de eternos — não deixam de ser menos terríveis, de modo a fazer refletir qualquer um que fosse tentado a partir deste mundo antes da ordem de Deus. Logo, o espírita tem vários motivos como contrapeso à ideia do suicídio: a ***certeza*** de uma vida futura, na qual ele sabe que será tanto mais feliz quanto mais infeliz e mais resignado ele tenha sido na Terra; a ***certeza*** de que abreviando a sua vida ele chega a um resultado totalmente oposto ao que esperava; que ele foge de um mal para cair noutro pior, mais demorado e mais terrível; que ele se engana ao crer que, ao se matar, ele vá mais rápido para o céu; que o suicídio é um obstáculo para ele se ajuntar no outro mundo aos que foram objeto de suas afeições e aos quais ele esperava lá encontrar. Daí vem a consequência de que o suicídio, não lhe dando mais do que decepções, é contrário aos seus próprios interesses. Com isso, o número dos suicídios impedidos pelo espiritismo é incontável, e podemos concluir que quando todo mundo for espírita, não haverá mais suicídios conscientes. Então, comparando os resultados das doutrinas materialistas e espíritas sob o ponto de vista do suicídio, verificamos que a lógica das materialistas conduz a ele, enquanto a lógica espírita o evita — o que é confirmado pela experiência.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

Bem e mal sofrer

18. Quando Cristo disse: “Bem-aventurados os aflitos, o reino dos céus é deles”, ele não se referia aos que sofrem em geral, pois todos aqueles que estão neste mundo sofrem — estejam eles sobre um trono ou sobre uma palha. Ah, mas são poucos os que sofrem bem; poucos compreendem que só as provações bem suportadas são as que podem conduzi-los ao reino de Deus. O desencorajamento é uma falta; Deus lhes nega consolações, quando falta coragem a vocês. A prece é um suporte para a alma, mas não é suficiente: é necessário que ela se apoie numa fé viva na bondade de Deus. Já lhes foi dito muitas vezes que ele não coloca um fardo pesado em ombros fracos; mas sim que o fardo é proporcional às forças, como a recompensa será proporcional à resignação e à coragem. A recompensa será mais magnífica quanto mais a aflição for penosa; porém, essa recompensa deve ser merecida, e é por isso que a vida está repleta de tribulações.

O militar que não é mandado para as linhas de fogo não fica contente, porque o repouso no campo não lhe rende nenhuma promoção; então, sejam como o militar e não desejem um repouso no qual o corpo enfraqueceria e a alma se entorpeceria. Fiquem satisfeitos quando Deus lhes enviar à luta. Essa luta não é o fogo da batalha, e sim as amarguras da vida, em que às vezes é preciso mais coragem do que num combate sangrento, pois aquele que se mantém firme diante do inimigo pode fraquejar sob a pressão de uma pena moral. O homem não recebe nenhuma recompensa por esse tipo de coragem, mas Deus lhe reserva a coroa da vitória e um lugar glorioso. Quando lhes surgir uma causa de dor ou de contrariedade, tratem de superá-la, e quando tiverem conseguido dominar os impulsos da impaciência, da cólera ou do desespero, então digam para vocês mesmos com justa satisfação: “Eu fui o mais forte”.

Bem-aventurados os aflitos pode então ser traduzido assim: Bem-aventurados os que têm ocasião de provar sua fé, sua firmeza, sua perseverança e sua submissão à vontade de Deus, pois eles terão centuplicada

a alegria que lhes falta na Terra, porque após o labor vem o repouso.

LACORDAIRE (Le Havre, 1863)

O mal e o remédio

19. Será que a Terra é um lugar de alegrias, um paraíso de delícias? Será que a voz do profeta não mais ressoa aos ouvidos de vocês? Ela não proclamou que haveria choro e ranger de dentes para os que nascessem nesse vale de dores? Vocês, que nela vieram viver, esperem então lágrimas ardentes e sofrimentos amargos, e quanto mais agudas e profundas forem suas dores, olhem para o céu e bendigam o Senhor por lhes ter querido testá-los... Ó homens! Vocês não reconhecem o poder do seu Senhor senão quando ele cura as chagas do corpo e coroa seus dias de bênçãos e felicidade! Vocês não reconhecem o seu amor senão quando ele tenha adornado o corpo de vocês com todas as glórias e lhe haja restituído o brilho e a alvura! Imitem aquele que lhes foi dado como exemplo; tendo chegado ao último grau da abjeção e da miséria, ele se deita sobre um esterco e diz a Deus: "Senhor, conheci todas as alegrias da opulência e o Senhor me reduziu à mais absoluta miséria; obrigado, obrigado, meu Deus, por ter querido experimentar o teu servo!"[23] Até quando a visão de vocês irá se deter nos horizontes demarcados pela morte? Quando, afinal, a vossa alma vai querer se lançar para além dos limites de um túmulo? Mas, ainda que chorassem e sofressem por toda uma vida, o que seria isso em comparação com a eternidade da glória reservada àquele que tenha sofrido a prova com fé, amor e resignação? Portanto, procurem consolações para os males no futuro que Deus lhes prepara, e reconheçam a causa dos seus males no passado; e vocês, que sofrem mais, considerem-se os bem-aventurados da Terra.

Na condição de desencarnados, quando planavam no espaço, vocês escolheram as próprias provas, porque acreditaram serem bastante fortes para as suportar; por que murmurar a essa hora? Vocês que pediram a fortuna e a glória, era para sustentar a luta contra a tentação e vencê-la. Vocês que pediram para lutar de corpo e espírito contra o mal moral e físico, já

[23] Menção a Jó, personagem do Antigo Testamento bíblico, conforme a narrativa do livro intitulado justamente com o seu nome. — N. T.

sabiam que, quanto mais a prova fosse forte, mais a vitória seria gloriosa, e que, se vocês saíssem triunfantes, mesmo que sua carne fosse atirada num monturo, ao morrer, essa carne deixaria se desprender uma alma deslumbrante de brancura, repurificada pelo batismo da expiação e do sofrimento.

Que remédio então prescrever àqueles que são atacados pelas obsessões cruéis e pelos males cruciantes? Só um é infalível: a fé, o olhar para o céu. Se suas vozes, no auge dos seus sofrimentos mais cruéis, cantarem ao Senhor, então o anjo que está ao lado de vocês lhes apontará com a mão o sinal da salvação e o lugar que deverão ocupar um dia... A fé é o remédio correto para o sofrimento; ela sempre mostra os horizontes do infinito diante dos quais desaparecem os poucos dias sombrios do presente. Por isso, não nos perguntem qual remédio é preciso empregar para curar tal úlcera ou tal ferida, para tal tentação ou tal prova; lembrem-se de que aquele que crê se fortalece com o remédio da fé e que aquele que duvida um segundo da sua eficácia é punido na hora, porque no mesmo instante ele sente as pungentes angústias da aflição.

O Senhor marcou com o seu selo todos aqueles que nele creem. Cristo lhes disse que com a fé nós transportamos montanhas, e eu lhes digo que aquele que sofre e tem a fé como amparo, este será colocado sob a sua égide e não sofrerá mais; os momentos das mais fortes dores serão para ele as primeiras notas de júbilo da eternidade. Sua alma se desprenderá do corpo de tal maneira que, enquanto este se contorce em convulsões, ela planará nas regiões celestes, entoando com os anjos os hinos de reconhecimento e de glória ao Senhor.

Felizes os que sofrem e que choram! Que suas almas se alegrem, pois elas serão plenamente recompensadas por Deus.

SANTO AGOSTINHO (Paris, 1863)

A felicidade não é deste mundo

20. Não sou feliz! A felicidade não foi feita para mim! — exclama geralmente o homem em todas as posições sociais. Isso, meus caros filhos, prova melhor do

que todos os raciocínios possíveis a verdade desta máxima do Eclesiastes: “A felicidade não é deste mundo”.[24] Com efeito, nem a fortuna, nem o poder, nem mesmo a juventude florescente são condições essenciais à felicidade; eu digo mais: nem mesmo a junção dessas três condições tão desejadas — porque nós ouvimos constantemente, no seio das classes mais privilegiadas, pessoas de todas as idades se queixarem amargamente da situação em que se encontram.

Diante de tal resultado, é inconcebível que as classes trabalhadoras e batalhadoras invejem com tanta avidez a posição daqueles que parecem favorecidos pela fortuna. Neste mundo, por mais que se faça, cada um tem a sua parte de labor e de miséria, sua cota de sofrimentos e de decepções, razão pela qual é fácil chegar a esta conclusão: que a Terra é um lugar de provas e de expiações.

Sendo assim, os que pregam que a Terra é a única morada do homem e que somente nela e numa única existência lhe é permitido alcançar o mais alto grau de felicidade que a sua natureza comporta, estes se iludem e enganam aqueles que os escutam, visto que já está demonstrado, por uma experiência multissecular, que só excepcionalmente este globo apresenta as condições necessárias à completa felicidade do indivíduo.

Em tese geral, podemos afirmar que a felicidade é uma utopia em busca da qual as gerações se lançam sucessivamente sem jamais conseguirem alcançá-la; pois se o homem sábio é uma raridade neste mundo, o homem absolutamente feliz também não se encontra aqui.

O que consiste a felicidade na Terra é algo tão efêmero para aquele que não é guiado pela sabedoria, que por um ano, um mês ou uma semana de completa satisfação, todo o resto passa numa série de amarguras e de decepções. E notem, meus caros filhos, que estou falando aqui dos sortudos da Terra, daqueles que são invejados pelas multidões.

Consequentemente, se a estadia terrena é destinada às provações e à expiação, é de se admitir que noutros lugares existam estadias mais favorecidas onde o Espírito do homem — embora ainda aprisionado na carne material — possui os prazeres inerentes à vida humana em sua plenitude. É por isso que Deus semeou no vosso turbilhão esses belos planetas superiores,

[24] Esta máxima está nas entrelinhas da narração bíblica do livro Eclesiastes, 2: 4 a 11. — N. T.

para os quais os esforços e as tendências de vocês um dia lhes farão gravitar, quando estiverem suficientemente purificados e aperfeiçoados.

No entanto, não deduzam das minhas palavras que a Terra esteja destinada para sempre a ser uma penitenciária; não, certamente! Dos progressos já realizados vocês podem facilmente deduzir os progressos futuros e, dos melhoramentos sociais conquistados, novas e mais fecundas melhorias. Essa é a tarefa imensa a ser cumprida pela nova doutrina que os Espíritos lhes revelaram.

Assim sendo, meus queridos filhos, que uma santa emulação lhes anime e que cada um de vocês se despoje energicamente do velho homem. Todos vocês têm uma dívida com a propagação desse espiritismo, que já deu início à vossa própria regeneração. É um dever fazer com que os seus irmãos participem dos raios dessa luz sagrada. Então, mãos à obra, meus queridos filhos! Que nesta reunião solene todos os corações aspirem a esse grandioso objetivo de preparar para as futuras gerações um mundo em que a felicidade não seja mais uma palavra vã.

FRANÇOIS-NICOLAS MADELEINE, cardeal MORLOT (Paris, 1863)

Perda de pessoas amadas. Mortes prematuras

21. Quando a morte chega nas famílias de vocês, sem fazer distinção, ceifando os mais jovens em vez dos idosos, vocês costumam dizer: Deus não é justo, porque ele sacrifica o que está forte e cheio de futuro e conserva os que já viveram longos anos fartos de decepções; porque ele leva os que são úteis e deixa os que já não servem para mais nada, e porque ele parte o coração de uma mãe ao privá-la da criatura inocente que era toda a sua alegria.

Humanos, é sobre isso que vocês precisam se elevar acima do terra a terra da vida para compreenderem que o bem muitas vezes está onde vocês acham ver o mal, e a sábia previdência onde vocês acham ver a cega fatalidade do destino. Por que medir a justiça divina pela medida de vocês? Por acaso vocês acham que, por um simples capricho, o Senhor dos mundos quer lhes infligir penas cruéis? Nada se faz sem um propósito inteligente e, seja o que for que aconteça, cada coisa tem a sua razão de ser. Se vocês perscrutassem

melhor todas as dores que lhes atingem, sempre encontrariam nelas a razão divina, razão regeneradora, e os miseráveis interesses de vocês significariam uma consideração tão secundária que os jogariam para o último plano.

Acreditem em mim, é melhor a morte, por uma encarnação de vinte anos, do que esses desregramentos vergonhosos que desolam as famílias respeitáveis, que partem o coração de uma mãe e fazem com que os cabelos dos pais embranqueçam antes do tempo. A morte prematura muitas vezes é um grande benefício que Deus concede àquele que se vai e que, assim, fica preservado das misérias da vida ou das seduções que poderiam tê-lo arrastado à perdição. Aquele que morre na flor da idade não é uma vítima da fatalidade; é porque Deus julga que não é conveniente ele permanecer por mais tempo na Terra.

É uma terrível desgraça — vocês dizem — que uma vida tão plena de esperanças seja ceifada tão cedo! Mas de que esperanças estão querendo falar? Daquelas da Terra, onde aquele que se foi poderia brilhar, fazer a sua carreira e a sua fortuna? Vocês sempre com essa visão estreita, incapaz de se elevar acima da matéria! Sabem qual teria sido a sorte dessa vida tão plena de esperanças, segundo vocês? Quem lhes diz que ela não estaria carregada de amarguras? Por acaso não levam em conta as esperanças da vida futura, que vocês trocam por aquelas da vida efêmera que arrastam na Terra? Pensam então que mais vale ter uma posição elevada entre os homens do que entre os Espíritos bem-aventurados?

Regozijem-se, em vez de se queixarem, quando agradar a Deus retirar um de seus filhos deste vale de misérias. Não seria egoísmo desejar que ele aí continuasse para sofrer convosco? Ah, essa dor é compreensível naquele que não tem fé e que vê na morte uma separação eterna; mas vocês, espíritas, sabem que a alma vive melhor quando desembaraçada do seu invólucro corporal. Mães, saibam que seus filhos bem-amados estão perto de vocês; sim, estão muito perto, e seus corpos fluídicos lhes envolvem, seus pensamentos lhes protegem e a lembrança de vocês os enchem de alegria; mas também, as vossas dores sem razão os afligem, porque elas denotam uma falta de fé e representam uma revolta contra a vontade de Deus.

Vocês que compreendem a vida espiritual, escutem as pulsações do

coração chamando esses entes bem-amados e, se vocês pedirem a Deus para os abençoar, então sentirão intimamente consolações poderosas, dessas que secam as lágrimas; dessas aspirações grandiosas que lhes mostrarão o futuro prometido pelo soberano Mestre.

SANSON, antigo membro da Sociedade Espírita de Paris (1863)

Se fosse um homem de bem, ele teria morrido

22. Vocês dizem frequentemente, ao falar de um homem mau que escapa de um perigo: ***Se fosse um homem de bem, ele teria morrido***. Pois bem, ao dizer isso vocês estão com a verdade, porque realmente acontece que Deus muitas vezes conceda a um Espírito, ainda jovem na senda do progresso, uma prova mais longa do que a um Espírito bom, que receberá como recompensa pelo seu mérito a graça de sua provação ser tão curta quanto possível. Sendo assim, quando vocês se servem dessa premissa, nem suspeitam de que estão proferindo uma blasfêmia.

Se morre um homem de bem, tendo ao lado de casa um vizinho malvado, vocês se apressam a dizer: ***Teria sido muito melhor se tivesse morrido esse aqui***. Pois estão muitíssimo errados, porque aquele que parte concluiu a sua tarefa e aquele que fica talvez não tenha começado a sua. Por que, então, vocês iriam querer que o homem mau não tivesse tempo para conclui-la e que o outro permanecesse preso à gleba terrestre? O que diriam de um prisioneiro que tivesse cumprido sua pena e que fosse retido na prisão, enquanto fosse dada a liberdade a um que não tivesse esse direito? Portanto, saibam que a verdadeira liberdade consiste no rompimento dos laços do corpo e que, enquanto permanecerem na Terra, vocês estarão em cativeiro.

Habituem-se a não censurar o que não podem compreender e creiam que Deus é justo em todas as coisas; não raro, o que lhes parece um mal é um bem; mas as capacidades de vocês são tão limitadas que o conjunto do grande todo escapa aos seus sentidos obtusos. Esforcem-se, pelo pensamento, para escapar da sua acanhada esfera e, à medida que se elevarem, a importância da vida material diminuirá aos seus olhos, pois ela só lhes aparecerá como

simples incidente na duração infinita da sua existência espiritual — a única existência verdadeira.

FÉNELON (Sens, 1861)

Tormentos voluntários

23. O homem vive incessantemente à procura da felicidade, que dele escapa sem parar, porque a felicidade pura não existe na Terra. Entretanto, malgrado as vicissitudes que formam o cortejo inevitável dessa vida, ele poderia pelo menos desfrutar de uma relativa felicidade; mas ele a procura nas coisas perecíveis e sujeitas às mesmas vicissitudes, isto é, nos gozos materiais, em vez de procurá-la nos prazeres da alma, que são uma antecipação das alegrias celestes imperecíveis; em vez de procurar a ***paz do coração***, única felicidade real neste mundo, ele é ávido por tudo que o possa agitar e perturbar; e — que coisa curiosa! — ele parece criar para si, deliberadamente, os tormentos que lhe caberia evitar.

Haverá tormentos maiores do que aqueles causados pela inveja e pelo ciúme? Para o invejoso e o ciumento, não há repouso; estão perpetuamente febris, e o que eles não têm e os outros possuem lhes causa insônia; os sucessos dos seus rivais lhes dão vertigem; sua motivação só funciona para eclipsar seus vizinhos, toda a sua alegria consiste em excitar nos insensatos como eles a fúria do ciúme de que são possuídos. Pobres insensatos, de fato, que não pensam que amanhã talvez tenham de deixar todas essas futilidades cuja cobiça lhes envenena a vida! Não é a eles que se aplicam estas palavras: “Bem-aventurados os aflitos, porque eles serão consolados”, pois as suas preocupações não são aquelas que têm as suas compensações no céu.

Por outro lado, quantos tormentos consegue evitar aquele que sabe se contentar com aquilo que tem, que vê sem inveja o que não possui, que não procura parecer mais do que é! Esse é sempre rico, porque, se ele olha para baixo de si em vez de olhar para cima, sempre vai ver gente que tem menos do que ele; é calmo, porque não cria para si necessidades quiméricas; ora, a calma em meio às tempestades da vida já não será uma felicidade?

FÉNELON (Lyon, 1860)

A verdadeira infelicidade

24. Todo mundo fala da infelicidade, todo mundo já a experimentou e acha que conhece o seu caráter múltiplo. Quanto a mim, eu venho lhes dizer que quase todo mundo se engana e que a verdadeira infelicidade não é absolutamente o que os homens — quer dizer, os infelizes — supõem. Eles a veem na miséria, na lareira sem fogo, no credor ameaçador, no berço vazio do anjo que antes sorria, nas lágrimas, na urna mortuária que acompanhamos com a cabeça descoberta e com o coração partido, na angústia da traição, no desnudamento do orgulho que desejava se vestir de púrpura e mal oculta a sua nudez sob os trapos da vaidade; tudo isso, e muitas coisas mais, chama-se infelicidade na linguagem humana. Sim, é desgraça para os que não veem mais do que o presente; porém, a verdadeira infelicidade está nas consequências de uma coisa mais do que na coisa em si mesma. Digam-me se o acontecimento mais feliz do momento e que, porém, traga consequências funestas, não é, na realidade, mais infeliz do que aquele que a princípio causa uma viva contrariedade e acaba produzindo o bem. Digam-me se a tempestade que arranca as árvores, mas que purifica o ar ao dissipar os miasmas insalubres que causariam a morte, não é uma felicidade em vez de uma infelicidade.

Portanto, para julgarmos uma coisa, nós precisamos ver as suas consequências; é assim que para apreciarmos bem o que é realmente ditoso ou desditoso para o homem, precisamos nos transportar para além desta vida, porque é lá que as implicações se revelam. Ora, tudo o que se chama infelicidade — segundo a curta visão de vocês — cessa com a vida corporal e encontra a sua compensação na vida futura.

Eu vou lhes revelar a infelicidade sob uma nova forma, sob a forma bela e florida que vocês acolhem e desejam com todas as forças de suas almas iludidas. A infelicidade é a alegria, é o prazer, é o barulho, é a vã agitação, é a satisfação da vaidade que fazem calar a consciência, que comprimem a ação do pensamento, que atordoam o homem quanto ao seu futuro; a infelicidade é o ópio do esquecimento que vocês desejam com toda a sua força.

Esperem, vocês que choram! Tremam, vocês que riem, pois seus corpos

estão saciados! Ninguém engana Deus; ninguém escapa do destino; quanto às provações, credoras mais impiedosas do que a matilha que a miséria desencadeia, elas espreitam o repouso ilusório de vocês para lhes mergulhar subitamente na agonia da verdadeira infelicidade, daquilo que surpreende a alma enfraquecida pela indiferença e pelo egoísmo.

Que o Espiritismo então lhes ilumine e recoloque sob a sua verdadeira luz a verdade e o erro, tão estranhamente desfigurados pela cegueira de vocês! Então, vão agir como bravos soldados que, longe de fugirem do perigo, preferem as lutas dos combates arriscados à paz que não lhes pode dar nem glória, nem promoção. Que importa ao soldado perder as armas, bagagens e o uniforme na luta, contanto que saia vencedor e com glória?! Que importa àquele que tem fé no futuro deixar no campo de batalha da vida a riqueza e o manto de carne, contanto que sua alma entre radiosa no reino celeste?!

DELFINA DE GIRARDIN (Paris, 1861)

A melancolia

25. Sabem por que uma vaga tristeza às vezes se apodera dos seus corações e os faz achar a vida tão amarga? É que o Espírito de vocês — aspirando à felicidade e à liberdade, mas preso ao corpo que lhe serve de prisão — se esgota em vãos esforços para sair do corpo. Porém, vendo que os esforços são inúteis, o Espírito cai no desencorajamento, e como o corpo sofre sua influência, então a fraqueza, o desânimo e uma espécie de apatia tomam conta de vocês, que por isso se acham infelizes.

Acreditem em mim, resistam energicamente a essas impressões que lhes enfraquecem a vontade. Essas aspirações a um mundo melhor são inatas no espírito de todos os homens, mas não as procurem neste mundo; e agora que Deus lhes envia os seus Espíritos para lhes instruírem acerca da felicidade que reserva para vocês, então aguardem pacientemente o anjo da libertação que deve lhes ajudar a romper os laços que prendem vosso Espírito cativo. Lembrem-se de que, durante a sua provação na Terra, vocês têm uma missão de que nem suspeitam — quer seja se dedicando à família, quer seja realizando os diversos deveres que Deus lhes confiou. E se no curso dessa

provação, cumprindo a sua tarefa, vocês virem caindo sobre vocês as preocupações, inquietações e desgostos, então sejam fortes e corajosos para os suportar. Enfrentem-lhes francamente, pois eles têm curta duração e hão de lhes conduzir para perto dos amigos por quem choram, que se rejubilam com a sua chegada entre eles e lhes estenderão os braços para levá-los a um lugar onde as tristezas da Terra não têm acesso.

FRANÇOIS DE GENEBRA (Bordeaux)

Provas voluntárias. O verdadeiro cilício

26. Vocês perguntam se é permitido suavizar as suas próprias provações; essa questão nos remete a essa outra: É permitido a quem está se afogando tentar se salvar? A quem está com um espinho tentar retirá-lo? A quem está doente chamar um médico? As provações têm por finalidade exercitar a inteligência, tanto quanto a paciência e a resignação; uma pessoa pode nascer numa posição penosa e complicada, precisamente para obrigá-la a procurar os meios de vencer as dificuldades. O mérito consiste em suportar sem murmurar as consequências dos males que não podemos evitar e em perseverar na luta sem se desesperar, enquanto não conseguimos vencê-la; mas não em nos descuidarmos — o que seria mais preguiça do que virtude.

Essa questão nos leva naturalmente a outra. Desde que Jesus disse: "Bem-aventurados os aflitos", será que existe algum mérito em procurar aflições, agravando suas provas por meio de sofrimentos voluntários? A isso eu responderei muito claramente: Sim, há um grande mérito quando os sofrimentos e as privações têm por objetivo o bem do próximo, porque é a caridade pelo sacrifício; porém, não quando eles têm somente um objetivo particular, porque isso é o egoísmo pelo fanatismo.

Há aqui uma grande distinção a ser feita; para vocês, pessoalmente, contentem-se com as provas que Deus lhes envia e não aumentem a carga, que às vezes já é bastante pesada; aceitem-nas sem reclamar e com fé; eis tudo o que ele lhes pede. Não enfraqueçam o corpo com privações inúteis e macerações sem razão, pois vocês têm necessidade de todas as suas forças

para cumprir sua missão de trabalho na Terra. Torturar e martirizar voluntariamente o corpo é transgredir a lei de Deus, que lhes dá os meios de o sustentar e fortalecer; enfraquecê-lo sem necessidade é um verdadeiro suicídio. Usem, mas não abusem: tal é a lei; o abuso das melhores coisas traz a sua punição nas consequências inevitáveis.

Muito diferente é a situação dos sofrimentos que nos impomos em favor do alívio do próximo. Se suportarem o frio e a fome para aquecer e alimentar aquele que tem necessidade, e se seus corpos padecerem com isso, então aí temos um sacrifício que é abençoado por Deus. Vocês que deixam os seus aposentos perfumados para irem ao sótão infecto levar consolação; vocês que sujam as mãos delicadas curando feridas; que se privam do sono para velar à cabeceira de um enfermo que é apenas seu irmão em Deus; vocês enfim, que gastam a saúde na prática de boas obras, aí está o seu cilício, verdadeiro cilício de bênçãos, pois as alegrias do mundo não ressecaram seus corações; vocês não adormeceram no seio das volúpias enervantes da fortuna, mas se tornaram anjos consoladores dos pobres deserdados.

Porém vocês, que se afastam do mundo para evitar suas seduções e viver no isolamento, que utilidade vocês têm na Terra? Onde está sua coragem nas provações, já que fogem da luta e desertam do combate? Se querem um cilício, apliquem-no nas suas almas, e não nos seus corpos; mortifiquem o Espírito, e não a carne; fustiguem o orgulho, recebam as humilhações sem lamentar; martirizem o amor-próprio; fortaleçam-se contra a dor da injúria e da calúnia mais pungente do que a dor corporal. Eis o verdadeiro cilício cujas feridas lhes beneficiarão, porque elas atestarão a coragem e a submissão de vocês perante a vontade de Deus.

UM ANJO GUARDIÃO (Paris, 1863)

Devemos dar fim às provas do próximo? [25]

27. *Quando possível, devemos dar fim às provas do próximo? Ou, por respeito*

[25] Este subtítulo está ausente na obra original, talvez por um descuido, já que aparece no sumário e no cabeçalho do capítulo; por isso o inserimos aqui, seguindo a ordem das temáticas listadas. — N. T.

aos desígnios de Deus, devemos deixá-las seguir seu curso?

Nós temos dito e repetido muitas vezes que vocês estão nesta Terra de expiação para completar suas provações e que tudo o que lhes acontece é uma consequência das suas existências anteriores — os juros da dívida que vocês têm a pagar. Mas esse pensamento provoca em certas pessoas reflexões que é necessário parar, pois poderiam acarretar funestas implicações.

Alguns pensam que do momento em que vem à Terra para expiar, seja preciso que as provas sigam o seu programa. Há outros que chegam a acreditar que não somente não devem fazer coisa alguma para as atenuar, mas que, ao contrário, seja preciso contribuir para que elas se tornem mais proveitosas, tornando-as mais fortes. Isso é um grande erro. Sim, suas provas devem seguir o curso que Deus traçou para elas; contudo, por acaso vocês conhecem esse curso? Sabem até que ponto elas devem ir, e se o seu Pai misericordioso não terá dito ao sofrimento desse ou daquele entre os irmãos de vocês: "Não vá mais longe"? Por acaso vocês sabem se a Providência não lhes escolheu, não como instrumento de suplício para agravar os sofrimentos do culpado, mas sim como o bálsamo de consolação que deve cicatrizar as feridas que a sua justiça tenha aberto? Então, quando virem atingido um dos seus irmãos, não digam: É a justiça de Deus, é preciso que siga o seu curso. Digam, de outra forma: Vejamos que meios nosso Pai misericordioso colocou ao meu alcance para suavizar o sofrimento do meu irmão. Vejamos se as minhas consolações morais, o meu amparo material ou meus conselhos não poderão ajudá-lo a atravessar essa prova com mais força, paciência e resignação. Vejamos mesmo se Deus não pôs em minhas mãos os meios de cessar esse sofrimento; se ele não me deu — também como prova para mim, talvez até como expiação — cessar o mal e substituí-lo pela paz.

Portanto, ajudem-se sempre em suas respectivas provações, e nunca se considerem instrumentos de tortura; esse pensamento deve revoltar todo homem de coração, todo espírita principalmente, porque o espírita, melhor do que qualquer outro, deve compreender a extensão infinita da bondade de Deus. O espírita deve pensar que a sua vida inteira deve ser um ato de amor e de devotamento; deve pensar que tudo o que ele fizer para contrariar as decisões do Senhor, sua justiça seguirá o seu curso. Assim, ele pode, sem

receio, fazer todos os esforços para atenuar o amargor da expiação, sendo que somente Deus pode cessá-la ou prolongá-la, conforme julgar a propósito.

Não haveria um orgulho muito grande da parte do homem acreditar-se no direito de — por assim dizer — revolver a arma na ferida? De aumentar a dose do veneno no peito daquele que está sofrendo, sob o pretexto de que essa é a sua expiação? Oh, considerem-se sempre como um instrumento escolhido para fazê-la cessar. Vamos resumir assim: todos estão na Terra para expiar; mas todos — sem exceção — devem empregar todos os esforços para amenizar a expiação dos seus irmãos, segundo a lei de amor e de caridade.

BERNARDIN, Espírito protetor (Bordeaux, 1863)

É permitido abreviar a vida do doente que sofre sem esperança de cura? [26]

28. *Um homem está em agonia, vítima de cruéis sofrimentos; sabe-se que seu estado é irreversível: será que é permitido lhe poupar alguns instantes de angústias apressando o seu fim?*

Quem lhes daria o direito de prejulgar os desígnios de Deus? Será que ele não pode conduzir o homem até a beira da cova, para daí o retirar, a fim de fazê-lo voltar a si e conduzi-lo a outros pensamentos? Não importa em que extremo esteja um moribundo, ninguém pode afirmar com certeza que a sua derradeira hora já chegou. Será que a ciência nunca se enganou em suas previsões?

Sei bem que existem casos que podemos considerar com razão como desesperadores; mas, se não houver nenhuma esperança concreta de um retorno definitivo à vida e à saúde, não há inúmeros exemplos em que, no momento de dar o último suspiro, o enfermo se reanime e recupere suas faculdades por alguns instantes? Pois bem! Essa hora de graça que lhe é concedida pode ser para ele da maior importância, porque vocês ignoram as reflexões que seu Espírito pôde fazer nas convulsões da agonia, e quantos tormentos lhe podem poupar um clarão de arrependimento.

---

[26] Mesmo caso da nota sobre o subtítulo anterior. — N. T.

O materialista — que só vê o corpo e não leva conta a alma — não pode compreender essas coisas; mas o espírita, que já sabe o que se passa no além-túmulo, conhece o valor de um último pensamento. Amenizem os derradeiros sofrimentos o quanto puderem, mas cuidem para não abreviar a vida, nem que fosse um minuto, porque esse minuto pode poupar muitas lágrimas no futuro.

SÃO LUÍS (Paris, 1860)

Sacrifício da própria vida [27]

29. *Aquele que está desgostoso da vida, mas não quer se matar, será culpado se procurar a morte num campo de batalha, com a intensão de tornar sua morte útil?*

Que o homem se mate ou que ele provoque sua morte, o propósito é sempre abreviar a vida, e, consequentemente, há um suicídio intencional — quando não de fato. O pensamento de que sua morte servirá para alguma coisa é ilusório; não é mais do que um pretexto para colorir sua ação e desculpá-lo aos seus próprios olhos. Se ele tivesse seriamente o desejo de servir ao seu país, ele procuraria viver para defendê-lo, e não morrer, já que morto ele não serviria para mais nada. O verdadeiro devotamento, quando se trata de alguém ser útil, consiste em não temer a morte, em enfrentar o perigo, em fazer de antemão e sem hesitar o sacrifício da vida, se isso for necessário; mas a ***intenção premeditada*** de procurar a morte expondo-se a um perigo — ainda que para prestar um serviço — anula o mérito da ação.

SÃO LUÍS (Paris, 1860)

30. *Se um homem se expõe a um perigo iminente para salvar a vida de um dos seus semelhantes, sabendo previamente que ele mesmo sucumbirá: isso pode ser considerado um suicídio?*

Desde que não haja a intenção de buscar a morte, não há suicídio, mas sim devotamento e abnegação, mesmo que tenha a certeza de que morrerá.

---

[27] Mesmo caso da nota dos dois subtítulos anteriores. — N. T.

Aliás, quem pode ter essa certeza? Quem poderá dizer que a Providência não reserva um meio inesperado de salvação no momento mais crítico? Ela não poderia salvar até mesmo quem estivesse na boca de um canhão? Muitas vezes a Providência pode querer levar a provação da resignação até o último limite e, então, uma circunstância inesperada desvia o golpe fatal.

SÃO LUÍS (Paris, 1860.)

Proveito dos sofrimentos para outrem [28]

31. *Aqueles que aceitam seus sofrimentos com resignação, por submissão à vontade de Deus e com vista à sua felicidade futura: estes não trabalham apenas para si mesmos? Poderão tornar seus sofrimentos proveitosos para outros?*

Esses sofrimentos podem ser proveitosos para outros — material e moralmente. Materialmente se, pelo trabalho, pelas privações e pelos sacrifícios que se imponham, eles estiverem contribuindo para o bem-estar material de seus semelhantes; moralmente, pelo exemplo que dão de sua submissão à vontade de Deus. Esse exemplo do poder da fé espírita pode induzir os infelizes à resignação e salvá-los do desespero e suas funestas consequências.

SÃO LUÍS (Paris, 1860)

[28] Mesmo caso da nota dos três subtítulos anteriores. — N. T.

CAPÍTULO VI

O CRISTO CONSOLADOR

O jugo leve – Consolador prometido –
INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: **Advento do Espírito de Verdade**

O jugo leve

1. Venham a mim, todos vocês que estão aflitos e sobrecarregados, e eu os aliviarei. Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam comigo, que sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão o repouso para suas almas, pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve. (São Mateus, 11: 28 a 30)

2. Todos os sofrimentos — misérias, decepções, dores físicas, perda de entes queridos — encontram sua consolação na fé no futuro, na confiança na justiça de Deus que o Cristo veio ensinar aos homens. Sobre aquele que, ao contrário, nada espera após esta vida, ou simplesmente que duvida, as aflições pesam com toda a sua força e nenhuma esperança vem amenizar o seu amargor. Foi por isso que Jesus disse: Venham a mim todos vocês que estão fatigados e eu os aliviarei.

Entretanto, Jesus coloca uma condição para a sua assistência e para a felicidade que ele promete aos aflitos; essa condição está na lei que ele ensina. Seu jugo é a obediência a essa lei; mas esse jugo é leve e a lei é suave, porque só impõe como dever o amor e a caridade.

Consolador prometido

3. Se vocês me amam, guardem meus mandamentos; e eu rogarei a meu Pai, e ele lhes enviará outro consolador, a fim de que ele fique eternamente com

> vocês: O ***Espírito de Verdade***, que o mundo não pode receber, porque não o vê e que absolutamente não o conhece. Mas quanto a vocês, vocês o conhecerão, porque ele ficará com vocês e estará em vocês. Mas o consolador, que é o Santo Espírito, que meu Pai enviará em meu nome, lhes ensinará todas as coisas e os fará lembrar de tudo o que eu lhes tenho dito. (São João, 14: 15 a 17 e 26)

4. Jesus promete outro consolador: é o ***Espírito de Verdade***, que o mundo ainda não conhece, por não estar maduro para compreendê-lo, e que o Pai enviará para ensinar todas as coisas e para relembrar aquilo que Cristo disse. Então, se o Espírito de Verdade devia vir mais tarde ensinar todas as coisas, é que Cristo não havia dito tudo; se ele vem relembrar o que Cristo disse, é que ele foi esquecido ou mal compreendido.

O espiritismo vem no tempo marcado cumprir a promessa do Cristo: o Espírito de Verdade preside o seu estabelecimento; ele chama os homens à observância da lei e ensina todas as coisas fazendo compreender o que o Cristo só disse através de parábolas. O Cristo falou: “Que ouçam os que têm ouvidos para ouvir”; o espiritismo vem abrir os olhos e os ouvidos, porque fala sem figuras e sem alegorias; ele levanta o véu intencionalmente lançado sobre certos mistérios; ele vem, enfim, trazer a suprema consolação aos deserdados da Terra e a todos os que sofrem, dando uma causa justa e uma finalidade útil a todas as dores.

O Cristo disse: “Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados”. Todavia, como se sentir feliz por sofrer, sem saber por que está sofrendo? O espiritismo mostra a causa dos sofrimentos nas existências anteriores e na destinação da Terra onde o homem expia o seu passado; ele mostra o objetivo dos sofrimentos como crises salutares que levam à cura e como a depuração que assegura a felicidade nas existências futuras. O homem compreende que ele mereceu sofrer e então considera o sofrimento justo; ele sabe que esse sofrimento auxilia o seu avanço e o aceita sem murmurar, como o operário aceita o trabalho que deverá render o seu salário. O espiritismo lhe dá uma fé inabalável no futuro e a dúvida pungente não mais se apossa de sua alma; ao lhe mostrar as coisas do alto, a importância das vicissitudes terrenas se perde no vasto e esplêndido horizonte que ele alcança, e a perspectiva da felicidade

que o espera lhe dá a paciência, a resignação e a coragem de ir até o fim do caminho.

Assim, o espiritismo realiza o que Jesus disse do consolador prometido: conhecimento das coisas, que faz com que o homem saiba de onde vem, para onde vai e por que ele está na Terra; um chamamento aos verdadeiros princípios da lei de Deus e consolação pela fé e pela esperança.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

Advento do Espírito de Verdade

5. Eu venho, como outrora, entre os filhos desgarrados de Israel, trazer a verdade e dissipar as trevas. Ouçam-me. O espiritismo, como a minha palavra antigamente, deve lembrar aos incrédulos que acima deles reina a imutável verdade: o Deus bom, o Deus grande que faz germinar a planta e levanta as ondas. Eu revelei a doutrina divina; eu, como um ceifeiro, amarrei em feixes o bem que estava esparso na humanidade, e disse: Venham a mim, todos vocês que sofrem!

Mas os homens ingratos se transviaram do caminho reto e largo que conduz ao reino de meu Pai, perdendo-se nas ásperas veredas da impiedade. Meu Pai não quer aniquilar a raça humana; ele quer que, ajudando-se uns aos outros, mortos e vivos — quer dizer, mortos segundo a carne, pois a morte não existe —, vocês se socorram mutuamente, e que, não mais a voz dos profetas e dos apóstolos, mas a voz daqueles que já morreram, para clamar a vocês: Orem e creiam, pois a morte é a ressurreição e a vida é a prova escolhida, durante a qual as virtudes que vocês cultivaram devem crescer e se desenvolver como um cedro.

Homens fracos, que compreendem as trevas das suas inteligências, não afastem a tocha que a clemência divina coloca em suas mãos para lhes clarear o caminho e os reconduz, filhos perdidos, ao colo do Pai de vocês.

Estou muito tocado de compaixão pelas suas misérias, pela imensa fraqueza de vocês, o suficiente para não deixar de estender uma mão em socorro aos infelizes desgarrados que, vendo o céu, tombam nos abismos do

erro. Creiam, amem, meditem sobre as coisas que são reveladas a vocês; não misturem o joio com o trigo, as utopias com as verdades.

Espíritas, amem-se! Eis o primeiro ensinamento; instruam-se, eis o segundo. Todas as verdades se encontram no Cristianismo; os erros que nele se enraizaram são de origem humana, e eis que do além-túmulo, que vocês pensavam ser um nada, as vozes lhes clamam: Irmãos, nada perece! Jesus Cristo é o vencedor do mal; sejam os vencedores da impiedade.

O ESPÍRITO DE VERDADE (Paris, 1860)

6. Eu venho ensinar e consolar os pobres deserdados; venho lhes dizer que elevem sua resignação ao nível de suas provas; que chorem, pois a dor foi sacralizada no Jardim das Oliveiras, mas que esperem, porque os anjos consoladores virão também lhes enxugar as lágrimas.

Obreiros, cumpram o seu dever; recomecem no dia seguinte a rude jornada da véspera; o labor das suas mãos fornece o pão terrestre para seus corpos, mas suas almas não estão esquecidas; e eu, o divino jardineiro, eu as cultivo no silêncio dos seus pensamentos. Quando soar a hora do repouso, quando a trama escapar de suas mãos e seus olhos se fecharem para a luz, então sentirão surgir e germinar em vocês a minha preciosa semente. Nada fica perdido no reino de nosso Pai, e os seus suores e suas misérias formam o tesouro que deve torná-los ricos nas esferas superiores, onde a luz substitui as trevas e onde o mais desprovido dentre vocês todos será talvez o mais resplandecente.

Em verdade eu digo a vocês: os que carregam seus fardos e que ajudam seus irmãos são meus bem-amados; instruam-lhes na preciosa doutrina que dissipa o erro das revoltas e que lhes ensina o objetivo sublime da provação humana. Como o vento varre a poeira, que o sopro dos Espíritos dissipe em vocês a inveja dos ricos do mundo, que muitas vezes são bastante miseráveis, pois as provações deles são mais perigosas do que as suas. Eu estou com vocês, e meu apóstolo lhes ensina. Bebam na fonte viva do amor e se preparem, cativos da vida, para se lançarem um dia, livres e alegres, no seio d'Aquele que criou vocês fracos para torná-los perfectíveis e deseja que vocês mesmos moldem a sua argila, a fim de serem os artífices da sua imortalidade.

O ESPÍRITO DE VERDADE (Paris, 1861)

7. Eu sou o grande médico das almas, e eu venho lhes trazer o remédio que há de curá-las; os fracos, os sofredores e os enfermos são os meus filhos prediletos, e eu venho salvá-los. Então, venham a mim, todos vocês que sofrem e que estão sobrecarregados, e vocês serão aliviados e consolados; não procurem noutro lugar a força e a consolação, pois o mundo é impotente para lhes dar isso. Deus faz um apelo supremo aos seus corações, por meio do espiritismo; escutem-no! Que a impiedade, a mentira, o erro e a incredulidade sejam extirpados de suas almas doloridas; esses são os monstros que sugam o seu mais puro sangue e que lhes criam feridas quase sempre mortais. Que no futuro, humildes e submissos ao Criador, vocês pratiquem a sua lei divina. Amem e orem; sejam dóceis aos Espíritos do Senhor; invoquem-no do fundo do coração; então, ele lhes enviará seu Filho bem-amado, para instrui-los e lhes dizer estas boas palavras: Eis-me aqui; eu venho a vocês, porque vocês me chamaram.

O ESPÍRITO DE VERDADE (Bordeaux, 1861)

8. Deus consola os humildes e dá a força aos aflitos que lhe pedem força. Seu poder cobre a Terra e por toda parte, ao lado de uma lágrima, ele colocou um bálsamo que consola. O devotamento e a abnegação são uma prece contínua e contêm um ensinamento profundo; a sabedoria humana reside nessas duas palavras. Que todos os Espíritos sofredores possam compreender essa verdade em vez de bradar contra suas dores, seus sofrimentos morais, que lhes são devidos neste mundo. Portanto, tomem por divisa estas duas palavras: ***devotamento*** e ***abnegação***, e serão fortes, porque elas resumem todos os deveres que a caridade e a humildade impõem a vocês. O sentimento do dever cumprido lhes dará o repouso de espírito e a resignação. O coração bate melhor, a alma se acalma e o corpo já não tem mais desfalecimentos, porque o corpo sofre mais na medida em que o espírito é atingido mais profundamente.

O ESPÍRITO DE VERDADE (Le Havre, 1863)

CAPÍTULO VII

BEM-AVENTURADOS OS POBRES DE ESPÍRITO

O que se deve entender por pobres de espírito – Aquele que se eleva será rebaixado – Mistérios ocultos aos sábios e doutores – INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS**: O orgulho e a humildade – Missão do homem inteligente na Terra**

O que se deve entender por pobres de espírito

1. Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus. (São Mateus, 5: 3)

2. A incredulidade se divertiu com esta máxima: ***Bem-aventurados os pobres de espírito***, da mesma forma que com muitas outras coisas, sem a compreender. Por pobres de espírito Jesus não se refere aos homens desprovidos de inteligência, mas aos humildes: ele diz que o reino dos céus é para estes, e não para os orgulhosos.

Os homens de saber e de espírito — conforme o mundo — geralmente têm um conceito tão alto de si mesmos e de sua superioridade que eles consideram as coisas divinas como indignas de sua atenção; suas considerações, concentradas na sua própria pessoa, não podem se elevar até Deus. Essa tendência de se acharem acima de tudo muito frequentemente os leva a negar aquilo que, estando acima deles, poderia rebaixá-los — negando até mesmo a Divindade; ou, se eles consentem em admiti-la, contestam um de seus mais belos atributos: sua ação providencial sobre as coisas deste mundo, convencidos de que eles são suficientes para bem governá-lo. Tomando sua

inteligência como a medida da inteligência universal e se julgando aptos a compreender tudo, eles não podem crer na possibilidade daquilo que não compreendem; quando eles se pronunciam, seu julgamento é — para eles — sem apelação.

Quando se recusam a admitir o mundo invisível e uma potência extra-humana, não é, entretanto, que isso esteja fora do alcance deles, mas porque o seu orgulho se revolta contra a ideia de uma coisa acima da qual eles não possam se colocar e que os faria descer do seu pedestal. Eis por que eles só têm risos de desdém para tudo o que não pertence ao mundo visível e tangível; eles se atribuem muita inteligência e conhecimento para acreditar em coisas — segundo eles — boas para as pessoas ***simples***, considerando como pobres de espírito aqueles que levam essas coisas a sério.

Entretanto, digam o que disserem, eles terão que entrar, assim como os outros, nesse mundo invisível que ridicularizam; é lá que seus olhos serão abertos e que eles reconhecerão seus erros. Mas Deus, que é justo, não pode receber da mesma forma aquele que não reconheceu o seu poder e aquele que humildemente se submeteu às suas leis, nem lhes dar uma parte igual.

Dizendo que o reino dos céus é dos simples, Jesus deu a entender que ninguém é admitido nesse reino ***sem a simplicidade do coração e a humildade de espírito****;* que o ignorante, que possui essas qualidades, será preferido ao sábio que crê mais em si do que em Deus. Em todas as circunstâncias, ele põe a humildade na categoria das virtudes que nos aproximam de Deus e o orgulho entre os vícios que nos afastam dele; e isso por uma razão muito natural: a humildade é um ato de submissão a Deus, enquanto o orgulho é uma revolta contra ele. Portanto, para a felicidade futura, mais vale para o homem ***ser pobre em espírito*** — no conceito do mundo — e ser rico em qualidades morais.

Aquele que se eleva será rebaixado

3. Nessa mesma hora, os discípulos se aproximaram de Jesus e lhe perguntaram: Quem é o maior no reino dos céus? — Jesus, tendo chamado uma criancinha, colocou-a no meio deles e lhes respondeu: Em verdade eu

lhes digo que, se vocês não se converterem e não se tornarem pequeninos, não entrarão no reino dos céus. ***Portanto, aquele que se humilhar e se tornar pequeno como esta criança, então este será o maior no reino dos céus***, e aquele que recebe em meu nome a uma criança, tal como acabo de dizer, é a mim mesmo que ele recebe. (São Mateus, 18: 1 a 5)

4. Então, a mãe dos filhos de Zebedeu se aproximou dele com seus dois filhos e o adorou, insinuando-lhe que ela queria pedir alguma coisa. Ele disse a ela: O que você quer? Ela respondeu: Ordene que meus dois filhos que estão aqui sejam assentados no teu reino, um à tua direita e o outro à tua esquerda. — Mas Jesus lhes respondeu: Você não sabe o que está pedindo; porventura, vocês poderiam beber o cálice que eu vou beber? — Eles responderam: Podemos. — Jesus lhes replicou: É verdade que vocês beberão o cálice que eu beberei; mas, quanto a sentar-se à minha direita ou à minha esquerda, não cabe a mim lhes conceder isso, mas será para aqueles a quem meu Pai tiver preparado. — Os dez outros apóstolos tendo ouvido isso, ficaram indignados com os dois irmãos. — E Jesus, chamando-os para perto de si, lhes disse: Vocês sabem que os príncipes dos povos os dominam e que os maiorais os tratam com autoridade. Que não aconteça a mesma coisa entre vocês; mas ***que aquele que quiser se tornar o maior seja o seu servo; e que aquele que quiser ser o primeiro dentre vocês seja seu escravo***, como o Filho do homem não veio para ser servido, mas sim para servir e dar sua vida pela redenção de muitos. (São Mateus, 20: 20 a 28)

5. Jesus entrou em dia de sábado na casa de um dos principais fariseus para ali fazer a sua refeição, e aqueles que lá estavam o observavam. Então, notando que os convidados escolhiam os primeiros lugares, ele lhes propôs uma parábola, dizendo-lhes: Quando você for convidado para um banquete, não ocupe o primeiro lugar, para que não haja entre os convidados uma pessoa mais importante do que você e que aquele que te convidou venha te dizer: Dê o teu lugar a este, para que então você não seja constrangido a ocupar, envergonhado, o último lugar. De outro modo, quando for convidado, coloque-se no último lugar, a fim de que, quando chegar aquele que te convidou, ele te diga: Meu amigo, venha mais para cima. E então isso será um motivo de glória diante daqueles que estiverem à mesa contigo; ***pois aquele***

> ***que se eleva será rebaixado e aquele que se abaixa será elevado***. (São Lucas, 14: 1 e 7 a 11)

6. Essas máximas são as consequências do princípio de humildade que Jesus não cessa de apresentar como condição essencial da felicidade prometida aos eleitos do Senhor, e que ele formulou com estas palavras: “Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus”. Ele toma uma criança como o tipo da simplicidade de coração e diz: Será o maior no reino dos céus aquele que se humilhar e ***se fizer pequeno como uma criança***; quer dizer, quem não tiver nenhuma pretensão à superioridade ou à infalibilidade.

A mesma ideia fundamental se encontra nesta outra máxima: ***Aquele que quiser se tornar o maior, que seja o servo dentre vocês***, e nesta outra: ***Quem se humilhar será exaltado e quem se elevar será rebaixado***.

O espiritismo vem sancionar a teoria pelo exemplo, mostrando-nos que os grandes no mundo dos Espíritos são aqueles que foram pequenos na Terra, e que muitas vezes os bem pequenos são aqueles que na Terra foram os maiores e os mais poderosos. É que os primeiros, ao morrerem, levaram a única coisa que constitui a verdadeira grandeza no céu e que jamais se perde: as virtudes; enquanto isso, os outros tiveram de deixar o que constituía a sua grandeza na Terra, e que eles não podem levar: a fortuna, os títulos, a glória, a nacionalidade; não tendo mais outra coisa, eles chegam ao outro mundo desprovidos de tudo, como náufragos que perderam tudo, até as próprias roupas; eles não conservaram mais do que o orgulho, que torna sua nova posição ainda mais humilhante, pois eles veem acima deles, e resplandecentes de glória, aqueles em quem eles pisaram na Terra.

O espiritismo nos mostra outra aplicação desse princípio nas encarnações sucessivas, em que aqueles que eram os mais elevados numa existência são rebaixados até a última categoria numa existência seguinte, se eles tiverem sido dominados pelo orgulho e pela ambição. Então, não procurem ocupar o primeiro lugar na Terra, nem se colocar acima dos outros, se não quiserem ser obrigados a descer; ao contrário, procurem o lugar mais humilde e o mais modesto, pois Deus saberá bem lhes dar um lugar mais elevado no céu — se o merecerem.

Mistérios ocultos aos sábios e aos doutores

> **7.** Então, Jesus disse estas palavras: Eu te rendo glória, meu Pai, Senhor do céu e da terra, por ter ocultado estas coisas aos sábios e aos doutores, e por tê-las revelado aos simples e aos pequenos. (São Mateus, 11: 25)

8. Pode parecer estranho que Jesus renda graças a Deus por ter revelado estas coisas ***aos simples e aos pequenos***, que são os pobres de espírito, e por tê-las escondido ***aos sábios e aos doutores***, mais aptos — aparentemente — a compreendê-las. É que devemos entender pelos primeiros, ***os humildes***, aqueles que se humilham diante de Deus e não se consideram superiores a todo o mundo; e pelos segundos, ***os orgulhosos***, envaidecidos de sua sabedoria mundana, que se julgam instruídos, porque negam Deus, tratando-o de igual para igual — quando não o repudiam; porque, na Antiguidade, ***sábio*** era sinônimo de ***douto***; é por isso que Deus lhes deixa a pesquisa dos segredos da Terra e revela os do céu aos simples e aos humildes que se inclinam diante dele.

9. Assim é hoje com as grandes verdades reveladas pelo espiritismo. Alguns incrédulos se admiram de que os Espíritos façam tão poucos esforços para os convencer; é que os Espíritos se ocupam com aqueles que procuram a luz de boa-fé e com humildade, ao invés de procurar os que acham que já têm toda a luz e parece que pensam que Deus deveria ficar muito feliz de os conduzir a ele, provando-lhes que ele existe.

O poder de Deus se manifesta tanto nas pequeninas coisas quanto nas maiores; ele não põe a luz debaixo do alqueire, mas a espalha em torrentes por toda parte; portanto, cegos são aqueles que não o veem. ***Deus não quer abrir os olhos deles à força, já que lhes convêm mantê-los fechados***. A vez deles chegará, mas é preciso que antes eles sintam as angústias das trevas e ***reconheçam Deus, e não o acaso, na mão que lhes fere o orgulho***. Para vencer a incredulidade, Deus emprega os meios que a ele convêm, conforme os indivíduos; não cabe ao incrédulo indicar o que Deus deva fazer, nem dizer: “Se quiser me convencer, faça desse ou daquele jeito, em tal momento e não em tal outro, porque esse momento é o que mais me convém.”

Que os incrédulos então não se espantem se nem Deus nem os Espíritos, que são os agentes da sua vontade, se submetam às suas exigências. Que eles se perguntem o que diriam se o último de seus empregados quisesse se impor a eles. Deus impõe as condições, mas não se submete a elas; ele escuta com bondade os que se dirigem a ele com humildade, e não aqueles que se julgam mais do que ele.

10. Deus — irão dizer — não poderia tocá-los pessoalmente, por meio de sinais claros, na presença dos quais deveria se inclinar o incrédulo mais endurecido? Sem dúvidas que ele poderia, mas então onde estaria o mérito deles? Além disso, para que isso serviria? Não vemos todos os dias alguém recusar as evidências e até dizer: "Ainda que eu visse, eu não acreditaria, porque sei que é impossível"?! Se eles se recusam a reconhecer a verdade, é porque seu espírito ainda não está maduro para compreendê-la, nem o coração para senti-la. ***O orgulho é a venda que obscurece a sua visão***; de que serve apresentar a luz a um cego? É preciso, pois, antes curar a causa do mal; é por isso que, como médico hábil, Deus castiga primeiramente o orgulho. Ele realmente não abandona seus filhos perdidos; ele sabe que cedo ou tarde os olhos deles se abrirão, mas ele quer que isso aconteça pela própria vontade deles, e até que, vencidos pelos tormentos da incredulidade, se atirem por si mesmos em seus braços e, como o filho pródigo, lhe peçam perdão.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

O orgulho e a humildade

11. Que a paz do Senhor esteja com vocês, meus caros amigos! Eu venho até vocês para lhes encorajar a seguir o bom caminho.

Aos pobres de espírito que outrora habitaram a Terra, Deus dá a missão de vir lhes esclarecer. Bendito seja ele pela graça que nos concede de podermos contribuir com o melhoramento de vocês. Que o Espírito Santo me ilumine e ajude a tornar compreensível a minha palavra, e que ele me conceda

a graça de colocá-la ao alcance de todos! Vocês todos, encarnados, que estão em sofrimento e procuram a luz, que a vontade de Deus venha em meu auxílio para fazê-la brilhar aos vossos olhos!

A humildade é uma virtude muito esquecida entre vocês; os grandes exemplos que lhes foram dados são pouco seguidos; no entanto, sem humildade, vocês poderiam ser caridosos para com o próximo? Oh, não! Pois esse sentimento nivela os homens, dizendo-lhes que são irmãos, que devem se ajudar mutuamente, e os conduz ao bem. Sem a humildade, vocês apenas se enfeitam de virtudes que não possuem, como se vestissem uma roupa para esconder as deformidades do corpo. Recordem Aquele que nos salvou; lembrem-se de sua humildade, que o fez tão grande e o colocou acima dos profetas.

O orgulho é o terrível adversário da humildade. Se o Cristo prometia o reino dos céus aos mais pobres, é porque os grandes da Terra acham que os títulos e as riquezas são recompensas dadas aos seus méritos, e que sua essência é mais pura do que a do pobre; eles creem que isso lhes seja devido, e por isso, quando Deus lhes retira essas recompensas, eles o acusam de injustiça. Oh, escárnio e cegueira! Será que Deus faria distinção entre vocês pelo corpo? O envoltório do pobre não é da mesma essência que o do rico? Será que o Criador teria feito duas espécies de homens? Tudo o que Deus faz é grande e sábio; jamais atribuam a ele as ideias que seus cérebros orgulhosos engendram.

Ó rico! Enquanto você dorme em seus aposentos dourados, protegido do frio, não sabe que milhares de seus irmãos, que valem tanto quanto você, estão deitados sobre a palha? O infeliz que passa fome não é igual a ti? Ao ouvir isso, eu sei bem, o teu orgulho se revolta; concordaria em dar uma esmola a ele, mas em lhe apertar a mão fraternalmente, jamais! Então, diria: “O quê?! Eu, vindo de um sangue nobre, um grandioso da Terra, seria igual a este miserável vestido de trapos? Vã utopia de pretensos filósofos! Se fôssemos iguais, por que Deus o teria colocado tão baixo e me colocado tão alto?” É verdade que as suas roupas não se assemelham; mas, se vocês dois ficassem despidos, que diferença haveria entre vocês? A nobreza do sangue, você diria; mas a química ainda não encontrou nenhuma diferença entre o

sangue de um nobre e o de um plebeu, nem entre o do senhor e o do escravo. Quem te garante que também você já não tenha sido um miserável e infeliz como ele? Que você também não tenha pedido esmola? Que não a pedirá um dia a esse mesmo a quem hoje você despreza? Será que as riquezas são eternas? Elas não se acabam com a extinção do corpo, esse envoltório perecível do teu Espírito? Oh! Olhe com um pouco de humildade para si mesmo! Olhe enfim para a realidade das coisas deste mundo, sobre o que constitui a grandeza e o rebaixamento no outro; lembre-se de que a morte não te poupará mais do que qualquer outra pessoa; que os teus títulos não te preservarão da morte; que ela pode te pegar amanhã, hoje, daqui a uma hora; e se você se enterrar no teu orgulho, ah, então eu lamento por você, porque você será digno de piedade.

Orgulhosos! Quem foram vocês antes de serem nobres e poderosos? Talvez tenham sido até inferiores ao último dos seus criados. Portanto, curvem suas frontes altivas, que Deus pode abaixar no momento em que mais alto vocês as elevarem. Todos os homens são iguais na balança divina; só as virtudes os distinguem aos olhos de Deus. Todos os Espíritos são da mesma essência e todos os corpos são feitos com a mesma massa; seus títulos e seus nomes não os modificam em nada; eles ficam no túmulo e não são eles que darão a felicidade prometida aos eleitos; a caridade e a humildade são os seus títulos de nobreza.

Pobre criatura! Você é mãe, seus filhos sofrem; eles sentem frio e fome, e você vai, curvada ao peso da tua cruz, se humilhar para lhes conseguir um pedaço de pão. Oh, eu me inclino diante de ti; como você é nobremente santa e grande aos meus olhos! Espere e ore, pois a felicidade ainda não é deste mundo. Aos pobres oprimidos e confiantes nele, Deus dá o reino dos céus.

E você, minha jovem, pobre criança lançada ao trabalho e às privações; por que esses tristes pensamentos? Para que chorar? Que o teu olhar se erga piedoso e sereno para Deus: aos passarinhos ele dá o alimento; tenha confiança nele e ele não te abandonará. O barulho das festas e dos prazeres do mundo faz bater o teu coração; você também gostaria de adornar sua cabeça de flores e se juntar aos sortudos da Terra; você diz a si mesma que bem poderia ser rica também, como essas mulheres que vê passar, loucas e

risonhas. Oh, não diga isso, criança! Se você soubesse quantas lágrimas e dores indescritíveis se escondem sob esses vestidos bordados, quantos soluços são abafados pelo barulho dessa orquestra animada, então você preferiria o teu humilde retiro e a tua pobreza. Conserve-se pura aos olhos de Deus, se não quiser que o teu anjo guardião volte para ele, cobrindo o rosto com as suas brancas asas e te deixando com os teus remorsos, sem guia, sem amparo neste mundo, onde você ficaria perdida, esperando ser punida no outro mundo.

E vocês todos, que sofrem as injustiças dos homens, sejam indulgentes para com as faltas dos seus irmãos, dizendo a si mesmos que também vocês não estão isentos de culpas: isso é caridade, e é igualmente humildade. Se sofrem com calúnias, curvem a cabeça sob essa prova. Que importa para vocês as calúnias do mundo? Se a sua conduta é pura, Deus não pode lhes recompensar por isso? Suportar com coragem as humilhações dos homens é ser humilde e reconhecer que somente Deus é grande e poderoso.

Oh, meu Deus! Será preciso que o Cristo volte uma segunda vez à Terra para ensinar aos homens as tuas leis, que eles estão esquecendo? Será que ele ainda deverá expulsar os vendilhões do templo que corrompem a tua casa, que é exclusivamente um lugar de oração? E, quem sabe — Ó homens! —, se Deus lhes concedesse essa graça, talvez não o renegariam como outrora; talvez o chamariam de blasfemador, porque ele abateria o orgulho dos fariseus modernos; talvez o fizessem recomeçar o caminho do Gólgota.

Quando Moisés subiu ao Monte Sinai para receber os mandamentos de Deus, o povo de Israel, entregue a si mesmo, abandonou o verdadeiro Deus; homens e mulheres deram o seu ouro e suas joias para que se fizesse um ídolo que eles adoraram. Homens civilizados, vocês estão agindo como aqueles; o Cristo lhes deixou a sua doutrina, dando-lhes o exemplo de todas as virtudes, e vocês abandonaram os exemplos e os preceitos; carregando suas paixões, vocês fizeram para si um Deus de acordo com a própria vontade de vocês; segundo uns, um Deus terrível e sanguinário; segundo outros, um Deus indiferente aos interesses do mundo. O Deus que vocês fizeram para si ainda é o bezerro de ouro que cada um adapta ao seu gosto e às suas ideias.

Despertem, meus irmãos, meus amigos. Que a voz dos Espíritos toque

seus corações; sejam generosos e caridosos, sem ostentação, isto é, façam o bem com humildade; que cada um destrua pouco a pouco os altares que vocês ergueram ao orgulho. Numa palavra, sejam verdadeiros cristãos e terão o reino da verdade. Não duvidem mais da bondade de Deus, enquanto ele lhes dá tantas provas dela. Nós viemos preparar os caminhos para o cumprimento das profecias. Quando o Senhor lhes der uma manifestação mais clara de sua clemência, que o enviado celeste encontre em vocês uma grande família; que seus corações mansos e humildes sejam dignos de ouvir a palavra divina que ele vem lhes trazer; que o eleito só encontre em seu caminho as palmas estendidas pelo seu retorno ao bem, à caridade e à fraternidade; então, este mundo se tornará o paraíso terrestre. Mas se permanecerem insensíveis à voz dos Espíritos enviados para depurar e renovar esta sociedade civilizada — rica em ciências e, contudo, tão pobre de bons sentimentos — ah, então não nos restará senão chorar e gemer pela sorte de vocês. Mas não, não será assim; voltem para Deus, o Pai de vocês, e aí todos nós que tivermos servido ao cumprimento da vontade de Deus entoaremos o cântico de ação de graças, para agradecer ao Senhor por sua inesgotável bondade e para glorificá-lo por todos os séculos dos séculos. Assim seja.

LACORDAIRE (Constantina, 1863)

12. Homens, por que se queixam das calamidades que vocês mesmos amontoaram sobre as suas cabeças? Vocês violaram a santa e divina moral do Cristo; sendo assim, não se surpreendam que o cálice da iniquidade tenha transbordado de todos os lados.

O mal-estar se generalizou; a quem devemos culpar senão a vocês que incessantemente procuram se esmagar uns aos outros? Vocês não podem ser felizes sem mútua benevolência, mas como a benevolência pode existir com o orgulho? Orgulho, eis a fonte de todos os seus males; portanto, cuidem em destruí-lo, se não quiserem perpetuar suas funestas consequências. Vocês só têm um meio para isso, mas esse meio é infalível: é tomar a lei do Cristo como a regra de conduta invariável — lei essa que vocês têm ou repelido ou falseado em sua interpretação.

Por que vocês têm em tão grande estima o que brilha e encanta os olhos,

em vez daquilo que toca o coração? Por que o vício na opulência é o objeto das suas adulações, enquanto vocês só têm um olhar de desdém para o verdadeiro mérito na obscuridade? Que se apresente um rico debochado, perdido de corpo e alma, e em qualquer parte todas as portas lhe serão abertas e todas as considerações se voltam para ele, ao passo que mal se dignam de fazer uma saudação ao homem de bem que vive do seu trabalho. Quando a consideração dispensada às pessoas é medida pelo peso do ouro que elas possuem ou pelo nome que carregam, que interesse eles podem ter em se corrigirem de seus defeitos?

Tudo seria bem diferente se o vício dourado fosse fustigado pela opinião pública tanto quanto o vício em andrajos; mas o orgulho é indulgente para tudo o que o lisonjeia. Século de cupidez e de dinheiro — vocês dizem. Sem dúvida, mas por que deixaram as necessidades materiais se sobreporem ao bom senso e à razão? Por que cada um quer se elevar acima de seu irmão? Hoje a sociedade sofre as consequências disso.

Não esqueçam que tal estado de coisas é sempre um sinal de decadência moral. Quando o orgulho chega aos derradeiros limites, isso é um indício de queda próxima, porque Deus sempre castiga os soberbos. Se ele às vezes os deixa subir, é para lhes dar um tempo para refletirem e para se emendarem, sob os golpes que de vez em quando lhes desfere no orgulho para adverti-los; mas, ao invés de se humilharem, eles se revoltam, e então, quando a medida está cheia, Deus os revira completamente e a queda deles é tão mais terrível quanto mais alto tenham subido.

Pobre raça humana, cujo egoísmo corrompeu todos os caminhos; tome coragem, mesmo assim! Na sua infinita misericórdia, Deus te envia um poderoso remédio contra os teus males, um inesperado socorro na tua agonia. Abra os olhos para a luz: aqui estão as almas dos que já se foram e que vêm te alertar para os teus verdadeiros deveres; eles te dirão, com a autoridade da experiência, o quanto as vaidades e as grandezas da sua passageira existência são mesquinhas em comparação com a eternidade; eles te dirão que no Além o maior é aquele que foi o mais humilde entre os pequenos deste mundo; que aquele que mais amou os seus irmãos é também o mais amado no céu; que os poderosos da Terra, caso tenham abusado da sua autoridade, serão forçados a

obedecer aos seus servos; que, enfim, a caridade e a humildade — essas duas irmãs que se dão as mãos — são os títulos mais eficazes para se obter graça diante do Eterno.

ADOLFO, bispo de Argel (Marmande, 1862)

Missão do homem inteligente na Terra

13. Não se envaideçam do que sabem, porque esse saber tem fronteiras bem limitadas no mundo em que vocês habitam. Mas, supondo que vocês sejam uma das sumidades inteligentes deste globo, mesmo assim vocês não têm nenhum direito de se envaidecer disso. Se Deus, em seus desígnios, os fez nascer num meio em que vocês puderam desenvolver a inteligência, é que ele quer que vocês a utilizem para o bem de todos; pois essa é uma missão que ele lhes dá, colocando nas suas mãos o instrumento com o qual vocês podem desenvolver ao mesmo tempo as inteligências retardatárias e as conduzir até ele. A natureza do instrumento não indica o uso que dele deve ser feito? A pá que o jardineiro põe nas mãos do seu ajudante não indica que este deve usá-la para cavar? E o que vocês diriam se esse ajudante, em vez de trabalhar, erguesse sua pá para atacar seu patrão? Vocês diriam que isso é horrível e que ele merece ser demitido. Pois bem: não é o mesmo caso daquele que se serve da sua inteligência para destruir a ideia de Deus e da Providência entre seus irmãos? Isso não é levantar contra o seu patrão a pá que lhe foi dada para cavar a terra? Teria ele direito ao salário prometido? Não merece, ao contrário, ser banido do jardim? Pois ele será, não duvidem, e arrastará existências miseráveis e cheias de humilhações, até que se curve diante daquele a quem ele deve tudo.

A inteligência é rica de méritos para o futuro, mas sob a condição de ser bem empregada; se todos os homens que são dotados da inteligência se servissem dela conforme os desígnios de Deus, a tarefa dos Espíritos de fazer a humanidade avançar seria fácil; infelizmente, muitos fazem dela um instrumento de orgulho e de perdição contra si mesmos. O homem abusa da inteligência assim como abusa de todas as suas outras faculdades e, no entanto, não lhe faltam lições para adverti-lo de que uma mão poderosa pode retirar aquilo que lhe foi concedido.

FERDINAND, Espírito protetor (Bordeaux, 1862)

CAPÍTULO VIII

BEM-AVENTURADOS AQUELES QUE TÊM O CORAÇÃO PURO

Deixem vir a mim as criancinhas – Pecado por pensamento. Adultério – Verdadeira pureza. Mãos não lavadas – Escândalos. Se a tua mão for motivo de escândalo, corte-a
INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: **Deixem vir a mim as criancinhas – Bem-aventurados aqueles que têm os olhos fechados**

Deixem vir a mim as criancinhas

1. Bem-aventurados aqueles que têm o coração puro, porque eles verão a Deus. (São Mateus, 5: 8)

2. Então lhe apresentaram algumas criancinhas, a fim de que ele as tocasse; e, como seus discípulos estavam repreendendo com palavras rudes aqueles que as apresentavam, Jesus, vendo isso, ficou irritado e disse aos seus discípulos: ***Deixem vir a mim as criancinhas***, e não as impeçam, pois o reino dos céus é para aqueles que se assemelham a elas. Eu lhe digo, em verdade, que aquele que não receber o reino de Deus como uma criança, nele não entrará. — E depois de abraçar as criancinhas, ele as abençoou impondo-lhes as mãos. (São Marcos, 10: 13 a 16)

3. A pureza de coração é inseparável da simplicidade e da humildade; ela exclui toda ideia de egoísmo e de orgulho; é por isso que Jesus toma a infância como o emblema dessa pureza, igual a tomou como o emblema da humildade.

Essa comparação poderia não parecer justa, se considerássemos que o Espírito da criança pode ser muito antigo, e que, ao renascer para a vida

corpórea, ele traz as imperfeições de que não tenha se despojado em suas existências precedentes; só um Espírito que já chegou à perfeição poderia nos oferecer o modelo da verdadeira pureza. Mas a comparação é exata do ponto de vista da vida presente, porque a criancinha, não tendo ainda podido manifestar nenhuma tendência perversa, nos oferece a imagem da inocência e da candura. Além disso, Jesus não disse de uma maneira absoluta que o reino dos céus é ***para elas***, mas ***para quem se assemelha a elas***.

4. Visto que o Espírito da criança já viveu, por que ele não se mostra, desde o nascimento, tal como é? Tudo é sábio nas obras de Deus. A criança necessita de cuidados delicados que somente a ternura materna pode lhe proporcionar, e essa ternura se intensifica devido à fragilidade e à ingenuidade da criança. Para uma mãe, seu filho é sempre um anjo, e era preciso que ele fosse assim para cativar a dedicação dela; a mãe não poderia ter tido o mesmo zelo para com o filho se, em vez de uma graciosidade ingênua, ela encontrasse nele, sob traços infantis, um caráter viril e as ideias de um adulto — e ainda menos se ela conhecesse o passado do filho.

Era necessário, aliás, que a atividade do princípio inteligente fosse proporcional à fragilidade do corpo, que não poderia resistir a uma atividade muito intensa do Espírito, assim como se vê nos indivíduos muito precoces. É por essa razão que o Espírito, desde a aproximação da reencarnação, entra em perturbação e perde pouco a pouco a consciência de si mesmo; ele permanece, durante um certo período, num tipo de sono em que todas as suas faculdades ficam em estado latente. Esse estado transitório é imprescindível para dar ao Espírito um novo ponto de partida e para lhe fazer esquecer, em sua nova existência terrestre, as coisas que pudessem lhe entravar. Entretanto, seu passado reage sobre ele, que renasce melhor e mais forte, moral e intelectualmente, sustentado e ajudado pela intuição que conserva da experiência adquirida.

A partir do nascimento, suas ideias recuperam gradualmente a sua expansão na medida do desenvolvimento dos órgãos; daí, pode-se dizer que durante os primeiros anos o Espírito é verdadeiramente uma criança, porque as ideias que fundamentam o seu caráter ainda estão adormecidas. Durante o

tempo em que seus instintos dormem, ele é mais flexível e por isso mesmo mais acessível às impressões que podem modificar a sua natureza e fazê-lo progredir — o que torna mais fácil a tarefa imposta aos pais.

O Espírito, portanto, veste temporariamente a túnica da inocência, e assim Jesus está com a verdade quando — apesar da anterioridade da alma — toma a criança como um símbolo da pureza e da simplicidade.

Pecado por pensamento. Adultério

> **5.** Vocês ouviram o que foi dito aos antigos: Não cometam adultério. Mas eu lhes digo que aquele que tiver olhado uma mulher com mau desejo para com ela, este já cometeu adultério com ela em seu coração. (São Mateus, 5: 27 e 28)

6. A palavra ***adultério*** não deve ser aqui entendida no sentido exclusivo da sua acepção própria, mas num sentido mais amplo; frequentemente Jesus a empregava por extensão para designar o mal, o pecado e todo e qualquer mau pensamento, como, por exemplo, nesta passagem: "Pois se alguém se envergonhar de mim e das minhas palavras dentre essa raça ***adúltera e pecadora***, o Filho do homem também se envergonhará dele, quando vier acompanhado dos santos anjos, na glória de seu Pai." (São Marcos, 8:38)

A verdadeira pureza não está unicamente nos atos; está também no pensamento, pois aquele que tem o coração puro nem sequer pensa no mal. Foi isso o que Jesus quis dizer: ele condena o pecado, mesmo em pensamento, porque isso é um sinal de impureza.

7. Esse princípio conduz naturalmente à seguinte questão: ***Nós podemos sofrer as consequências de um mau pensamento que não colocamos em prática?***

Aqui há uma importante distinção a fazer. À medida que a alma envolvida no mau caminho avança na vida espiritual, ela se esclarece e se despoja pouco a pouco de suas imperfeições — conforme a maior ou menor boa vontade que ela traz consigo, em virtude do seu livre-arbítrio. Desse modo, todo mau pensamento é o resultado da imperfeição da alma; porém,

dependendo do desejo que ela tiver concebido de se depurar, até mesmo esse mau pensamento se torna para ela uma ocasião de avançar, pois a alma o repulsa com energia; isso é o indício de uma mancha que ela se esforça para apagar; então, caso surja uma ocasião de satisfazer a um mau desejo, a alma não cederá, e depois que tiver resistido, vai se sentir mais forte e feliz com a sua vitória.

Por outro lado, a alma que não tiver tomado boas resoluções fica procurando uma ocasião, e se ela não realiza a má ação, não é por efeito da sua vontade, mas por falta de oportunidade; nesse caso, a alma é culpada tanto quanto se tivesse cometido aquela má ação.

Em resumo, na pessoa que nem concebe a ideia do mal, o progresso já se realizou; naquela a quem vem essa ideia, mas ela a repulsa, o progresso está se realizando; finalmente, naquela que tem esse mau pensamento e nele se compraz, o mal ainda existe com toda a sua força. Numa, o trabalho está feito; nas outras almas, está por fazer. Deus, que é justo, leva em conta todos esses diferentes graus na responsabilidade dos atos e dos pensamentos do homem.

Verdadeira pureza. Mãos não lavadas

8. Então os escribas e os fariseus, que tinham vindo de Jerusalém, se aproximaram de Jesus e lhe disseram: Por que os teus discípulos violam a tradição dos antigos? Pois eles não lavam as mãos quando fazem suas refeições.

Mas Jesus lhes respondeu: E por que vocês também violam o mandamento de Deus para seguir suas próprias tradições? Pois Deus estabeleceu este mandamento: Honrem o seu pai e a sua mãe; e estabeleceu este outro: Que aquele que disser palavras ultrajantes ao seu pai ou à sua mãe seja punido com a morte. Mas vocês, por sua vez, dizem: Quem tiver dito ao seu pai ou à sua mãe: Toda oferenda que faço a Deus é proveitosa para vocês, então este está obedecendo à lei, ainda que depois não honre nem auxilie ao seu pai ou à sua mãe. Assim, vocês tornam inútil o mandamento de Deus, pelas suas próprias tradições.

Hipócritas! Bem que Isaías profetizou sobre vocês quando disse: Este

povo me honra com os lábios, mas seu coração está longe de mim; é em vão que me honram ensinando preceitos e regulamentos humanos.

Depois, convocando o povo, ele disse: Escutem e compreendam bem isso: Não é o que entra na boca que contamina o homem; o que sai da boca do homem é que o macula. O que sai da boca vem do coração e é isso o que torna o homem impuro, porque é do coração que partem os maus pensamentos, os assassínios, os adultérios, as fornicações, os roubos, os falsos testemunhos, as blasfêmias e as maledicências. São essas as coisas que tornam o homem impuro, mas comer sem ter lavado as mãos não é o que o torna impuro.

Então, seus discípulos se aproximaram dele, dizendo: Sabia que, ouvindo o que o Senhor acaba de dizer, os fariseus ficaram escandalizados com isso? — Mas ele respondeu: Toda planta que meu Pai celestial não plantou será arrancada. Deixem-lhes; são cegos que conduzem cegos; se um cego conduz outro, ambos caem no poço. (São Mateus, 15: 1 a 20)

9. Enquanto ele falava, um fariseu lhe pedia que fosse jantar na casa dele; então Jesus, lá chegando, sentou-se à mesa. O fariseu começou logo a dizer consigo mesmo: Por que ele não lavou as mãos antes de jantar? — Porém, o Senhor lhe disse: Vocês, fariseus, por sua vez, têm bastante zelo em limpar o exterior do copo e do prato; contudo, o interior de seus corações está cheio de ganância e de iniquidades. Que insensatos vocês são! Aquele que fez o exterior não é o que faz também o interior? (São Lucas, 11: 37 a 40)

10. Os judeus haviam negligenciado os verdadeiros mandamentos de Deus para se apegarem à prática dos regulamentos estabelecidos pelos homens e dos quais os rígidos observadores tinham consciência. A essência, muito simples, terminou desaparecendo sob o exagero da formalidade. Como era mais fácil observar atos exteriores do que se reformar moralmente — isto é, ***lavar as mãos do que limpar o coração*** — os homens iludiram-se a si mesmos, julgando-se quites para com Deus, porque se conformaram com aquelas práticas, permanecendo exatamente como eram, já que lhes ensinaram que Deus não pedia nada mais do que isso. Eis por que o profeta havia dito: ***É em vão que esse povo me honra com os lábios, ensinando preceitos e regulamentos humanos***.

Assim também aconteceu com a doutrina moral do Cristo, que terminou

sendo colocada em segundo plano, fazendo com que muitos cristãos — a exemplo dos antigos judeus — achem que sua salvação seja mais assegurada pelas práticas exteriores do que pelas práticas morais. É a essas adições à lei de Deus, feitas pelos homens, que Jesus faz alusão quando diz: ***Toda planta que meu Pai celestial não plantou será arrancada***.

O objetivo da religião é conduzir o homem a Deus; ora, o homem não chega a Deus senão quando se torna perfeito. Logo, toda religião que não torna o homem melhor não alcança o seu objetivo; aquela sobre a qual o homem acha que pode se apoiar, para fazer o mal, ou é falsa, ou foi falseada em seu princípio. Tal é o resultado de todas aquelas em que a forma sobrepõe o seu fundamento. A crença na eficácia dos sinais exteriores é nula, se ela não impedir que se cometam assassínios, adultérios, espoliações, que se levantem calúnias e que se causem dano ao próximo, seja no que for. Essa crença faz supersticiosos, hipócritas e fanáticos, mas não faz homens de bem.

Não basta, portanto, ter as aparências da pureza; é preciso, antes de tudo, ter a pureza do coração.

Escândalos. Se tua mão for motivo de escândalo, corte-a

11. Ai do mundo por causa dos escândalos; pois é necessário que haja escândalos; mas aí do homem através do qual vem o escândalo.

Se alguém escandalizar a um destes pequenos que creem em mim, seria melhor para ele que lhe pendurassem no pescoço uma dessas mós[29] que um jumento gira, e que o lançassem ao fundo do mar.

Tomem muito cuidado para não desprezar um destes pequenos; eu lhes declaro que no céu seus anjos observam incessantemente a face de meu Pai que está nos céus, porque o Filho do homem veio salvar o que estava perdido.

Se a sua mão ou o seu pé for um motivo de escândalo para vocês, cortem-no e o lancem para longe de vocês; será bem melhor vocês entrarem na vida tendo um só pé ou uma única mão do que terem dois e serem lançados no fogo eterno. E se o seu olho for motivo de escândalo para vocês,

[29] Pedra usada nos moinhos para triturar os grãos ou para espremer a azeitona na extração do azeite, girando-a sobre outra pedra mediante um grande esforço físico, por exemplo, de um jumento. — N. T.

> arranquem-no e o lancem para longe de vocês; será melhor vocês entrarem na vida tendo um só olho do que terem dois olhos e serem precipitados no fogo do inferno. (São Mateus, 18: 6 a 9; 5: 29 e 30)

12. No sentido vulgar, chama-se ***escândalo*** toda ação que choca a moral ou a decência de uma maneira ostensiva. O escândalo não está na ação em si mesma, mas na repercussão que ela pode causar. A palavra escândalo implica sempre a ideia de uma certa confusão. Muitas pessoas se contentam em evitar o ***escândalo*** só porque seu orgulho sofreria com ele e sua consideração ficaria diminuída entre os homens; mas desde que as suas torpezas fiquem escondidas, isso lhes basta e sua consciência repousa tranquila. São, segundo as palavras de Jesus: "Sepulcros caiados no exterior, mas cheios de podridão no interior; vasos limpos por fora e sujos por dentro."

No sentido evangélico, a acepção do vocábulo escândalo — tão frequentemente empregada — é muito mais genérica; eis por que o seu significado não é compreendido em certos casos. Não é somente o que ofende a consciência alheia, é tudo o que resulta dos vícios e das imperfeições dos homens, toda reação má de indivíduo para indivíduo, com ou sem repercussão. O escândalo, neste caso, ***é o resultado efetivo do mal moral***.

13. ***É preciso que haja escândalo no mundo*** — disse Jesus — porque os homens, sendo imperfeitos na Terra, estão inclinados a fazer o mal, e porque as más árvores dão maus frutos. Com isso, devemos entender por essas palavras que o mal é uma consequência da imperfeição dos homens, e não que eles tenham obrigação de praticá-lo.

14. ***É necessário que o escândalo venha***, porque, como os homens estão em expiação na Terra, eles se punem a si mesmos pelo contato de seus vícios, dos quais eles são as primeiras vítimas e cujos inconvenientes eles acabam por compreender. Quando estiverem cansados de sofrer o mal, então buscarão o remédio no bem. A reação desses vícios serve então, ao mesmo tempo, de castigo para uns e de provações para outros; é assim que do mal Deus faz surgir o bem e que os próprios homens aproveitam as coisas más ou inúteis.

15. Se for assim — dirão — o mal é necessário e durará para sempre, pois se

ele desaparecesse, Deus ficaria privado de um poderoso meio de castigar os culpados; portanto, é inútil tentar melhorar os homens. Mas se não houvesse mais culpados, já não haveria mais necessidade de castigos. Suponhamos que a humanidade passe a ser formada por homens de bem: então ninguém procurará fazer mal ao seu próximo, e todos serão felizes, porque eles serão bons. Pois esse é o estado dos mundos avançados, de onde o mal está excluído; tal será a situação da Terra quando ela tiver progredido suficientemente. Mas enquanto alguns mundos avançam, outros se formam, povoados de Espíritos primitivos e servindo de habitação, de exílio e de lugar de expiação para os Espíritos imperfeitos, rebeldes, obstinados no mal e que foram rejeitados pelos mundos que se tornaram felizes.

16. ***Mas ai daquele por quem o escândalo venha***; quer dizer que o mal sendo sempre o mal, aquele que involuntariamente serviu de instrumento à justiça divina, aquele cujos maus instintos foram utilizados, nem por isso deixou de praticar a maldade, e deve ser punido. É assim, por exemplo, que um filho ingrato é uma punição ou uma prova para o pai que sofre com isso, porque talvez esse pai tenha sido também um filho mau que fez seu pai sofrer, e que está sofrendo a pena de talião; mas esse filho não é mais desculpável por isso, e deverá ser castigado na sua vez pelos seus próprios filhos ou de uma outra maneira.

17. ***Se a sua mão for motivo de escândalo para vocês, cortem-na****;* figura de linguagem enérgica, que seria absurdo tomarmos ao pé da letra, e que significa simplesmente que é preciso destruir em si mesmo toda causa de escândalo, isto é, de maldade; arrancar do coração todo sentimento impuro e todo princípio vicioso; significa ainda que seria melhor para o homem ter uma das mãos cortada do que se essa mão tivesse sido para ele o instrumento para uma má ação; assim como seria melhor ficar privado da vista do que se os seus olhos tivessem lhe dado maus pensamentos. Jesus não disse nenhum absurdo, para aquele que compreende o sentido alegórico e profundo de suas palavras; porém, muitas coisas não podem ser compreendidas sem a chave que o espiritismo oferece.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

Deixem vir a mim as criancinhas

18. O Cristo disse: “Deixem vir a mim as criancinhas”. Essas palavras, profundas em sua simplicidade, não traziam consigo o simples apelo às crianças, mas também às almas que gravitam nos círculos inferiores em que o infeliz desconhece a esperança. Jesus chamava para si a infância intelectual da criatura formada: os fracos, os escravos, os viciosos; ele nada podia ensinar à infância física, envolvida pela matéria, submetida ao jugo do instinto, ainda não pertencente à ordem superior da razão e da vontade que se exercem em torno dela e por ela.

Jesus queria que os homens viessem a ele com a confiança desses pequenos seres de passos vacilantes, cujo apelo de todas as mulheres que são mães lhe conquistou o coração; desse modo, ele submetia as almas à sua terna e misteriosa autoridade. Ele se tornou o facho que ilumina as trevas, o clarim matinal que soou o despertar; foi o iniciador do espiritismo que, por sua vez, deve chamar para si, não as criancinhas, mas os homens de boa vontade. A ação viril já está em andamento; não se trata de crer instintivamente e de obedecer maquinalmente, mas sim que o homem siga a lei inteligente que se revela para ele na sua universalidade.

Meus bem-amados, este é o tempo em que os erros, agora explicados, constituirão as verdades; ensinaremos a vocês o sentido exato das parábolas e lhes mostraremos a forte correlação que liga aquilo que foi e aquilo que é. Eu lhes digo, em verdade: a manifestação espírita se estende no horizonte, e aqui está o seu enviado que vai resplandecer como o Sol no cume dos montes.

JOÃO EVANGELISTA (Paris, 1863)

19. Deixem vir a mim as criancinhas, pois eu tenho o leite que fortifica os fracos. Deixem vir a mim aqueles que, tímidos e frágeis, necessitam de apoio e de consolação. Deixem vir a mim os ignorantes, para que eu os esclareça; deixem vir a mim todos os que sofrem, a multidão dos aflitos e dos infelizes: eu lhes ensinarei o grande remédio que ameniza os males da vida e lhes darei o segredo da cura de suas feridas! Qual é, meus amigos, esse bálsamo

soberano, que possui a virtude por excelência, esse bálsamo que se aplica a todas as feridas do coração e as cicatriza? É o amor, é a caridade! Se vocês tiverem esse fogo divino, o que poderão temer? Vocês dirão, em todos os instantes de vida: Meu Pai, que seja feita a tua vontade, e não a minha; se te apraz me experimentar pela dor e pelas tribulações, bendito seja, porque é para o meu bem — eu sei disso — que a tua mão pesa sobre mim. Se te convier, Senhor, ter piedade desta tua frágil criatura e conceder a este coração as alegrias lícitas, bendito seja também; mas faça com que o amor divino não adormeça nesta alma, e que ela incessantemente faça subir aos teus pés a voz da sua gratidão!

Se vocês tiverem amor, então terão tudo o que se pode desejar na Terra, possuirão a pérola por excelência, que nem as circunstâncias, nem as maldades daqueles que lhes odeiam e perseguem poderão encantar. Se tiverem amor, então terão colocado seu tesouro lá onde os vermes e a ferrugem não o podem atacar, e verão se apagar insensivelmente da alma tudo o que possa contaminar sua pureza; sentirão o peso da matéria diminuir dia a dia, e assim, igual ao pássaro que plana nos ares e não se lembra mais da Terra, vocês subirão ininterruptamente, subirão sempre, até que a alma inebriada possa se saciar do seu elemento de vida no seio do Senhor.

UM ESPÍRITO PROTETOR (Bordeaux, 1861)

Bem-aventurados aqueles que têm os olhos fechados[30]

20. Meus bons amigos, vocês me chamaram, por quê? Será que foi para eu impor as mãos sobre a pobre sofredora que está aqui, para que eu a cure? Ah, que sofrimento, bom Deus! Ela perdeu a vista e as trevas se fizeram para ela. Pobre criança! Que ela ore e espere, pois eu não sei fazer milagres — eu, sem a vontade do bom Deus. Todas as curas que eu pude obter, e de que vocês tiveram conhecimento, não as atribuam senão àquele que é o Pai de todos nós. Em suas aflições, olhem então sempre para o céu e digam do fundo do

[30] Esta comunicação foi dada a pedido de uma pessoa cega, para quem foi evocado o Espírito de J. B. VIANNEY, Cura d'Ars.

coração: “Meu pai, cura-me, mas faça com que, antes, a minha alma enferma seja curada das enfermidades do meu corpo; que minha carne seja castigada, se preciso for, para que minha alma se eleve até o Senhor, com a brancura que ela tinha quando foi criada por ti.” Após essa prece, meus bons amigos, que o bom Deus sempre ouvirá, a força e a coragem lhes serão dadas e, talvez também, aquela cura que vocês pediram timidamente, como recompensa pela abnegação de vocês.

Mas já que estou aqui, numa assembleia em que se trata principalmente de estudos, eu vou lhes dizer que aqueles que estão privados da vista deveriam se considerar como os bem-aventurados de expiação. Lembrem-se de que o Cristo disse que era preciso arrancar o próprio olho se ele fosse mau, e que seria melhor lançá-lo ao fogo do que ele se tornar a causa da sua condenação. Ah, quantos há nesta Terra que um dia lamentarão nas trevas por terem visto a luz! Oh, sim! Como são felizes aqueles que, na expiação, são feridos através da visão! Seus olhos não serão motivo de escândalo ou de queda; eles podem viver inteiramente da vida das almas; podem ver mais do que vocês que enxergam claramente... Quando Deus me permite ir abrir as pálpebras de algum desses pobres sofredores e lhes restituir a luz, eu digo a mim mesmo: Alma querida, por que não reconhecer todas as delícias do Espírito que vive de contemplação e de amor? Você não pediria para ver imagens menos puras e menos suaves do que as que te é permitido vislumbrar na tua cegueira!

Oh, sim! Bem-aventurado o cego que quer viver com Deus; mais feliz do que vocês que estão aqui, ele sente a felicidade, toca-a, vê as almas e pode se lançar com elas às esferas espirituais que nem mesmo os predestinados da Terra conseguem ver. O olho aberto está sempre pronto para fazer a alma falir; o olho fechado, ao contrário, está sempre pronto a fazê-la se elevar a Deus. Acreditem em mim, meus bons e caros amigos, a cegueira dos olhos frequentemente é a verdadeira luz do coração, enquanto muitas vezes a vista é o anjo tenebroso que conduz à morte.

E agora, algumas palavras para ti, minha pobre sofredora: aguarde e tenha coragem! Se eu te dissesse: Minha filha, teus olhos vão se abrir, como você ficaria contente! Mas quem sabe se esse contentamento não te levaria à

perdição? Tenha confiança no bom Deus, que fez a felicidade e permite a tristeza! Farei tudo o que me for permitido por ti; mas, por tua vez, ore e sobretudo pense em tudo aquilo que acabo de te dizer.

Antes que eu me afaste, todos vocês que estão aqui, recebam a minha bênção.

VIANNEY, Cura d'Ars. (Paris, 1863)

21. ***Observação*** – Quando uma aflição não é uma consequência dos atos da vida presente, deve-se procurar sua causa numa vida anterior. Aquilo que se chama de capricho da sorte não é outra coisa senão o efeito da justiça de Deus. Deus não aplica punições arbitrárias; ele quer que entre a falta e a penitência sempre haja uma correlação. Se ele, em sua bondade, lançou um véu sobre os nossos atos passados, por outro lado ele nos coloca no caminho ao dizer: "Quem matou com a espada, pela espada perecerá"; palavras que podem ser traduzidas assim: "Sempre somos punidos por aquilo que pecamos". Portanto, se alguém é afligido com a perda da visão, é que a visão foi para ele uma causa de queda; quem sabe alguém tenha ficado cego pelo excesso de trabalho que lhe foi imposto por ele, ou por consequência de maus-tratos, pela falta de cuidados etc., e agora ele sofre pela pena de talião. Ele mesmo, em seu arrependimento, pode ter escolhido essa expiação, aplicando a si estas palavras de Jesus: "Se o teu olho for motivo de escândalo para ti, arranque-o!"

CAPÍTULO IX

BEM-AVENTURADOS AQUELES QUE SÃO MANSOS E PACÍFICOS

Injúrias e violências – INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS**: A afabilidade e a doçura – A paciência – Obediência e resignação – A cólera**

Injúrias e violências

1. Bem-aventurados aqueles que são mansos, porque eles possuirão a Terra. (São Mateus, 5: 5)

2. Bem-aventurados os pacíficos, porque eles serão chamados filhos de Deus. (São Mateus, 5: 9)

3. Vocês ouviram o que foi dito aos antigos: Não matem, e quem matar merecerá ser condenado pelo julgamento. Mas eu digo a vocês que quem se puser em cólera contra seu irmão merecerá ser condenado pelo julgamento; que aquele que disser ao seu irmão: "***Raca!***", merecerá ser condenado pelo sinédrio; e aquele que lhe disser: "***Seu louco!***", merecerá ser condenado ao fogo do inferno. (São Mateus, 5: 21 e 22)

4. Por estas máximas, Jesus constituiu uma lei de doçura, de moderação, de mansidão, de afabilidade e de paciência; consequentemente ele condena a violência, a cólera e até mesmo qualquer expressão indelicada com relação aos semelhantes. ***Raca***, entre os hebreus, era um termo de desprezo que significava ***homem de nada***, e se pronunciava cuspindo e virando a cabeça para o lado. Jesus vai até mais longe, já que ameaça com o fogo do inferno aquele que disser a seu irmão: ***Seu louco!***

É evidente que aqui, como em qualquer circunstância, a intenção agrava ou atenua a falta; mas, em que sentido uma simples palavra pode ter gravidade o bastante para merecer uma reprovação tão severa? É que toda palavra ofensiva é a expressão de um sentimento contrário à lei de amor e de caridade, que deve reger as relações entre os homens e manter entre eles a concórdia e a união; é que isso representa um atentado contra a benevolência recíproca e a fraternidade; é que ela mantém o ódio e a animosidade; é que, enfim, depois da humildade para com Deus, a caridade para com o próximo é a primeira lei de todo cristão.

5. Mas o que Jesus quer dizer com estas palavras: "Bem-aventurados os que são mansos, porque eles possuirão a Terra", já que ele diz para renunciarmos aos bens deste mundo, prometendo os bens do céu?

Enquanto espera os bens do céu, o homem tem necessidade dos bens da Terra para viver; Jesus recomenda apenas que não se dê a estes últimos mais importância do que aos primeiros.

Por aquelas palavras, ele quis dizer que até hoje os bens da Terra são acumulados pelos violentos, em prejuízo daqueles que são mansos e pacíficos; que a estes muitas vezes falta o necessário, enquanto os outros dispõem do supérfluo; ele promete que a justiça lhes será feita, ***assim na Terra como no céu***, porque eles serão chamados filhos de Deus. Quando a lei de amor e de caridade for a lei da humanidade, não haverá mais egoísmo; os fracos e os pacíficos não serão mais explorados nem esmagados pelos fortes e violentos. Tal será a situação da Terra quando, de acordo com a lei do progresso e a promessa de Jesus, a Terra tiver se transformado em um mundo feliz, pela expulsão dos ímpios.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

A afabilidade e a doçura

6. A benevolência para com seus semelhantes — fruto do amor ao próximo — produz a afabilidade e a doçura, que são a sua manifestação. Entretanto, nem

sempre se deve confiar nas aparências; a educação e a etiqueta podem dar ao homem o verniz dessas qualidades. Quantos existem cuja bondade fingida não passa de uma máscara para o exterior, uma roupagem cujo corte calculado disfarça as deformidades escondidas! O mundo está cheio dessas pessoas que têm o sorriso nos lábios e o veneno no coração; ***que são mansas, desde que nada as ofenda, mas que mordem com a menor contrariedade***; pessoas que têm uma língua dourada quando falam pela frente e que se transforma em dardo envenenado quando estão por detrás.

A essa classe pertencem também aqueles homens que são benignos com os de fora e em casa são tiranos domésticos, fazendo suas famílias e seus subordinados sofrerem com o peso do seu orgulho e do seu despotismo; parece que eles querem compensar o constrangimento que lhes é imposto fora de casa; não se atrevendo a usar de autoridade para com os estranhos — que os colocariam no seu lugar —, eles querem pelo menos se fazer temidos por aqueles que não podem lhe desafiar; sua vaidade gosta de poder dizer: "Aqui eu mando e sou obedecido", sem imaginar que poderiam acrescentar, com mais certeza: "E sou detestado".

Não basta que dos lábios escorram leite e mel; se não for de coração, isso será hipocrisia. Aquele cuja afabilidade e doçura não são fingidas nunca se desmente; ele é a mesma pessoa na sociedade e na intimidade; ele sabe, aliás, que se é possível enganar os homens pelas aparências, não é possível enganar a Deus.

LÁZARO (Paris, 1861)

A paciência

7. A dor é uma bênção que Deus envia aos seus eleitos; então, não se aflijam quando estiverem sofrendo, mas ao contrário, bendigam ao Deus todo-poderoso que lhes marcou pela dor neste mundo, para a glória no céu.

Sejam pacientes; a paciência também é uma caridade, e vocês devem praticar a lei de caridade ensinada pelo Cristo, enviado de Deus. A caridade que consiste na esmola dada aos pobres é a mais fácil das caridades; porém, existe uma bem mais penosa e consequentemente bem mais meritória: é a de

perdoar aqueles que Deus colocou no nosso caminho para serem os instrumentos de nossos sofrimentos e colocarem nossa paciência à prova.

A vida é difícil, eu sei; ela se compõe de mil ninharias, que são como alfinetadas e terminam machucando; mas é preciso observar os deveres que nos são impostos, as consolações e compensações que por outro lado nós temos, e então veremos que as bênçãos são muito mais numerosas do que as dores. O fardo parece menos pesado quando olhamos para o alto do que quando curvamos a fronte para o chão.

Coragem, amigos! O Cristo é o seu modelo. Ele sofreu mais do que qualquer um de vocês e não tinha nada a ser censurado, ao passo que vocês, vocês têm o próprio passado a ser expiado e têm que se fortalecer para o futuro. Portanto, sejam pacientes, sejam cristãos — essa palavra resume tudo.

UM ESPÍRITO AMIGO (Le Havre, 1862)

Obediência e resignação

8. A doutrina de Jesus ensina em toda parte a obediência e a resignação — duas virtudes companheiras da doçura e muito efetivas, embora os homens as confundam erradamente com a negação do sentimento e da vontade. ***A obediência é o consentimento da razão; a resignação é o consentimento do coração***; ambas são forças ativas, pois elas carregam o fardo das provações que a revolta insensata deixa cair. O covarde não pode ser resignado, assim como o orgulhoso e o egoísta não podem ser obedientes. Jesus foi a encarnação dessas virtudes desprezadas pela Antiguidade materialista. Ele veio no momento em que a sociedade romana perecia nos desfalecimentos da corrupção; veio fazer brilhar no seio da humanidade enfraquecida os triunfos do sacrifício e da renúncia carnal.

Cada época é assim marcada pelo cunho da virtude ou do vício que deve salvá-la ou levá-la à perdição. A virtude desta geração de vocês é a atividade intelectual; seu vício é a indiferença moral. Eu digo apenas atividade, porque a inteligência surge repentinamente e descobre de uma só vez os horizontes que a multidão só verá depois dela, enquanto a atividade é a reunião dos esforços de todos para atingir um objetivo menos deslumbrante, mas que

prova a elevação intelectual de uma época. Submetam-se ao impulso que nós viemos dar aos seus espíritos; obedeçam à grande lei do progresso, que é a palavra da sua geração. Ai do Espírito preguiçoso, daquele que fecha o seu entendimento! Ai dele, porque nós — que somos os guias da humanidade em marcha — vamos chicoteá-lo e forçaremos a sua vontade rebelde pelo duplo esforço do freio e da espora; toda resistência orgulhosa deverá ceder, cedo ou tarde; todavia, bem-aventurados aqueles que são mansos, pois eles prestarão ouvidos dóceis aos ensinamentos.

LÁZARO (Paris, 1863)

A cólera

9. O orgulho os leva a se acharem mais do que vocês são; leva-os a não tolerar uma comparação que possa rebaixá-los; leva-os a se considerarem, por outro lado, tão acima dos seus irmãos — seja em inteligência, em posição social e até em vantagens pessoais — que o menor paralelo irrita e ofende vocês. O que acontece então? Vocês se entregam à cólera.

Procurem a origem desses surtos de demência momentânea que os tornam semelhantes aos brutos, fazendo-os perder o sangue-frio e a razão; procurem, e quase sempre vocês encontrarão como base o orgulho ferido. Não é o orgulho ferido por uma contradição que os faz repelir as mais justas observações e os faz rejeitar com raiva os mais sábios conselhos? Até mesmo a impaciência — causada por contrariedades muitas vezes infantis — se deve à importância que as pessoas dão à sua personalidade, diante da qual elas acham que todos devem ceder.

Em seu frenesi, o homem encolerizado se atira a tudo: à natureza bruta, aos objetos inanimados que ele quebra, porque eles não lhe obedecem. Ah, se nesses momentos ele pudesse se ver a sangue-frio, ele teria medo de si mesmo, ou se acharia muito ridículo! Que ele julgue por isso a impressão que deve causar aos outros. Quando não fosse pelo respeito por si próprio, ele deveria se esforçar para vencer essa inclinação que faz dele um objeto de piedade.

Se ele pensasse que a cólera não resolve nada, que ela altera a sua saúde

e compromete até mesmo a sua vida, então ele veria que ele é a sua primeira vítima. Mas outra consideração deveria contê-lo principalmente: é a ideia de que ele torna infelizes todos aqueles que o rodeiam. Se ele tiver coração, não será motivo de remorso para ele fazer sofrer os seres a quem ele mais ama? E que arrependimento mortal se, num acesso de fúria, ele cometesse um ato do qual ele tivesse que lastimar por toda a sua vida!

Em suma, a cólera não exclui certas qualidades do coração, mas impede que se faça muito bem e pode fazer muito mal; isso deve bastar para instigar que se faça esforços para dominar a cólera. O espírita, aliás, é convocado a fazer isso por outro motivo: é que a cólera é contrária à caridade e à humildade cristãs.

UM ESPÍRITO PROTETOR (Bordeaux, 1863)

10. De acordo com a ideia muito falsa de que não é possível reformar a própria natureza, o homem se acha dispensado de fazer esforços para se corrigir dos defeitos nos quais ele se compraz voluntariamente, ou que exigiriam bastante perseverança. É assim, por exemplo, que a pessoa inclinada à cólera quase sempre se desculpa pelo seu temperamento; ao invés de se confessar culpada, ela joga a culpa no seu organismo, acusando assim a Deus das próprias faltas dela. Isso também é uma consequência do orgulho que se encontra misturado com todas as imperfeições pessoais.

Sem contradição, há temperamentos que se prestam mais do que outros a atos violentos, como há músculos mais flexíveis que se prestam melhor aos atos de força; mas não creiam que aí esteja a causa primordial da cólera, e fiquem certos de que um Espírito pacífico — mesmo que ele esteja num corpo bilioso — será sempre pacífico, e que um Espírito violento — mesmo num corpo linfático — nem por isso será mais dócil; a violência apenas tomará outro caráter; não tendo um organismo apropriado para favorecer sua violência, a cólera ficará concentrada, enquanto no outro caso será expansiva.

O corpo não dá cólera àquele que não a tem, assim como não dá os outros vícios. Todas as virtudes e todos os vícios são inerentes ao Espírito; sem isso, onde estariam o mérito e a responsabilidade? O homem que é deformado não pode se endireitar, porque o Espírito não tem relação com

isso, mas ele pode modificar o que é do Espírito, quando tem vontade firme para isso. A experiência não lhes mostra, espíritas, até onde pode ir o poder da vontade, através de transformações verdadeiramente miraculosas que vocês veem se realizar? Reconheçam, pois, que ***o homem só continua vicioso porque quer continuar vicioso****;* porém, aquele que quiser se corrigir sempre poderá se corrigir; de outro modo, a lei do progresso não existiria para o homem.

HAHNEMANN (Paris, 1863)

CAPÍTULO X

BEM-AVENTURADOS AQUELES QUE SÃO MISERICORDIOSOS

Perdoem para que Deus lhes perdoe – Reconciliar-se com os adversários – O sacrifício mais agradável a Deus – O cisco e a trave no olho – Não julguem para não serem julgados. Quem estiver sem pecado atire a primeira pedra – INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS**: Perdão das ofensas – A indulgência – É permitido repreender os outros, notar as imperfeições de outrem e divulgar o mal alheio?**

Perdoem para que Deus lhes perdoe

1. Bem-aventurados aqueles que são misericordiosos, porque eles mesmos obterão misericórdia. (São Mateus, 5: 7)

2. Se perdoarem aos homens as faltas que eles cometerem contra vocês, então o seu Pai celestial também perdoará os pecados de vocês; mas se não perdoarem aos homens quando eles lhes ofenderem, seu Pai também não perdoará os pecados de vocês. (São Mateus, 6: 14 e 15)

3. Se o seu irmão pecou contra vocês, vão e lhe repreendam pelo erro dele em particular, entre vocês e ele; se ele lhes atender, vocês terão ganho um irmão. Então, aproximando-se dele, Pedro lhe disse: Senhor, quantas vezes devo perdoar o meu irmão, quando ele tiver pecado contra mim? Até sete vezes? — Jesus lhe respondeu: Eu não lhes digo que perdoem até sete vezes, mas até setenta vezes sete. (São Mateus, 18: 15, 21 e 22)

4. A misericórdia é o complemento da mansidão, porque aquele que não for misericordioso não poderá ser manso e pacífico; ela consiste no esquecimento

e no perdão das ofensas. O ódio e o rancor denotam uma alma sem elevação e sem grandeza; o esquecimento das ofensas é a característica da alma elevada que está acima dos ataques que lhe possam ser dirigidos. Uma está sempre ansiosa, de uma suscetibilidade melindrosa e cheia de fel; a outra é calma, plena de mansidão e de caridade.

Ai daquele que diz: "Eu não perdoarei jamais", pois esse, se não for condenado pelos homens, certamente será condenado por Deus. Com que direito ele reclamaria o perdão de suas próprias faltas, se ele mesmo não perdoa as dos outros? Jesus nos ensina que a misericórdia não deve ter limites, quando ele diz para perdoarmos o irmão, não sete vezes, mas setenta vezes sete.

No entanto, há duas maneiras bem diferentes de perdoar: uma é grande, nobre, verdadeiramente generosa, sem segunda intenção, que trata com delicadeza o amor-próprio e o melindre do adversário — mesmo que este esteja totalmente errado; a segunda é aquela pela qual o ofendido — ou aquele que se sente ofendido — impõe ao outro condições humilhantes e lhe faz sentir o peso de um perdão que irrita, em vez de acalmar; se ele estende a mão, não é com benevolência, e sim com ostentação, a fim de poder dizer a todo mundo: "Vejam o quanto eu sou generoso!" Em tais circunstâncias, é impossível que a reconciliação seja sincera de parte a parte. Não, aí não há generosidade; isso é uma maneira de satisfazer ao orgulho. Em toda contestação, aquele que se mostra ser o mais conciliador e que prova ter mais desinteresse, caridade e verdadeira grandeza de alma conquistará sempre a simpatia das pessoas imparciais.

Reconciliar-se com os adversários

> **5.** Reconciliem-se o mais cedo possível com o seu adversário, enquanto estão a caminho com ele, para que o adversário de vocês não lhes entregue ao juiz, e que o juiz não lhes entregue ao ministro da justiça, e que vocês não sejam colocados na prisão. Eu lhes digo, em verdade, que vocês não sairão de lá enquanto não tiverem pago até o último centavo. (São Mateus, 5: 25 e 26)

6. Na prática do perdão, e na prática do bem em geral, há mais do que um

efeito moral: há também um efeito material. A morte, como sabemos, não nos livra dos nossos inimigos; muitas vezes, no além-túmulo, os Espíritos vingativos perseguem com seu ódio aqueles contra os quais eles guardam rancor; é por isso que, quando aplicado ao homem, é falso aquele provérbio que diz: “Morto o animal, morto o veneno”. O Espírito malvado espera que aquele a quem ele quer mal esteja preso ao corpo e menos livre, para atormentá-lo mais facilmente e feri-lo nos seus interesses ou nas suas afeições mais caras. É preciso ver nesse fato a causa da maioria dos casos de obsessão, sobretudo dos que apresentam uma certa gravidade — como a subjugação e a possessão. O obsidiado e o possesso, portanto, são quase sempre vítimas de uma vingança anterior, à qual provavelmente provocaram pela sua conduta. Deus assim permite para os punir pelo mal que eles mesmos fizeram, ou, se eles não o fizeram, por terem faltado com a indulgência e a caridade, não perdoando. Nesse caso, do ponto de vista da sua tranquilidade futura, importa que ele repare o mais rápido possível os erros que tenha praticado contra o próximo, que ele perdoe aos seus inimigos a fim de apagar — antes de morrer — todo motivo de dissensão, toda causa ***fundamentada*** de aversão posterior; por esse meio, de um inimigo implacável neste mundo pode-se fazer um amigo no outro mundo, ou pelo menos ficar do lado certo, e Deus não deixa que aquele que perdoou seja alvo de qualquer vingança. Quando Jesus recomenda chegar a um acordo o quanto antes com o adversário, não é somente com vista a apaziguar as discórdias durante a atual existência, mas para evitar que elas se perpetuem nas existências futuras. Vocês não sairão da prisão — diz ele — enquanto não tiverem pago até o último centavo, quer dizer, enquanto não satisfizerem completamente a justiça de Deus.

O sacrifício mais agradável a Deus

7. Portanto, quando apresentarem a sua oferenda no altar, se vocês se lembrarem de que seu irmão tem alguma coisa contra vocês, deixem o donativo aos pés do altar e vão primeiramente se reconciliar com o seu irmão, e voltem depois para apresentar a sua oferta. (São Mateus, 5: 23 e 24)

8. Quando Jesus diz: “Vão se reconciliar com o seu irmão, antes de apresentarem a sua oferenda no altar”, ele está ensinando que o sacrifício mais agradável ao Senhor é o do seu próprio sentimento; que, antes de se apresentar a ele para ser perdoada, a pessoa também precisa ter perdoado, e que, se ela tiver feito algo contra um de seus irmãos, ela precisa reparar seu erro; só então a oferenda será aceita, porque esta terá vindo de um coração purificado de qualquer pensamento mau. Ele materializou esse preceito porque os judeus ofertavam sacrifícios materiais; então era necessário adequar suas palavras aos costumes deles. O cristão não oferece donativos materiais; ele já espiritualizou o sacrifício, mas o preceito ganha mais força ainda: ele oferece sua alma a Deus, e essa alma deve ser purificada; ***ao entrar no templo do Senhor, ele deve deixar de fora todo sentimento de ódio e de aversão, todo mau pensamento contra seu irmão****;* só então sua oração será levada pelos anjos aos pés do Eterno. Eis o que ensina Jesus com estas palavras: “Deixem sua oferenda aos pés do altar e vão primeiro se reconciliar com o seu irmão, se quiserem ser agradáveis ao Senhor.”

O cisco e a trave no olho

> **9.** Por que observam um cisco no olho do seu irmão e não enxergam uma trave no olho de vocês? Ou, como podem dizer ao seu irmão: “Deixem-nos tirar um cisco do teu olho”, vocês que têm uma trave no próprio olho? Hipócritas, tirem primeiramente a trave do olho de vocês, e vejam depois como poderão tirar o cisco do olho do seu irmão. (São Mateus, 7: 3 a 5)

10. Um dos defeitos da humanidade é o de ver o mal de outrem antes de ver o mal que está em si. Para julgar a si mesmo, seria preciso se olhar num espelho e, de algum modo, se transportar para fora de si e se considerar como outra pessoa, perguntando-se: O que eu pensaria se visse alguém fazer o que eu faço? Incontestavelmente, é o orgulho que leva o homem a dissimular para si mesmo os seus próprios defeitos — tanto morais quanto físicos. Esse defeito é essencialmente contrário à caridade, porque a verdadeira caridade é modesta, simples e indulgente; a caridade orgulhosa é um contrassenso, já que esses

dois sentimentos se neutralizam um ao outro. De fato, como um homem presunçoso o bastante para acreditar na importância da sua personalidade e na supremacia das suas qualidades poderia ter ao mesmo tempo tanta abnegação para fazer ressaltar em outrem o bem que poderia eclipsá-lo, em vez do mal que poderia exaltá-lo? Se o orgulho é o pai de muitos vícios, ele é também a negação de muitas das virtudes; ele se encontra na base e como o motor de quase todas as ações. Foi por isso que Jesus se propôs a combatê-lo como o principal obstáculo ao progresso.

Não julguem para não serem julgados. Quem estiver sem pecado atire a primeira pedra

11. Não julguem, a fim de não serem julgados, porque vocês serão julgados conforme tiverem julgado os outros; e será usada com vocês a mesma medida que vocês tiverem usado com os outros. (São Mateus, 7: 1 e 2)

12. Então os escribas e os fariseus lhe trouxeram uma mulher que havia sido surpreendida em adultério e a fizeram ficar de pé no meio do povo; e disseram a Jesus: Mestre, esta mulher acaba de ser surpreendida em adultério; ora, pela lei, Moisés nos ordena apedrejar as adúlteras. Qual é a tua opinião sobre isso? — Eles disseram isso para tentá-lo, a fim de ter de que o acusar. Mas Jesus, abaixando-se, escreveu com o dedo no chão. Como eles continuaram a interrogá-lo, ele se levantou e lhes respondeu: ***Que aquele dentre vocês que estiver sem pecado, atire a primeira pedra***. Em seguida, abaixando-se de novo, ele continuou a escrever no chão. Quanto a eles, ouvindo-o falar daquele modo, retiraram-se um após o outro, os mais velhos saindo primeiro; e assim Jesus ficou a sós com a mulher, que estava no meio da praça.

Então Jesus, levantando-se, perguntou a ela: Mulher, onde estão os teus acusadores? Ninguém te condenou? — Ela lhe respondeu: Não, Senhor. — Jesus lhe retrucou: Eu também não te condenarei. Vá e no futuro não peque mais. (São João, 8: 3 a 11)

13. “Que aquele que estiver sem pecado atire a primeira pedra” — disse Jesus. Esta máxima faz da indulgência um dever para nós, porque não há ninguém

que não necessite dela para si mesmo. Ela nos ensina que não devemos julgar os outros mais severamente do que julgamos a nós mesmos, nem condenar nos outros aquilo que desculpamos em nós. Antes de acusarmos um erro de alguém, vejamos se a mesma acusação não poderia recair sobre nós.

Jogar a culpa na conduta alheia pode ter dois motivos: reprimir o mal ou desqualificar a pessoa cujos atos estão sendo criticados; este último motivo não tem desculpa jamais, porque é um caso de maledicência e de maldade. O primeiro pode ser louvável, e até se torna um dever em certas situações, porque daí deve resultar um bem e porque, sem isso, a maldade nunca seria reprimida na sociedade. Aliás, o homem não deve ajudar no progresso do seu semelhante? Então, não poderíamos tomar em sentido absoluto este princípio: "Não julguem, se não quiserem ser julgados", pois a letra mata e o espírito vivifica.

Jesus não poderia proibir de reprovarmos aquilo que é mau, já que ele mesmo nos deu o exemplo disso, e o fez em termos enérgicos; mas ele quis dizer que a autoridade de culpar está na razão da autoridade moral daquele que a pronuncia. Tornar-se culpado daquilo que condena nos outros é abdicar dessa autoridade; e mais ainda, é perder o direito de repreender alguém. Além disso, a consciência íntima recusa todo respeito e toda submissão voluntária àquele que, estando investido de um poder qualquer, viola as leis e os princípios que está encarregado de aplicar. ***Não há autoridade legítima aos olhos de Deus senão aquela que se apoia no bom exemplo;*** é isso o que ressalta igualmente das palavras de Jesus.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

Perdão das ofensas

14. Quantas vezes perdoarei o meu irmão? Não o perdoarei apenas sete vezes, e sim setenta vezes sete. Eis uma daquelas falas de Jesus que mais devem sensibilizar a inteligência de vocês e falar mais alto ao coração. Comparem essas palavras de misericórdia com a oração tão simples, tão resumida e tão grande em suas aspirações, que Jesus ensinou aos seus discípulos, e vocês

encontrarão sempre o mesmo pensamento. Jesus — o justo por excelência — responde a Pedro: Perdoe, mas sem limites; perdoe cada ofensa quantas vezes te ofenderem; ensine aos teus irmãos esse esquecimento de si mesmo, que o torna invulnerável ao ataque, aos maus procedimentos e às injúrias; seja brando e humilde de coração, não medindo jamais a tua mansuetude; faça, enfim, o que você deseja que o Pai celestial faça a teu favor. Ele não tem muitas vezes do que te perdoar? Será que ele conta o número de vezes que o perdão dele desce para apagar as tuas faltas?

Ouçam então essa resposta de Jesus e, como Pedro, apliquem-na a vocês mesmos. Perdoem, usem de indulgência, sejam caridosos, generosos, pródigos até do seu amor. Doem, pois o Senhor lhes recompensará; perdoem, pois o Senhor lhes perdoará; abaixem-se, pois o Senhor lhes exaltará; sejam humildes, pois o Senhor lhes fará sentar-se à direita dele.

Vão, meus bem-amados, estudem e comentem estas palavras que eu lhes dirijo da parte d'Aquele que, do alto dos esplendores celestes, sempre olha para vocês e continua com amor a tarefa ingrata que ele começou há dezoito séculos. Então, perdoem seus irmãos, assim como vocês necessitam que os outros lhes perdoem. Se os atos deles têm sido prejudiciais para vocês, isso é um motivo a mais para serem indulgentes, pois o mérito do perdão é proporcional à gravidade do mal; não haveria nenhum mérito em desculpar os erros dos seus irmãos se eles lhes causassem apenas ferimentos leves.

Espíritas, nunca se esqueçam de que, tanto em palavras como em ações, o perdão das injúrias não deve ser uma vã expressão. Se vocês se dizem espíritas, então sejam espíritas! Esqueçam o mal que lhes possam ter feito e não pensem senão numa coisa: no bem que vocês possam dar em troca. Aquele que entrou por esse caminho não deve se afastar dele nem por pensamento, porque vocês são responsáveis pelos seus pensamentos — que Deus conhece. Façam, portanto, que eles sejam desprovidos de todo sentimento de rancor; Deus sabe o que existe no fundo do coração de cada um. ***Feliz daquele que toda noite pode adormecer dizendo: Nada tenho contra o meu próximo***.

SIMÃO (Bordeaux, 1862)

15. Perdoar os inimigos é pedir perdão a si mesmo; perdoar os amigos é dar a eles uma prova de amizade; perdoar as ofensas é mostrar que nos tornamos melhor. Então, perdoem, meus amigos, a fim de que Deus lhes perdoe, porque se vocês forem duros, exigentes, inflexíveis e se tiverem rigor até por uma leve ofensa, como vão querer que Deus esqueça de que cada dia vocês têm maior necessidade de indulgência? Oh, ai daquele que diz: "Não perdoarei jamais", pois está pronunciando a sua própria condenação. Quem sabe, aliás, se procurando em si mesmos, vocês não encontrariam o agressor? Quem sabe se, nessa disputa que começa com uma alfinetada e acaba por uma fratura, não foram vocês a dar o primeiro golpe? Será que uma palavra ofensiva não escapou de vocês? Ou será que deixaram de usar toda moderação necessária? Sem dúvida, o seu adversário está errado ao se mostrar excessivamente suscetível; mas isso é mais uma razão para vocês serem indulgentes e para não merecerem a reprovação que vocês remetem a ele. Vamos admitir que, numa determinada circunstância, vocês realmente tenham sido a parte ofendida; quem disse que vocês não tenham envenenado as coisas através de represálias, e que não transformaram em uma séria querela aquilo que facilmente poderia ter caído no esquecimento? Se dependia de vocês impedir as consequências dessa querela e se vocês não as impediram, então vocês são culpados. Admitamos, enfim, que vocês não tenham absolutamente nenhuma reprovação a fazer a si mesmos: então vocês teriam ainda mais mérito em mostrar que são clementes.

Todavia, existem duas maneiras bem diferentes de perdoar: o perdão dos lábios e o perdão do coração. Muita gente diz do seu adversário: "Eu lhe perdoo", enquanto interiormente sentem um secreto prazer pelo mal que ocorre com seu adversário, dizendo consigo que ele não tem mais do que merece. Quantos dizem: "Eu perdoo", e acrescentam: "mas jamais me reconciliarei; nunca mais o verei na minha vida." Será esse o perdão segundo o Evangelho? Não; o verdadeiro perdão, o perdão cristão, é aquele que lança um véu sobre o passado; esse é o único perdão que lhes será levado em conta, pois Deus não se contenta com as aparências; ele sonda o fundo dos corações e os mais secretos pensamentos; ninguém se impõe a ele por meio de palavras e simulações vãs. O completo e absoluto esquecimento das ofensas é próprio

das grandes almas; o rancor é sempre sinal de baixeza e de inferioridade. Não se esqueçam de que o verdadeiro perdão é reconhecido muito mais pelos atos do que pelas palavras.

PAULO, apóstolo (Lyon, 1861)

A indulgência

16. Espíritas, hoje nós queremos lhes falar da indulgência, esse sentimento tão doce e tão fraternal que todo homem deve ter para com seus irmãos, mas do qual pouquíssimas pessoas fazem uso.

A indulgência não vê os defeitos alheios, ou, quando vê, evita comentá-los e divulgá-los; ao contrário, ela os oculta, a fim de que só se tornem conhecidos por causa dela, e se a malevolência os descobre, a indulgencia sempre tem uma desculpa pronta para compensá-los, isto é, uma desculpa plausível, séria, e não daquelas que, tendo a aparência de atenuar a falta, a evidenciam, com uma pérfida artimanha.

A indulgência jamais se ocupa com os maus atos dos outros, a menos que seja para prestar um serviço, mas, ainda assim, ela tem o cuidado de os atenuar tanto quanto possível. Ela não faz observações constrangedoras nem traz censura nos lábios, mas somente conselhos — e quase sempre velados. Quando vocês lançam uma crítica, que consequência se deve tirar das suas palavras? A de que vocês, que acusam, não fariam o que estão reprovando; que vocês valem mais do que o culpado. Ó homens! Quando será que vocês julgarão os seus próprios corações, seus próprios pensamentos, seus próprios atos, sem se ocuparem com o que seus irmãos estão fazendo? Quando abrirão apenas para si mesmos os seus olhos severos?

Desse modo, sejam severos para com vocês mesmos e indulgentes para com os outros. Lembrem-se daquele que julga em última instância, aquele que vê os secretos pensamentos de cada coração, aquele que consequentemente perdoa muitas vezes os erros que vocês censuram, ou condena os erros que vocês desculpam, porque ele conhece a causa de todos os atos; lembrem-se também que vocês que gritam bem alto “anátema!” talvez tenham cometido faltas mais graves.

Sejam indulgentes, meus amigos, pois a indulgência atrai, acalma e reergue, ao passo que o rigor afasta, irrita e desanima.

JOSÉ, Espírito protetor. (Bordeaux, 1863)

17. Sejam indulgentes com as faltas alheias, quaisquer que sejam elas; não julguem com severidade a não ser as suas próprias ações e o Senhor usará de indulgência para com vocês, assim como a tiverem usado para com os outros.

Apoiem os fortes: encorajem a perseverança deles; fortaleçam os fracos em lhes mostrando a bondade de Deus, que leva em conta o menor arrependimento; mostrem a todos o anjo da contrição estendendo suas asas brancas sobre as faltas humanas e ocultando-os assim dos olhos daquele que não pode ver o que é impuro. Compreendam todos a misericórdia infinita do Pai de vocês e não se esqueçam nunca de lhe dizer, pelo pensamento e sobretudo pelos atos: "Perdoe nossas ofensas, como perdoamos aos que nos têm ofendido." Compreendam bem o valor destas sublimes palavras; não só a letra é admirável, mas também o ensinamento que contém.

O que vocês querem quando pedem ao Senhor o perdão para vocês? Será que é apenas o esquecimento das ofensas? Esquecimento que lhes deixaria sem nada? Porque se Deus se contentasse em esquecer as faltas de vocês, ele não puniria, ***mas também não recompensaria***. A recompensa não pode ser o prêmio do bem que não foi feito, e tampouco do mal que tenha sido praticado, mesmo que esse mal fosse esquecido. Ao lhe pedir perdão para as suas transgressões, o que vocês estão pedindo é o favor de suas graças para não caírem de novo; é a força necessária para ingressar num caminho novo, caminho da submissão e do amor, no qual vocês poderão conciliar a reparação com o arrependimento.

Quando perdoarem seus irmãos, não se contentem em estender o véu do esquecimento sobre as faltas deles, pois esse véu muitas vezes é bem transparente aos seus olhos; levem-lhes amor ao mesmo tempo que o perdão; façam por eles o que pediriam que o Pai celestial fizesse por vocês. Substituam a cólera que contamina pelo amor que purifica. Preguem pelo exemplo essa caridade ativa e infatigável que Jesus lhes ensinou; preguem como ele mesmo o fez durante todo o tempo em que ele viveu na Terra, visível

aos olhos do corpo, e como ele ainda prega sem cessar, desde que ele se tornou visível somente aos olhos do Espírito. Sigam esse modelo divino; marchem sobre as pegadas dele; elas lhes conduzirão ao recanto de refúgio onde encontrarão o repouso após a luta. Assim como ele, cada qual tome a sua cruz e suba penosamente — mas corajosamente — o seu próprio calvário: lá no cume está a glorificação.

JOÃO, bispo de Bordeaux (1862)

18. Caros amigos, sejam severos consigo e indulgentes com as fraquezas dos outros; esta é também uma prática de santa caridade, que bem poucas pessoas observam. Todos vocês têm más inclinações a vencer, defeitos a corrigir e hábitos a modificar; todos vocês têm um fardo mais ou menos pesado a carregar para subirem ao cume da montanha do progresso. Então por que vocês são tão observadores com relação ao próximo e tão cegos com relação a vocês mesmos? Quando deixarão de perceber nos olhos do seu irmão o cisco que os incomoda, sem perceberem nos seus próprios olhos a trave que lhes cega e lhes faz caminhar de queda em queda? Acreditem nos seus irmãos, os Espíritos: todo homem, orgulhoso o bastante para se achar superior, em virtude e em mérito, em relação aos seus irmãos encarnados, é insensato e culpado, e Deus o castigará no dia da sua justiça. O verdadeiro caráter da caridade é a modéstia e a humildade, que consistem em não ver — a não ser superficialmente — os defeitos alheios e para procurar valorizar o que nele há de bom e virtuoso; pois, conquanto o coração humano seja um abismo de corrupção, sempre existe em alguns dos seus refolhos mais recônditos a semente de alguns bons sentimentos, a centelha vivaz da essência espiritual.

Espiritismo, doutrina consoladora e bendita! Felizes os que te conhecem e aproveitam os salutares ensinamentos dos Espíritos do Senhor! Para estes, o caminho está iluminado, e ao longo de todo o trajeto eles podem ler estas palavras que lhes indicam o meio de chegarem ao objetivo: caridade efetiva, caridade do coração, caridade para com o próximo como para si mesmo; em síntese, caridade para com todos e amor a Deus acima de todas as coisas, porque o amor de Deus resume todos os deveres e porque é impossível

realmente amar a Deus sem praticar a caridade, da qual ele fez uma lei para todas as suas criaturas.

DUFÊTRE, bispo de Nevers (Bordeaux)

É permitido repreender os outros, notar as imperfeições de outrem e divulgar o mal alheio?[31]

19. Já que ninguém é perfeito, será que alguém tem o direito de repreender o seu próximo?

Seguramente que tem, pois cada um de vocês deve trabalhar pelo progresso de todos, e sobretudo daqueles cuja tutela lhes foi confiada; mas isso é uma razão para fazê-lo com moderação, para uma finalidade útil, e não — como se faz na maioria das vezes — pelo prazer de denegrir. Neste último caso, a repreensão é uma maldade; no primeiro caso, é um dever que a caridade manda cumprir com todas as precauções possíveis; e ainda assim, a acusação que lançarmos a outrem devemos ao mesmo tempo dirigir a nós mesmos, perguntando-nos também se não a merecemos.

SÃO LUÍS (Paris, 1860)

20. Será repreensível observarmos as imperfeições dos outros, quando daí não possa resultar nenhum proveito para eles, e mesmo que não as divulguemos?

Tudo depende da intenção; certamente não é proibido enxergar o mal, quando o mal existe; seria até inconveniente ver em toda parte somente o bem, pois essa ilusão prejudicaria o progresso. O erro está em transformar essa observação em prejuízo para o próximo, desqualificando-o sem necessidade perante a opinião pública. Seria também repreensível fazer isso apenas por prazer pessoal com um sentimento de malevolência e de satisfação em pegarmos os outros em falta. Ocorre completamente o contrário quando, lançando um véu sobre o mal ante o público, nós nos limitamos a

[31] Este subtítulo está ausente na obra original, talvez por um descuido, já que aparece no sumário e no cabeçalho do capítulo; por isso o inserimos aqui, seguindo a ordem das temáticas listadas. — N. T.

observá-lo para um proveito pessoal, ou seja, para estudar e evitar aquilo que censuramos nos outros. Essa observação, aliás, não é proveitosa ao moralista? Como ele pintaria os defeitos da humanidade, se não estudasse os modelos?

SÃO LUÍS (Paris, 1860)

21. Existem casos em que seja útil revelar o mal alheio?

Esta questão é muito delicada, e é aqui que devemos fazer um apelo à caridade bem compreendida. Se as imperfeições de uma pessoa não prejudicam senão a ela mesma, jamais haverá utilidade em torná-la conhecida; mas se elas podem levar prejuízo aos outros, deve-se preferir o interesse do maior número ao interesse de um só. De acordo com as circunstâncias, desmascarar a hipocrisia e a mentira pode ser um dever, pois é melhor que um homem caia do que muitos se enganarem e se tornarem suas vítimas. Em semelhante caso, é preciso pesar a soma das vantagens e das inconveniências.

SÃO LUÍS (Paris, 1860)

CAPÍTULO XI

AMAR O PRÓXIMO COMO A SI MESMO

O maior mandamento. Fazer aos outros o que gostaríamos que os outros nos fizessem. Parábola dos credores e dos devedores – Dar a César o que é de César – INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS**: A lei de amor – O egoísmo – A fé e a caridade – Caridade para com os criminosos – Devemos expor a vida por um malfeitor?**

O maior mandamento. Fazer aos outros o que gostaríamos que os outros nos fizessem. Parábola dos credores e dos devedores

1. Os fariseus, tendo ouvido falar que ele havia calado a boca dos saduceus, reuniram-se em assembleia; então, um deles, que era doutor da lei, veio lhe fazer esta pergunta, para tentá-lo: Mestre, qual é o maior mandamento da lei? — Jesus lhe respondeu: Ame o Senhor teu Deus de todo o coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito; este é o maior e o primeiro mandamento. E aqui está o segundo, que é semelhante ao primeiro: Ame o teu próximo como a ti mesmo. Toda a lei e os profetas estão contidos nesses dois mandamentos. (São Mateus, 22: 34 a 40)

2. Façam aos homens o que vocês gostariam que eles lhes fizessem, pois esta é a lei e os profetas. (São Mateus, 7: 12)

Tratem todos os homens da mesma maneira como vocês gostariam que eles lhes tratassem. (São Lucas, 6: 31)

3. O reino dos céus é semelhante a um rei que queria pedir contas aos seus servos, e tendo começado a fazer isso, apresentou-se ao rei um dos servos

que lhe devia dez mil talentos. Mas como ele não tinha recursos para pagar, seu senhor mandou que o vendessem, ele, sua mulher, seus filhos e tudo o que ele possuía, para quitar aquela dívida. O servo, lançando-se aos pés do rei, implorou-lhe, dizendo: Senhor, tenha um pouco de paciência e eu te pagarei tudo. — Então o senhor daquele servo, ficando tocado de compaixão, o deixou ir e lhe perdoou a dívida. Mas esse servo, mal saindo dali, encontrou um de seus companheiros, que lhe devia cem denários, segurou-o pelo pescoço e quase o estrangulou, dizendo-lhe: Pague-me o que você me deve. — E o seu companheiro, lançando-se aos seus pés, implorou-lhe, dizendo: Tenha um pouco de paciência e eu te pagarei tudo. — Mas ele não quis escutá-lo, foi embora e mandou prendê-lo, para ali ficar até que ele pagasse o que lhe devia.

Os outros servos, seus companheiros, vendo o que se passava, ficaram extremamente sensibilizados e informaram o seu senhor de tudo o que havia acontecido. Então o senhor, tendo mandado trazê-lo, disse-lhe: Servo malvado, eu tinha perdoado tudo o que você me devia, porque me pediste; então, não era para você também ter piedade do teu companheiro, como eu tive piedade de você? — E o seu senhor, tomado de cólera, o entregou nas mãos dos carrascos, até que ele pagasse tudo o que devia.

Será dessa forma que meu Pai que está no céu lhes tratará, se cada um de vocês não perdoar, do fundo do seu coração, as faltas que seus irmãos tiverem cometido contra vocês. (São Mateus, 18: 23 a 35)

4. “Amar o próximo como a si mesmo; fazer pelos outros o que gostaríamos que os outros fizessem por nós” é a expressão mais completa da caridade, pois ela resume todos os deveres para com o próximo. Não podemos ter um guia mais seguro a esse respeito do que tomando como medida que devemos fazer aos outros aquilo que desejamos para nós mesmos. Com que direito podemos exigir dos nossos semelhantes um comportamento melhor, mais indulgência, mais benevolência e mais devotamento do que nós temos para com eles? A prática desses preceitos tende à destruição do egoísmo; quando os homens os acatarem como regra de sua conduta e como base de suas instituições, então eles compreenderão a verdadeira fraternidade e farão reinar entre eles a paz e a justiça; não mais haverá nem ódios nem dissensões, mas sim união, concórdia e benevolência mútua.

Dar a César o que é de César

5. Então os fariseus, retirando-se, planejaram entre si surpreendê-lo com suas próprias palavras. Assim, enviaram-lhe seus discípulos junto com os herodianos, para lhe dizerem: Mestre, sabemos que o senhor é verdadeiro e que está ensinando o caminho de Deus pela verdade, sem se preocupar com quem quer que seja, porque não faz diferença com ninguém entre os homens; diga-nos, pois, a tua opinião sobre isso: Nós estamos livres de pagar tributo a César, ou de não o pagar?

Mas Jesus, conhecendo a malícia deles, respondeu-lhes: Hipócritas, por que me tentam? Mostrem-me uma moeda que se dá como tributo. E quando eles lhe apresentaram um denário, Jesus lhes perguntou: De quem é esta imagem e esta inscrição? — De César, eles lhe disseram. Então Jesus lhes respondeu: ***Então, deem a César o que é de César e a Deus o que é de Deus***.

Ouvindo-o falar dessa maneira, eles ficaram admirados com a resposta de Jesus e, deixando-o, eles se retiraram. (São Mateus, 22: 15 a 22; são Marcos, 12: 13 a 17)

6. A questão proposta a Jesus era motivada por aquela circunstância em que os judeus, tendo horror ao tributo que lhes era cobrado pelos romanos, tinham feito disso uma questão religiosa; um partido numeroso havia sido formado para rejeitar o imposto; portanto, o pagamento do tributo era para eles uma questão irritante da atualidade, sem o que, não faria nenhum sentido a pergunta feita a Jesus: “Estamos livres de pagar ou não pagar o tributo a César?” Essa pergunta era uma armadilha, porque, conforme a resposta de Jesus, os fariseus esperavam incitar os judeus dissidentes contra ele ou contra a autoridade romana. Porém, “Jesus, conhecendo a malícia deles”, contornou a dificuldade ao lhes dar uma lição de justiça e ao dizer que a cada um fosse dado o que lhe era devido. (Veja na Introdução, o item *Publicanos.*)

7. Esta máxima “Deem a César o que é de César” não deve ser entendida de uma maneira restritiva e absoluta. Como todos os ensinos de Jesus, trata-se de um princípio geral, resumido sob uma forma prática e usual, e deduzido de uma circunstância particular. Esse princípio é uma consequência daquele que diz para agirmos com os outros como gostaríamos que os outros agissem para

conosco; ele condena todo prejuízo material e moral que se possa causar a outro alguém e toda violação de seus interesses; ele recomenda o respeito aos direitos de cada um, como cada um deseja que se respeite os seus; ele se estende até o cumprimento dos deveres contraídos para com a família, a sociedade, a autoridade, assim também para com os indivíduos.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

A lei de amor

8. O amor resume toda a doutrina de Jesus, porque esse é o sentimento por excelência, e os sentimentos são os instintos elevados à altura do progresso realizado. No seu ponto de partida, o homem só tem instintos; quando mais avançado e corrompido, ele não tem nada além de sensações; mais instruído e purificado, ele tem sentimentos. E o ponto requintado do sentimento é o amor; não o amor no sentido vulgar da palavra, mas esse sol interior que condensa e reúne em seu ardente foco todas as aspirações e todas as revelações sobre-humanas. A lei de amor substitui a personalidade pela integração dos seres; ela aniquila as misérias sociais. Feliz aquele que, ultrapassando a sua humanidade, ama com um amplo amor os seus irmãos em sofrimento! Feliz aquele que ama, porque não conhece nem a aflição da alma nem a do corpo; seus pés são ágeis e ele vive como que transportado para fora de si mesmo. Quando Jesus pronunciou essa palavra divina de amor, essa palavra fez os povos estremecerem e os mártires, ébrios de esperança, desceram ao espetáculo.

O espiritismo, por sua vez, vem pronunciar uma segunda palavra do alfabeto divino; fiquem atentos, pois essa palavra ergue a lápide dos túmulos vazios: é a ***reencarnação***, que, triunfando sobre a morte, revela ao homem deslumbrado o seu patrimônio intelectual. Já não é ao suplício que ela o conduz, mas à conquista do seu ser, elevado e transfigurado. O sangue resgatou o Espírito e hoje o Espírito deve resgatar o homem da matéria.

Eu disse que o homem, na sua origem, só tem instintos; portanto, aquele em quem os instintos predominam está mais perto do ponto de partida do

que do objetivo. Para avançar rumo ao objetivo, é preciso superar os instintos em favor dos sentimentos, quer dizer, aperfeiçoar os sentimentos sufocando os germes latentes da matéria. Os instintos são a germinação e os embriões do sentimento; eles trazem consigo o progresso, como a bolota traz em si o carvalho, e os seres menos avançados são os que, só se despojando de suas crisálidas pouco a pouco, permanecem servis aos seus instintos. O Espírito deve ser cultivado como um campo; toda a riqueza futura depende do labor atual, e muito mais que os bens terrenos, ele lhes levará até a elevação gloriosa. É então que, compreendendo a lei de amor que une todos os seres, vocês nela buscarão as suaves alegrias da alma, que são o prelúdio das alegrias celestes.

LÁZARO (Paris, 1862)

9. O amor é de uma essência divina, e vocês — desde o primeiro até o último — possuem no fundo do coração a centelha desse fogo sagrado. Esse é um fato que vocês já puderam constatar muitas vezes: por mais que o homem seja abjeto, vil e criminoso, ele tem uma afeição viva e ardente por um ser ou por um objeto qualquer, à prova de tudo quanto tendesse a diminuir essa afeição, e frequentemente alcançando proporções sublimes.

Eu disse: por um ser ou por um objeto qualquer, porque entre vocês existem indivíduos que gastam tesouros de amor, do qual seus corações estão transbordados, em favor dos animais, das plantas e até de objetos materiais: espécies de misantropos que se queixam da humanidade em geral e se endurecem contra a inclinação natural da alma, que busca em torno de si a afeição e a simpatia; eles rebaixam a lei de amor ao estado de instinto. Contudo, por mais que façam, eles não conseguem sufocar o germe vivaz que Deus depositou no coração quando eles foram criados; essa semente se desenvolve e cresce com a moralidade e a inteligência, e conquanto muitas vezes oprimido pelo egoísmo, ela é a fonte de santas e doces virtudes que tornam as afeições sinceras e duráveis, e que ajudam vocês a transpor o caminho escarpado e árido da existência humana.

Existem algumas pessoas para quem a prova da reencarnação causa repugnância, só pelo fato de que outros indivíduos compartilham das

simpatias afetuosas das quais elas têm ciúmes. Pobres irmãos! É a sua própria afeição que lhes torna egoístas; o amor de vocês está restrito a um círculo íntimo de parentes e de amigos, e todos os demais são indiferentes para vocês. Pois bem! Para praticar a lei de amor tal como Deus a entende, é preciso que vocês cheguem gradualmente a amar a todos os seus irmãos indistintamente. A tarefa será longa e difícil, mas ela se realizará: Deus quer assim e a lei de amor é o primeiro e o mais importante preceito da sua nova doutrina, porque é ela que um dia deverá matar o egoísmo, seja qual for a forma sob a qual ele se apresente, uma vez que, além do egoísmo pessoal, há ainda o egoísmo de família, de casta, de nacionalidade etc. Jesus disse: "Amem o próximo como a vocês mesmos"; ora, qual é o limite para o próximo? Seria a família, a seita, a nação? Não; é a humanidade inteira. Nos mundos superiores, é o amor mútuo que harmoniza e dirige os Espíritos avançados que os habitam, e este seu planeta, destinado a um progresso que se aproxima, através da sua transformação social, verá seus habitantes praticarem essa lei sublime, reflexo da Divindade.

Os efeitos da lei de amor são o melhoramento moral da raça humana e a felicidade durante a vida terrestre. Os mais rebeldes e os mais viciosos deverão se reformar quando virem os benefícios produzidos por esta prática: Não façam aos outros o que vocês não gostariam que os outros lhes fizessem; mas, ao contrário, façam todo o bem que vocês puderem fazer por eles.

Não creiam na esterilidade e no endurecimento do coração humano; mesmo a contragosto, ele cede ao amor verdadeiro; é um ímã ao qual ele não consegue resistir, e o contato desse amor vivifica e fecunda as sementes dessa virtude, que está em seus corações em estado latente. A Terra, instância de provações e de exílio, será então purificada por esse fogo sagrado e verá se praticar a caridade, a humildade, a paciência, o devotamento, a abnegação, a resignação e o sacrifício, que são virtudes filhas do amor. Então, não se cansem de escutar as palavras de João, o Evangelista; como vocês sabem, quando a enfermidade e a velhice dele suspenderam o curso de suas pregações, ele apenas repetia estas doces palavras: "Meus filhinhos, amem-se uns aos outros."

Caros irmãos amados, aproveitem essas lições; a sua prática é difícil, mas

a alma retira delas um bem imenso. Creiam em mim, façam o sublime esforço que lhes peço: “Amem-se”, e em breve vocês verão a Terra modificada, tornando-se o Elísio[32] onde as almas dos justos virão desfrutar do repouso.

FÉNELON (Bordeaux, 1861)

10. Meus caros condiscípulos, os Espíritos aqui presentes lhes dizem por meio da minha voz: Amem bastante, a fim de serem amados. Esse pensamento é tão justo que vocês encontrarão nele tudo o que consola e acalma os sofrimentos de cada dia; ou melhor: praticando esse sábio preceito, vocês vão se elevar tão acima da matéria que se espiritualizarão antes do seu desprendimento terrestre. Tendo os estudos espíritas desenvolvido em vocês a compreensão do futuro, vocês têm uma certeza: a do avanço rumo a Deus, com todas as promessas que correspondem às aspirações da alma; assim, vocês devem se elevar alto o suficiente para poderem julgar sem as pressões da matéria, e não condenar o próximo, antes de ter dirigido o pensamento a Deus.

Amar, no sentido profundo do termo, é ser leal, probo e consciencioso para fazer aos outros aquilo que se desejaria para si mesmo; é procurar em torno de si o significado íntimo de todas as dores que acabrunham os irmãos, para lhes levar um alívio; é olhar a grande família humana como a sua, porque essa família vocês a encontrarão num certo período, em mundos mais adiantados, e que os Espíritos que a compõem são — como vocês — filhos de Deus, marcados na fronte para se elevarem ao infinito. É por isso que vocês não podem recusar aos seus irmãos o que Deus generosamente lhes dá, porque, da parte de vocês, eu sei que ficariam muito felizes se seus irmãos lhes dessem aquilo de que vocês necessitam. Para todos os sofrimentos, então, levem sempre uma palavra de esperança e de apoio, para que sejam todo amor, todo justiça.

Creiam que este sábio provérbio “Amem bastante, para serem amados” fará o seu caminho; ele é revolucionário e segue a rota que é fixa e invariável. Mas vocês já venceram, vocês que me escutam; vocês são infinitamente melhores do que eram há cem anos; já se modificaram tanto para melhor que já aceitam sem contestação um monte de ideias novas sobre a liberdade e a

[32] Elísio: referência à mansão dos heróis e dos justos, segundo a mitologia greco-romana. N. T.

fraternidade que antes teriam rejeitado. Ora, daqui a cem anos, vocês aceitarão com a mesma facilidade as ideias que ainda não puderam entrar no seu cérebro.

Hoje, que o movimento espírita tem dado um grande passo, vejam com que rapidez as ideias de justiça e renovação contidas nos ditados dos Espíritos são aceitas pela parte mediana do mundo inteligente; é que essas ideias correspondem a tudo o que há de divino em vocês; é que vocês já estão preparados para uma sementeira fecunda: a do último século, que implantou no seio da sociedade as grandes ideias de progresso; e como tudo se encadeia sob a direção do Altíssimo, todas as lições recebidas e aceitas estarão contidas nessa troca universal de amor ao próximo; por ele, os Espíritos encarnados, julgando melhor e sentindo melhor, se estenderão as mãos desde os confins deste planeta; todos vão se reunir para se entenderem e se amarem, para destruírem todas as injustiças e todas as causas de desentendimentos entre os povos.

Grande pensamento de renovação pelo espiritismo, tão bem descrito em ***O Livro dos Espíritos***, você produzirá o grande milagre do século vindouro: o milagre de união de todos os interesses materiais e espirituais do homem, pela aplicação deste preceito bem compreendido: Amem bastante, para serem amados.

SANSON, antigo membro da Sociedade Espírita de Paris (1863)

O egoísmo

11. O egoísmo — esta chaga da humanidade — deve desaparecer da Terra, da qual ele impede o progresso moral, e é ao espiritismo que está reservada a tarefa de fazer a Terra elevar-se na hierarquia dos mundos. O egoísmo é, pois, o alvo para o qual todos os verdadeiros crentes devem apontar suas armas, sua força e sua coragem; eu digo: sua coragem, porque é preciso mais coragem para vencer a si mesmo do que para vencer os outros. Então, que cada um concentre todos os seus esforços em combater o próprio egoísmo, pois esse monstro devorador de todas as inteligências, esse filho do orgulho é

a fonte de todas as misérias deste mundo. Ele é a negação da caridade e, por conseguinte, o maior obstáculo à felicidade humana.

Jesus lhes deu o exemplo da caridade e Pôncio Pilatos deu o exemplo do egoísmo, pois enquanto o Justo vai percorrer as santas estações de seu martírio, Pilatos lava as mãos, dizendo: Que me importa?! E diz aos judeus: Este homem é justo; por que querem crucificá-lo? — e mesmo assim, ele permite que o conduzam ao suplício.

É a esse antagonismo entre a caridade e o egoísmo, e à invasão dessa lepra do coração humano que o cristianismo deve o fato de ainda não ter cumprido toda a sua missão. Cabe a vocês, novos apóstolos da fé a quem os Espíritos superiores esclarecem, a empreitada e o dever de extirpar esse mal, para dar ao cristianismo toda a sua força e desobstruir a rota dos obstáculos que entravam a sua marcha. Afastem o egoísmo da Terra, para que ela possa gravitar na escala dos mundos, pois já é tempo de a humanidade vestir seu manto viril, e para isso é preciso primeiro expulsar o egoísmo do coração de vocês.

EMMANUEL (Paris, 1861)

12. Se os homens se amassem com um amor recíproco, a caridade seria mais bem praticada; mas, para isso, seria preciso que vocês se esforçassem para se livrarem dessa couraça que cobre seus corações, a fim de se tornarem mais sensíveis com aqueles que sofrem. A rigidez mata os bons sentimentos; o Cristo não se desanimava, pois quem se dirigisse a ele, seja quem fosse, jamais era rejeitado: a mulher adúltera, o criminoso, todos eram socorridos por ele; Jesus nunca temeu que a sua reputação pudesse sofrer com isso. Portanto, quando é que vocês vão tomar o Cristo como modelo de todas as suas ações? ***Se a caridade reinasse na Terra, o ímpio não mais teria influência; ele fugiria envergonhado e se esconderia, porque em toda parte se sentiria deslocado***. Aí então a maldade desapareceria, estejam bem certos disso.

Comecem a dar o exemplo por vocês mesmos; sejam caridosos para com todos, indistintamente; esforcem-se para não notar aqueles que olham para vocês com desdém, e deixem a Deus o cuidado de toda a justiça, pois a cada dia, em seu reino, ele separa o joio do trigo.

O egoísmo é a negação da caridade; ora, sem a caridade não existe tranquilidade na sociedade humana; eu digo mais: não existe segurança. Com o egoísmo e o orgulho, que se dão as mãos, será sempre uma corrida para os mais espertos, uma luta de interesses em que as mais santas afeições são pisoteadas e os laços sagrados da família nem sequer são respeitados.

PASCAL (Sens, 1862)

A fé e a caridade

13. Eu lhes disse anteriormente, meus caros filhos, que a caridade sem a fé não era suficiente para manter entre os homens uma ordem social capaz de os tornar felizes. Eu deveria ter dito que a caridade é impossível sem a fé. Vocês poderão, é verdade, até encontrar impulsos generosos ainda que em pessoas sem religião; mas essa caridade austera que só pode ser exercida com a abnegação e com um sacrifício constante de todo interesse egoísta, somente a fé pode inspirá-la, porque só ela nos faz carregar com coragem e perseverança a cruz desta vida.

Sim, meus filhos, é em vão que o homem ávido de prazeres queira se iludir sobre a sua destinação aqui na Terra, achando que lhe seja permitido se ocupar unicamente com a própria felicidade. É certo que Deus nos criou para sermos felizes na eternidade; no entanto, a vida terrena deve servir apenas para o nosso aperfeiçoamento moral, o qual se adquire mais facilmente com a ajuda dos órgãos físicos e do mundo material. Sem contar as vicissitudes comuns da vida, a diversidade dos gostos de vocês — assim como os seus pendores e as suas necessidades — também é um meio de vocês se aperfeiçoarem, exercitando a caridade. Pois, somente à custa de concessões e de sacrifícios mútuos é que vocês podem manter a harmonia entre elementos tão diversos.

Entretanto, vocês têm razão em afirmar que a felicidade está destinada ao homem aqui neste mundo — desde que vocês a procurem não nos prazeres materiais, mas na bondade. A história da cristandade fala de mártires que caminharam para o suplício com alegria; hoje, e na sociedade de vocês, para ser um cristão não é preciso nem o holocausto do martírio nem o

sacrifício da vida, mas única e simplesmente o sacrifício do seu próprio egoísmo, do seu próprio orgulho e da sua própria vaidade. Vocês triunfarão — se a caridade lhes inspirar e se a fé lhes sustentar.

ESPÍRITO PROTETOR (Cracóvia, 1861)

Caridade para com os criminosos

14. A verdadeira caridade é um dos mais sublimes ensinamentos que Deus tem dado ao mundo. Deve existir entre os autênticos discípulos da sua doutrina uma fraternidade completa. Vocês devem amar os infelizes, os criminosos, como criaturas de Deus, aos quais o perdão e a misericórdia serão concedidos se eles se arrependerem, como a vocês mesmos, pelas faltas que cometem contra a lei divina. Considerem-se mais repreensíveis, mais culpados do que aqueles a quem vocês recusam o perdão e a comiseração, pois muitas vezes eles não conhecem Deus como vocês o conhecem; então eles serão menos cobrados do que vocês.

Não julguem! Oh, meus caros amigos, não julguem! Pois o julgamento que vocês usarem será aplicado ainda mais severamente a vocês, e vocês precisam de indulgência para os pecados que cometem sem cessar. Por acaso não sabem que há muitas ações que são crimes aos olhos do Deus de pureza e que o mundo nem sequer considera como faltas leves?

A verdadeira caridade não consiste somente na esmola que vocês dão, nem mesmo nas palavras de consolação que com as quais vocês podem acompanhá-la; não, não é apenas isso o que Deus exige de vocês. A caridade sublime ensinada por Jesus consiste também na benevolência concedida sempre e em todas as coisas para com o próximo. Vocês ainda podem exercer essa sublime virtude com as pessoas que não têm nenhuma necessidade de esmolas, mas a quem algumas palavras de amor, de consolação e de encorajamento conduzirão ao Senhor.

A hora está próxima, eu lhes digo de novo, em que a grande fraternidade reinará nesse globo; a lei do Cristo é aquela que governará os homens: somente ela será o freio e a esperança, ela conduzirá as almas às moradas bem-aventuradas. Amem-se, portanto, como filhos de um mesmo Pai; não

façam diferença entre os outros infelizes, pois é Deus quem deseja que todos sejam iguais; então não desprezem ninguém; Deus permite que grandes criminosos estejam entre vocês para que lhes sirvam de ensinamento. Em breve, quando os homens estiverem submetidos às verdadeiras leis de Deus, não haverá mais necessidade desses ensinamentos, e ***todos os Espíritos impuros e revoltados serão banidos para mundos inferiores, de acordo com as suas tendências***.

Vocês devem o socorro das suas preces àquele de quem falo: essa é a verdadeira caridade. Não se deve falar de um criminoso: "Isso é um miserável; é preciso expurgar a Terra de gente assim; a morte que lhe é infligida é muito branda para um ser dessa espécie." Não, não é assim que vocês devem falar. Observem o modelo para vocês: Jesus; o que ele diria se visse esse infeliz perto dele? Teria pena dele, iria considerá-lo como um enfermo muito infeliz e lhe estenderia a mão. Vocês não podem fazer o mesmo, na realidade, mas pelo menos vocês podem orar por ele, ajudar o Espírito dele durante alguns instantes que ele ainda deva passar nesta Terra. O arrependimento pode lhe tocar o coração, se vocês orarem com fé. Ele é seu próximo tanto quanto o melhor dos homens; sua alma, transviada e rebelde, foi criada como a de vocês, para se aperfeiçoar; então, ajudem-no a sair do lamaçal e orem por ele.

ELIZABETH DE FRANÇA (Le Havre, 1862)

Devemos expor a vida por um malfeitor? [33]

15. *Um homem está em perigo de morte; para salvá-lo, alguém precisa expor a própria vida; porém, sabe-se que aquele homem é um malfeitor e que, se ele escapar, poderá cometer novos crimes. Apesar disso, alguém deve se arriscar para salvá-lo?*

Esta é uma questão muito grave e que de fato pode surgir na nossa mente. Eu responderei conforme o meu adiantamento moral, pois nesse ponto, estamos diante do fato de sabermos se alguém deve expor sua própria

[33] Este subtítulo está ausente na obra original, talvez por um descuido, já que aparece no sumário e no cabeçalho do capítulo; por isso o inserimos aqui, seguindo a ordem das temáticas listadas. — N. T.

vida por um malfeitor. O devotamento é cego: socorre-se um inimigo, então devemos socorrer o inimigo da sociedade — numa palavra, um malfeitor. Vocês acham que é somente da morte que esse infeliz seja resgatado? Talvez, seja de toda a sua vida passada. Imaginem, pois, que nos rápidos instantes em que lhe tiramos os derradeiros minutos de vida, o homem perdido relembra sua vida passada, ou melhor, ela se ergue diante dele. A morte, quem sabe, esteja chegando cedo demais para ele e a sua reencarnação poderá ser terrível. Então, lancem-se, homens! Vocês, a quem a ciência espírita já esclareceu; lancem-se, resgatem-no da perdição e, possivelmente, esse homem — que teria morrido blasfemando vocês — se jogará nos seus braços. Desse modo, vocês não precisam indagar se farão ou não farão isso; mas vão em socorro dele, porque, salvando-o, vocês estão obedecendo àquela voz do coração que lhes diz: “Podem salvá-lo, salvem-no!”

LAMENNAIS (Paris, 1862)

CAPÍTULO XII

AMEM SEUS INIMIGOS

Retribuir o mal com o bem – Os inimigos desencarnados – Se alguém lhes bater na face direita, apresentem-lhe também a outra – INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS**: A vingança – O ódio – O duelo**

Retribuir o mal com o bem

1. Vocês ouviram o que foi dito: Amem o seu próximo e odeiem os seus inimigos. Eu, porém, lhes digo: ***Amem seus inimigos; façam o bem aos que lhes odeiam e orem por aqueles que lhes perseguem e lhes caluniam***, a fim de que vocês sejam os filhos do seu Pai que está nos céus, e que faz seu Sol se levantar para os bons e para os maus, e que faz chover sobre os justos e os injustos; pois, se vocês só amarem os que lhes amam, que recompensa terão com isso? Os publicanos também não fazem o mesmo? E se vocês só saudarem os seus irmãos, o que é que vocês estarão fazendo com isso mais do que os outros? Os pagãos não fazem a mesma coisa? Eu lhes digo que se a sua justiça não for mais abundante do que a dos escribas e dos fariseus, vocês não entrarão no reino dos céus. (São Mateus, 5: 43 a 47 e 20)

2. Se vocês não amarem ninguém além daqueles que lhes amam, que mérito terão por isso, já que as pessoas de má vida também amam aqueles que as amam? E se vocês fizerem o bem somente aos que lhes fazem bem, que mérito terão com isso, já que as pessoas de má vida fazem a mesma coisa? E se vocês só emprestarem àqueles de quem esperam receber o mesmo favor, que mérito terão com isso, já que as pessoas de má vida emprestam umas às outras da mesma forma, para receber a mesma vantagem? Mas, para vocês, ***amem seus inimigos, façam o bem a todos e emprestem sem nada esperar;*** e dessa forma a recompensa de vocês será grandíssima, e vocês serão os filhos do Altíssimo, porque ele é bom para os ingratos e até mesmo

> para os ímpios. Portanto, sejam plenos de misericórdia, como seu Deus é pleno de misericórdia. (São Lucas, 6: 32 a 36)

3. Se o amor ao próximo representa o princípio da caridade, amar os inimigos é a sua sublime aplicação, pois essa virtude é uma das maiores vitórias conquistadas contra o egoísmo e o orgulho.

Contudo, geralmente nos confundimos quanto ao significado da palavra ***amar*** nesta circunstância. Jesus não quis dizer, com essas palavras, que devemos ter para com o inimigo a mesma ternura que temos por um irmão ou por um amigo, porque ternura pressupõe confiança; ora, não podemos ter confiança numa pessoa sabendo que ela nos quer mal, nem ter para com ela manifestações de amizade, porque sabemos que ela pode abusar dessa amizade. Entre pessoas que desconfiam umas das outras, não pode haver as mesmas relações de simpatia que existem entre aquelas que estão em comunhão de pensamentos. Enfim, não podemos sentir a mesma satisfação em estar com um inimigo igual à satisfação de estar com um amigo.

Esse sentimento resulta inclusive de uma lei física: a de atração e de repulsão dos fluidos. O pensamento malévolo dirige uma corrente fluídica cuja impressão é penosa; já o pensamento benevolente nos envolve num eflúvio agradável; daí a diferença das sensações que experimentamos desde a aproximação de um amigo ou de um inimigo. Amar os inimigos, portanto, não pode significar que não devamos fazer diferença alguma entre estes e os amigos; esse preceito só parece complicado — e até mesmo impossível de ser praticado — porque algumas pessoas acham erradamente que ele recomenda dar a todos eles o mesmo lugar no coração. Se a pobreza da linguagem humana nos obriga a usarmos da mesma palavra para expressarmos diversos graus de um sentimento, a racionalidade deve estabelecer a diferença de acordo com cada caso.

Amar os inimigos não significa, portanto, ter por eles uma afeição que não está na natureza, pois o contato de um inimigo faz bater o coração de um modo totalmente diferente do contato de um amigo; significa não ter contra eles nem ódio, nem rancor e nem desejo de vingança; significa perdoá-los ***sem hesitação e sem condicionamentos*** pelo mal que eles nos fazem; significa

não colocar nenhum obstáculo à reconciliação; significa lhes desejar o bem, em vez de lhes desejar o mal; significa se alegrar, em vez de se afligir, quando lhes ocorre algo de bom; significa lhes estender uma mão de socorro, em caso de necessidade; significa se abster ***em palavras e em atos*** de tudo que os possa prejudicar; significa, finalmente, restituir-lhes todo o mal com o bem, ***sem intenção de os humilhar***. Quem faz isso cumpre as condições do mandamento: Amem os inimigos.

4. Amar os inimigos é um contrassenso para o incrédulo; aquele para quem a vida atual significa tudo não vê no seu inimigo nada além de um ser nocivo perturbando seu repouso e do qual ele acha que só a morte pode livrá-lo; daí vem o desejo de vingança; ele não tem nenhum interesse em perdoar, senão para satisfazer o seu orgulho aos olhos do mundo. Em certos casos, perdoar parece-lhe inclusive uma fraqueza indigna de si; se ele não se vinga, nem por isso deixa de conservar rancor e um secreto desejo de mal.

Para o crente, e sobretudo para o espírita, a maneira de ver é totalmente diferente, porque ele lança seu olhar sobre o passado e sobre o futuro, entre os quais a vida presente não passa de um ponto; ele sabe que, pela própria condição da Terra, nela ele deve esperar encontrar homens maus e perversos; que as maldades com as quais ele está em luta fazem parte das provas que ele deve suportar, e o ponto de vista elevado em que ele se encontra torna as dificuldades menos amargas — que elas venham dos homens ou das coisas. ***Se ele não se queixa das provações, também não deve se queixar daqueles que são os instrumentos das provações****; s*e ele, em vez de murmurar, agradece a Deus por pô-lo à prova, ***também deve agradecer a mão que lhe oferece a ocasião de demonstrar a sua paciência e a sua resignação***. Esse pensamento o dispõe naturalmente ao perdão; ele sente, além disso, que quanto mais for generoso, mais ele se engrandece aos seus próprios olhos e se coloca fora do alcance das flechas maléficas do seu inimigo.

O homem que ocupa uma posição elevada no mundo não se julga ofendido pelos insultos daquele que ele considera como seu inferior; assim se dá com aquele que no mundo moral se eleva acima da humanidade material, pois ele compreende que o ódio e o rancor o prejudicariam e o rebaixariam.

Ora, para ser superior ao seu adversário, é preciso que ele tenha a alma maior, mais nobre e mais generosa.

Os inimigos desencarnados

5. O espírita tem ainda outros motivos para ser indulgente com os seus inimigos. Ele sabe, primeiramente, que a maldade não é um estado permanente dos homens; sabe que ela se deve a uma imperfeição momentânea e que, assim como a criança se corrige dos seus defeitos, o homem mau um dia reconhecerá seus erros e se tornará bom.

O espírita sabe também que a morte o livra apenas da presença material do seu inimigo, mas que este pode persegui-lo com o seu ódio, mesmo após ter deixado a Terra; sabe que, nessa condição, a vingança não atinge o seu objetivo, já que, ao contrário, ela tem por efeito produzir uma irritação maior que pode continuar de uma existência para outra. Cabia ao espiritismo provar — pela experiência e pela lei que rege as relações entre o mundo visível e o mundo invisível — que a expressão ***extinguir o ódio com o sangue*** é radicalmente falsa, e o que é verdadeiro é que o sangue alimenta o ódio, mesmo no além-túmulo. Consequentemente, também cabia ao espiritismo dar uma razão de ser efetiva e uma utilidade prática ao perdão e àquele sublime ensinamento do Cristo: ***Amem seus inimigos***. Não há coração tão perverso que não seja tocado pelo bom procedimento — mesmo sem se dar conta. Através do bom procedimento, pelo menos nós removemos todo pretexto para as represálias, porque, de um inimigo, podemos fazer um amigo, antes e depois de sua morte. Já com um mau procedimento, a pessoa irrita o seu inimigo, ***que então serve de instrumento à justiça de Deus para punir aquele que não perdoou***.

6. Podemos, pois, ter inimigos entre os encarnados e entre os desencarnados; os inimigos do mundo invisível manifestam sua malevolência pelas obsessões e subjugações, contra as quais tanta gente está lutando, e que representam uma variedade das provações da vida; essas provações, como as demais, contribuem para o progresso e devem ser aceitas com resignação, além de

serem uma consequência da natureza inferior do globo terrestre; se não houvesse homens maus na Terra, não haveria maus Espíritos em torno dela. Portanto, se devemos ter indulgência e benevolência com os inimigos encarnados, igualmente devemos ter com aqueles que estão desencarnados.

Antigamente, sacrificava-se vítimas sangrentas para aplacar os deuses infernais — que não eram outros senão os maus Espíritos. Aos deuses infernais sucederam os demônios — que são a mesma coisa. O espiritismo vem provar que esses demônios não são outros senão as almas dos homens perversos, que ainda não depuraram os instintos materiais, ***que não se consegue aplacar a não ser pelo sacrifício do próprio ódio, isto é, pela caridade;*** vem provar que a caridade não tem por efeito somente impedi-los de fazer o mal, mas sim o de reconduzi-los ao caminho do bem e de contribuir para a salvação deles. É assim que o provérbio ***Amem seus inimigos*** não se limita ao círculo estreito da Terra e da vida presente, mas também entra nas grandes leis universais da solidariedade e da fraternidade.

Se alguém lhes bater na face direita, apresentem-lhe também a outra

> **7.** Vocês ouviram o que foi dito: olho por olho e dente por dente. Mas eu digo a vocês para não resistirem ao mal que alguém lhes queira fazer; mas que, ***se alguém lhes bater na face direita, apresentem-lhe também a outra face***; e se alguém quiser pleitear contra vocês, para lhes tomar a túnica, entreguem-lhe também o manto; e que se alguém lhes forçar a caminhar mil passos com ele, caminhem mais dois mil passos. Deem àquele que lhes pedir, e não rejeitem quem lhes queira tomar um empréstimo. (São Mateus, 5: 38 a 42)

8. Os preconceitos do mundo sobre o que convencionamos chamar ponto de honra produzem esse melindre sombrio, fruto do orgulho e da exaltação da personalidade, que leva o homem a pagar uma injúria com outra injúria, uma ofensa com outra ofensa, parecendo justiça para aquele cujo senso moral não se eleva acima das paixões terrenas; é por isso que a lei mosaica dizia: olho por olho, dente por dente — uma lei adequada ao tempo em que Moisés viveu. Então Cristo veio e disse: Retribuam o mal com o bem. E disse mais: “Não

resistam ao mal que alguém queira fazer a vocês; ***se alguém lhes bater numa face, apresentem-lhe a outra face***." Para quem é orgulhoso, este ensinamento parece uma covardia, pois ele não compreende que haja mais coragem em suportar um insulto do que em se vingar; e isso sempre por causa daquilo que faz com que sua visão não veja além do presente. Mas, será que deveríamos tomar esse ensinamento ao pé da letra? Não, como também aquele outro que diz para arrancar o olho, se ele for um motivo de escândalo; levado às suas últimas consequências, isso seria o mesmo que condenar toda repreensão — mesmo legítima — e deixar o campo livre para os ímpios, livrando-os de qualquer temor; se não se pusesse um freio às suas agressões, logo todos os homens bons seriam vítimas dos maus. O próprio instinto de conservação — que é uma lei da natureza — diz que não se pode benevolentemente entregar o pescoço a um assassino. Por essas palavras, portanto, Jesus não nos proibiu de nos defendermos, mas sim ***condenou a vingança***. Ao dizer para oferecermos uma face quando alguém nos bater na outra, ele quer dizer, de outra forma, que não devemos pagar o mal com o mal; que o homem deve aceitar com humildade tudo aquilo que possa rebaixar seu orgulho; que é glorioso para ele em ser ferido do que ferir, em suportar pacientemente uma injustiça do que em ele mesmo cometer uma injustiça; que mais vale ser enganado do que enganar, ser arruinado do que arruinar os outros. Esse ensinamento é ao mesmo tempo a condenação do duelo, que não passa de uma manifestação do orgulho. Só a fé na vida futura e na justiça de Deus — que jamais deixa o mal impune — pode nos dar a força para suportarmos pacientemente os ataques direcionados aos nossos interesses e ao nosso amor-próprio; é por isso que dizemos sem cessar: Apontem o olhar para o futuro; quanto mais vocês se elevarem pelo pensamento acima da vida material, menos vocês serão atingidos pelas coisas da Terra.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

A vingança

9. A vingança é um dos derradeiros resquícios deixados pelos costumes

bárbaros que tendem a desaparecer do meio dos homens. Ela é, igual ao duelo, um dos derradeiros vestígios desses comportamentos selvagens sob os quais a humanidade se debatia no começo da Era Cristã. É por isso que a vingança significa um indício certo do estado atrasado dos homens que a ela se entregam e dos Espíritos que ainda podem inspirá-la. Então, meus amigos, jamais esse sentimento deve fazer vibrar o coração de quem se diz e se proclama espírita. Vingar-se, vocês sabem bem, é tão contrário àquela prescrição do Cristo — "Perdoem seus inimigos" — que aquele que se recusa a perdoar não somente não é espírita como também não é cristão. A vingança é uma inspiração tanto mais funesta quanto a falsidade e a baixeza são suas assíduas companhias. Com efeito, aquele que se entrega a essa paixão fatal e cega quase nunca se vinga a céu aberto; quando ele é o mais forte, então ataca igual a uma besta fera sobre aquele a quem chama de inimigo, já que vê-lo faz inflamar a sua paixão, sua cólera e seu ódio. Porém, na maioria das vezes ele revela uma aparência hipócrita, dissimulando no mais profundo do seu coração os maus sentimentos que o animam; ele toma os caminhos desviados e, na surdina, segue o inimigo, que de nada desconfia, esperando o momento propício para o atacar sem perigo; ele se esconde do inimigo, espreitando-o constantemente; prepara-lhe ciladas odiosas e na ocasião apropriada derrama seu veneno no copo do inimigo. Quando sua ira não chega a esse extremo, ele então o ataca na sua honra e nas afeições; não recua diante da calúnia e suas insinuações pérfidas — habilmente espalhadas a todos os ventos — vão engrossando pelo caminho. Assim, quando aquele que é perseguido se apresenta nos lugares por onde o sopro envenenado passou, ele se espanta ao encontrar semblantes frios, onde antes encontrava semblantes amigos e benevolentes; ele fica estupefato quando as mãos que antes procuravam a sua agora se recusam a apertá-la; enfim, ele se sente aniquilado quando seus amigos mais queridos e próximos se afastam e o evitam. Ah, o covarde que assim se vinga é cem vezes mais culpado do que aquele que vai direto ao seu inimigo e o insulta abertamente.

Portanto, já chega desses costumes selvagens! Já chega desses hábitos de outros tempos! Todo espírita que ainda hoje pretendesse ter o direito de se vingar seria indigno de figurar por mais tempo na falange que adotou como

emblema este fundamento: ***Fora da caridade não há salvação!*** Mas não, eu não poderia me permitir tal ideia de que um membro da grande família espírita pudesse no futuro ceder ao impulso da vingança, ao invés de perdoar.

JULES OLIVIER (Paris, 1862)

O ódio

10. Amem-se uns aos outros e vocês serão felizes. Assumam a tarefa de amar principalmente aqueles que lhes inspiram indiferença, ódio ou desprezo. O Cristo — que é quem vocês devem adotar como modelo — lhes deu o exemplo desse devotamento; missionário do amor, ele amou até dar o próprio sangue e a própria vida. O sacrifício que obriga vocês a amar os que lhes ultrajam e lhes perseguem é penoso, mas é precisamente esse sacrifício que lhes torna superiores a eles. Se os odiassem como eles odeiam vocês, então não valeriam mais do que eles; esta é a hóstia sem mácula ofertada a Deus no altar dos seus corações, hóstia de agradável aroma e cujo perfume sobe até ele. Embora a lei de amor queira que amemos indistintamente a todos os irmãos, ela não resguarda o coração contra os maus procedimentos; esta é, ao contrário, a prova mais dolorosa, eu sei bem, porque durante a minha última existência terrena eu experimentei essa tortura; mas Deus lá está, e pune nesta vida e na outra todos os que falseiam a lei de amor. Não se esqueçam, meus queridos filhos, de que o amor nos aproxima de Deus, e que o ódio nos distancia dele.

FÉNELON (Bordeaux, 1861)

O duelo

11. Só é verdadeiramente grande aquele que, considerando a vida como uma viagem que deve conduzi-lo a um objetivo, faz pouco caso das asperezas do trajeto; ele não se deixa desviar nem por um instante do caminho reto. Com os olhos constantemente fixados na direção desse objetivo, ele pouco se importa que os tocos e os espinhos do percurso ameacem arranhá-lo; eles o roçam sem ferir nem impedir sua caminhada. Expor seus dias para se vingar de uma

injúria é recuar diante das provações da vida; isso é sempre um crime aos olhos de Deus, e se vocês não fossem iludidos pelos seus preconceitos, tal como são, isso seria uma tolice ridícula e suprema aos olhos dos homens.

Há crime no homicídio através do duelo e a própria legislação de vocês reconhece isso; ninguém tem o direito — em nenhum caso — de atentar contra a vida de seu semelhante; é um crime aos olhos de Deus, que lhes traçou a sua linha de conduta. Aqui, mais do que em qualquer outro lugar, vocês são juízes na sua própria causa. Lembrem-se de que serão perdoados conforme vocês mesmos também tenham perdoado; através do perdão vocês se aproximam da Divindade, pois a clemência é irmã da força. Enquanto uma gota de sangue humano correr na Terra pela mão dos homens, o verdadeiro reino de Deus ainda não terá chegado — reino de pacificação e de amor, que há de banir para sempre deste globo a animosidade, a discórdia e a guerra. Então, a palavra duelo não existirá mais na linguagem de vocês, a não ser como uma longínqua e vaga lembrança de um passado que se foi. Os homens não conhecerão entre eles outro antagonismo além da nobre competição do bem.

ADOLFO, bispo de Argel (Marmande, 1861)

12. Sem dúvidas, o duelo pode ser uma prova de coragem física e de desapego pela vida, mas também é incontestavelmente a prova de covardia moral, assim como o suicídio. O suicida não tem a coragem de enfrentar as vicissitudes da vida, enquanto o duelista não tem a de suportar as ofensas. Cristo não lhes disse que há mais honra e coragem em apresentar a face esquerda àquele que bateu na direita do que em vingar uma injúria? Cristo não disse a Pedro, no Jardim das Oliveiras: “Ponha a tua espada na bainha, pois aquele que matar com a espada perecerá pela espada”? Por essas palavras, Jesus não condenou para sempre o duelo? De fato, meus filhos, que coragem é essa, então brotada de um temperamento violento, sanguinário e colérico, rugindo já na primeira ofensa? Portanto, onde está a grandeza de alma daquele que, na menor injúria, quer lavá-la com sangue? Pois que ele trema! Pois, no fundo da sua consciência, uma voz sempre lhe gritará: Caim! Caim! O que você fez com o teu irmão? Eu precisei de sangue para salvar a

minha honra — responderá ele a essa voz; mas ela lhe retrucará: Você quis salvar tua honra diante dos homens, por alguns instantes que te restavam de vida na Terra, e não pensou em salvá-la perante Deus! Pobre louco! Mas então, quanto sangue Cristo exigiria de ti por todos os ultrajes que ele recebeu! Não só você o feriu com espinhos e lança, não só o pregou num madeiro infame, como também, em meio à sua agonia, ele pôde ouvir as zombarias que lhe eram feitas. Que compensação a tantos ultrajes ele te pediu? O último brado do cordeiro foi uma prece em favor dos seus algozes. Oh! Assim como ele, perdoem e orem pelos que lhes ofendem.

Amigos, lembrem-se deste preceito: "Amem-se uns aos outros", e então, a um golpe pelo ódio vocês responderão com um sorriso, e ao ultraje vocês responderão com o perdão. O mundo indubitavelmente se levantará furioso e lhes tratará como covardes; levantem a cabeça bem alto e mostrem então que também sua fronte não temeria se encher de espinhos a exemplo do Cristo, mas que sua mão não quer ser cúmplice de um assassínio dito autorizado por um falso ar de honra, que não passa de orgulho e de amor-próprio. Quando Deus lhes criou, teria ele concedido a vocês o direito de vida e de morte, uns sobre os outros? Não; ele não deu direito a não ser à natureza, só a ela, para se reformar e se reconstruir; quanto a vocês, não há sequer permissão de dispor de vocês mesmos. Tal como o suicida, o duelista ficará manchado de sangue quando estiver diante de Deus, e a um e a outro o Soberano Juiz prepara rudes e longos castigos. Se ele ameaçou com sua justiça aquele que disser ***raca*** ao seu irmão, quanto mais severa não seria a pena para aquele que aparecesse diante dele com as mãos sujas do sangue de seu irmão!

SANTO AGOSTINHO (Paris, 1862)

13. O duelo — como aquilo que outrora se chamava o julgamento de Deus — é uma dessas iniciativas bárbaras que ainda regem a sociedade. No entanto, o que vocês diriam se vissem dois adversários mergulhados em água fervente ou submetidos ao contato de um ferro em brasa para resolver a contenda entre eles, e dar razão àquele que melhor sofresse a prova? Vocês tratariam esses costumes como uma insensatez. Pois o duelo é pior do que tudo isso. Para o duelista experiente, é um assassínio cometido a sangue-frio, com toda

premeditação desejada, pois ele está confiante no golpe que desferirá. Para o adversário quase certo de sucumbir, por causa da sua fraqueza e inabilidade, o duelo é um suicídio cometido com a mais fria reflexão. Eu sei que muitas vezes se procura evitar essa alternativa igualmente criminosa em se confiando ao acaso; mas então, isso não é voltar ao julgamento de Deus da Idade Média, sob outra forma? Pelo menos naquela época as pessoas eram menos culpáveis; a própria expressão ***julgamento de Deus*** indica uma fé — ingênua, é verdade, mas enfim, uma fé — que a justiça de Deus não deixaria um inocente sucumbir, enquanto no duelo tudo se remete à força bruta, de tal sorte que muitas vezes é o ofendido quem sucumbe.

Ó estúpido amor-próprio, tola vaidade e louco orgulho! Quando é que vocês serão substituídos pela caridade cristã, pelo amor ao próximo e pela humildade que Cristo ensinou e exemplificou? Só então desaparecerão esses preconceitos monstruosos que ainda governam os homens e os quais as leis são impotentes para reprimir, porque não basta interditar o mal e recomendar o bem: é preciso que o princípio do bem e o horror ao mal estejam no coração do homem.

UM ESPÍRITO PROTETOR (Bordeaux, 1861)

14. O que vão pensar de mim — vocês costumam dizer — se eu recusar a reparação que me é exigida ou se eu não a exigir de quem me ofendeu? Os loucos, como vocês, homens atrasados, vão então lhes censurar; mas aqueles que foram esclarecidos pela chama do progresso intelectual e moral dirão que vocês agiram conforme a verdadeira sabedoria. Reflitam um pouco: por uma palavra às vezes dita sem pensar ou totalmente inofensiva, vinda da parte de um dos seus irmãos, o orgulho de vocês fica magoado, então vocês lhe respondem de uma maneira aguda e daí surge uma provocação. Antes de chegar ao momento decisivo, vocês se perguntam se vocês estão agindo como cristãos? Que contas ficarão devendo à sociedade se a privarem de um de seus membros? Vocês pensam no remorso de ter tirado o marido de uma mulher, o filho de uma mãe ou o pai que sustentava os filhos? Certamente, aquele que faz a ofensa fica devendo uma reparação; porém, não seria mais honroso para ele fazer essa reparação espontaneamente, reconhecendo seus erros, do que

expor a vida daquele que tem o direito de se queixar? Quanto ao ofendido, eu concordo que algumas vezes ele pode se sentir gravemente atingido, seja na sua pessoa, seja em relação àqueles que lhe são mais íntimos; não é somente o amor-próprio que está em jogo: o coração fica magoado e ele sofre; porém além de ser estúpido arriscar a vida contra um miserável capaz de uma infâmia, ocorre que, o ofensor já estando morto, será que a afronta — seja ela qual for — deixa de existir? O sangue derramado não dá mais destaque a um fato que, se for falso, cairia por si mesmo, e que, se for verdadeiro, deve ficar escondido no silêncio? Logo, não restará mais nada senão a satisfação da vingança saciada. Ah! Triste satisfação que frequentemente deixa ardentes remorsos, já desde esta vida. E se é o ofendido que sucumbe, onde fica a reparação?

Quando a caridade for a regra de conduta dos homens, eles adequarão seus atos e suas palavras a esta máxima: "Não façam aos outros o que vocês não gostariam que lhes fizessem." Então, desaparecerão todas as causas de dissensões, e com elas os pretextos para os duelos e as guerras, que são os duelos de um povo para povo.

FRANCISCO XAVIER (Bordeaux, 1861)

15. O homem do mundo, o homem feliz, que por uma palavra ofensiva, uma coisa leve, arrisca a vida que ele recebeu de Deus, arrisca a vida de seu semelhante e que só pertence a Deus, esse é cem vezes mais culpado do que o miserável que, dominado pela cupidez — ou, às vezes, pela necessidade — invade uma casa para roubar aquilo que ele cobiça ou para matar quem se opõe aos seu plano. Este último é quase sempre um homem sem educação, tendo apenas noções imperfeitas do bem e do mal, ao passo que o duelista não raro pertence à classe mais esclarecida; um mata brutalmente, enquanto o outro mata com método e polidez, o que faz com que a sociedade o desculpe. Eu acrescento ainda que o duelista é infinitamente mais culpado do que o infeliz que, cedendo a um sentimento de vingança, mata num momento de exasperação. O duelista não tem como escusa o arrebatamento da paixão, porque entre o insulto e a reparação ele sempre tem tempo para refletir; ele age, pois, friamente e com desígnio premeditado; tudo é calculado e estudado

para matar com mais segurança o seu adversário. É verdade que ele também expõe a vida, e é isso o que justifica o duelo aos olhos do mundo, porque as pessoas veem nele um ato de coragem e de desapego à própria vida; mas haveria verdadeira coragem quando a pessoa está segura de si? O duelo — este resquício dos tempos de barbárie em que o direito do mais forte constituía a lei — há de desaparecer a partir de uma melhor apreciação do verdadeiro ponto de honra, e à medida que o homem tiver uma fé mais viva na vida futura.

AGOSTINHO (Bordeaux, 1861)

16. ***Observação*** – Os duelos se tornam cada vez mais raros, e se ainda vemos de tempos em tempos alguns exemplos dolorosos deles, seu número não se compara com os de antigamente. Outrora, um homem não saía de casa sem prever um encontro; assim, ele sempre tomava as devidas precauções. Um sinal característico dos costumes do tempo e dos povos consiste no uso habitual do porte de armas — visíveis ou ocultas, ofensivas ou defensivas; a abolição desse uso demonstra o abrandamento dos costumes, e é curioso acompanhar a sua gradação, desde a época em que os cavaleiros só cavalgavam protegidos por armaduras e munidos de lança, até a época do porte de uma simples espada, que se transformou mais em um enfeite e um acessório do brasão do que uma arma agressiva. Outro sinal da modificação dos costumes é que antes os combates individuais aconteciam em plena rua, diante da multidão, que se afastava para deixar o campo livre, enquanto hoje eles se ocultam. Atualmente, a morte de um homem é um acontecimento que nos comove; no passado, ninguém prestava atenção a isso. O Espiritismo superará esses últimos vestígios de barbárie ao incutir nos homens o espírito de caridade e de fraternidade.

CAPÍTULO XIII

QUE SUA MÃO ESQUERDA NÃO SAIBA O QUE SUA MÃO DIREITA DÁ

Fazer o bem sem ostentação – Infortúnios ocultos – O óbolo da viúva – Convidar os pobres e os estropiados. Doar sem esperar retribuição – INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: Caridade material e caridade moral – A beneficência – A piedade – Os órfãos – Benefícios pagos com a ingratidão – Beneficência exclusiva

Fazer o bem sem ostentação

1. Tomem cuidado para não fazer boas obras na frente dos homens para serem vistos, pois, do contrário vocês não receberão a recompensa do seu Pai que está nos céus. Então, quando derem esmola, não façam soar a trombeta diante de vocês, como os hipócritas fazem nas sinagogas e nas ruas, para serem honorificados pelos homens. Em verdade eu lhes digo que eles já receberam a recompensa deles. Mas quando derem esmola, ***que a sua esquerda não saiba o que a mão direita dá***, a fim de que a esmola fique em segredo; então o seu Pai, que vê o que se passa em segredo, lhes dará a recompensa. (São Mateus, 6: 1 a 4)

2. Tendo Jesus descido da montanha, uma grande multidão o seguiu; ao mesmo tempo, um leproso veio ao encontro dele e o adorou, dizendo: Mestre, se o senhor quiser, o senhor poderá me curar. — Jesus, estendendo a mão, tocou no leproso e lhe disse: Eu quero; fique curado. E naquele instante a lepra foi retirada. Então Jesus lhe disse: Tenha cuidado para não contar isso a ninguém; mas, vá se apresentar aos sacerdotes e oferte o donativo prescrito por Moisés, a fim de que isso lhe sirva de testemunho. (São Mateus, 8: 1 a 4)

3. Fazer o bem sem ostentação representa um grande mérito; ocultar a mão que doa é ainda mais meritório, pois é um sinal incontestável de uma grande superioridade moral: para ver as coisas de mais alto do que o comum, é preciso fazer abstração da vida presente e se identificar com a vida futura; em suma, é preciso se colocar acima da humanidade para renunciar à satisfação de procurar o testemunho dos homens e esperar a aprovação de Deus. Aquele que considera mais a apreciação dos homens do que a apreciação de Deus prova que tem mais fé nos homens do que em Deus, e que para ele a vida presente vale mais do que a vida futura — ou então que ele não crê na vida futura. Se ele diz o contrário, ele age como se não acreditasse no que diz.

Quantos há que não ajudam senão com a expectativa de que o favor irá proclamar a boa ação para todo mundo ver. Quantos há que publicamente doariam uma grande soma, mas que secretamente não dariam uma única moeda! Foi por isso que Jesus disse: "Os que fazem o bem com ostentação já receberam a sua recompensa." De fato, aquele que procura a sua própria glorificação na Terra pelo bem que tenha feito, este já pagou a si mesmo; Deus não lhe deve mais nada; só lhe resta receber a punição pelo seu orgulho.

Que a mão esquerda não saiba o que a mão direita dá é uma figura de linguagem que caracteriza admiravelmente a beneficência modesta; mas se há a modéstia real, também há a falsa modéstia, o simulacro da modéstia. Há pessoas que escondem a mão que dá, mas tendo o cuidado de deixar escapar uma pontinha dela, olhando se alguém não a teria reparado se esconder. Paródia indigna das máximas do Cristo! Se os benfeitores orgulhosos são depreciados entre os homens, o que será deles perante Deus! Esses também já receberam a sua recompensa na Terra. Eles foram vistos; estão satisfeitos por terem sido vistos: isso é tudo o que terão.

Qual será então a recompensa daquele que faz pesar suas boas ações sobre o beneficiado, que de alguma forma exige deste o testemunho de reconhecimento, que o faz sentir a sua posição ao exaltar o preço dos sacrifícios que ele tenha feito por este beneficiado? Oh, para esse, não existe nem mesmo a recompensa terrestre, porque ele fica privado da doce satisfação de ouvir alguém bendizer o seu nome, e esse já é o primeiro castigo pelo seu orgulho; as lágrimas que ele seca em proveito da sua vaidade, em vez

de subirem ao céu, recaíram sobre o coração do aflito e o encheram de úlceras. O bem que praticou ficou sem proveito para ele, já que ele o deplora, porque todo benefício deplorado é uma moeda falsificada e sem valor.

Um favor feito sem ostentação tem duplo mérito: além de ser uma caridade material, é uma caridade moral; ele evita o ressentimento do beneficiado, fazendo-o aceitar esse benefício sem que seu amor-próprio sofra e salvaguardando sua dignidade de homem — porque então aceitará um serviço que ele não receberia como uma esmola. Ora, converter o serviço em esmola pela maneira de prestá-lo é humilhar aquele que o recebe, e sempre há orgulho e maldade em humilhar alguém. A verdadeira caridade, ao contrário, é delicada e engenhosa em ocultar o benefício, em evitar até as mínimas aparências ofensivas, pois toda ofensa moral aumenta o sofrimento que nasce da necessidade. A verdadeira caridade sabe encontrar as palavras dóceis e afáveis que deixam o beneficiado à vontade diante do benfeitor, ao passo que a caridade orgulhosa o esmaga. O ápice da verdadeira generosidade é quando o benfeitor inverte os papéis e acha meios de parecer que ele mesmo seja o beneficiado diante daquele a quem ele presta serviço. Eis o que querem dizer estas palavras: Que a mão esquerda não saiba o que a mão direita dá.

Infortúnios ocultos

4. Nas grandes calamidades, a caridade se comove, e nós vemos generosos esforços nesse sentido para reparar os desastres; porém, ao lado desses desastres gerais, existem milhares de desastres particulares que passam despercebidos, de pessoas que jazem sobre um leito sem reclamar. São esses infortúnios discretos e ocultos que a verdadeira generosidade sabe ir descobrir, sem esperar que essas pessoas peçam assistência.

Quem é essa mulher de ar distinto, de traje tão simples, embora bem cuidado, acompanhada por uma mocinha vestida tão modestamente? Ela entra numa casa de sórdida aparência, onde sem dúvida ela é conhecida, pois já na sua chegada todos a saúdam com respeito. Aonde ela vai? Ela sobe até a mansarda: lá, jaz uma mãe de família rodeada de crianças; a partir da sua

chegada, a alegria brilha naqueles rostos emagrecidos, porque ela vem acalmar todas as dores; ela traz o necessário, temperado com meigas e consoladoras palavras, que fazem com que a benevolência seja aceita sem constrangimento, pois esses desafortunados não são mendigos de profissão; o pai está no hospital, e enquanto isso a mãe não consegue suprir as necessidades. Graças àquela boa senhora, essas pobres crianças não enfrentarão nem o frio nem a fome; elas irão à escola bem agasalhadas e o seio da mãe não secará para os filhos menores. Se houver um enfermo entre eles, nenhum cuidado material lhe repugnará. De lá, ela vai ao hospital levar ao pai algumas palavras doces e tranquilizá-lo sobre a sorte da sua família. Na esquina da rua, uma carruagem a espera — um verdadeiro depósito de tudo o que ela leva aos seus protegidos, que ela visita tão sucessivamente. Ela não lhes pergunta nem qual é a crença nem a opinião deles, porque para ela todos os homens são irmãos e filhos de Deus. Terminada sua peregrinação, ela diz para si mesma: Comecei bem minha jornada! Qual é o nome dela? Onde mora? Ninguém sabe. Para os infelizes, é um nome que não revela nada, mas ela é o anjo da consolação; e à noite, um concerto de bênçãos se eleva por ela ao Criador: católicos, judeus, protestantes, todos a bendizem.

Por que esse traje tão simples? É que ela não quer insultar a miséria através do luxo. Por que ela se faz acompanhar da sua filhinha? É para lhe ensinar como se deve praticar a beneficência. Sua filha também quer fazer a caridade, mas a mãe lhe diz: “O que você pode dar, minha filha, já que você mesma não tem nada? Se eu te der alguma coisa para você repassar às mãos dos outros, que mérito você terá? Na realidade, seria eu quem faria a caridade, e você que ficaria com o mérito; isso não é justo. Quando formos visitar os doentes, ajude-me a tratá-los; ora, dispensar cuidados é dar alguma coisa. Isso não te parece suficiente? Nada mais simples; aprenda a fazer obras úteis e confeccione roupas para essas criancinhas; desse modo, você dará algo vindo de você mesma.” É assim que aquela mãe verdadeiramente cristã prepara sua filha para a prática das virtudes ensinadas pelo Cristo. Ela é espírita? Isso não importa!

No seu íntimo, ela é mulher do mundo, porque a sua posição assim exige; mas ninguém sabe o que ela faz, porque ela não quer outra aprovação além da

de Deus e da sua consciência. Certo dia, no entanto, uma circunstância imprevista conduziu até a casa dela uma de suas protegidas, que estava oferecendo seu trabalho; essa protegida a reconheceu e quis bendizer sua benfeitora. Mas ela lhe disse: "Silêncio! ***Não conte a ninguém***." Assim falava Jesus.

O óbolo da viúva

> **5.** Estando Jesus sentado diante do baú de oferendas, ele viu de que maneira o povo colocava ali o dinheiro, e que muitas pessoas ricas depositavam bastante. E veio também uma pobre viúva que ofertou apenas duas pequenas moedas no valor de um quarto de tostão. Então Jesus, chamando seus discípulos, lhes disse: Em verdade eu digo a vocês que essa pobre viúva deu mais do que todos aqueles que tinham feito sua oferta, porque todos os outros deram do que estava sobrando, mas essa viúva deu de sua indigência, deu até mesmo tudo o que tinha e que lhe restava para sobreviver. (São Marcos, 12: 41 a 44; são Lucas, 21: 1 a 4)

6. Muitas pessoas lamentam não poder fazer todo o bem que gostariam, lamentam a falta de recursos suficientes e, se elas desejam a fortuna, é — dizem elas — para fazer um bom uso dos recursos. A intenção sem dúvidas é louvável, e pode até ser sincera em algumas pessoas; mas será mesmo que essa intenção é completamente desinteressada em todas elas? Será que entre elas não há algumas que, embora desejem fazer o bem aos outros, ficariam bem felizes em começar por fazer felizes a si mesmas, proporcionando-se alguns prazeres a mais, para obter um pouco do supérfluo que lhes falta, dando aos pobres somente o resto? Essa segunda intenção — que talvez essas pessoas escondam de si mesmas, mas que encontrariam no fundo dos seus corações, se elas quisessem revistá-lo — anula o mérito da primeira intenção, porque a verdadeira caridade pensa nos outros antes de pensar em si. Nesse caso, o ápice da caridade seria procurar no seu próprio trabalho — pelo emprego de suas forças, de sua inteligência e de seus talentos — os recursos que lhe faltam para realizar suas generosas intenções; aí estaria o sacrifício mais agradável ao Senhor. Infelizmente, a maioria vive a sonhar com os meios

mais fáceis de se enriquecer rapidamente e sem sofrimento, correndo atrás de quimeras — tais como a descoberta de tesouros, uma sorte aleatória favorável, o recebimento de heranças inesperadas etc. O que dizer daquelas pessoas que esperam encontrar entre os Espíritos cooperadores para ajudá-las nos interesses desse tipo? Seguramente elas nem conhecem nem compreendem o objetivo sagrado do espiritismo, e ainda menos a missão dos Espíritos a quem Deus permite se comunicar com os homens; com isso, elas são punidas com decepções. (***O Livro dos Médiuns***, itens 294 e 295)

Aqueles cuja intenção é pura de toda ideia pessoal devem se consolar com sua impossibilidade de fazer todo o bem que desejariam, pela ideia de que o óbolo do pobre — de quem dá se sacrificando — pesa mais na balança de Deus do que o ouro do rico que dá sem se privar de nada. Sem dúvidas, a satisfação seria grande em poder socorrer largamente a indigência; mas, se essa satisfação é impossível, é preciso se conformar e se limitar a fazer o que é possível. Ademais, será que é só com ouro que podemos enxugar as lágrimas? Deveríamos ficar inativos só por que não possuímos ouro? Aquele que quiser sinceramente se tornar útil aos seus irmãos encontrará mil ocasiões para fazer isso; que ele procure tais ocasiões, e as encontrará — se não for de uma forma, será de outra, pois não há ninguém que no pleno gozo de suas faculdades não possa prestar um serviço qualquer: oferecer um consolo, suavizar um sofrimento físico ou moral, dá um passo útil etc. Será que, na falta de dinheiro, cada um não dispõe do seu esforço, do seu tempo e do seu repouso de que possa compartilhar uma parte? Também aí está o óbolo do pobre, o meio-centavo da viúva.

Convidar os pobres e os estropiados. Doar sem esperar retribuição

7. Ele também disse àquele que o convidara: Quando der um jantar ou uma ceia, não convide nem os teus amigos, nem os teus irmãos, nem os teus parentes, nem os teus vizinhos ricos, temendo que em seguida eles não te convidem na vez deles, para te retribuir o que eles receberam de ti. Mas, quando você der um banquete, convide para essa ocasião os pobres, os estropiados, os coxos e os cegos; e você ficará feliz por eles não terem

recursos para te retribuir; por isso você será retribuído na ressurreição dos justos.

Um dos que estavam à mesa, tendo escutado essas palavras, disse-lhe: Feliz aquele que comer do pão no reino de Deus! (São Lucas, 14: 12 a 15)

8. Jesus disse: “Quando der um banquete, não convide para ele os teus amigos, mas os pobres e os estropiados.” Estas palavras — absurdas, se tomadas literalmente — são sublimes, se procurarmos o seu significado. Jesus não poderia querer dizer que, em vez dos amigos, seja preciso reunir à mesa os mendigos da rua; a linguagem dele era quase sempre figurada e, para os homens incapazes de entender os delicados detalhes do pensamento, ele carecia de imagens fortes, produzindo o efeito de um colorido chocante. A essência do seu pensamento se revela nestas palavras: “Você ficará feliz por eles não terem recursos para te retribuir”; isso quer dizer que não devemos fazer o bem tendo em vista um retorno, mas somente pelo prazer de fazer o bem. Para fazer uma comparação impactante, ele diz: Para os seus banquetes, convidem os pobres; pois vocês sabem que eles não poderão lhes retribuir; e por ***banquetes***, devemos entender, não as refeições propriamente ditas, mas a participação na abundância de que vocês gozam.

Essa expressão, entretanto, também pode receber uma aplicação mais literal. Quantas pessoas não convidam para suas mesas senão os que podem — como se diz — lhes fazer as honras, ou que podem convidá-las em troca! Outras pessoas, ao contrário, encontram satisfação em receber os parentes e amigos menos felizes; ora, quem é que não tem um desses entre seus parentes? Isso, muitas vezes, significa prestar a eles um grande serviço, sem parecer. Estas pessoas, mesmo sem convocar os cegos e os estropiados, estarão praticando a máxima de Jesus, se assim agirem por benevolência, sem ostentação, e se souberem ocultar o benefício por uma sincera cordialidade.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

Caridade material e caridade moral

9. “Amemo-nos uns aos outros e façamos aos outros aquilo que gostaríamos

que eles nos fizessem.” Toda a religião, toda a moral se encontram contidas nesses dois preceitos. Se eles fossem seguidos neste mundo, todos vocês seriam perfeitos: nada de ódios, nem de ressentimentos; eu direi ainda mais: nada de pobreza, porque do supérfluo da mesa de cada rico muitos pobres seriam alimentados, e vocês não veriam mais nos quarteirões sombrios — onde eu habitei durante a minha última encarnação — pobres mulheres arrastando consigo miseráveis crianças carecendo de tudo.

Ricos, pensem um pouco nisso! Ajudem da melhor forma os infelizes; doem, para que Deus um dia lhes retribua o bem que vocês tiverem feito, para que encontrem, ao sair do seu envoltório terreno, um cortejo de Espíritos agradecidos, que os receberão no limiar de um mundo mais feliz.

Ah se vocês soubessem da alegria que experimentei ao encontrar no além aqueles a quem eu pude ajudar na minha última existência!...

Portanto, amem o seu próximo; amem-no como a vocês mesmos, pois agora já sabem que esse infeliz que vocês repulsam talvez seja um irmão, um pai ou um amigo que vocês repelem para longe; e então, qual será o desespero de vocês ao reconhecê-lo no mundo dos Espíritos!

Eu desejo que compreendam bem aquilo que pode ser ***a caridade moral***, aquela que todos podem praticar; aquela que ***nada custa*** materialmente e, no entanto, é a mais difícil de se colocar em prática.

A caridade moral consiste em suportar uns aos outros, e isso é o que menos vocês fazem nesse mundo onde estão encarnados no momento. Acreditem, há um grande mérito em saber se calar para deixar que alguém mais tolo possa falar, e até isso é um gênero de caridade. Saber ser surdo quando uma palavra zombeteira escapa de uma boca habituada a zombar; não ver a risada de desprezo com que vocês são recebidos por pessoas que, muitas vezes erradamente, se acham acima de vocês, enquanto na vida espírita — ***a única real*** — elas muitas vezes estão bem abaixo; eis aí o mérito, não da humildade, mas da caridade, porque não perceber os erros alheios é uma caridade moral.

Todavia, essa caridade não deve impedir a outra; cuidem sobretudo para não desprezar o seu semelhante; lembrem-se de tudo o que eu já lhes disse: é preciso lembrar sem cessar que no pobre rejeitado talvez vocês estejam

rejeitando um Espírito que já foi importante para vocês e que se encontra momentaneamente numa posição inferior à sua. Eu reencontrei aqui um dos pobres desta Terra a quem eu felizmente pude agradar algumas vezes, e a quem ***agora tenho de implorar*** por minha vez.

Recordem que Jesus disse que todos somos irmãos e pensem sempre nisso antes de rejeitarem o leproso ou o mendigo. Até mais; pensem naqueles que sofrem, e orem.

IRMÃ ROSÁLIA (Paris, 1860)

10. Meus amigos, já ouvi muitos de vocês se perguntarem: Como eu posso fazer caridade, já que com frequência eu não tenho nem mesmo o necessário?

A caridade, meus amigos, se faz de muitas maneiras; vocês podem fazer a caridade por pensamentos, por palavras e por ações. Por pensamentos: orando pelos pobres abandonados, que morreram sem ter sequer visto a luz; uma oração de coração os alivia. Por palavras: endereçando aos seus companheiros de todos os dias alguns bons conselhos; digam aos homens amargurados pelo desespero, pelas privações, e que blasfemam o nome do Altíssimo: "Eu era igual a vocês; eu sofria, era infeliz, mas eu acreditei no Espiritismo e, vejam só: agora eu sou feliz". Aos velhos que lhes disserem: "É inútil; estou no fim da minha jornada; morrerei como vivi", digam então a eles: "Deus tem para todos nós uma justiça equânime; lembrem-se dos trabalhadores da última hora". Às criancinhas que, já viciadas pelo seu entorno, vão se perder pelos caminhos, prestes a sucumbir às más tentações, digam: "Deus está vendo vocês, meus caros pequenos", e não temam lhes repetir muitas vezes esse doce conselho que acabará germinando na jovem inteligência dessas crianças, e ao invés de pequenos vagabundos, vocês farão cidadãos. Isso também é uma caridade.

Muitos de vocês dizem também: "Ah! Nós somos tão numerosos na Terra; não é possível que Deus esteja vendo todos nós!" Escutem bem isso, meus amigos: Quando vocês estão no cume de uma montanha, não é verdade que o seu olhar alcança os bilhões de grãos de areia que cobrem essa montanha? Pois bem! Deus vê a todos do mesmo modo. Ele lhes concede o livre-arbítrio assim como vocês deixam que esses grãos de areia vão ao sabor

do vento que os dispersa; apenas, Deus, em sua infinita misericórdia, colocou no fundo dos seus corações uma sentinela vigilante que se chama ***consciência***. Escutem-na; ela só lhes dará bons conselhos. Às vezes vocês a entorpecem, substituindo-a pelo espírito do mal, e então ela se cala; mas fiquem certos de que a pobre abandonada logo se fará ouvir, assim que a deixarem perceber a sombra do remorso. Escutem-na, interroguem-na, e vocês com frequência se acharão consolados pelo conselho que dela tiverem recebido.

Meus amigos, a cada regimento novo o general entrega uma bandeira; eu lhes dou, por minha vez, aquela máxima do Cristo: "Amem-se uns aos outros". Pratiquem essa máxima, reúnam-se todos em torno desse estandarte e dele vocês receberão felicidade e consolação.

UM ESPÍRITO PROTETOR (Lyon, 1860)

A beneficência

11. A beneficência, meus amigos, lhes dará neste mundo os mais puros e os mais doces prazeres, os contentamentos do coração que não são perturbados nem pelo remorso nem pela indiferença. Ah, que vocês possam compreender tudo que há de grande e de agradável na generosidade das belas almas, esse sentimento que nos faz olhar para os outros com o mesmo olhar com que olhamos para nós mesmos, e que nos faz nos despirmos com satisfação para cobrir o irmão! Que vocês possam, meus amigos, ter como a mais doce ocupação fazer os outros felizes! Quais são as festas do mundo que poderão se comparar a essas festas jubilosas, quando vocês — os representantes da Divindade — levam alegria a essas pobres famílias que não conheceram nada da vida além das dificuldades e amarguras; quando vocês veem aqueles rostos murchos de repente irradiarem esperança, porque não tinham pão, aqueles infelizes e seus filhinhos, ignorando que viver é sofrer, eles gritavam, choravam e repetiam estas palavras que penetravam nos corações maternos como um agudo punhal: Estou com fome!... Ah, compreendam como são deliciosas as impressões daquele que vê renascer a alegria onde, um instante antes, só via desespero! Compreendam quais são as obrigações de vocês para

com os seus irmãos! Vão! Vão ao encontro do desafortunado! Vão em socorro principalmente das misérias ocultas, pois essas são as mais dolorosas! Vão, meus bem-amados, e lembrem-se destas palavras do Salvador: “Quando vestirem a um destes pequeninos, lembrem-se de que é a mim que estarão vestindo!”

Caridade! Palavra sublime que resume todas as virtudes, é você que há de conduzir os povos à felicidade; ao te praticarem, eles criarão para si satisfações infinitas para o futuro, e durante o exilio desses povos na Terra, você será a consolação deles, o aperitivo das alegrias que eles desfrutarão mais tarde, quando se abraçarem todos juntos no seio do Deus de amor. Foi você, virtude divina, quem me proporcionou os únicos momentos de felicidade de que experimentei na Terra. Que os meus irmãos encarnados possam crer na voz do amigo que lhes fala e lhes aconselha: É na caridade que vocês devem procurar a paz do coração, o contentamento da alma, o remédio contra as aflições da vida. Oh, quando estiverem a ponto de acusar Deus, lancem um olhar para baixo de si; vejam quantas misérias a aliviar, quantas pobres crianças sem família, quantos idosos que não têm uma mão amiga para lhes socorrer e fechar os seus olhos quando a morte os reclama! Quanto bem a fazer! Oh, não se queixem! Mas, ao contrário, agradeçam a Deus e gastem com abundância a simpatia de vocês, o seu amor e o seu dinheiro com todos aqueles que, deserdados dos bens deste mundo, definham no sofrimento e no isolamento. Vocês colherão neste mundo alegrias bem doces, e mais tarde... só Deus o sabe!...

ADOLFO, bispo de Argel (Bordeaux, 1861)

12. Sejam bons e caridosos, pois essa é a chave dos céus que vocês têm em suas mãos; toda a felicidade eterna está contida nesta máxima: Amem-se uns aos outros. A alma não pode se elevar nas regiões espirituais a não ser pelo devotamento ao próximo; ela não encontra contentamento e consolação senão nos impulsos da caridade. Sejam bons, amparem seus irmãos, deixem de lado a terrível chaga do egoísmo; esse dever cumprido há de abrir para vocês a estrada da felicidade eterna. De resto, qual de vocês ainda não sentiu o coração saltar e sua alegria interior se expandir com a narrativa de um belo

devotamento, de uma obra verdadeiramente caridosa? Se vocês só buscassem a volúpia que uma boa ação proporciona, então ficariam sempre no caminho do progresso espiritual. Não faltam exemplos para vocês; só a boa vontade é que é rara. Vejam a multidão de homens de bem, de quem a História lhes recorda uma piedosa lembrança.

O Cristo não lhes disse tudo o que concerne às virtudes da caridade e do amor? Por que deixar de lado os seus ensinamentos divinos? Por que fechar os ouvidos às suas divinas palavras e fechar o coração a todas as suas suaves máximas? Eu gostaria que houvesse mais interesse, mais fé nas leituras evangélicas; despreza-se esse livro, faz-se dele uma palavra oca, uma carta fechada; esse código admirável é deixado no esquecimento: os males de vocês vêm justamente do desprezo voluntário que dão a esse resumo das leis divinas. Por isso, leiam todas essas páginas cintilantes do devotamento de Jesus, e as meditem.

Homens fortes, contenham-se; homens fracos, armem-se de brandura e de fé; tenham mais persuasão e mais constância na propagação da sua nova doutrina; não é mais do que um encorajamento o que nós viemos lhes dar, não é mais do que para estimular o zelo e as virtudes de vocês que Deus nos permite nos comunicar convosco. Mas se vocês quisessem, não precisariam mais do que a ajuda de Deus e a própria vontade de vocês: as manifestações espíritas se realizam exatamente para aqueles que têm os olhos fechados e os corações indóceis.

A caridade é a virtude fundamental que deve sustentar todo o edifício das virtudes terrestres; sem ela, as outras não existem. Sem a caridade não há esperança de uma sorte melhor, não há interesse moral que nos guie; sem a caridade não há fé, porque a fé não é mais do que um raio muito puro que faz brilhar uma alma caridosa.

A caridade é a âncora eterna de salvação em todos os globos: é a mais pura emanação do próprio Criador; é sua própria virtude que ele dá à criatura. Como poderíamos desprezar essa suprema bondade? Com esse pensamento, qual seria o coração assaz perverso para reprimir e expulsar esse sentimento todo divino? Qual seria o filho malvado o bastante para se rebelar contra esse doce carinho que é a caridade?

Não ouso falar do que eu fiz, porque os Espíritos também têm o pudor de suas obras; mas eu creio que essa que eu comecei seja uma daquelas que mais devem contribuir para o alívio dos seus semelhantes. Vejo com frequência os Espíritos pedirem permissão para continuar a minha tarefa; eu as vejo, minhas bondosas e caras irmãs, no seu piedoso e divino ministério; eu as vejo praticar a virtude que eu lhes recomendo, com toda a alegria proporcionada por essa existência de devotamento e de sacrifícios; para mim é uma grande felicidade ver o quanto o seu caráter é honrado, o quanto a sua missão é amada e docemente protegida. Homens de bem, de boa e firme vontade, unam-se para continuar amplamente a obra de propagação da caridade; vocês encontrarão a recompensa dessa virtude na sua própria execução; não há alegria espiritual que ela não proporcione já na vida presente. Fiquem unidos; amem-se uns aos outros segundo os preceitos do Cristo. Assim seja.

SÃO VICENTE DE PAULO (Paris, 1858)

13. Eu me chamo caridade; eu sou a rota principal que conduz a Deus. Sigam-me, pois eu sou o objetivo para o qual todos vocês devem visar.

Eu fiz esta manhã o meu passeio habitual e, com o coração partido, venho lhes dizer: Oh, meus amigos! Quantas misérias, quantas lágrimas e quanto vocês têm a fazer para secar todas elas! Em vão eu procurei consolar algumas pobres mães; eu disse ao ouvido delas: Coragem! Há bons corações que velam por vocês; nós não lhes abandonaremos! Paciência! Deus está aqui; vocês são suas amadas, são suas eleitas. Elas pareciam me ouvir e se viraram para o meu lado com os olhos arregalados; eu lia no pobre rosto delas que seus corpos — esses tiranos do Espírito — tinham fome, e que se minhas palavras serenavam um pouco seus corações, não enchiam seus estômagos. Eu repeti então: Coragem! Coragem! E uma pobre mãe, muito jovem, que amamentava uma criancinha, tomou-a nos braços e a estendeu no espaço vazio, como a me pedir que protegesse aquela pobre criaturinha, que só encontrava num seio estéril uma alimentação insuficiente.

Noutros lugares, meus amigos, eu vi pobres idosos sem trabalho e quase sem abrigo, vítimas de todos os sofrimentos da necessidade e, envergonhados de sua miséria, não ousando — eles que nunca mendigaram — ir implorar a

piedade dos transeuntes. Com o coração comovido de compaixão, eu que nada tenho, me fiz mendiga em favor deles, e vou a todo canto estimular a beneficência, inspirar bons pensamentos aos corações generosos e compassivos. É por isso que eu venho a vocês, meus amigos, e lhes digo: Há por aí pessoas infelizes cuja cesta está sem pão, o fogão está sem lenha e a cama sem coberta. Não lhes digo o que vocês devem fazer; deixo a iniciativa aos seus bons corações; se eu lhes ditasse sua linha de conduta, vocês não teriam nenhum mérito de sua boa ação; mas eu lhes digo apenas: Eu sou a caridade e eu lhes estendo as mãos pelos seus irmãos sofredores.

Mas se peço, também dou, e dou bastante; eu lhes convido para um grande banquete e forneço a árvore em que todos vocês se saciarão! Vejam como ela é bela e o quanto está carregada de flores e de frutos! Vão! Vão e colham, apanhem todos os frutos dessa bela árvore que se chama beneficência. No lugar dos ramos que vocês arrancarem, eu colocarei todas as boas ações que vocês fizerem e levarei essa árvore até Deus, para que ele a carregue de novo, pois a beneficência é inesgotável. Portanto, sigam-me, meus amigos, a fim de que eu conte com vocês entre os que se alistam sob a minha bandeira. Sejam destemidos; eu lhes conduzirei pelo caminho da salvação, porque eu sou ***a Caridade***.

CÁRITAS, *martirizada em Roma* (Lyon, 1861)

14. Há várias maneiras de fazer a caridade — que muitos de vocês confundem com a esmola. No entanto, há uma grande diferença. A esmola, meus amigos, algumas vezes é útil, porque ela alivia os pobres, mas quase sempre ela é humilhante, tanto para quem a dá quanto para quem a recebe. A caridade, ao contrário, enlaça o benfeitor e o beneficiado; além disso, ela se disfarça de várias maneiras. É possível ser caridoso até mesmo com os parentes e com os amigos, sendo indulgentes uns com os outros, em se perdoando as fraquezas, tendo o cuidado para não ferir o amor-próprio de ninguém. Para vocês, espíritas, na sua maneira de agir para com aqueles que não pensam como vocês, levando os menos esclarecidos a crer, e isso sem os constranger, sem romper contra as convicções deles, mas sim atraindo-os gentilmente às nossas reuniões, em que eles poderão nos ouvir e então nós bem saberemos

encontrar a brecha do coração pela qual deveremos penetrar. Eis aqui um dos aspectos da caridade.

Agora, escutem o que é a caridade para com os pobres, esses deserdados deste mundo, mas os recompensados de Deus, se eles souberem aceitar suas misérias sem murmurar, e isso depende de vocês. Vou me fazer compreender por um exemplo.

Vejo, várias vezes na semana, uma reunião de senhoras de todas as idades; para nós, como vocês sabem, todas elas são irmãs. O que fazem, então? Elas trabalham depressa, depressa; os dedos são ágeis; vejam também como os semblantes estão radiantes e como os corações batem uníssonos! Mas qual é o objetivo delas? É que elas veem se aproximando o inverno, que será rude para os lares pobres; as formigas não puderam acumular durante o verão os grãos necessários para o abastecimento e a maior parte desses grãos já está comprometida. As pobres mães se inquietam e choram ao pensar nos filhinhos que, neste inverno, vão sentir frio e fome! Mas tenham paciência, pobres mães! Deus tem inspirado outras mulheres mais afortunadas, que estão reunidas e confeccionando roupinhas para vocês; depois, um dia desses, quando a neve tiver coberto o chão e que vocês estiverem murmurando, dizendo: “Deus não é justo” — pois essa é expressão comum para vocês que sofrem —, então vocês vão ver aparecer um dos filhos dessas boas trabalhadoras que se constituíram obreiras dos pobres; sim, foi para vocês que elas trabalharam tanto, e os seus lamentos se transformarão em bênçãos, porque no coração dos infelizes o amor segue bem perto do ódio.

Como é necessário a todas essas trabalhadoras um encorajamento, eu vejo de todas as partes comunicações espíritas chegando para elas; os homens que fazem parte dessa sociedade trazem também a sua contribuição, fazendo uma dessas leituras que tanto agradam. E nós, para recompensarmos o zelo de todos e de cada um em particular, nós prometemos a essas obreiras batalhadoras uma boa clientela que lhes pagará, à vista, com bênçãos — a única moeda que tem valor no céu — garantindo-lhes também, e sem receio de ir mais longe, que essa moeda não lhes faltará.

CÁRITAS (Lyon, 1861)

15. Meus caros amigos, cada dia eu ouço entre vocês alguns que dizem: “Eu sou pobre, não posso fazer caridade”; e cada dia eu os vejo faltar com a indulgência para com os semelhantes; vocês não lhes perdoam nada e muitas vezes se erguem como juízes severos, sem se perguntarem se vocês ficariam satisfeitos caso alguém fizesse o mesmo com relação a vocês. A indulgência também não é uma caridade? Vocês que só podem fazer a caridade indulgente, pelo menos façam isso! Mas façam com grandeza! Quanto à caridade material, vou lhes contar uma história do outro mundo.

Dois homens tinham acabado de morrer; Deus havia dito: Enquanto esses dois homens viverem, serão colocadas em sacos as boas ações de cada um deles, e quando ambos morrerem os sacos serão pesados. Quando esses dois homens chegaram à sua última hora, Deus ordenou que trouxessem os dois sacos; um era grosso, alto, bem volumoso e o metal que o preenchia ressoava; o outro saco era tão pequeno e tão fino que dava para ver as raras moedas que ele continha; e cada um desses homens reconheceu seu saco: Aqui está o meu — disse o primeiro —, eu o reconheço; fui rico e fiz bastante doação. Este é o meu — disse o outro — sempre fui pobre! Oh, não tinha quase nada para repartir. Mas, que surpresa! Colocando os dois sacos na balança, o mais volumoso se tornou leve e o pequeno ficou pesado, tanto que ele elevou bastante o outro prato da balança. Então Deus disse ao rico: Você doou muito, é verdade, mas doou por ostentação e para ver o teu nome aparecer em todos os templos do orgulho, e ademais, ao doar, você não se privou de nada; vá para a esquerda e fique satisfeito, pois a tua esmola ainda será contada para alguma coisinha a teu favor. Depois, Deus disse ao pobre: Você doou pouco, meu amigo, mas cada uma dessas moedas que estão nesta balança representa uma privação para ti; se você não deu esmolas, por outro lado você fez caridade, e o que é melhor, você fez caridade naturalmente, sem pensar se alguém levaria isso em conta; você foi indulgente e não julgou o teu semelhante; ao contrário, você desculpou todas essas ações: passa para a direita e vá receber a tua recompensa.

UM ESPÍRITO PROTETOR (Lyon, 1861)

16. A mulher rica, feliz, que não tem precisão de empregar seu tempo nos

trabalhos domésticos, não poderia consagrar algumas horas para trabalhos úteis em favor dos seus semelhantes? Que ela compre, com o supérfluo dos seus prazeres, algo para agasalhar o infeliz que treme de frio; que ela confeccione com suas mãos delicadas algumas roupas grosseiras, mas quentes; que ela ajude uma mãe a cobrir o filho que vai nascer. Se com isso o seu filho ficar com algumas rendas a menos, o filho do pobre terá mais calor. Trabalhar para os pobres é trabalhar na vinha do Senhor.

E você, pobre operária que não tem supérfluos, mas que, no teu amor pelos irmãos, também deseja dar do pouco que possui algumas horas do teu dia, do teu tempo, teu único tesouro: faça alguns desses trabalhos elegantes que encantam os afortunados; venda o produto das tuas vigílias e também você poderá proporcionar aos teus irmãos a tua parte de lenitivo; você talvez fique com algumas fitas a menos, mas doará sapatos a alguém que tem os pés descalços.

E vocês, mulheres devotadas a Deus, trabalhem também na sua obra, mas que as suas obras delicadas e custosas não sejam confeccionadas somente para adornar suas capelas, para chamar a atenção sobre suas habilidades e paciência; trabalhem, minhas filhas, e que o prêmio dessas obras seja consagrado ao reconforto dos seus irmãos em Deus, pois os pobres são seus filhos bem-amados; trabalhar para os pobres é glorificar a Deus. Sejam vocês, para eles, a Providência que diz: aos pássaros do céu Deus dá o alimento. Que o ouro e a prata que suas mãos tecem se transformem em roupa e comida para aqueles que não os têm. Façam isso e o seu trabalho será abençoado.

E todos vocês, que podem produzir e doar algo: doem sua inteligência, doem suas inspirações, doem seu coração, e Deus lhes abençoará. Poetas, literatos, que só são lidos pelas pessoas mundanas: satisfaçam seus lazeres, mas que o produto de algumas de suas obras seja destinado para o alívio dos infelizes. Pintores, escultores, artistas de todos os gêneros: que a sua inteligência venha também em ajuda aos seus irmãos; vocês não terão menos glória e terão alguns sofrimentos a menos.

Todos vocês podem fazer uma doação; em qualquer classe que estejam, vocês têm alguma coisa de que possam compartilhar; seja o que for que Deus

lhes tenha concedido, vocês devem uma parte disso àquele a quem falta o necessário, porque no lugar deles vocês ficariam bem felizes se alguém dividisse com vocês. Seu tesouro na Terra será um pouco menor, mas o seu tesouro no céu será mais abundante; lá vocês colherão o cêntuplo do que tiverem semeado em benefício neste mundo.

JOÃO (Bordeaux, 1861)

A piedade

17. A piedade é a virtude que mais aproxima vocês dos anjos; ela é a irmã da caridade que os conduz rumo a Deus. Ah, deixem o coração se enternecer em face das misérias e dos sofrimentos dos seus semelhantes; suas lágrimas são um bálsamo que vocês derramam nas feridas deles, e quando, por uma doce simpatia, vocês chegarem a devolver a eles esperança e resignação, que encanto vocês experimentarão! Esse encanto, é verdade, tem um certo amargor, porque ele nasce ao lado do infortúnio; mas ele não tem a acidez dos prazeres mundanos, nem as pungentes decepções do vazio que isso produz; ele tem uma suavidade envolvente que enche a alma de júbilo. A piedade — uma piedade bem sentida — é a do amor; amor é devotamento; devotamento é o esquecimento de si mesmo, e esse esquecimento, essa abnegação em favor dos infelizes, é a virtude por excelência, aquela que o divino Messias praticou em toda a sua vida e que ensinou na sua doutrina tão santa e tão sublime. Quando essa doutrina for restabelecida na sua pureza original, quando for adotada por todos os povos, ela trará a felicidade à Terra, fazendo finalmente reinar aqui a concórdia, a paz e o amor.

O sentimento mais apropriado para fazê-los progredir — domando o seu egoísmo e o seu orgulho —, aquele sentimento que predispõe suas almas à humildade, à beneficência e ao amor do próximo, é a piedade, aquela piedade que os comove até suas entranhas, diante dos sofrimentos dos seus irmãos; que faz com que vocês estendam a eles uma mão socorrista e que arranca em vocês lágrimas de simpatia. Portanto, nunca abafem em seus corações essa emoção celeste, nem façam como esses egoístas endurecidos que se afastam dos aflitos, porque o espetáculo das misérias deles perturbaria por alguns

instantes a sua alegre existência. Tomem cuidado para não ficarem indiferentes quando vocês puderem ser úteis; a tranquilidade comprada ao preço de uma indiferença culposa é a tranquilidade do Mar Morto[34], que esconde no fundo de suas águas a lama fétida e a corrupção.

Entretanto, quão longe está a piedade de causar perturbação e aborrecimento tal como o egoísta teme! Sem dúvidas, a alma experimenta, ao contato da infelicidade alheia e ao olhar em torno de si mesma, um desconforto natural e profundo que faz vibrar todo o seu ser e o afeta penosamente; mas a compensação é grande quando vocês conseguem devolver a coragem e a esperança a um irmão infeliz que se enternece com o aperto de uma mão amiga e cujo olhar — às vezes úmido de emoção e de reconhecimento — se vira docemente para vocês, antes de se fixar no céu em agradecimento por lhe ter enviado um consolador, um amparo. A piedade é o melancólico, mas celeste precursor da caridade, que é a primeira das virtudes, da qual a piedade é irmã e para a qual ela prepara e enobrece os benefícios.

MIGUEL (Bordeaux, 1862)

Os órfãos

18. Meus irmãos, amem os órfãos; ah se vocês soubessem como é triste ficar sozinho e abandonado, sobretudo na infância! Deus permite que haja órfãos para nos estimular a servi-los como pais. Que divina caridade é amparar uma pobre criancinha abandonada, evitar que ela passe fome e frio, dirigir sua alma a fim de que ela não se perca nos vícios! Quem estende a mão a uma criança abandonada agrada a Deus, porque compreende e pratica a sua lei. Pensem também que muitas vezes a criança que vocês estão socorrendo lhes foi cara em outra encarnação; e se pudessem se lembrar, isso já não seria uma caridade, mas um dever. Então, meus amigos, todo ser sofredor é seu irmão e tem direito à sua caridade; não aquela caridade que magoa o coração, não aquela esmola que queima a mão em que cai, pois frequentemente os seus

---

[34] Mar Morto: menção ao grande lago que banha parte de Israel, da Cisjordânia e da Jordânia, assim chamado devido à condição hipersalina de suas águas e de sua lama negra rica em sais minerais, que impossibilitam a sobrevivência de peixes, vegetais e demais espécies de seres vivos. — N. T.

óbolos são bem amargos. Quantas vezes eles seriam recusados se, no porão, a doença e a miséria não os estivessem esperando! Doem com delicadeza e acrescentem o benefício mais precioso de todos: uma boa palavra, um carinho, um sorriso amigo; evitem esse tom de proteção, que remexe a lâmina no coração que sangra, e pensem que fazendo o bem vocês estão trabalhando para si mesmos e para os outros.

UM ESPÍRITO FAMILIAR (Paris, 1860)

Benefícios pagos com a ingratidão[35]

19. *O que devemos pensar das pessoas que, pelos benefícios que prestaram, foram retribuídas com a ingratidão e por isso já não fazem mais o bem por medo de encontrar pessoas ingratas?*

Essas pessoas têm mais egoísmo do que caridade, porque fazer o bem só para receber demonstrações de reconhecimento não é fazer caridade com desinteresse, e a boa ação desinteressada é a única que agrada a Deus. É também orgulho dessas pessoas, porque elas se comprazem com a humildade do beneficiado que vem prestar seu reconhecimento aos pés delas. Aquele que procura na Terra a recompensa pelo bem que pratica não a receberá no céu; mas Deus levará em conta aquele que não a busca no mundo.

É preciso sempre ajudar os fracos, mesmo sabendo de antemão que aqueles a quem fizemos o bem não serão gratos por isso. Pois saibam que se a pessoa a quem vocês prestam um serviço esquecer esse favor, Deus o levará em conta mais do que se vocês já tivessem sido recompensados com o reconhecimento daquela pessoa beneficiada. ***Deus às vezes permite que vocês sejam pagos com a ingratidão para experimentar a perseverança de vocês em fazer o bem***.

Aliás, quem sabe se esse benefício agora esquecido não trará mais tarde bons frutos? Estejam certos de que, por outro lado, isso é uma semente que germinará com o tempo. Infelizmente vocês só enxergam o presente; vocês trabalham para si, e não em favor dos outros. As boas ações acabam por

[35] Este subtítulo está ausente na obra original, talvez por um descuido, já que aparece no sumário e no cabeçalho do capítulo; por isso o inserimos aqui, seguindo a ordem das temáticas listadas. — N. T.

amolecer os corações mais endurecidos; elas podem ser esquecidas neste mundo, mas quando o Espírito se desembaraçar do seu véu carnal, então se lembrará delas e essa lembrança será o seu castigo; e aí ele lamentará pela sua ingratidão e desejará reparar sua falta, pagar a dívida em outra existência, não raro aceitando até mesmo uma vida de dedicação em favor do benfeitor. É assim que, sem suspeitarem, vocês terão contribuído para o adiantamento moral daquela pessoa, e reconhecerão mais tarde toda a veracidade deste preceito: Uma boa ação jamais se perde. Mas vocês também terão trabalhado para vocês mesmos, porque terão o mérito de haver feito o bem com desinteresse, e sem se deixarem desanimar com as decepções.

Ah, meus amigos! Ah se vocês conhecessem todos os laços que na vida presente os conectam às existências anteriores! Ah se pudessem abarcar a imensidade de relações que aproximam os seres uns aos outros para o seu mútuo progresso! Então ficariam ainda mais admirados com a sabedoria e a bondade do Criador, que os permite reviverem para chegarem até ele.

GUIA PROTETOR (Sens, 1862)

Beneficência exclusiva[36]

20. *A beneficência está bem entendida quando ela é exclusiva entre as pessoas da mesma opinião, da mesma crença ou do mesmo partido?*

Não, isso representa mais um espírito de seita e de partido, que precisa ser abolido, porque todos os homens são irmãos. O verdadeiro cristão vê irmãos em todos os seus semelhantes, e antes de socorrer aquele que está na necessidade ele não consulta nem a sua crença nem a sua opinião — seja lá sobre o que for. Será que ele estaria seguindo o preceito de Jesus Cristo — que diz para amarmos até os inimigos — se ele repulsasse um infeliz só por causa que este infeliz tivesse uma crença diferente da sua? Portanto, que ele o socorra sem lhe pedir contas da sua consciência, pois se esse necessitado for um inimigo da religião, esse será o meio de fazer com que ele a ame; repelindo-o, faria com que ele a odiasse.

SÃO LUÍS (Paris, 1860)

[36] Mesmo caso da nota sobre o subtítulo anterior. — N. T.

CAPÍTULO XIV

HONREM SEU PAI E SUA MÃE

Piedade filial – Quem é minha mãe e quem são meus irmãos? – Parentesco corporal e parentesco espiritual – INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS**: Ingratidão dos filhos e os laços de família**

1. Você conhece os mandamentos: não cometa adultério; não mate; não roube; não preste falso testemunho; não faça mal a ninguém; ***honre teu pai e tua mãe***. (São Marcos, 10: 19; são Lucas, 18: 20; são Mateus, 19: 18 e 19)

2. Honre teu pai e tua mãe, a fim de viver longo tempo na terra que o Senhor teu Deus te dará. (Decálogo; Êxodo, 20: 12)

Piedade filial

3. O mandamento "Honrem seu pai e sua mãe" é uma consequência da lei geral de caridade e de amor ao próximo, pois não podemos amar ao próximo sem amar o pai e a mãe; porém, a palavra ***honrar*** traz um dever a mais para com os pais, que é o dever da piedade filial. Deus quis mostrar com isso que ao amor é preciso acrescentar o respeito, a consideração, a submissão e a condescendência — o que implica a obrigação de cumprir para com eles, de um modo ainda mais rigoroso, tudo o que a caridade manda em relação ao próximo. Esse dever se estende naturalmente às pessoas que ocupam o lugar de pai e de mãe, e que por isso têm tanto mais mérito quanto menos sua dedicação for obrigatória. Deus sempre pune com rigor toda violação desse mandamento.

Honrar o pai e a mãe não é somente respeitá-los; é também ajudá-los na necessidade; é lhes proporcionar repouso na velhice; é cercá-los de cuidados assim como eles fizeram por nós na nossa infância.

É principalmente para os pais sem recursos que se demonstra a verdadeira piedade filial. Será que estariam cumprindo esse mandamento aquelas pessoas que acham que estão fazendo um grande esforço ao darem aos seus pais somente o estritamente necessário para eles não morrerem de fome, enquanto elas mesmas não se privam de nada? Ou relegando seus pais aos mais ínfimos cômodos da casa, apenas para não os deixarem na rua, reservando para si o que há de melhor e de mais confortável? Feliz ainda quando essas pessoas não fazem isso de má vontade e não os façam comprar o tempo que lhes resta para viver, descarregando sobre eles o peso das tarefas domésticas! Será então que cabe aos pais idosos e frágeis serem os servos dos filhos jovens e fortes? Será que sua mãe comercializou o leite dela quando eles estavam no berço? Será que ela contou as vigílias quando eles estavam doentes? Ela contou os passos para conseguir aquilo de que eles tinham necessidade? Não! Não é somente o estritamente necessário que os filhos devem a seus pais pobres, mas eles também devem, tanto quanto puderem, as pequenas doçuras do supérfluo, a consideração, os cuidados delicados, que não são mais do que os juros do que eles receberam, o pagamento de uma dívida sagrada. Esta é a única piedade filial aceita por Deus.

Infeliz daquele, portanto, que esquece o que deve aos que o sustentaram na sua fragilidade, que com a vida material lhe deram a vida moral e que muitas vezes se impuseram duras privações para assegurar o bem-estar do filho. Ai do ingrato, porque este será punido pela ingratidão e pelo abandono; ele será ferido nas suas mais caras afeições, ***algumas vezes já na vida presente***, mas certamente em outra existência, em que ele sofrerá aquilo que fez os outros sofrerem.

É certo que alguns pais não cumprem seus deveres e não são para os seus filhos o que deviam ser; porém, é a Deus que cabe puni-los, e não a seus filhos; não cabe a estes censurá-los, porque talvez eles mesmos tenham merecido que fosse assim. Se a caridade instituiu a lei de retribuir o mal com o bem, de ser indulgente para com as imperfeições alheias, de não maldizer o próximo, de esquecer e perdoar seus erros, inclusive até de amar os inimigos, então quanto maior não deve ser a obrigação em relação aos pais! Por isso, os

filhos devem tomar como regra de conduta para com os pais todos os preceitos de Jesus referentes ao próximo, e dizer a si mesmo que todo procedimento ofensivo dirigido aos estranhos é ainda mais censurável quando dirigido aos mais próximos, e que aquilo que talvez seja só uma simples falta no primeiro caso pode se tornar um crime no segundo, porque então, além da falta de caridade, junta-se a ingratidão.

4. Deus disse: "Honre teu pai e tua mãe, a fim de viver longo tempo na terra que o Senhor teu Deus te dará." Por que então ele promete como recompensa a vida na Terra, e não a vida celeste? A explicação para isso se encontra nestas palavras: "que Deus te dará", suprimidas na formato moderno do decálogo — o que desfigura o sentido natural. Para compreendermos essa expressão, é preciso nos reportarmos à situação e às ideias dos hebreus naquela época em que ela foi dita; os hebreus ainda não compreendiam a vida futura; sua visão não se estendia além da vida corpórea e, por isso, eles tinham que ser impressionados mais pelo que viam do que pelo que não viam; eis por que Deus lhes fala numa linguagem ao alcance deles e, tal como a crianças, ele lhes apresenta em perspectiva aquilo que pode satisfazê-los. Naquela época, eles estavam no deserto e a terra que Deus lhes ***daria*** era a Terra Prometida, objetivo de suas aspirações: eles não desejavam mais nada, e Deus lhes disse que eles viveriam lá por um longo tempo, isto é, que a possuiriam por um longo tempo — se observassem seus mandamentos.

Contudo, com a vinda de Jesus, as ideias dos hebreus já estavam mais desenvolvidas; tendo chegado o momento de dar a eles uma alimentação menos grosseira, Jesus os inicia na vida espiritual, dizendo-lhes: "Meu reino não é deste mundo; é lá, e não na Terra, que vocês receberão a recompensa das suas boas obras." Por essas palavras, a Terra Prometida material se transforma numa pátria celeste; sendo assim, quando ele os chama à observância do mandamento "Honrem seu pai e sua mãe", já não é mais a Terra que ele lhes promete, mas sim o céu. (Cap. II e III.)

Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?

5. E tendo chegado na casa, reuniu-se ali uma multidão tão grande que ele

> nem conseguia fazer sua refeição. Quando seus parentes souberam disso, vieram buscá-lo, pois diziam ***que ele tinha perdido o juízo***.
>
> Entretanto, sua mãe e seus irmãos vieram, e, ficando do lado de fora, mandaram chamá-lo. Ora, o povo estava sentado em torno dele, e alguém lhe disse: Tua mãe e teus irmãos estão lá fora e te chamam. — Mas ele lhes respondeu: ***Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?*** — E olhando para aqueles que estavam sentados em torno dele, exclamou: Eis aqui minha mãe e meus irmãos; pois todo aquele que faz a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe. (São Marcos, 3: 20, 21; 31 a 35; são Mateus, 12: 46 a 50)

6. Certas palavras parecem estranhas na boca de Jesus, e contrastam com sua bondade e sua inalterável benevolência para com todos. Os incrédulos não deixaram de fazer disso uma arma, dizendo que ele contradizia a si mesmo. Um fato irrecusável é que sua doutrina tem por base essencial — por pedra angular — a lei de amor e de caridade; ele não podia, pois, destruir de um lado aquilo que estabelecia do outro. Disso é preciso tirar esta consequência rigorosa: se certas máximas estão em contradição com a base essencial, é que as palavras que lhe atribuem foram mal reproduzidas, mal compreendidas ou elas não são de Jesus.

7. As pessoas se espantam — com razão — em ver, nesta circunstância, Jesus mostrar tanta indiferença para com seus parentes e, de algum modo, negar sua mãe.

Com relação aos seus irmãos, sabe-se que eles jamais tiveram simpatia por Jesus; sendo Espíritos pouco avançados, eles não tinham compreendido sua missão; aos olhos deles, a conduta de Jesus era estranha e seus ensinamentos não os tinham sensibilizado, visto que Jesus não teve nenhum dos irmãos entre seus discípulos. Parece, inclusive, que até certo ponto eles compartilhavam dos preconceitos dos inimigos de Jesus. O que é certo, afinal, é que o acolhiam mais como um estranho do que como um irmão, quando ele aparecia à família, e são João diz concretamente "***que eles não acreditavam nele***." (João, 7: 5)

Quanto à sua mãe, ninguém ousaria contestar a ternura dela por seu

filho; mas é preciso convir também que ela não parecia ter feito uma ideia muito justa da missão de Jesus, pois jamais a viram seguir os ensinamentos dele, nem lhe prestar testemunho tal como João Batista fez; o zelo maternal era o sentimento dominante nela. Com relação a Jesus, supor que ele tenha renegado a mãe seria desconhecer o seu caráter; tal pensamento não podia animar aquele que disse: ***Honrem seu pai e sua mãe***. É preciso então procurar outro sentido para suas palavras, quase sempre veladas sob a forma alegórica.

Jesus não perdia nenhuma ocasião de dar um ensinamento; com isso, ele aproveitou aquele que lhe oferecia a chegada de sua família para estabelecer a diferença que existe entre o parentesco corporal e o parentesco espiritual.

Parentesco corporal e parentesco espiritual

8. Os laços do sangue não estabelecem necessariamente laços entre os Espíritos. O corpo procede do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito, porque o Espírito já existia antes da formação do corpo; não é o pai que cria o Espírito de seu filho; ele apenas fornece o envelope corpóreo; mas ele deve ajudar seu desenvolvimento intelectual e moral, para fazê-lo progredir.

Os Espíritos que encarnam numa mesma família — sobretudo como parentes próximos — são na maioria das vezes Espíritos simpáticos entre si, unidos por relações anteriores que se traduzem por uma afeição entre eles durante a vida terrena; mas pode acontecer também que esses Espíritos sejam completamente estranhos uns aos outros ou divididos por antipatias igualmente anteriores, que também se traduzem por um mútuo antagonismo na Terra, para lhes servir de provação. Logo, os verdadeiros laços de família não são os da consanguinidade, mas sim os da simpatia e da comunhão de pensamentos que unem os Espíritos ***antes***, ***durante*** e ***depois*** de suas encarnações. Donde se segue que dois seres nascidos de pais diferentes podem ser mais irmãos pelo Espírito do que se eles fossem irmãos de sangue; eles podem se atrair, se procurar e gostar de ficar juntos, enquanto dois irmãos consanguíneos podem se estranhar, assim como se vê todos os dias —

problema moral que só o espiritismo podia resolver pela pluralidade das existências. (Cap. IV, item 13.)

De fato, existem dois tipos de famílias: ***as famílias pelos laços espirituais e as famílias pelos laços corporais***; as primeiras são duráveis, se fortalecem pela purificação e se perpetuam no mundo dos Espíritos através das várias migrações da alma; as famílias do segundo tipo são frágeis como a matéria, se extinguem com o tempo e muitas vezes se dissolvem moralmente já desde a vida atual. Foi isso o que Jesus quis tornar compreensível ao se referir aos seus discípulos: Aqui estão minha mãe e meus irmãos, isto é, minha família pelos laços do Espírito, pois todo aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus é meu irmão, minha irmã e minha mãe.

A hostilidade de seus irmãos está claramente expressa no relato de são Marcos, uma vez que — diz ele — pretendiam se apoderar de Jesus, sob o pretexto de que ele tinha ***perdido o juízo***. Ao anunciarem a chegada dos seus irmãos, Jesus conhecendo os sentimentos que eles tinham a seu respeito, era natural que ele dissesse, referindo-se a seus discípulos, do ponto de vista espiritual: “Aqui estão meus verdadeiros irmãos.” Embora sua mãe estivesse com eles, Jesus generaliza o ensinamento — o que não significa, de maneira alguma, que ele tivesse pretendido declarar que sua mãe carnal não fosse nada para ele como Espírito, nem que ele tivesse por ela apenas indiferença; sua conduta, em outras circunstâncias, provou suficientemente o contrário.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

A ingratidão dos filhos e os laços de família

9. A ingratidão é um dos frutos mais imediatos do egoísmo; ela sempre causa revolta nos corações honestos, mas a ingratidão dos filhos para com os pais tem um caráter ainda mais odioso: é especialmente desse ponto de vista que nós vamos encará-la, para analisar suas causas e seus efeitos. Aqui, como em todos os pontos, o espiritismo vem projetar luz sobre um dos problemas do coração humano.

Quando o Espírito deixa a Terra, ele leva consigo as paixões ou as

virtudes inerentes à sua natureza, e vai no Espaço se aperfeiçoando ou ficando estacionado até que queira ver a luz. Muitos deles, no entanto, partem carregando com eles os ódios violentos e os desejos de vingança não saciados; mas para alguns dentre eles, mais adiantados do que os outros, é permitido vislumbrar uma pontinha da verdade; estes então reconhecem os funestos efeitos de suas paixões e é daí que eles tomam boas resoluções; eles compreendem que para chegar a Deus, só há uma senha: ***caridade***. Ora, não há caridade sem esquecer os ultrajes e as injúrias; não há caridade com ódio no coração e sem perdão.

Depois disso, com um esforço inédito, eles olham para aqueles a quem detestavam na Terra; mas com essa visão, a sua animosidade se desperta, eles se revoltam contra a ideia de perdoar, e ainda mais contra a ideia de abdicarem de si mesmos — mas sobretudo contra a ideia de amar aqueles que talvez tenham destruído sua fortuna, sua honra e sua família. Entretanto, o coração desses infelizes está abalado; eles hesitam, vacilam, agitados por sentimentos contrários. Se a boa resolução predomina, eles oram a Deus, imploram aos bons Espíritos para lhes dar força no momento mais decisivo da provação.

Enfim, após alguns anos de meditações e preces, o Espírito se aproveita de um corpo carnal que se prepara na família daquele a quem detestou, e pede aos Espíritos encarregados de transmitir as ordens supremas para ir cumprir na Terra os destinos daquele corpo que acaba de se formar. Qual será então a sua conduta nessa família? Dependerá da maior ou menor persistência das suas boas resoluções. O contato incessante com os seres a quem odiou representa uma prova terrível sob a qual ele sucumbe algumas vezes, quando a sua vontade não está forte o bastante. Assim, conforme prevaleça a boa ou a má resolução, ele será amigo ou inimigo daqueles entre os quais foi chamado a viver. É assim que se explicam esses ódios, essas repulsões instintivas que notamos em certas crianças e que nenhum ato anterior parece justificar. De fato, nada naquela existência pôde provocar tal antipatia; para compreendê-la, é preciso lançar o olhar para o passado.

Ó espíritas! Compreendam agora o grande papel da humanidade; compreendam que quando vocês produzem um corpo, a alma que nele

encarna vem do espaço para progredir. Reconheçam seus deveres e dediquem todo o amor de vocês a aproximar essa alma de Deus: esta é a missão que foi confiada a vocês e pela qual receberão a recompensa — se a cumprirem fielmente. Os cuidados e a educação que vocês derem a esta alma auxiliarão no aperfeiçoamento e no bem-estar futuro desta alma. Imaginem que a todos os pais e a todas as mães, Deus perguntará: O que vocês fizeram com o filho confiado à sua guarda? Se ele continuou atrasado por vossa culpa, então o castigo de vocês será vê-lo entre os Espíritos sofredores, quando dependia de vocês que ele fosse feliz. Com isso, cheios de remorsos, vocês mesmos pedirão para reparar a própria falta; solicitarão uma nova encarnação para si e para ele, na qual o cercarão de cuidados mais atenciosos, e ele, pleno de reconhecimento, lhes envolverá com amor.

Portanto, não rejeitem a criança no berço que repulsa sua mãe, nem a que lhes paga com a ingratidão; não foi o acaso que a fez assim e a trouxe para vocês. Uma intuição imperfeita do passado se revela, e por aí vocês podem deduzir que um ou outro já odiou bastante ou foi muito ofendido; que um ou outro veio para perdoar ou para expiar. Mães, abracem o filho que lhes causa desgostos e digam a si mesmas: Um de nós dois foi o culpado. Façam por merecer as alegrias divinas que Deus vinculou à maternidade, ensinando a esse filho que ele está na Terra para se aperfeiçoar, amar e agradecer. Mas, infelizmente, muitas de vocês, em vez de reprimir pela educação os maus princípios inatos de existências anteriores, preservam e alimentam esses mesmos princípios por uma fraqueza culposa ou por descuido, e mais tarde, com o coração ulcerado pela ingratidão dos filhos, isso será para vocês — já nesta vida — um começo de expiação.

A tarefa não é tão difícil quanto poderiam imaginar; ela não exige a sabedoria do mundo; tanto o ignorante quanto o sábio podem realizá-la, e o espiritismo vem facilitá-la dando a conhecer a causa das imperfeições do coração humano.

Desde o berço, a criança manifesta os instintos bons ou maus que traz da sua existência anterior; é justamente para estudar esses instintos que devemos nos esforçar. Todos os males têm sua origem no egoísmo e no orgulho; então, vigiem os mínimos sinais que revelam o germe desses vícios e

dediquem-se a combatê-los sem deixar que eles criem raízes profundas. Façam como o bom jardineiro, que arranca os brotos nocivos na medida em que os vê despontar na árvore. Se deixarem o egoísmo e o orgulho se desenvolverem, então não se espantem de serem pagos mais tarde com a ingratidão. Se os pais tiverem feito tudo o que podiam pelo adiantamento moral de seus filhos e não conseguiram êxito, então eles não têm de que se culpar, e a consciência deles pode ficar tranquila; quanto ao amargor muito natural que eles experimentam pelo insucesso de seus esforços, Deus reserva uma grande e imensa consolação, pela ***certeza*** de que isso não passa de um breve atraso, e que lhes será concedido concluir em outra existência a obra começada nesta vida, sendo que um dia o filho ingrato os recompensará com o seu amor. (Cap. XIII, item 19.)

Deus não dá nenhuma provação acima das forças daquele que a pede; ele só permite as que podem ser cumpridas, e se alguém não consegue, não é que lhe falte possibilidade, mas sim vontade, pois quantos há que, em vez de resistirem aos maus arrastamentos, comprazem-se com esses males. É a esses que estão reservados o pranto e os gemidos nas existências posteriores; mas, admirem a bondade de Deus, que jamais fecha a porta do arrependimento. Chega o dia em que o culpado se cansa de sofrer, quando o seu orgulho finalmente é abatido; daí então Deus abre os braços paternais ao filho pródigo que se lança aos seus pés. ***As provas rudes*** — ouçam-me bem — ***são quase sempre o indício de um fim de sofrimento e de um aperfeiçoamento do Espírito, quando essas provas são aceitas diante de Deus***. É um momento supremo, e é aqui sobretudo que é importante não falir pelo murmúrio — caso vocês não queiram perder o fruto de suas provações e terem de recomeçar. Em vez de se queixarem, agradeçam a Deus, que lhes oferece a oportunidade de vencer, para lhes conceder o prêmio da vitória. Então, quando tiverem saído do turbilhão do mundo terrestre e entrarem no mundo dos Espíritos, vocês aí serão aclamados como o soldado que sai vitorioso da batalha.

Os Espíritos atraídos pela similaridade dos gostos, pela semelhança do progresso moral e pela afeição formam famílias; esses mesmos Espíritos, em suas migrações terrenas, se procuram para se agruparem como o fazem no

espaço, nascendo daí as famílias unidas e homogêneas. Então, se em suas peregrinações eles ficarem temporariamente separados, mais tarde se reencontrarão, felizes pelos novos progressos que realizaram. Mas como eles não devem trabalhar somente para si, Deus permite que Espíritos menos avançados encarnem entre eles para aí receberem conselhos e bons exemplos no interesse do seu avanço; nisso, às vezes esses Espíritos causam problemas, mas aí está o desafio, aí está a tarefa. Portanto, acolham esses Espíritos como irmãos; venham em auxílio deles, e mais tarde, no mundo dos Espíritos, a família se felicitará por ter salvado alguns náufragos que, por sua vez, poderão salvar outros.

SANTO AGOSTINHO (Paris, 1862)

CAPÍTULO XV

FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO

O que é preciso para ser salvo. Parábola do Bom Samaritano – O maior mandamento – Necessidade da caridade segundo Paulo – Fora da Igreja não há salvação. Fora da verdade não há salvação – INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: Fora da caridade não há salvação

O que é preciso para ser salvo. Parábola do Bom Samaritano

1. Ora, quando o Filho do homem vier majestosamente, acompanhado de todos os anjos, então se sentará no trono de sua glória; e estando reunidos diante dele todos os povos, ele separará uns dos outros, como um pastor separa as ovelhas dos bodes, e colocará as ovelhas à sua direita e os bodes à sua esquerda.

Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: Venham, vocês que foram abençoados pelo meu Pai, tomem posse do reino que lhes foi preparado desde o começo do mundo, porque eu tive fome e vocês me deram de comer; eu tive sede e me deram de beber; precisei de alojamento e me hospedaram; estive nu e me vestiram; estive doente e vocês me visitaram; fui preso e foram me visitar.

Então, os justos lhe responderão: Senhor, quando foi que nós te vimos com fome e que te demos de comer, ou com sede e que te demos de beber? Quando foi que te vimos sem alojamento e que te hospedamos; ou sem roupa e que te vestimos? E quando foi que te vimos doente ou preso e que fomos te visitar? — E o Rei lhes responderá: Em verdade eu lhes digo, que toda vez que vocês fizeram isso a um destes pequeninos dos meus irmãos, foi a mim mesmo que fizeram tudo isso.

Em seguida, ele dirá a quem estiver à sua esquerda: Afastem-se de mim, malditos; vão para o fogo eterno, que foi preparado para o diabo e para seus anjos, porque eu tive fome, e vocês não me deram de comer; tive sede, e não me deram de beber; precisei de alojamento, e não me hospedaram; estive sem roupa, e não me vestiram; fiquei doente e fui preso, e não me visitaram.

Então eles lhe retrucarão assim: Senhor, quando foi que nós te vimos com fome, com sede, sem alojamento ou sem roupa, doente ou na prisão, e que nós deixamos de te ajudar? — Mas ele lhes responderá: Em verdade eu lhes digo: que toda vez que vocês deixaram de prestar assistência a um destes pequeninos, vocês deixaram de socorrer a mim mesmo.

E então esses irão para o suplício eterno, e os justos para a vida eterna. (São Mateus, 25: 31 a 46)

2. Então um doutor da lei, levantando-se, disse a ele, para tentá-lo: Mestre, o que eu preciso fazer para possuir a vida eterna? — Jesus lhe respondeu: O que é que está escrito na lei? O que é que nela vocês leem? — Ele respondeu: Amar o Senhor teu Deus de todo o coração, de toda a tua alma, com todas as tuas forças e de todo o teu espírito, e a teu próximo como a ti mesmo. — Jesus lhe disse: Você respondeu muito bem; faça isso e você viverá.

Mas esse homem, querendo parecer que era um justo, diz a Jesus: E quem é o meu próximo? — E Jesus, tomando a palavra, lhe diz:

Um homem, que voltava de Jerusalém para Jericó, caiu nas mãos de ladrões, que lhe roubaram os pertences, cobriram-no de ferimentos e se foram, deixando-o semimorto. Aconteceu em seguida que um sacerdote descia pelo mesmo caminho e, vendo-o, passou adiante. Um levita, que também vinha pelo mesmo lugar, tendo-o visto, também passou adiante. Mas um samaritano que viajava, chegando ao lugar onde aquele homem estava e vendo-o, ficou tocado de compaixão por ele. Então se aproximou dele, derramou azeite e vinho nas suas feridas e fez curativos; depois, colocando-o no seu cavalo, levou-o a uma hospedaria e cuidou dele. No dia seguinte, entregou dois denários ao hoteleiro, dizendo-lhe: Trate muito bem deste homem e tudo o que gastar a mais, eu te pagarei quando eu retornar.

Qual desses três te parece ter sido o próximo daquele que havia caído nas mãos dos ladrões? — O doutor da lei lhe respondeu: Aquele que exerceu de misericórdia para com ele. — Então vá, diz Jesus, e faça o mesmo. (São Lucas, 10: 25 a 37)

3. Toda a moral de Jesus se resume na caridade e na humildade, quer dizer, nas duas virtudes contrárias ao egoísmo e ao orgulho. Em todos os seus ensinamentos, ele mostra essas duas virtudes como sendo o caminho da eterna felicidade: Bem-aventurado — disse ele — os pobres de espírito, isto é, os humildes, porque deles é o reino dos céus; bem-aventurados aqueles que têm o coração puro; bem-aventurados aqueles que são mansos e pacíficos; bem-aventurados os que são misericordiosos; amem o próximo como a si mesmos; façam aos outros aquilo que gostariam que eles fizessem a vocês; amem seus inimigos; perdoem as ofensas, se quiserem ser perdoados; façam o bem sem ostentação; julguem a vocês mesmos antes de julgarem os outros. Humildade e caridade, eis o que Jesus não cessa de recomendar e do que ele mesmo dá o exemplo. Orgulho e egoísmo, eis o que ele não cansa de combater; mas ele faz mais do que recomendar a caridade: ele a põe nitidamente e em termos explícitos como a condição absoluta da felicidade futura.

No quadro que Jesus apresenta do juízo final, é preciso — como em muitas outras coisas — separar a figura e a alegoria. Para homens como aqueles a quem ele falava, ainda incapazes de compreender as coisas puramente espirituais, ele devia apresentar imagens materiais, chocantes e capazes de impressionar; para ser mais bem aceito, ele precisava até mesmo não se afastar muito das ideias conhecidas, quanto à forma, reservando sempre para o futuro a verdadeira interpretação de suas palavras e dos pontos sobre os quais não podiam ser explicados claramente. Mas, ao lado da parte acessória e figurada do quadro, há uma ideia dominante: a da felicidade reservada ao justo e da infelicidade reservada ao homem mau.

Naquele julgamento supremo, quais são as considerações da sentença? Sobre o que é o inquérito? Será que o juiz pergunta se essa ou aquela formalidade foi cumprida? Se essa ou aquela prática exterior foi observada a mais ou a menos? Não! Ele só vai inquirir uma coisa: a prática da caridade, e se pronuncia dizendo: Vocês que ajudaram os irmãos, passem à direita; vocês que foram duros para com eles, passem à esquerda. Será que ele se informa sobre a ortodoxia da fé? Será que ele faz qualquer distinção entre aquele que crê de um jeito e aquele que crê de outro modo? Não, pois Jesus coloca o

samaritano — considerado herético, mas que tem amor ao próximo — acima do ortodoxo que falta com a caridade. Em suma, Jesus não faz da caridade apenas uma das condições para a salvação, e sim a única condição; se tivessem outras a serem preenchidas, ele as teria mencionado. Já que ele coloca a caridade em primeiro lugar na classe das virtudes, é que ela contém implicitamente todas as outras: a humildade, a doçura, a benevolência, a indulgência, a justiça etc., e porque ela é a negação absoluta do orgulho e do egoísmo.

O maior mandamento

> **4.** Os fariseus, tendo ouvido que ele havia calado a boca dos saduceus, reuniram-se em assembleia; então, um deles, que era doutor da lei, veio lhe fazer esta pergunta, para tentá-lo: Mestre, qual é o maior mandamento da lei? — Jesus lhe respondeu: Ame o Senhor teu Deus de todo o coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito; este é o maior e o primeiro mandamento. E aqui está o segundo, que é semelhante ao primeiro: Ame o teu próximo como a ti mesmo. Toda a lei e os profetas estão contidos nesses dois mandamentos. (São Mateus, 22: 34 a 40)

5. Caridade e humildade, tal é, portanto, o único caminho da salvação; egoísmo e orgulho, tal é o caminho da perdição. Este princípio está formulado em termos precisos nas seguintes palavras: “Ame a Deus, de toda a tua alma, e ao teu próximo como a ti mesmo; ***toda a lei e os profetas estão contidos nesses dois mandamentos***.” E, para que não haja equívoco quanto à interpretação do amor a Deus e ao próximo, Jesus acrescenta: “E aqui está o segundo mandamento, que é semelhante ao primeiro”; ou seja, que não se pode verdadeiramente amar a Deus sem amar o próximo, nem amar o próximo sem amar a Deus. Por isso, tudo o que se faça contra o próximo é fazê-lo contra Deus. Não podendo amar a Deus sem praticar a caridade para com o próximo, todos os deveres do homem se encontram resumidos nesta máxima: **FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO**.

Necessidade da caridade segundo Paulo

6. Ainda que eu falasse todas as línguas dos homens e até mesmo a língua dos anjos, se eu não tiver a caridade, eu serei como o bronze que soa ou como o címbalo que retine; ainda que eu tivesse o dom da profecia, que penetrasse todos os mistérios e eu tivesse uma perfeita ciência de todas as coisas; ainda que eu tivesse toda a fé possível, até para transportar montanhas, ***se eu não tiver a caridade, eu nada sou***. E mesmo que eu tivesse distribuído meus bens para alimentar os pobres e que eu tivesse entregado meu corpo para ser queimado, se eu não tiver a caridade, tudo isso não me serviria de nada.

A caridade é paciente; ela é branda e benfazeja; a caridade não é invejosa; não é temerária nem precipitada; não se enche de orgulho; nunca é desdenhosa; não procura seus próprios interesses; ela não se irrita nem fica amargurada com coisa alguma; ela não tem más suspeitas; não se alegra com a injustiça, mas se rejubila com a verdade; tudo suporta, tudo crê, tudo espera, tudo sofre.

Agora, permanecem essas três virtudes: a fé, a esperança e a caridade; mas, dentre elas, a mais excelente é ***a caridade***. (São Paulo, 1ª Epístola aos Coríntios, 13: 1 a 7 e 13)

7. São Paulo compreendeu essa grande verdade tão bem que ele disse: ***"Ainda que eu tivesse a linguagem dos anjos; que eu tivesse o dom da profecia, que eu penetrasse em todos os mistérios; que eu tivesse toda a fé possível, até a de transportar montanhas, se não tiver a caridade, eu nada sou. Dentre estas três virtudes: a fé, a esperança e a caridade, a mais excelente é a caridade***." Desta forma, sem equívoco, ele coloca a caridade acima até mesmo da fé; é que a caridade está ao alcance de todo o mundo, do ignorante ao sábio, do rico ao pobre, e porque ela independe de qualquer crença particular.

E Paulo faz mais: ele define a verdadeira caridade, mostrando-a não só na beneficência, mas também na união de todas as qualidades do coração, na bondade e na benevolência com relação ao próximo.

Fora da Igreja não há salvação – Fora da verdade não há salvação

8. Enquanto a máxima ***Fora da caridade não há salvação*** se apoia num

princípio universal e abre a todos os filhos de Deus o acesso à suprema felicidade, o dogma *Fora da Igreja não há salvação* se apoia não na fé fundamental em Deus e na imortalidade da alma, fé comum a todas as religiões, mas *numa fé especial, em dogmas particulares;* ele é exclusivo e absoluto; em vez de unir os filhos de Deus, este dogma os divide; em vez de inspirá-los ao amor pelos seus irmãos, ele alimenta e sanciona a irritação entre os sectários dos diferentes cultos que se consideram reciprocamente malditos na eternidade — sejam eles parentes ou amigos neste mundo. Ignorando a grande lei de igualdade perante o túmulo, tal dogma os separa até no campo de repouso. Já a máxima ***Fora da caridade não há salvação*** é a consagração do princípio da igualdade perante Deus e da liberdade de consciência; tendo esta máxima como regra, todos os homens se tornam irmãos, e qualquer que seja sua maneira de adorar o Criador, eles se estendem as mãos e oram uns pelos outros. Com o dogma *Fora da Igreja não há salvação*, eles se lançam o anátema, se perseguem entre si e vivem como inimigos; o pai não ora pelo filho nem o filho pelo pai, nem o amigo pelo amigo, já que eles se consideram reciprocamente condenados sem remissão. De tal jeito, esse dogma é essencialmente contrário aos ensinamentos do Cristo e à lei evangélica.

9. *Fora da verdade não há salvação* seria equivalente a *Fora da Igreja não há salvação*, e seria igualmente exclusivista, porque não existe uma única seita que não pretenda ter o privilégio da verdade. Qual é o homem que pode se vangloriar de possuir a verdade integralmente, já que o círculo dos conhecimentos aumenta sem cessar, e já que as ideias se retificam a cada dia? A verdade absoluta só é compartilhada entre os Espíritos da ordem mais elevada, e a humanidade terrena não poderia pretender fazer parte disso, porque não lhe é dado saber tudo; ela só pode aspirar a uma verdade relativa e proporcional ao seu adiantamento. Se Deus tivesse feito da posse da verdade absoluta a condição expressa da felicidade futura, então isso seria um decreto de interdição geral; ao passo que a caridade — mesmo na sua acepção mais ampla — pode ser praticada por todos. Em conformidade com o Evangelho, o espiritismo — admitindo que qualquer um pode ser salvo

independentemente da sua crença, mas desde que siga a lei de Deus — não decreta: *Fora do espiritismo não há salvação*, e, como ele também não pretende ensinar toda a verdade, tampouco ele decreta: *Fora da verdade não há salvação* — máxima que, em lugar de unir, causaria divisão e perpetuaria os antagonismos.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

Fora da caridade não há salvação

10. Meus filhos, na máxima: ***Fora da caridade não há salvação***, estão contidos os destinos dos homens na Terra e no céu; na Terra, porque sob a proteção desse estandarte eles viverão em paz; no céu, porque os que a tiverem praticado encontrarão graça diante do Senhor. Esse emblema é a tocha celeste, a coluna luminosa que guia o homem no deserto da vida para o conduzir à Terra Prometida, e ela brilha no céu como uma auréola santa na fronte dos eleitos, e na Terra se acha gravada no coração daqueles a quem Jesus dirá: Passem à direita vocês, os benditos de meu Pai. Vocês reconhecem esses eleitos pelo perfume de caridade que eles espalham ao redor deles. Nada exprime melhor o pensamento de Jesus, nada resume melhor os deveres do homem do que essa máxima de ordem divina. O Espiritismo não poderia provar melhor a sua origem do que a apresentando como regra, pois ela é o reflexo do mais puro cristianismo; com um guia como esse, o homem nunca se perderá. Por essa razão, meus amigos, dediquem-se a compreender o seu sentido profundo e as suas consequências; dediquem-se a buscar para vocês mesmos todas as suas aplicações. Submetam todas as suas ações ao controle da caridade e a sua consciência lhes responderá; não só ela evitará que vocês façam o mal como também lhes fará praticar o bem — já que não basta uma virtude passiva: é preciso uma virtude ativa. Para fazermos o bem, é preciso sempre a ação da vontade; para não fazer o mal, basta muitas vezes a inércia e a indiferença.

Meus amigos, agradeçam a Deus que permitiu que vocês pudessem

desfrutar da luz do espiritismo; não é que somente aqueles que possuem essa luz possam ser salvos, e sim porque, ajudando-os a compreender melhor os ensinos do Cristo, ela faz de vocês cristãos melhores. Portanto, façam com que, ao observarem vocês, todos possam dizer que ser um verdadeiro espírita e ser um verdadeiro cristão significam uma só e a mesma coisa, pois todos aqueles que praticam a caridade são discípulos de Jesus, seja qual for o culto a que pertençam.

PAULO, apóstolo (Paris, 1860)

CAPÍTULO XVI

NÃO PODEMOS SERVIR A DEUS E A MAMON

Salvação dos ricos – Preservar-se da avareza – Jesus na casa de Zaqueu – Parábola do rico malvado – Parábola dos talentos – Utilidade providencial da fortuna. Provas da riqueza e da miséria – Desigualdade das riquezas – INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS**: A verdadeira propriedade – Emprego da riqueza – Desprendimento dos bens terrenos – Transmissão da fortuna**

Salvação dos ricos

1. Ninguém pode servir a dois senhores, pois ou ele odiará um e amará o outro ou se apegará a um e desprezará o outro. Vocês não podem servir ao mesmo tempo a Deus e a Mamon. (São Lucas, 16: 13)

2. Então, um rapaz se aproximou dele e disse: Bom Mestre, que bem eu preciso fazer para adquirir a vida eterna? — Jesus lhe respondeu: Por que me chama de bom? Só Deus é que é bom. Se você quiser entrar na vida, siga os mandamentos. — Ele perguntou: Que mandamentos? Jesus lhe respondeu: Não mate, não cometa adultério, não roube, não levante falso testemunho. Honre teu pai e tua mãe, e ame o teu próximo como a ti mesmo.

O rapaz lhe respondeu: Eu tenho observado todos esses mandamentos desde minha juventude; o que ainda me falta? — Jesus lhe disse: Se quiser ser perfeito, vá, venda tudo o que você possui e doe aos pobres, e então você terá um tesouro no céu; depois, venha e me siga.

Ouvindo essas palavras, o rapaz foi embora muito triste, porque ele possuía muitos bens. Então Jesus disse aos seus discípulos: Eu lhes digo em

verdade que é muito difícil que um rico entre no reino dos céus. Eu lhes digo ainda mais uma vez: ***É mais fácil que um camelo passe pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus***.[37] (São Mateus, 19: 16 a 24; são Lucas, 18: 18 a 25; são Marcos, 10: 17 a 25)

Preservar-se da avareza

3. Então um homem lhe disse, no meio da multidão: Mestre, diga ao meu irmão que compartilhe comigo a herança que nos é devida. — Mas Jesus lhe disse: Ó homem! Quem me designou para julgá-los ou para fazer a partilha entre vocês? — Depois acrescentou: Tenha cuidado para se preservar de toda avareza, porque por mais abundante que o homem seja, sua vida não depende dos bens que possui.

Em seguida, ele contou a eles esta parábola: Havia um homem rico cujas terras tinham produzido extraordinariamente, e ele se entretinha a pensar consigo com estes pensamentos: O que farei, já que não tenho lugar onde possa guardar tudo o que tenho a colher? — E disse ele: Já sei o que farei: demolirei meus celeiros e construirei outros maiores, e aí colocarei toda a minha colheita e todos os meus bens; então direi à minha alma: Minha alma, você tem muitos bens em reserva para vários anos; repousa, come, bebe e aproveita. — Mas Deus, ao mesmo tempo disse a esse homem: Como você é insensato! Nesta mesma noite vão tomar a tua alma; então para quem ficará o que você tem acumulado?

Isso é o que acontece àquele que acumula tesouros para si próprio e que não é rico diante de Deus. (São Lucas, 12: 13 a 21)

Jesus na casa de Zaqueu

4. Tendo Jesus entrado em Jericó, passava pela cidade; e havia ali um homem chamado Zaqueu, chefe dos publicanos e muito rico, o qual, desejando ver Jesus, para conhecê-lo, não o conseguia por causa da multidão, pois era muito pequeno. Por isso, ele correu adiante e subiu numa figueira para vê-lo, pois

[37] Essa figura de linguagem ousada pode parecer um pouco forçada, porque não se vê a relação que existe entre um camelo e uma agulha. Isso vem do fato de que em hebraico a mesma palavra é aplicada para *cabo* e *camelo*. Na tradução, foi-lhe dada esta última acepção; é provável que seja a primeira acepção a que estava no pensamento de Jesus; pelo menos é mais natural.

ele devia passar por ali. Jesus chegando a esse lugar, ergueu os olhos para o alto e, tendo-o visto, disse a ele: Zaqueu, trate de descer daí, porque é preciso que eu me hospede hoje na tua casa. — Zaqueu desceu imediatamente e o recebeu com alegria. Vendo isso, todos murmuravam, dizendo: Ele foi se hospedar na casa de um homem de má vida. (Veja na **Introdução**, o item *Publicanos*.)

Entretanto, Zaqueu, apresentando-se diante do Senhor, lhe disse: Senhor, dou a metade dos meus bens aos pobres, e se tiver causado algum dano a qualquer um deles, seja no que for, eu o recompensarei quatro vezes mais. — Sobre o que Jesus lhe disse: Esta casa recebeu hoje a salvação, porque esse homem também é um filho de Abraão; pois o Filho do Homem veio para procurar e salvar o que estava perdido. (São Lucas, 19: 1 a 10)

Parábola do rico malvado

5. Havia um homem rico, que se vestia de púrpura e de linho, e que cuidava de si magnificamente todos os dias. Havia também um pobre chamado Lázaro, deitado à sua porta, todo coberto de úlceras, e que só queria matar sua fome com as migalhas que caíam da mesa daquele rico; mas ninguém lhe dava das migalhas, e os cães vinham lamber as chagas dele. Ora, aconteceu que esse pobre morreu e foi levado pelos anjos para o seio de Abraão. O rico também morreu e teve o inferno como sepultura. E quando estava nos tormentos, ele levanta os olhos e vê de longe Abraão, e Lázaro em seu seio; e exclamando, disse estas palavras: Pai Abraão, tenha piedade de mim e me envie Lázaro, a fim de que ele molhe a ponta do dedo na água para refrescar a minha língua, pois estou sofrendo tormentos extremos nessa fornalha.

Mas Abraão lhe respondeu: Meu filho, lembre-se de que você já recebeu teus bens na vida e que Lázaro não teve mais do que males; é por isso que ele agora está na consolação e você está nos tormentos.

Além do mais, existe para sempre um grande abismo entre nós e você, de sorte que aqueles que queiram passar daqui para aí não o podem, como também ninguém pode passar do lugar onde você está para cá.

O rico lhe disse: Então eu te suplico, pai Abraão, que o mande à casa de meu pai, onde tenho cinco irmãos, a fim de lhes testemunhar essas coisas, para que eles também não venham para este lugar de tormento. — Abraão

lhe retrucou: Eles têm Moisés e os profetas; que os escutem. — Disse-lhe: Não, pai Abraão; se algum dos mortos for se encontrar com eles, então farão penitência. — Abraão lhe respondeu: Se eles não escutam nem Moisés nem os profetas, tampouco eles acreditarão, ainda que algum dos mortos ressuscite. (São Lucas, 16: 19 a 31)

Parábola dos Talentos

6. O Senhor age como um homem que, precisando fazer uma longa viagem para fora do seu país, chama seus servos e entrega seus bens nas mãos deles. E tendo dado cinco talentos a um, dois a outro e um talento a outro servo, conforme as capacidades de cada um, daí ele logo parte em viagem. Então, o que havia recebido cinco talentos vai, negocia com aquele dinheiro e ganha outros cinco. O que havia recebido dois talentos, do mesmo modo, ganha outros dois. Quanto àquele que só tinha recebido um, ele foi cavar um buraco na terra e lá escondeu o dinheiro de seu senhor. Depois de um longo tempo, quando o senhor daqueles servos retornou, ele os fez prestar contas. E aquele que tinha recebido cinco talentos veio lhe apresentar mais outros cinco, dizendo-lhe: Mestre, o senhor entregou cinco talentos em minhas mãos: aqui estão eles, e além deles mais cinco que ganhei. — Seu senhor lhe respondeu: Ó bom e fiel servo, já que você foi fiel em pouca coisa, eu vou te confiar muitas outras; desfrute da alegria do teu Senhor. — O que havia recebido dois talentos também veio se apresentar a ele, e lhe disse: Mestre, o senhor entregou dois talentos em minhas mãos; aqui estão eles, e além deles mais outros dois que ganhei. — Seu mestre lhe respondeu: Ó bom e fiel servo, já que você foi fiel em pouca coisa, eu vou te confiar muitas outras; desfrute da alegria do teu Senhor. — Aquele que havia recebido um talento veio em seguida e lhe disse: Mestre, eu sei que o senhor é um homem severo, que ceifa onde não semeou e que colhe onde nada plantou; por isso, como eu fiquei com medo de ti, eu fui esconder o teu talento na terra; aqui está ele: eu te restituo o que é teu. — Mas seu senhor lhe respondeu: Servo mau e preguiçoso; você sabia que eu ceifo onde não semeei e que eu colho onde nada plantei: você devia então pôr o meu dinheiro nas mãos dos banqueiros, a fim de que, ao meu retorno, eu lucrasse com juros o que é meu. Portanto, que lhe seja tirado o talento que ele tem e que o entregue àquele que tem dez

> talentos; pois a todos aqueles que já têm, será dado mais, e eles ficarão cobertos de bens; mas daquele que nada tem, será tirado dele até mesmo aquilo que ele parece ter; e que esse servo inútil seja lançado nas trevas exteriores, lá onde haverá prantos e ranger de dentes. (São Mateus, 25: 14 a 30)

Utilidade providencial da fortuna – Provas da riqueza e da miséria

7. Se a riqueza devesse ser um obstáculo absoluto à salvação dos que a possuem, assim como poderia ser deduzido de certas palavras de Jesus, interpretadas segundo a letra e não conforme o espírito, Deus — que é quem concede a riqueza — teria colocado nas mãos de alguns um instrumento de perdição sem apelação, ideia que repugna à razão. Sem dúvidas, a riqueza é uma prova muito escorregadia, mais perigosa do que a miséria, devido seus atrativos, pelas tentações que provoca e pela fascinação que exerce. Ela é a suprema excitação do orgulho, do egoísmo e da vida sensual; é o laço mais poderoso que aprisiona o homem à Terra e desvia seus pensamentos do céu; ela produz uma tal vertigem que muitas vezes aquele que passa da miséria à riqueza esquece rapidamente a sua primeira condição, esquece aqueles que com ele a compartilhavam, aqueles que o ajudaram, e então se torna insensível, egoísta e vão. Porém, pelo fato de a riqueza tornar a rota difícil, não significa que a torne impossível e não possa se tornar um meio de salvação nas mãos daquele que saiba usá-la, como certos venenos podem restituir a saúde se forem empregados a propósito e com discernimento.

Quando Jesus disse ao rapaz que o interrogava sobre os meios de ganhar a vida eterna: “Desfaça-se de todos os teus bens e me siga”, não pretendia estabelecer como princípio absoluto que cada um deva se desfazer do que possui e que a salvação só seja obtida a esse preço, mas apenas ele quis mostrar que o ***apego aos bens terrenos*** é um obstáculo à salvação. Aquele rapaz realmente se julgava quite porque observava certos mandamentos e, no entanto, recuava à ideia de abandonar seus bens; seu desejo de obter a vida eterna não ia até esse sacrifício.

A proposição que Jesus lhe fizera era uma prova decisiva para revelar o

fundo do seu pensamento; ele sem dúvidas podia ser um homem perfeitamente honesto segundo o mundo, podia não fazer mal a ninguém, não maldizer o próximo, podia não ser nem vão nem orgulhoso, podia honrar seu pai e sua mãe; mas ele não tinha a verdadeira caridade, pois sua virtude não ia até a abnegação. Foi isso o que Jesus quis demonstrar; era uma aplicação do princípio: Fora da caridade não há salvação.

A consequência dessas palavras tomadas na sua acepção rigorosa seria a abolição da fortuna, como prejudicial à felicidade futura e como fonte de uma imensidade de males na Terra; além do mais, seria a condenação do trabalho que pode proporcioná-la — uma consequência absurda que reconduziria o homem à vida selvagem e que, por isso mesmo, estaria em contradição com a lei do progresso, que é uma lei de Deus.

Se a riqueza é a fonte de muitos males, se ela excita tantas más paixões, se ela provoca até mesmo tantos crimes, devemos culpar não à coisa, mas sim ao homem que abusa dela, assim como ele abusa de todos os dons de Deus. Pelo abuso, ele torna pernicioso o que lhe poderia ser mais útil; essa é a consequência do estado de inferioridade do mundo terrestre. Se a riqueza só produzisse males, Deus não a teria colocado na Terra; compete ao homem extrair o bem disso. Se ela não é um elemento direto de progresso moral, é — sem contestação — um poderoso elemento de progresso intelectual.

Com efeito, o homem tem por missão trabalhar pela melhoria material do globo; ele deve desbravá-lo, saneá-lo, dispô-lo para receber um dia toda a população que a sua extensão comporta. Para nutrir essa população que cresce sem cessar, é preciso aumentar a produção; se a produção de um país é insuficiente, será necessário ir buscá-la de longe. Por isso mesmo, as relações entre os povos tornam-se uma necessidade; para facilitar essas relações é preciso destruir os obstáculos materiais que separam os povos e tornar as comunicações mais rápidas. Para trabalhos que constituem uma obra dos séculos, o homem teve de extrair os materiais até das entranhas da Terra; ele procurou na ciência os meios de executá-los com mais segurança e mais rapidez; mas, para realizar tudo isso ele precisa de recursos: a necessidade o fez criar a riqueza, tal como ela o fez descobrir a ciência. A atividade requerida para esses mesmos trabalhos aumenta e desenvolve sua

inteligência, e essa inteligência que ele concentra primeiro na satisfação das necessidades materiais, o ajudará mais tarde a compreender as grandes verdades morais. Sendo a riqueza o principal meio de execução, sem ela não há mais grandes trabalhos, nem atividades, nem estímulos, nem pesquisas; então, é com razão que ela é considerada como um elemento de progresso.

Desigualdade das riquezas

8. A desigualdade das riquezas é um desses problemas que em vão procuraremos resolver, se considerarmos apenas a vida atual. A primeira questão que se apresenta é esta: Por que nem todos os homens são igualmente ricos? Não o são por uma razão muito simples: ***é que eles não são igualmente inteligentes, ativos e laboriosos para adquirir, nem sóbrios e previdentes para conservar***. A propósito, é um ponto matematicamente demonstrado que a fortuna equitativamente repartida daria a cada pessoa uma parte mínima e insuficiente; que em supondo essa partilha efetuada, o equilíbrio estaria rompido em pouco tempo pela diversidade dos caracteres e das aptidões; que em a supondo possível e durável, cada pessoa mal tendo do que viver, o resultado seria o aniquilamento de todos os grandes trabalhos que concorrem para o progresso e para o bem-estar da humanidade; que em supondo que ela desse a cada um o necessário, já não haveria mais o aguilhão que impulsiona às grandes descobertas e os empreendimentos úteis. Se Deus a concentra em certos pontos, é para que daí ela se expanda em quantidade suficiente, conforme as necessidades.

Admitindo isso, pergunta-se por que Deus a concede a pessoas incapazes de fazê-la frutificar para o bem de todos. Ainda aí está uma prova da sabedoria e da bondade de Deus. Ao dar ao homem o livre-arbítrio, ele quis que o homem chegasse — por sua própria experiência — a fazer uma distinção do bem e do mal, e que a prática do bem fosse o resultado dos esforços e da vontade íntima do homem. Este não deve ser conduzido fatalmente nem ao bem nem ao mal, sem o que ele não passaria de instrumento passivo e sem responsabilidades, como os animais. A fortuna é um meio de testá-lo moralmente; mas como ao mesmo tempo ela é um

poderoso meio de ação para o progresso, Deus não quer que ela fique longo tempo improdutiva, razão pela qual ***ele a desloca constantemente***. Cada um deve possuí-la, para tentar utilizá-la e provar o uso que sabe fazer dela; mas como há a impossibilidade material para que todos a possuam simultaneamente — e que, além disso, se todo mundo a possuísse, ninguém trabalharia e o melhoramento do globo sofreria com isso —, ***cada pessoa a possui por sua vez***: aquele que não a tem hoje já a teve ou a terá noutra existência; quem a tem agora poderá deixar de tê-la amanhã. Há ricos e pobres porque, como Deus é justo, cada qual deve trabalhar por sua vez. A pobreza é para alguns uma prova de paciência e de resignação; a riqueza é para outros uma prova de caridade e de abnegação.

Há quem lamente — e com razão — ver a lastimável aplicação que algumas pessoas fazem de sua fortuna e ver as ignóbeis paixões que a cobiça provoca, e então perguntam a si mesmos se Deus está sendo justo ao dar riqueza a tais pessoas. É certo que se o homem não tivesse mais do que uma única existência, nada justificaria essa tal repartição de bens da Terra; porém, se em vez de limitarem sua vista apenas à vida atual as pessoas considerassem o conjunto das existências, então elas veriam que tudo se equilibra com justiça. Desse modo, o pobre não tem mais motivo para acusar a Providência, nem motivo para invejar os ricos, assim como os ricos não têm mais motivo para se vangloriar do que possuem. Se eles abusam disso, não será nem com decretos nem com leis suntuárias que se remediará o mal; as leis podem mudar momentaneamente o exterior, mas não conseguem mudar o coração. É por isso que as leis têm duração temporária e são quase sempre seguidas de uma reação mais frenética. A fonte do mal está no egoísmo e no orgulho; os abusos de toda ordem cessarão por si mesmos quando os homens se regerem pela lei da caridade.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

A verdadeira propriedade

9. O homem não possui de fato senão aquilo que ele pode levar deste mundo.

Do que encontra na chegada e deixa na saída, ele desfruta durante a sua estadia; mas desde quando ele é forçado a abandonar tudo isso, então ele só tem o usufruto das coisas, e não a sua posse real. O que ele possui, então? Nada do que é de uso do corpo; tudo o que é de uso da alma — a inteligência, os conhecimentos, as qualidades morais — é o que ele traz e leva consigo, aquilo que ninguém pode tirar dele e que lhe servirá muito mais no outro mundo do que neste. Dele depende ser mais rico na sua partida do que na chegada, porque a sua posição futura depende daquilo que ele tiver adquirido no bem. Quando um homem vai a um país distante, ele arruma a sua bagagem com objetos que tem uso nesse país e não se preocupa com coisas que lhe seriam inúteis. Dessa forma, façam o mesmo com relação à vida futura, e providenciem de tudo aquilo que possa lhes servir.

Ao viajante que chega a um albergue, um bom alojamento é oferecido desde que ele possa pagá-lo; àquele que tenha poucos recursos, oferece-se um cômodo menos agradável; quanto a quem não tem nada, este vai dormir sobre a palha. Assim acontece com o homem na sua chegada no mundo dos Espíritos: seu lugar ali está subordinado às suas posses; só que não é com ouro que ele o paga. Ninguém lhe perguntará: Quanto você tinha na Terra? Que posição ocupava lá? Era um príncipe ou operário? Mas lhe perguntarão: O que você traz consigo? Não será contado o valor dos seus bens nem os seus títulos, e sim a soma das suas virtudes; ora, nessa conta, o operário pode ser mais rico do que o príncipe. Em vão ele alegará que antes da sua partida ele pagou a sua entrada com ouro, pois vão lhe responder: Os lugares aqui não são comprados: eles são conquistados pelo bem que foi feito. Com a moeda terrestre você pôde comprar campos, casas, palácios; aqui, tudo se paga com as qualidades do coração. Você é rico dessas qualidades? Então seja bem-vindo e vá para o primeiro lugar, onde todas as felicidades te esperam. Você é pobre? Então vá para o último lugar, onde será tratado de acordo com os teus haveres.

PASCAL (Genebra, 1860)

10. Os bens da Terra pertencem a Deus, que os distribui conforme a vontade dele, e o homem é apenas o usufrutuário desses bens, o seu administrador

mais ou menos íntegro e inteligente. Esses bens pertencem tão pouco individualmente ao homem, que Deus muitas vezes frustra todas as previsões e a riqueza escapa daquele que acredita possui-la com os melhores títulos.

Vocês dirão, talvez, que isso é compreensível com relação à fortuna hereditária, mas que não é o mesmo caso daquela que é adquirida pelo trabalho. Sem nenhuma dúvida, se for uma fortuna legítima, será este o caso, quando ela for adquirida honestamente, pois ***uma propriedade só é legitimamente adquirida quando, para adquiri-la, ninguém fez mal a ninguém***. Será pedido conta de cada centavo mal adquirido, com prejuízo para alguém. Mas, pelo fato de um homem ter conquistado sua fortuna por si mesmo, será que ele vai levar alguma vantagem disso ao morrer? As precauções que ele toma para transmiti-la a seus descendentes frequentemente não são inúteis? Pois então, se Deus não quiser que ela chegue até eles, nada conseguirá prevalecer contra a vontade divina. Será que o homem pode usar e abusar impunemente de seus bens durante a vida, sem ter que prestar contas? Não; ao permitir que o homem adquira riqueza, Deus pode ter pretendido recompensá-lo durante sua vida, pelos seus esforços, coragem e perseverança; mas se o homem só a utiliza para a satisfação dos seus sentidos ou do seu orgulho, e se essa riqueza se torna uma causa de queda em suas mãos, seria melhor para ele que não a possuísse; ele perde de um lado aquilo que ganhou do outro, anulando o mérito de seu trabalho, e quando deixar a Terra, Deus lhe dirá que ele já recebeu a sua recompensa.

M., ESPÍRITO PROTETOR (Bruxelas, 1861)

Emprego da riqueza

11. Vocês não podem servir a Deus e a Mamon — guardem bem isso, vocês a quem o amor do ouro domina, vocês que venderiam a alma para possuir tesouros, porque eles podem elevá-los acima dos outros homens e lhes proporcionar os prazeres das paixões. Não, vocês não podem servir a Deus e a Mamon! Portanto, se sentirem a alma dominada pelas cobiças da carne, apressem-se em sacudir o peso que os sobrecarrega, pois Deus — justo e severo — dirá a cada um: O que você fez, administrador infiel, dos bens que te

confiei? Esse poderoso motor de boas obras, você só o fez servir à tua satisfação pessoal!

Qual é então o melhor emprego da riqueza? Procurem nestas palavras "Amem-se uns aos outros" a solução desse problema. Aí está o segredo da boa utilização das riquezas. Aquele que está animado com o amor ao próximo tem a sua linha de conduta toda traçada; a aplicação que agrada a Deus é a caridade — não aquela caridade fria e egoísta, que consiste em espalhar ao redor de si o supérfluo de uma existência dourada, mas sim aquela caridade plena de amor, que procura o infeliz e o ergue sem humilhá-lo. Rico, dê do teu supérfluo; faça mais: dê um pouco do teu necessário, porque o teu necessário ainda é supérfluo; mas doe com sabedoria. Não repulse a queixa com medo de ser enganado, mas vá à fonte do mal; alivia primeiro e informe-se depois, e veja se o trabalho, se os conselhos e até mesmo se a afeição não serão mais eficazes do que a tua esmola. Reparta em torno de ti em abundância o amor a Deus, o amor ao trabalho, o amor ao próximo. Coloca tuas riquezas sobre uma base que nunca te faltará e que te trará grandes lucros: as boas obras. A riqueza da inteligência deve te servir como a do ouro; difunde em torno de ti os tesouros da instrução; distribui entre teus irmãos os tesouros do teu amor, e eles frutificarão.

CHEVERUS (Bordeaux, 1861)

12. Quando considero a brevidade da vida, eu fico dolorosamente impressionado com a incessante preocupação de que para vocês o objetivo é o bem-estar material, enquanto dão tão pouca importância e dedicam tão pouco tempo ao seu aperfeiçoamento moral — que vale para a eternidade. Diante da atividade que vocês desenvolvem, dizem que se trata de uma questão do mais alto interesse para a humanidade, ao passo que quase sempre não significa mais do que procurarem satisfazer às necessidades exageradas, à vaidade, ou de se entregarem aos excessos. Quantos sofrimentos, preocupações e tormentos cada um procura para si; quantas noites sem dormir, para aumentar uma fortuna muitas vezes mais que suficiente! Para o cúmulo da cegueira, não é raro vermos aqueles — cujo amor desenfreado pela riqueza e pelos gozos que ela proporciona os sujeita a um trabalho penoso — se

vangloriarem de uma existência dita de sacrifício e de mérito, como se trabalhassem para os outros e não para si mesmos! Insensatos! Então vocês realmente acreditam que serão levados em conta os seus cuidados e esforços movidos pelo egoísmo, pela cupidez ou pelo orgulho, ao passo que vocês negligenciam o seu futuro, assim como os deveres que a solidariedade fraterna impõe a todos aqueles que gozam das vantagens da vida social? Vocês só pensaram no seu corpo; seu bem-estar, seus prazeres foram o único objeto de sua solicitude egoísta; por ele, que morre, vocês desprezaram o Espírito que viverá sempre. Assim, esse senhor tão mimado e acariciado se tornou o seu tirano; ele comanda o Espírito de vocês, que se fez seu escravo. Seria esse o objetivo da existência que Deus lhes concedeu?

UM ESPÍRITO PROTETOR (Cracóvia, 1861)

13. O homem sendo o depositário, o gerente dos bens que Deus lhes colocou nas mãos, a ele será pedido uma severa prestação de contas do uso que tenha feito desses bens, em virtude do seu livre-arbítrio. O mau emprego consiste em servir-se deles somente para a satisfação pessoal; ao contrário, o uso é bom todas as vezes que deles resulta um bem qualquer para outrem; o mérito é proporcional ao sacrifício que a pessoa se impõe. A beneficência é só uma das formas de utilização da riqueza; ela ameniza a miséria atual, ela aplaca a fome, preserva do frio e dá abrigo a quem não o tem; porém, há um dever igualmente tão obrigatório e tão meritório, que consiste em prevenir a miséria; esta é principalmente a missão das grandes fortunas, através de trabalhos de todos os gêneros que elas podem executar. E mesmo que elas pudessem tirar daí um proveito legítimo, o bem não deixaria de existir, pois o trabalho desenvolve a inteligência e enaltece a dignidade do homem — que sempre se orgulha de poder dizer que ele ganhou o pão que come, ao passo que a esmola humilha e degrada. A riqueza concentrada em uma só mão deve ser como uma fonte de água viva que espalha a fecundidade e o bem-estar à sua volta. Ó vocês, ricos, que a empregam segundo os desígnios do Senhor, o coração de vocês será o primeiro a se saciar nessa fonte benfazeja; vocês terão já nesta vida as inefáveis alegrias da alma, em vez dos gozos materiais do egoísta que deixam um vazio no coração. Seus nomes serão benditos na

Terra, e quando a deixarem, o soberano mestre lhes endereçará a palavra, como na parábola dos talentos: “Ó servo bom e fiel, desfrute da alegria do teu Senhor”. Nessa parábola, o servo que enfiou na terra o dinheiro que lhe fora confiado não é a imagem dos avarentos, nas mãos dos quais a fortuna fica improdutiva? Entretanto, se Jesus fala especialmente de esmolas, é que naquele tempo e na região em que ele vivia não se conheciam os trabalhos que as artes e a indústria criaram depois e nos quais a riqueza pode ser aplicada utilmente para o bem geral. A todos os que podem doar — pouco ou muito — eu então direi: Deem a esmola quando isso for necessário, mas, tanto quanto possível, convertam-na em salário, a fim de que aquele que a receba não se envergonhe dela.

FÉNELON (Argel, 1860)

Desprendimento dos bens terrenos

14. Eu venho, meus irmãos, meus amigos, trazer o meu óbolo para lhes ajudar a caminhar corajosamente pela via do melhoramento na qual vocês entraram. Nós nos devemos uns aos outros; a não ser pela união sincera e fraternal entre os Espíritos e os encarnados é que a regeneração será possível.

O amor de vocês pelos bens terrenos é um dos mais fortes entraves ao seu adiantamento moral e espiritual; por esse apego à posse vocês destroem suas faculdades amáveis ao aplicar todas elas para as coisas materiais. Sejam sinceros: a riqueza proporciona uma felicidade pura? Quando seus cofres estão cheios, não há sempre um vazio no coração? No fundo dessa cesta de flores não há sempre um réptil escondido? Eu compreendo que o homem que tenha ganho uma fortuna, mediante um trabalho assíduo e honrável, experimente uma satisfação — muito justa, aliás —, mas dessa satisfação, muito natural e que Deus aprova, até um apego que absorve todos os outros sentimentos e paralisa os impulsos do coração, aí há uma grande distância, tão longa quanto a da avareza excessiva até a gastança exagerada — dois vícios entre os quais Deus colocou a caridade, santa e salutar virtude que ensina o rico a dar sem ostentação, para que o pobre receba sem baixeza.

Que a sua fortuna tenha vindo da família ou tenha sido adquirida com o

seu trabalho, há uma coisa que vocês jamais devem esquecer: é que tudo vem de Deus e tudo volta para Deus. Nada lhes pertence na Terra, nem mesmo o pobre corpo: a morte o tira de vocês, como tira todos os bens materiais. Vocês são depositários, e não proprietários — não se enganem. Deus lhes emprestou e vocês têm que lhe devolver, e ele empresta com a condição de que o supérfluo, pelo menos, seja revertido em favor daqueles que não têm o necessário.

Um de seus amigos lhes empresta certa quantia; por pouco que vocês sejam honestos, vocês têm o escrúpulo de restituí-lo e ficam agradecido a ele. Pois bem, essa é a posição de todo homem rico; Deus é o amigo celestial que lhe emprestou a riqueza; ele não pede para si mais do que o amor e o reconhecimento, mas ele exige que por sua vez o rico dê aos pobres — que são filhos de Deus da mesma forma que ele.

Os bens que Deus confiou a vocês despertam nos seus corações uma ardente e louca cobiça; vocês já pensaram — enquanto estão apegados imoderadamente a uma riqueza perecível e passageira como vocês mesmos — que virá um dia em que deverão prestar contas ao Senhor daquilo que veio dele? Esquecem que, pela riqueza, vocês revestiram do caráter sagrado de ministros da caridade na Terra, para serem dele os administradores inteligentes? Pois então, quando estão usando somente em proveito particular aquilo que lhes foi confiado, quem são vocês senão os depositários infiéis? Qual é o resultado desse esquecimento voluntário dos seus deveres? A morte inflexível, inexorável, vem rasgar o véu sob o qual vocês se escondem e lhes força a prestar contas ao amigo que lhes favorecera e que nesse momento ser reveste da toga do juiz diante de vocês.

É em vão que procurem se iludir na Terra, colorindo com o nome de virtude aquilo que frequentemente não passa de egoísmo; é em vão que chamem de economia e previdência aquilo que não passa de cupidez e avareza, ou chamem de generosidade o que não passa de gastança em seu proveito próprio. Um pai de família, por exemplo, deixará de praticar a caridade, economizará e acumulará ouro sobre ouro, e isso — diz ele — para deixar aos filhos o máximo possível de bens e evitar que eles caiam na miséria; isso é muito justo e paternal, eu admito, e ninguém pode culpá-lo por

isso; mas será realmente esse o único propósito que o guia? Não será muitas vezes um compromisso perante a consciência, para justificar aos seus próprios olhos e aos olhos do mundo o seu apego pessoal aos bens terrenos? Contudo, que eu admita que o amor paternal seja sua única intenção, isso seria motivo para esquecer seus irmãos perante Deus? Desde que ele já tenha o supérfluo, será que deixará os filhos na miséria só por eles terem um pouco menos desse supérfluo? Não estaria dando a eles uma lição de egoísmo e endurecendo seus corações? Não estaria sufocando neles o amor ao próximo? Pais e mães, vocês estão cometendo um grande erro se creem que desse modo vão aumentar a afeição dos filhos por vocês; ao lhes ensinar a serem egoístas com os outros vocês estão lhes ensinando a serem egoístas com vocês mesmos.

Quando um homem trabalhou muito e juntou muitos bens com o suor do seu rosto, vocês o escutam dizer com frequência que, quando o dinheiro é ganho, melhor se reconhece o seu valor — nada é mais verdadeiro do que isso. Pois bem! Já que esse homem admite conhecer todo o valor do dinheiro, que ele pratique a caridade dentro de suas possibilidades, e então terá mais mérito do que aquele que, nascido na abundância, ignora as rudes fadigas do trabalho. Mas ao contrário, já que aquele homem se lembra das suas aflições e das suas lutas, se ele for egoísta e duro para com os pobres, ele se torna bem mais culpado do que os outros, porque quanto mais a pessoa conhece por si mesma as dores ocultas da miséria, mais ela deve estar inclinada a aliviar as dores nos outros.

Infelizmente, nos homens de posses sempre há um sentimento tão forte quanto o apego à fortuna: o orgulho. Não é raro ver alguém que ficou rico atordoar o infeliz que implora sua assistência, com a narrativa de seus trabalhos e de suas aptidões, em vez de ajudá-lo, e acabar por dizer: “Faça o que eu fiz.” Segundo ele, a bondade de Deus não tem nada a ver com sua fortuna; o mérito vai todo para ele. Seu orgulho põe uma venda sobre os olhos e tapa os seus ouvidos; ele não entende que, apesar de toda a sua inteligência e de toda a sua habilidade, Deus pode derrubá-lo com uma só palavra.

Esbanjar a riqueza não é desprendimento dos bens terrenos, mas sim descaso e indiferença; o homem, como depositário desses bens, não tem mais

o direito de dilapidá-los, nem de confiscá-los em seu proveito, pois prodigalidade não é generosidade, mas sim frequentemente uma forma de egoísmo. Quem esbanja o ouro de mão cheia para satisfazer a uma fantasia não daria um centavo para prestar um favor. O desapego aos bens terrenos consiste em apreciar a riqueza no seu justo valor, em saber se servir pelos outros e não para si só, em não sacrificar os interesses da vida futura por ela, consiste em perdê-la sem murmurar caso agrade a Deus retirá-la. Se, por reveses imprevistos, vocês se tornarem outro Jó, digam, como ele: "Meu Deus, o senhor me deu, o senhor me tirou; que a tua vontade seja feita." Eis aí o verdadeiro desprendimento. Antes de tudo, sejam submissos; tenham fé naquele que, lhes tendo dado e tirado, pode lhes devolver. Resistam com coragem ao abatimento e ao desespero, que paralisam as suas forças; não se esqueçam jamais que, quando Deus lhes ferir, ao lado da maior provação ele sempre coloca uma consolação. Mas pensem sobretudo que há bens infinitamente mais preciosos do que os da Terra, e esse pensamento lhes ajudará a se desprenderem dos bens terrenos. O pouco apreço que se dê a uma coisa faz com que sua perda seja menos sensível. O homem que se apega aos bens terrenos é como a criança, que só vê o momento presente; aquele que não se prende a esses bens é como o adulto que vê as coisas mais importantes, pois ele compreende estas palavras proféticas do Salvador: O meu reino não é deste mundo.

O Senhor não ordena que nos livremos daquilo que possuímos para nos reduzirmos a uma mendicidade voluntária, pois assim nos tornaríamos uma carga para a sociedade; agir desse modo seria compreender mal o desprendimento dos bens terrenos; seria um egoísmo de um outro gênero, porque seria se eximir da responsabilidade que a fortuna faz pesar sobre aquele que a possui. Deus a concede a quem lhe pareça bom para geri-la em benefício de todos. Logo, o rico tem uma missão, uma missão que ele pode embelezar e tornar proveitosa a si mesmo; rejeitar a riqueza quando Deus lhes confia entregá-la é renunciar ao benefício do bem que se pode fazer, administrando-a com sabedoria. Saber passar sem ela quando não a tem, saber empregá-la utilmente quando a possui e saber sacrificá-la quando necessário é agir conforme os desígnios do Senhor. Para aquele a quem

chegue o que no mundo nós chamamos de uma boa fortuna, que diga: Meu Deus, o senhor me enviou uma nova obrigação; dê-me a força para cumpri-la segundo a tua santa vontade.

Eis aqui, meus amigos, o que eu queria ensinar a vocês sobre desprendimento dos bens terrenos; eu resumo tudo, dizendo: saibam se contentar com pouco. Se forem pobres, não invejem os ricos, porque a riqueza não é necessária para a felicidade; se forem ricos, não esqueçam que esses bens lhes foram confiados e que vocês devem justificar a sua utilização, como na prestação de contas de uma tutela. Não sejam como o depositário infiel, servindo-se deles para a satisfação do seu orgulho e da sua sensualidade. Não se achem no direito de dispor unicamente para vocês daquilo que não passa de um empréstimo — e não de uma doação. Se não souberem restituir, vocês não terão mais direito de pedir, e lembrem-se de que aquele que dá aos pobres salda o débito que contraiu com Deus.

LACORDAIRE (Constantina, 1863)

Transmissão da fortuna[38]

15. *O princípio segundo o qual o homem é apenas o depositário da fortuna, a qual Deus lhe permite desfrutar durante a vida, tira-lhe o direito de transmiti-la aos seus descendentes?*

O homem pode perfeitamente transmitir, com a sua morte, aquilo que desfrutou durante sua vida, porque o efeito desse direito está sempre subordinado à vontade de Deus, que pode, quando quiser, impedir os seus descendentes de usufruí-la; é assim que vemos desmoronarem fortunas que parecem as mais solidamente constituídas. A vontade do homem para manter sua fortuna na sua linhagem é então impotente, o que não lhe tira o direito de transmitir o empréstimo que recebeu, já que Deus pode retirá-lo quando julgar apropriado.

SÃO LUÍS (Paris, 1860)

---

[38] Este subtítulo está ausente na obra original, talvez por um descuido, já que aparece no sumário e no cabeçalho do capítulo; por isso o inserimos aqui, seguindo a ordem das temáticas listadas. — N. T.

CAPÍTULO XVII

SEJAM PERFEITOS

Características da perfeição – O homem de bem – Os bons espíritas – Parábola do Semeador – INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: **O dever – A virtude – Os superiores e os inferiores – O homem no mundo – Cuidem do corpo e do espírito**

Características da perfeição

> **1.** Amem seus inimigos; façam o bem aos que lhes odeiam e orem por aqueles que lhes perseguem e lhes caluniam; pois, se vocês só amarem os que lhes amam, que recompensa terão com isso? Os publicanos também não fazem o mesmo? E se vocês não saudarem ninguém além dos seus irmãos, o que é vocês estarão fazendo com isso mais do que os outros? Os pagãos não fazem a mesma coisa? Por sua vez, sejam perfeitos, como perfeito é o seu Pai celestial. (São Mateus, 5: 44, 46 a 48)

2. Já que Deus possui a perfeição infinita em todas as coisas, a máxima “Sejam perfeitos, como perfeito é o seu Pai celestial”, tomada ao pé da letra, poderia pressupor a possibilidade de alcançarmos a perfeição absoluta. Se fosse possível a uma criatura ser tão perfeita quanto o Criador, ela se tornaria igual a este — o que é inadmissível. Mas os homens a quem Jesus se endereçava não compreenderiam essa nuança; ele se limita a lhes apresentar um modelo e a dizer que eles se esforçassem para alcançá-lo.

Com isso, é preciso entender por essas palavras uma perfeição relativa, a qual a humanidade é capaz de alcançar e que mais a aproxima da Divindade. Em que consiste essa perfeição? Jesus assim diz: “amar os inimigos, fazer o bem aos que nos odeiam, orar pelos que nos perseguem.” Ele mostra desse

modo que a essência da perfeição é a caridade na sua mais ampla acepção, porque requer a prática de todas as outras virtudes.

Com efeito, se observarmos os resultados de todos os vícios, e até mesmo dos defeitos simples, nós reconheceremos que não existe nenhum deles que não altere mais ou menos o sentimento da caridade, porque todos têm o seu princípio no egoísmo e no orgulho, que são a negação da caridade; porque tudo que provoca o sentimento da personalidade destrói ou, pelo menos, enfraquece os elementos da verdadeira caridade, que são: a benevolência, a indulgência, a abnegação e o devotamento. O amor ao próximo — levado até o amor aos inimigos — não podendo se aliar a nenhum defeito contrário à caridade, significa por isso mesmo um indício de uma maior ou menor superioridade moral; disso resulta que o grau de perfeição é proporcional à extensão desse amor, e foi em razão disso que Jesus — depois de ter dado a seus discípulos as regras da caridade, no que ela tem de mais sublime — disse a eles: “Sejam perfeitos, como perfeito é seu Pai celestial.”

O homem de bem

3. O verdadeiro homem de bem é aquele que pratica a lei de justiça, de amor e de caridade na sua maior pureza. Quando ele interroga sua consciência sobre seus próprios atos, ele pergunta a si mesmo se não violou essa lei, se ele não fez o mal, se fez todo o bem ***que ele podia fazer***, se negligenciou voluntariamente alguma ocasião de ser útil, se ninguém tem de que se queixar dele; enfim, se ele fez aos outros tudo o que ele gostaria que lhe fizessem.

Ele tem fé em Deus, na sua bondade, na sua justiça e na sua sabedoria; ele sabe que nada acontece sem a permissão divina e em todas as situações ele se submete a essa vontade.

Ele tem fé no futuro; eis por que coloca os bens espirituais acima dos bens temporais.

Ele sabe que todas as vicissitudes da vida, todas as dores, todas as decepções são provas ou expiações, e ele as aceita sem murmurar.

O homem compenetrado do sentimento de caridade e de amor ao

próximo faz o bem pelo bem, sem esperar retorno; ele retribui o mal com o bem, toma a defesa do fraco contra o forte e sempre sacrifica seus interesses em favor da justiça.

Ele encontra a satisfação nas boas ações que ele espalha, nos favores que presta, nas alegrias que ele promove, nas lágrimas que enxuga e nas consolações que ele leva aos aflitos. Seu primeiro impulso é o de pensar nos outros antes de pensar em si, de procurar o interesse dos outros antes do seu próprio interesse; enquanto isso, o egoísta calcula os ganhos e as perdas de toda ação generosa.

O homem de bem é dócil, humano e benevolente para com todo mundo, sem distinção ***nem de raças nem de crenças***, porque ele vê irmãos em todos os homens.

Ele respeita nos outros todas as convicções sinceras e não lança anátema aos que não pensam igual a ele.

Em todas as circunstâncias a caridade é o seu guia; ele diz a si mesmo que quem prejudica a outrem com palavras malévolas, quem fere a sensibilidade de qualquer pessoa com o seu orgulho e o seu desprezo, quem não recua à ideia de causar um sofrimento, ainda que seja um leve constrangimento, quando poderia evitar, então este falta com o dever de amor ao próximo e não merece a clemência do Senhor.

O homem de bem não tem ódio, nem rancor, nem desejo de vingança. A exemplo de Jesus, ele perdoa e esquece as ofensas, recordando apenas das benevolências, pois ele sabe que será perdoado conforme ele também tiver perdoado.

Ele é indulgente para com as fraquezas alheias, porque sabe que também necessita de indulgência, e se recorda daquelas palavras do Cristo: Aquele que estiver sem pecado, que atire a primeira pedra.

O homem de bem não se compraz em procurar os defeitos alheios nem os põe em evidência; se a necessidade o obriga a fazer isso, ele procura sempre o bem que possa atenuar o mal.

Ele estuda suas próprias imperfeições e trabalha sem cessar para combatê-las. Todos os seus esforços são para poder dizer no dia seguinte que ele tem em si algo melhor do que tinha na véspera.

Ele não procura dar valor nem ao seu espírito nem aos seus talentos às custas de outro alguém; ao contrário, ele aproveita todas as ocasiões para fazer ressaltar o que seja vantajoso aos outros.

Não se envaidece nem da sua riqueza nem de suas vantagens pessoais, porque sabe que tudo o que lhe foi dado pode ser tirado dele.

Ele usa, mas não abusa dos bens que lhe são concedidos, por saber que isso é um depósito do qual ele deverá prestar contas, e que o emprego mais prejudicial para si mesmo que ele possa fazer desse depósito é o de colocá-lo para servir à satisfação de suas próprias paixões.

Se a ordem social colocou homens sob a sua dependência, ele os trata com bondade e benevolência, porque estes são iguais a ele perante Deus; ele usa da sua autoridade para levantar o moral deles, e não para os esmagar com o seu orgulho; ele evita tudo o que poderia tornar mais penosa a posição subalterna deles.

O subordinado, de sua parte, compreende os deveres da sua posição e tem o escrúpulo de cumpri-los conscienciosamente. (Cap. XVII, item 9)

Finalmente, o homem de bem respeita nos seus semelhantes todos os direitos que as leis da natureza conferem, assim como ele gostaria que todos respeitassem os direitos dele.

Esta não é a enumeração de todas as qualidades que caracterizam o homem de bem, mas quem se esforça para possuir as qualidades aqui citadas já está no caminho que conduz a todas as demais.

Os bons espíritas

4. O espiritismo bem compreendido, mas sobretudo bem sentido, conduz forçosamente aos resultados aqui mencionados, que caracterizam tanto o verdadeiro espírita quanto o verdadeiro cristão — sendo que um é o mesmo que o outro. O espiritismo não criou nenhuma moral nova; ele facilita aos homens a inteligência e a prática da moral do Cristo ao dar uma fé sólida e esclarecida às pessoas que duvidam ou vacilam.

Porém, muitos daqueles que acreditam nos fatos das manifestações não compreendem nem as suas consequências nem o seu alcance moral, ou, se os

compreendem, não os aplicam a si mesmos. A que isso se deve? Seria uma falta de exatidão da doutrina? Não, pois ela não contém alegorias nem figuras que possam dar lugar a falsas interpretações; sua própria essência é a clareza, e isso é o que constitui a sua força, porque ela vai direto à inteligência. Ela não tem nada de misterioso e seus iniciados não estão na posse de nenhum segredo escondido de uma pessoa comum.

Para compreendê-la, porventura falta uma inteligência fora do comum? Não, pois vemos homens de uma notória capacidade que não a compreendem, enquanto inteligências comuns — pessoas jovens inclusive, que mal saíram da adolescência — compreendendo com admirável justeza os mais delicados detalhes dessa doutrina. Isso vem do fato de que, de alguma forma, a parte ***material*** da ciência não requer mais do que os olhos para observar, ao passo que a parte ***essencial*** exige um certo grau de sensibilidade, que podemos chamar de ***maturidade do senso moral***, maturidade que independe da idade e do grau de instrução, porque é inerente ao desenvolvimento, em sentido especial, do Espírito encarnado.

Em algumas pessoas, os laços da matéria ainda estão bastante tenazes para permitir ao Espírito se desprender das coisas da Terra; o nevoeiro que as envolve tira dessas pessoas toda a visão do infinito; eis por que elas não rompem facilmente nem com suas preferências nem com seus hábitos, não compreendendo que haja qualquer coisa melhor do que elas têm; a crença nos Espíritos é para elas um simples fato, mas que pouco ou nada modifica as suas tendências instintivas: resumindo, elas não enxergam mais do que um raio de luz, insuficiente para conduzi-las e para lhes dar uma aspiração forte, capaz de vencer suas próprias inclinações. Essas pessoas se prendem mais aos fenômenos do que à moral, que lhes parece banal e monótona; elas pedem aos Espíritos para introduzi-las continuamente a novos mistérios, não se perguntando se elas já se tornaram dignas de penetrar nos segredos do Criador. Tais são os espíritas imperfeitos, alguns dos quais ficam no caminho ou se afastam de seus irmãos em crença, porque recuam diante da obrigação de reformarem a si mesmos, ou então eles reservam suas simpatias para aqueles que compartilham de suas fraquezas ou de suas prevenções. Entretanto, a aceitação do princípio da doutrina é um primeiro passo que lhes

tornará o segundo mais fácil numa outra existência.

Aquele que pode — com razão — ser qualificado de espírita, verdadeiro e sincero, encontra-se num grau superior de adiantamento moral; o Espírito que domina mais completamente a matéria tem uma percepção mais clara do porvir; os princípios da doutrina fazem vibrar nele as fibras que permanecem inertes nos outros; numa palavra: ***ele é tocado no coração;*** com isso, sua fé é inabalável. Um é como o músico que se emociona com certos acordes, ao passo que outro não escuta mais do que sons. ***Reconhecemos o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que ele faz para domar suas más inclinações;*** enquanto um se contenta com o seu horizonte limitado, o outro, que compreende algo melhor, esforça-se para se desprender dessa limitação, e este sempre consegue, quando tem vontade firme.

Parábola do Semeador[39]

5. Naquele mesmo dia, Jesus, tendo saído de casa, sentou-se à beira-mar; então se reuniu ao redor dele uma grande multidão, e por isso ele subiu num barco, onde se sentou, enquanto todo o povo permanecia na margem; e ele disse à multidão muitas coisas por meio de parábolas, falando dessa forma:

Aquele que semeia saiu a semear; e enquanto ele semeava, uma parte da semente caiu ao longo do caminho e os pássaros do céu vieram e a comeram.

Outra parte caiu em lugares pedregosos onde não havia bastante terra, e a semente logo brotou, porque a terra onde ela estava não tinha profundidade. Mas, tendo o Sol se levantado em seguida, ela foi queimada, e como não tinha raiz, ela secou.

Outra caiu nos espinhos, e esses espinhos vindo a crescer a sufocaram.

Outra parte, enfim, caiu em terra boa e produziu frutos; algumas sementes renderam cem por uma, outras sessenta e outras trinta.

Que ouça, quem tiver ouvidos para ouvir. (São Mateus, 13: 1 a 9)

Escutem, portanto, vocês outros, a parábola daquele que semeia.

Quando alguém escuta a palavra do reino e não lhe dá atenção, o

[39] Pelo original, a tradução literal seria ***Parábola da semente*** *(Parabole de la semence);* aqui, porém, optamos pela expressão já consagrada pelo uso em nosso idioma em referência a esta passagem. — N. T.

espírito maligno vem e arranca o que tinha sido semeado no seu coração; esse é aquele que recebeu a semente ao longo do caminho.

Quem recebe a semente no meio das pedras é aquele que escuta a palavra e que, na hora, a recebe até com alegria; mas ele não tem raiz em si mesmo, e dura apenas algum tempo; e quando surgem as dificuldades e as perseguições por causa da palavra, ele logo a toma como motivo de escândalo e de queda.

Aquele que recebe a semente entre espinhos é o que ouve a palavra, mas em seguida as preocupações deste século e a ilusão das riquezas sufocam nele aquela palavra e a tornam infrutífera.

Mas aquele que recebe a semente em boa terra é quem escuta a palavra, quem nela presta atenção e quem produz frutos, e rende cem, ou sessenta, ou trinta por um. (São Mateus, 13: 18 a 23)

6. A parábola da semente apresenta perfeitamente as nuances que existem na maneira de aproveitarmos os ensinamentos do Evangelho. De fato, quantas pessoas há para as quais isso não é mais do que uma letra morta que, semelhante à semente caída sobre as rochas, não produz nenhum fruto!

Ela encontra uma explicação não menos justa nas diferentes categorias de espíritas. Ela serve como uma representação daqueles que só se importam com os fenômenos materiais e destes não tiram nenhuma consequência, já que não veem neles nada além de um objeto de curiosidade; daqueles que não buscam senão o espetáculo nas comunicações dos Espíritos e só se interessam quando elas satisfazem a sua imaginação, mas que, após as terem ouvido, eles continuam tão frios e indiferentes quanto antes; daqueles que acham que os conselhos são muito bons e os admiram, mas aplicando aos outros, e não a si mesmos; e enfim, daqueles para quem essas instruções são como a semente que cai em terra boa, e então produzem frutos.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

O dever

7. O dever é a obrigação moral, primeiramente para consigo mesmo e em

seguida para com os outros. O dever é a lei da vida; ele se encontra tanto nos mais ínfimos detalhes quanto nos atos elevados. Quero falar aqui apenas do dever moral, e não daquele que as profissões impõem.

Na ordem dos sentimentos, o dever é muito difícil de ser cumprido, porque ele está em antagonismo com as seduções do interesse e do coração; suas vitórias não têm testemunhas e suas derrotas não têm repreensão. O dever íntimo do homem fica entregue ao seu livre-arbítrio; como aguilhão da consciência, esse guardião da probidade interior o adverte e o fortalece, mas muitas vezes ele fica impotente diante dos sofismas da paixão. Fielmente observado, o dever do coração eleva o homem; mas como determinar exatamente esse dever? Onde ele começa? Onde termina? ***O dever começa precisamente no ponto em que vocês ameaçam a felicidade ou a paz do seu semelhante; ele termina no limite em que não desejariam ver ultrapassado o direito de vocês***.

Deus criou todos os homens iguais para a dor; pequenos ou grandes, ignorantes ou instruídos, todos sofrem pelas mesmas causas, a fim de que cada um julgue conscientemente o mal que pode fazer. O mesmo critério não existe para o bem — infinitamente mais variado em suas expressões. ***A igualdade diante da dor é uma sublime previdência de Deus, que quer que todos os seus filhos, instruídos pela experiência comum, não cometam o mal alegando ignorância de seus efeitos***.

O dever é o resumo prático de todas as especulações morais; é uma bravura da alma que encara as angústias da luta; ele é austero e brando; pronto a se curvar diante das complicações diversas, ele se mantém inflexível diante das tentações. ***O homem que cumpre o seu dever ama a Deus mais do que às criaturas e ama as criaturas mais do que a si mesmo****;* ele é ao mesmo tempo juiz e escravo na sua própria causa.

O dever é o mais belo florão da razão; ele descende dela como o filho descende de sua mãe. O homem deve amar o dever, não porque este nos preserve dos males da vida, dos quais a humanidade não pode se subtrair, mas porque fornece à alma o vigor necessário para o seu desenvolvimento.

O dever se engrandece e irradia sob uma forma mais elevada em cada uma das etapas superiores da humanidade; a obrigação moral da criatura

para com Deus jamais cessa; ela deve refletir as virtudes do Eterno, que não aceita um esboço imperfeito, porque ele quer que a beleza de sua obra resplandeça a seus próprios olhos.

LÁZARO (Paris, 1863)

A virtude

8. A virtude, no seu mais alto grau, contém o conjunto de todas as qualidades essenciais que constituem o homem de bem. Ser bom, caridoso, laborioso, sóbrio e modesto são qualidades de uma pessoa virtuosa. Infelizmente, essas qualidades muitas vezes são acompanhadas de pequenos defeitos morais que as prejudicam e as enfraquecem. Aquele que faz ostentação de sua virtude não é virtuoso, já que lhe falta a qualidade principal: a modéstia, e que tem o vício mais contrário: o orgulho. A virtude verdadeiramente digna desse nome não gosta de se exibir; todos a percebem, mas ela se oculta na obscuridade e foge da admiração das multidões. São Vicente de Paulo era virtuoso; o digno Cura d'Ars era virtuoso, e muitos outros pouco conhecidos do mundo, mas conhecidos de Deus. Todos esses homens de bem ignoravam que eles mesmos fossem virtuosos; deixavam-se levar pela corrente de suas santas inspirações e praticavam o bem com um completo desinteresse e um inteiro esquecimento de si.

É a essa virtude compreendida e praticada dessa forma que eu os convido, meus filhos; é a essa virtude verdadeiramente cristã e verdadeiramente espírita que eu os encorajo a se consagrarem; mas, afastem de seus corações o pensamento do orgulho, da vaidade e do amor-próprio, que sempre deformam as mais belas qualidades. Não imitem aquele homem que se exibe como um modelo e se vangloria de suas próprias qualidades a todos os ouvidos complacentes. Essa virtude de ostentação esconde muitas vezes um monte de pequenas torpezas e de odiosas covardias.

Em princípio, o homem que exalta a si mesmo e que ergue uma estátua à sua própria virtude anula, por esse simples fato, todo o mérito efetivo que ele possa ter. Mas o que direi daquele cujo único valor consiste em parecer o que não é? Admito perfeitamente que o homem que faz o bem sente com isso uma

satisfação íntima no fundo do seu coração, mas desde que essa satisfação seja exteriorizada para colher elogios, ela degenera em amor-próprio.

Ó, vocês todos a quem a fé espírita reaqueceu com seus raios, e que sabem o quanto o homem está longe da perfeição: não cedam jamais a tal erro. A virtude é uma graça que eu desejo a todos os espíritas sinceros, mas eu lhes direi ainda: mais vale menos virtudes com a modéstia do que muitas delas com o orgulho. É pelo orgulho que as humanidades sucessivas estão se perdendo; é pela humildade que um dia elas deverão se redimir.

FRANÇOIS-NICOLAS-MADELEINE (Paris, 1863)

Os superiores e os inferiores

9. A autoridade — assim como a riqueza — é uma delegação da qual será pedido contas àquele que dela foi investido; não pensem que ela tenha sido concedida para proporcionar o vão prazer de comandar, nem tampouco como um direito, uma propriedade — assim como muito erroneamente acredita a maioria dos poderosos da Terra. Deus, entretanto, dá bastante provas de que ela não é nem uma nem outra coisa, pois ele retira a autoridade de vocês quando isso bem apraz a ele. Se fosse um privilégio inerente às próprias pessoas, ela seria inalienável; então, ninguém pode dizer que uma coisa lhe pertence quando essa coisa pode ser tirada sem o seu consentimento. Deus delega a autoridade a título de ***missão*** ou de provação, quando isso lhe convém — e a retira da mesma forma.

Quem quer que seja depositário de autoridade, seja qual for o alcance que ela tenha — desde um senhor sobre o seu servo, até um soberano sobre o seu povo —, nenhum deles deve se esquecer de que é responsável por almas e que ele responderá pela boa ou má direção que tiver dado aos seus subordinados; as faltas que estes puderem cometer, os vícios aos quais eles forem arrastados em consequência dessa direção ou ***dos maus exemplos***, recairão sobre ele, tanto quanto ele recolherá os frutos pelos seus cuidados para os reconduzir ao bem. Todo homem tem na Terra uma missão, grande ou pequena; qualquer que seja essa missão, ela sempre é dada para o bem; portanto, distorcer seu conceito é falir na sua missão.

Se Deus pergunta ao rico: “O que você fez da fortuna que em tuas mãos deveria ser uma fonte espalhando a fecundidade a todo o seu redor?”, então ele perguntará àquele que tem uma autoridade qualquer: “Que uso você fez dessa autoridade? Que males você evitou? Que progresso conseguiu fazer? Se eu te dei subordinados, não foi para fazer deles escravos da tua vontade, nem instrumentos obedientes aos teus caprichos ou à tua cupidez; eu te fiz forte e te confiei os fracos para você os sustentar e os ajudar a subir até mim.”

O superior que está compenetrado das palavras do Cristo não despreza nenhum daqueles que esteja abaixo dele, porque sabe que as distinções sociais não prevalecem diante de Deus. O espiritismo lhe ensina que se hoje eles lhe obedecem, talvez eles já puderam lhe comandar ou poderão lhe dar ordens mais tarde, e que então este superior será tratado conforme ele mesmo tenha tratado seus subordinados.

Se o superior tem deveres a cumprir, por sua vez o inferior também tem os seus — que não são menos sagrados. Se este inferior for espírita, sua consciência lhe dirá melhor ainda que ele não está dispensado dos seus deveres, mesmo que o seu chefe não cumpra os dele, por saber que não devemos retribuir o mal com o mal, e que as faltas de uns não justificam as faltas de outros. Se ele sofre com a sua posição, ele diz a si mesmo que sem dúvida mereceu, porque talvez ele próprio tenha abusado outrora da sua autoridade, e que ele deve sentir agora as inconveniências daquilo que ele fez os outros sofrerem. Se ele está sendo forçado a suportar essa posição, na falta de encontrar outra melhor, o espiritismo lhe ensina a se resignar, como a uma prova para a sua humildade, necessária para o seu adiantamento. Sua crença o guia na sua conduta; ele age como gostaria que seus subordinados agissem para com ele, caso fosse o chefe. Por isso mesmo ele é mais escrupuloso no cumprimento de suas obrigações, pois compreende que toda negligência no trabalho que lhe é confiado causa prejuízo para aquele que o remunera e a quem ele deve o seu tempo e os seus esforços; em síntese, ele é solicitado pelo sentimento do dever, que a sua fé lhe dá, e pela certeza de que todo desvio do caminho reto significa uma dívida que terá de pagar, cedo ou tarde.

François-Nicolas-Madeleine, cardeal **Morlot** (Paris, 1863)

O homem no mundo

10. Um sentimento de piedade sempre deve animar o coração daqueles que se reúnem sob os olhos do Senhor e que imploram a assistência dos bons Espíritos. Então, purifiquem seus corações; não deixem que nele se aloje qualquer pensamento mundano ou fútil. Elevem seu espírito em direção daqueles por quem vocês chamam, a fim de que eles, encontrando em vocês as disposições necessárias, possam lançar em profusão a semente que deve germinar nos seus corações e aí produzir os frutos da caridade e da justiça.

No entanto, não acreditem que nós, ao lhes estimular incessantemente à prece e à evocação mental, estejamos obrigando vocês a viverem uma vida mística que os mantenham fora das leis da sociedade em que estais fadados a viver. Não! Vivam como os homens da sua época, assim como os homens devem viver; sacrifiquem-se às necessidades, até mesmo às frivolidades do dia, mas sacrifiquem com um sentimento de pureza que possa santificá-las.

Vocês são chamados a conviver com espíritos de naturezas diferentes, de caracteres opostos: não constranjam a nenhum daqueles com quem vocês estiverem. Sejam alegres, sejam felizes, mas com aquela alegria que uma boa consciência produz, com aquela felicidade de um herdeiro do céu contando os dias que o aproximam da sua herança.

A virtude não consiste em se revestirem de um aspecto severo e lúgubre, nem em repulsar os prazeres que as condições humanas lhes permitem; basta reportar todos os atos da sua vida ao Criador, que lhes concedeu essa vida; basta que, quando começarem ou completarem uma obra, elevem o pensamento rumo a esse Criador, para lhe pedir — num impulso d'alma — ou a sua proteção para que sejam bem-sucedidos ou a sua bênção para a obra concluída. Seja o que for que estiverem fazendo, remontem à fonte de todas as coisas; não façam nada sem que a lembrança de Deus venha purificar e santificar as ações de vocês.

A perfeição — como disse o Cristo — está inteiramente na prática da caridade absoluta; mas os deveres da caridade se estendem a todas as posições sociais, desde o menor até o maior. O homem que vivesse isolado não teria nenhuma caridade a praticar; somente no contato com os seus

semelhantes e nas lutas mais penosas é que ele encontra ocasião de praticá-la. Por isso, aquele que se isola se priva voluntariamente do meio mais poderoso de se aperfeiçoar; não tendo de pensar senão em si, sua vida é a de um egoísta. (Cap. V, item 26)

Não imaginem, pois, que para viverem em comunicação constante conosco, e para viverem sob o olhar do Senhor, seja necessário vestir o cilício e se cobrir de cinzas; não, mais uma vez, não! Sejam felizes segundo as carências da humanidade, mas que nessa felicidade de vocês nunca entre nem um pensamento nem um ato que possa ofender o Senhor ou envergonhar aqueles que os amam e que os dirigem. Deus é amor e abençoa aqueles que amam santamente.

UM ESPÍRITO PROTETOR (Bordeaux, 1863)

Cuidar do corpo e do espírito

11. Será que a perfeição moral consiste na maceração do corpo? Para resolver essa questão, eu me apoio em princípios elementares e começo por mostrar a necessidade de se cuidar do corpo, que — seguindo as alternativas de saúde e de doença — influi de uma maneira muito importante sobre a alma, a qual deve ser considerada como uma cativa na carne. Para que essa prisioneira possa viver, se divertir e até mesmo conceber as ilusões da liberdade, o corpo deve estar saudável, disposto e forte. Façamos uma comparação: eis então que ambos estão em perfeito estado; o que eles devem fazer para manter o equilíbrio entre as suas aptidões e as suas necessidades tão diferentes?

Aqui, dois sistemas se defrontam: o dos ascetas, que querem destruir o corpo, e o dos materialistas, que querem rebaixar a alma: duas violências que quase sempre são tão insensatas uma quanto a outra. Ao lado desses dois grandes partidos fervilha a numerosa tribo dos indiferentes que, sem convicção e sem paixão, amam com tédio e se divertem com economia. Onde então está a sabedoria? Onde então está a ciência de viver? Em parte alguma; e esse grande problema ficaria inteiramente sem solução se o espiritismo não viesse em auxílio dos pesquisadores, demonstrando-lhes as relações que existem entre o corpo e a alma, e lhes dizendo que, já que eles são necessários

um ao outro, é preciso cuidar dos dois. Sendo assim, amem a alma, mas também cuidem do corpo — o instrumento da alma. Ignorar as necessidades indicadas pela própria natureza é desconhecer a lei de Deus. Não castiguem o corpo pelas faltas que o livre-arbítrio de vocês os induziu a cometer e pelas quais ele é tão responsável quanto o cavalo mal dirigido é responsável pelos acidentes que causa. Por acaso vocês seriam mais perfeitos se, martirizando todo o corpo, não se tornarem menos egoístas, nem menos orgulhosos e nem mais caridosos para com o próximo? Não, pois a perfeição não é nisso; a perfeição está inteiramente nas reformas a que vocês submeterem o próprio Espírito; dobrem-no, submetam-no, humilhem-no, castiguem-no: esse é o meio de torná-lo dócil à vontade de Deus e o único que conduz à perfeição.

GEORGES, ESPÍRITO PROTETOR (Paris, 1863)

CAPÍTULO XVIII

MUITOS SÃO CHAMADOS E POUCOS SÃO ESCOLHIDOS

**Parábola do banquete de núpcias – A porta estreita –
Nem todos que dizem “Senhor! Senhor!” entrarão no reino dos céus
– Muito se pedirá a quem muito recebeu –**
INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: **Será dado mais àquele que tem
– Reconhece-se o cristão pelas suas obras**

Parábola do banquete de núpcias

1. Falando novamente por parábolas, Jesus disse a eles:

O reino dos céus se assemelha a um rei que, querendo festejar o casamento de seu filho, envia seus servos para chamar para as bodas aqueles que tinham sido convidados; mas estes se recusaram a ir à festa. Então ele envia outros servos, com ordem de dizer da sua parte aos convidados: Eu preparei a minha ceia, mandei matar os meus bois e tudo o que mandei engordar; tudo está pronto; venham às núpcias. Eles, porém, sem se importarem com isso, foram embora, um para a sua casa de campo, outro para o seu negócio. Os demais pegaram os servos e os mataram, depois de terem feito vários ultrajes contra eles. O rei, ao saber disso, ficou tomado de cólera e, tendo enviado seus exércitos, exterminou esses assassinos e incendiou a cidade deles.

Então, ele disse a seus servos: A festa das bodas está toda pronta, mas aqueles que tinham sido convidados não eram dignos dela. Vão, portanto, aos quatro cantos e chamem para as bodas todos aqueles que encontrarem. Os servos então saíram pelas ruas, reunindo todos os que encontraram, bons e maus; a sala das bodas ficou cheia de pessoas, que se puseram à mesa.

> O rei entrou em seguida para ver os que estavam à mesa e ali percebendo um homem que não estava vestido com a túnica nupcial, disse-lhe: Amigo, como conseguiu entrar aqui sem a túnica nupcial? E o homem ficou calado. Então, o rei disse à sua gente: Amarrem-lhe as mãos e os pés, e lancem-no nas trevas exteriores: aí é que haverá prantos e ranger de dentes; porque muitos são chamados e poucos são escolhidos. (São Mateus, 22: 1 a 14)

2. O incrédulo ri dessa parábola, que lhe parece de uma ingenuidade pueril, por não compreender que se possa colocar tanta dificuldade para participar de uma festa, e ainda menos que os convidados levem sua resistência ao ponto de massacrar os enviados do dono da casa. Assim diz o incrédulo: "Sem dúvidas, as parábolas são representações, mas ainda assim é preciso que elas não saiam dos limites do verossímil."

Podemos dizer o mesmo de todas as alegorias, das mais engenhosas fábulas, se elas não forem despojadas de seu envoltório, para procurarmos o seu significado oculto. Jesus tirou suas parábolas dos costumes mais comuns da vida e as adaptou aos hábitos e ao caráter do povo a quem ele falava; a maior parte delas tinha como objetivo fazer penetrar nas multidões a ideia da vida espiritual; o seu sentido muitas vezes parece ininteligível só porque não partimos desse ponto de vista.

Nesta parábola, Jesus compara o reino dos céus — em que tudo é alegria e felicidade — a uma festa. Pelos primeiros convidados, ele faz alusão aos hebreus, os primeiros que Deus tinha chamado ao conhecimento da sua lei. Os enviados do Senhor são os profetas que vinham exortá-los a seguir o caminho da verdadeira felicidade; mas suas palavras pouco eram ouvidas, suas advertências eram desprezadas, inclusive vários deles foram massacrados como os servos da parábola. Os convidados que se desculparam sob o pretexto de suas ocupações com seus campos e com seus negócios, estes eram a representação das pessoas mundanas que, absorvidas pelas coisas terrenas, ficam indiferentes às coisas celestiais.

Era uma crença entre os judeus daquela época que a sua nação devia conquistar a supremacia sobre todas as outras. De fato, Deus não havia prometido a Abraão que a sua posteridade iria cobrir toda a Terra? Mas, como sempre, tomando a forma no lugar do fundamento, eles acreditavam em uma

dominação efetiva e material.

Antes da vinda do Cristo, com exceção dos hebreus, todos os povos eram idólatras e politeístas. Se alguns homens superiores ao padrão concebiam a ideia de unidade divina, essa ideia permaneceu na condição de teoria pessoal, mas em nenhuma parte ela foi aceita como uma verdade fundamental, a não ser por alguns iniciados que ocultavam seus conhecimentos sob um véu misterioso, impenetrável para as multidões. Os hebreus foram os primeiros que praticaram publicamente o monoteísmo; é a eles que Deus transmite a sua lei, inicialmente através de Moisés e depois com Jesus; foi daquele pequeno foco que partiu a luz que devia se espalhar pelo mundo inteiro, devia triunfar sobre o paganismo e dar a Abraão uma posteridade ***espiritual*** "tão numerosa quanto as estrelas do firmamento." Mas os judeus, rejeitando totalmente a idolatria, tinham negligenciado a lei moral para se dedicarem à prática mais fácil das formalidades exteriores. O mal estava no auge: a nação escravizada ficou dilacerada pelas facções, dividida pelas seitas; a própria incredulidade havia penetrado até no santuário. Foi então que apareceu Jesus, enviado para chamá-los ao cumprimento da lei e para lhes abrir os novos horizontes da vida futura. Sendo os ***primeiros*** convidados para o grande banquete da fé universal, eles rechaçaram a palavra do Messias celestial e o mataram; foi assim que eles perderam o fruto que teriam colhido de sua iniciativa.

Seria injusto, porém, acusarmos o povo inteiro por tal estado de coisas; a responsabilidade disso recai principalmente sobre os fariseus e os saduceus, que levaram a nação até a perdição — pelo orgulho e fanatismo de uns e pela incredulidade dos outros. São eles, sobretudo, quem Jesus associa aos convidados que se recusam a comparecer ao banquete de núpcias. Depois, acrescenta: "Vendo isso, o Senhor mandou convidar todos aqueles que encontrassem nos quatro cantos, bons e maus." Ele queria dizer com isso que a palavra ia ser pregada a todos os outros povos, pagãos e idólatras, e se estes a aceitassem, então seriam recebidos no festim, no lugar dos primeiros convidados.

Contudo, não basta ser convidado, não basta ter o nome de cristão, nem se sentar à mesa para fazer parte do banquete celestial: é preciso antes de

tudo — e sob condição expressa — estar revestido da túnica nupcial, isto é, ter pureza de coração e praticar a lei segundo o espírito; ora, essa lei está inteiramente contida nestas palavras: ***Fora da caridade não há salvação***. Todavia, entre todos aqueles que ouvem a palavra divina, quão poucos são os que a guardam e a colocam em prática! Quão poucos se tornam dignos de entrar no reino dos céus! Eis por que Jesus disse: ***Muitos serão chamados e poucos os escolhidos***.

A porta estreita

3. Entrem pela porta estreita, porque a porta da perdição é larga e o caminho que a ela conduz é espaçoso, e há muitos que por aí entram. Como é pequena a porta da vida! Como é estreito o caminho que a ela conduz! E como são poucos os que a encontram! (São Mateus, 7: 13 e 14)

4. Tendo alguém feito a ele esta pergunta: Senhor, são poucos os que se salvam? — ele respondeu: Esforcem-se para entrar pela porta estreita, pois eu lhes asseguro que muitos procurarão passar por ela e não conseguirão. E quando o pai de família tiver entrado e fechar a porta, e quando vocês, estando de fora, começarem a bater, dizendo: Senhor, abra a porta para nós; ele lhes responderá: Eu não sei de onde vocês são. Então vocês começarão a dizer: Nós temos comido e bebido na tua presença, e você tem ensinado nas nossas praças públicas. Ele lhes responderá: Não sei de onde vocês são; afastem-se de mim, todos vocês que cometeram a iniquidade.

Acontecerá então que haverá prantos e ranger de dentes, quando vocês virem que Abraão, Isaque, Jacó e todos os profetas estarão no reino de Deus e que vocês serão expulsos. Muitos virão do Oriente e do Ocidente, do Norte e do Sul, e farão parte do banquete no reino de Deus. Então aqueles que são os últimos serão os primeiros e os que são os primeiros serão os últimos. (São Lucas, 13: 23 a 30)

5. A porta da perdição é larga porque as más paixões são numerosas e porque a rota do mal é frequentada pela grande maioria. A porta da salvação é estreita porque o homem que quer transpô-la deve fazer grandes esforços em si mesmo para vencer suas más tendências, e porque são poucos os que se

resignam a isso. Trata-se do complemento da máxima: Muitos são os chamados, mas poucos são os escolhidos.

Tal é a situação atual da humanidade terrena, porque como a Terra é um mundo de expiação, nela o mal predomina; quando ela for transformada, a estrada do bem será a mais frequentada. Portanto, aquelas palavras devem ser entendidas no sentido relativo, e não no sentido absoluto. Se esse tivesse que ser o estado normal da humanidade, então Deus teria voluntariamente condenado à perdição a imensa maioria de suas criaturas — uma suposição inadmissível, desde que se reconheça que Deus é todo justiça e todo bondade.

Mas, de que malfeitos esta humanidade poderia ter sido culpada para merecer um destino tão triste — no presente e no futuro — se toda ela estivesse relegada à Terra e se a alma não tivesse tido outras existências? Por que tantos entraves semeados no seu caminho? Por que essa porta tão estreita, pela qual só uma pequena minoria consegue transpassar, se o destino da alma fosse determinado para sempre logo após a morte? É assim que, com a unicidade da existência, a pessoa está sempre em contradição consigo mesma e com a justiça de Deus. Agora, com a anterioridade da alma e a pluralidade dos mundos, o horizonte se alarga; a luz se faz sobre os pontos mais obscuros da fé; o presente e o futuro tornam-se solidários com o passado; só então podemos compreender toda a profundeza, toda a verdade e toda a sabedoria das máximas do Cristo.

Nem todos que dizem “Senhor! Senhor!” entrarão no reino dos céus[40]

> **6.** Nem todos que me dizem: “Senhor! Senhor!” entrarão no reino dos céus; mas somente entrará aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus. Muitos me dirão nesse dia: Senhor! Senhor! Nós não profetizamos em teu nome? Não expulsamos demônios em teu nome? Não fizemos muitos milagres em teu nome? E então eu lhes direi em voz alta: Afastem-se de mim, vocês que fazem obras de iniquidade. (São Mateus, 7: 21 a 23)

---

[40] Na obra original, no lugar deste subtítulo consta apenas o equivalente à expressão “Aqueles que dizem: Senhor! Senhor!” *(Ceux qui disent : Seigneur ! Seigneur !)*, diferentemente do que aparece no sumário e no cabeçalho do capítulo *(Ceux qui disent : Seigneur ! Seigneur ! n’entreront pas tous dans le royaume des cieux)* e que corresponde ao texto utilizado nesta tradução para este subtítulo. — N. T.

7. Aquele, pois, que ouve estas palavras que eu digo e as pratica, este será comparado a um homem sábio que construiu sua casa sobre a pedra; e quando a chuva caiu, quando os rios transbordaram e os ventos sopraram, batendo contra essa casa, ela não tombou, porque foi fundada sobre a pedra. Mas aquele que ouve estas palavras que eu digo e não as pratica, este será semelhante a um homem insensato que construiu sua casa sobre a areia; e quando a chuva caiu, quando os rios transbordaram e os ventos sopraram, batendo contra essa casa, ela desmoronou, e sua ruína foi grande. (São Mateus, 7: 24 a 27; são Lucas, 6: 46 a 49)

8. Aquele, pois, que violar um destes menores mandamentos e que ensinar aos homens a violá-los, este será considerado no reino dos céus como o último; mas aquele que os cumprir e ensinar, este será grande no reino dos céus. (São Mateus, 5: 19)

9. Todos aqueles que reconhecem a missão de Jesus dizem: “Senhor! Senhor!” Mas de que serve chamá-lo Mestre ou Senhor e não seguir os seus preceitos? Será que são cristãos aqueles que o honram por atos exteriores de devoção e ao mesmo tempo se entregam ao orgulho, ao egoísmo, à cupidez e a todas as paixões? Serão seus discípulos aqueles que passam dias em oração e não se tornam nem melhores, nem mais caridosos, nem mais indulgentes para com seus semelhantes? Não; porque, assim como os fariseus, eles têm a prece nos lábios e não no coração. Pela formalidade, eles poderão se impor aos homens, mas não a Deus. Será em vão que eles digam a Jesus: “Senhor, nós profetizamos, quer dizer, ensinamos em teu nome; nós expulsamos demônios em teu nome, comemos e bebemos contigo!” Ele lhes responderá: “Eu não sei quem vocês são; afastem-se de mim, vocês que cometem iniquidades, vocês que desmentem suas palavras com seus atos, que caluniam o próximo, que espoliam as viúvas e cometem adultério; afastem-se de mim, vocês cujo coração destila ódio e fel, vocês que derramam o sangue dos irmãos em meu nome, que fazem escorrer lágrimas, em vez de secá-las. Para vocês, haverá prantos e ranger de dentes, pois o reino de Deus é para aqueles que são mansos, humildes e caridosos. Não esperem distorcer a justiça do Senhor pela multiplicidade das suas palavras e das suas genuflexões; a única via que está aberta para vocês a fim de encontrarem graça diante dele é a da prática

sincera da lei de amor e de caridade.”

As palavras de Jesus são eternas, porque elas significam a verdade. Elas não são apenas a salvaguarda da vida celeste, mas também a promessa da paz, da tranquilidade e da estabilidade nas coisas da vida terrestre; é por isso que todas as instituições humanas — políticas, sociais e religiosas — que se apoiarem nessas palavras serão estáveis como a casa construída sobre a rocha; os homens as conservarão, porque nelas encontrarão a sua felicidade; mas, quanto às instituições que forem uma violação daquelas palavras, estas serão como a casa edificada sobre a areia: o vento das revoluções e o rio do progresso as arrastarão.

Muito se pedirá a quem muito recebeu

> **10.** O servo que souber a vontade do seu senhor e que mesmo assim não estiver pronto e não tiver feito o que o seu senhor queira dele, este servo será rudemente castigado; mas aquele que não souber da vontade do seu senhor e que fizer coisas dignas de castigo, este será menos punido. Muito se pedirá àquele a quem muito foi dado, e se cobrará mais daquele a quem foi confiado mais coisas. (São Lucas, 12: 47 e 48)

> **11.** Eu vim a este mundo para exercer um julgamento, a fim de que aqueles que não veem possam ver e aqueles que veem se tornem cegos. — Alguns fariseus que estavam com ele ouviram essas palavras e lhe perguntaram: Por acaso, nós também somos cegos? — Jesus lhes respondeu: Se vocês fossem cegos, não teriam pecados; mas, agora, vocês dizem que enxergam, e é por isso que o seu pecado permanece em vocês. (São João, 9: 39 a 41)

12. Essas máximas encontram sua aplicação principalmente no ensinamento dos Espíritos. Qualquer um que conheça os preceitos do Cristo certamente será culpado quando não os praticar. Mas, além do fato de que o Evangelho que os contém só ter sido divulgado nas seitas cristãs, dentre estas seitas, quantas pessoas não o leem, e entre as que leem, quantas dessas pessoas não o compreendem! Disso resulta que as próprias palavras de Jesus estão perdidas para a grande maioria.

O ensinamento dos Espíritos que reproduz essas máximas sob diferentes

formas, que as desenvolve e as comenta, para colocá-las ao alcance de todos, tem de particular o fato de que não está circunscrito, e que cada pessoa, letrada ou iletrada, crente ou incrédula, cristã ou não, pode receber esse ensinamento, já que os Espíritos se comunicam por toda parte; entre aquelas que o recebem — diretamente ou por intermédio de outra pessoa —, nenhuma pode alegar ignorância; não pode se desculpar nem pela falta de instrução nem pela dificuldade do sentido alegórico. Portanto, a pessoa que não aproveita essas máximas para se melhorar, que as admira como coisas interessantes e curiosas sem que seu coração fique sensibilizado, que não se torna nem menos vã, nem menos orgulhosa, nem menos egoísta, nem menos apegada aos bens materiais, nem melhor para com seu próximo, então esta pessoa é tão mais culpada quanto mais meios de conhecer a verdade ela teve.

Os médiuns que obtêm boas comunicações são ainda mais repreensíveis por persistirem no mal, porque muitas vezes eles escrevem sua própria condenação, e porque, se não estivessem cegos pelo orgulho, eles então reconheceriam que é para eles que os Espíritos estão se dirigindo. Mas em vez de tomarem para si as lições que eles escrevem ou que veem serem escritas, seu único pensamento é o de aplicar essas comunicações aos outros, confirmando assim estas palavras de Jesus: “Vocês enxergam um cisco no olho do vizinho e não enxergam a trave que está no próprio olho.” (Cap. X, item 9.)

Por este outro preceito: “Se vocês fossem cegos, então não teriam pecados”, Jesus entende que a culpabilidade é proporcional ao esclarecimento que a pessoa tenha; ora, os fariseus — que tinham a pretensão de ser, e que de fato eram, a parte mais esclarecida da nação — tornavam-se mais repreensíveis aos olhos de Deus do que o povo ignorante. É o mesmo que acontece hoje.

Desta maneira, aos espíritas será pedido bastante, porque eles receberam muito; mas também, àqueles que tiverem aproveitado, muito será dado.

O primeiro pensamento de todo espírita sincero deve ser o de procurar nos conselhos dados pelos Espíritos se há algo que possa lhe interessar.

O espiritismo vem multiplicar o número dos ***chamados***, e pela fé que ele proporciona, multiplicará também o número dos ***escolhidos***.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

Será dado mais àquele que tem

13. Seus discípulos, aproximando-se, lhe disseram: Por que o senhor fala com eles por parábolas? — E, respondendo-lhes, ele disse: É porque, para vocês, foi-lhes dado a conhecer os mistérios do reino dos céus; mas para os outros, isso não foi dado a eles. Porque, àquele que já tem, será dado ainda mais e ele ficará na abundância; mas àquele que não tem, será tirado até mesmo o que ele tem. Eis por que eu falo a eles por parábolas; porque, vendo, eles nada enxergam, e ouvindo, eles nada escutam e nem compreendem. E a profecia de Isaías se cumpre neles, quando diz: Vocês ouvirão com os ouvidos e nada entenderão; vocês verão com os olhos e nada enxergarão. (São Mateus, 13: 10 a 14)

14. Prestem bem a atenção no que ouvem: pois, usarão com vocês a mesma medida com a qual vocês tiverem usado com os outros; e mais ainda lhes será acrescentado; pois, será dado mais àquele que já tem, e àquele que não tem, será tirado até o que ele tem. (São Marcos, 4: 24 e 25)

15. “Será dado mais ao que já tem e será tirado daquele que não tem.” Meditem sobre esses grandes ensinamentos, que muitas vezes vão parecer paradoxais para vocês. Aquele que recebeu é aquele que entende o sentido da palavra divina; ele só a recebeu porque tentou se tornar digno dela e porque o Senhor, no seu amor misericordioso, encoraja os esforços que tendem para o bem. Esses esforços — elevados e perseverantes — atraem as graças do Senhor; é um ímã que chama para si o que é progressivamente melhor, as bênçãos abundantes que os tornam fortes para subir a montanha santa, no cume da qual está o repouso após o trabalho.

“Será tirado daquele que não tem ou tem pouco.” Tomem isso como uma oposição figurada. Deus não retira das suas criaturas o bem que ele tenha dignado de fazer a elas. Homens cegos e surdos, abram sua inteligência e seus corações! Vejam pelo espírito; ouçam pela alma e não interpretem de uma maneira tão grosseiramente injusta as palavras daquele que fez resplandecer aos olhos de vocês a justiça do Senhor. Não é Deus quem retira daquele que

pouco recebeu, mas sim é o próprio Espírito que, por ser esbanjador e descuidado, não sabe nem conservar nem aumentar o que tem, fecundando-o, o óbolo que caiu no seu coração.

Quem não cultiva o campo conquistado com o trabalho do pai e o qual ele herdou, este vê esse campo se cobrir de ervas e parasitas. Será que é o pai quem tira do filho as colheitas que este não quis preparar? Se este deixou murchar as sementes destinadas a produzir nesse campo, por falta de cuidado, será que ele deve acusar seu pai por elas não produzirem nada? Não, não! Ao invés de acusar aquele que havia preparado tudo para ele, ou de criticar seus dons, que ele acuse o verdadeiro autor de suas misérias, e que então, arrependido e proativo, ele se ponha à obra com coragem; que cultive o solo ingrato com o esforço de sua vontade; que ele lavre fundo, com a ajuda do arrependimento e da esperança; que lance aí, com confiança, a semente que tiver selecionado como boa dentre as más; que ele a regue com o seu amor e a sua caridade; então, Deus — o Deus de amor e de caridade — dará àquele que já recebeu. E aí ele verá seus esforços serem coroados com o sucesso, e verá um grão produzir cem e outro produzir mil. Coragem, lavradores! Peguem seus arados e suas charruas; lavrem seus corações; arranquem deles o joio; semeiem o bom grão que o Senhor confia a vocês, e o orvalho do amor lhes fará produzir frutos de caridade.

UM ESPÍRITO AMIGO (Bordeaux, 1862)

Reconhece-se o cristão pelas suas obras

16. “Nem todos que me dizem: ‘Senhor! Senhor!’ entrarão no reino dos céus, mas somente aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus.”

Escutem essa palavra do mestre, todos vocês que rejeitam a doutrina espírita como se fosse uma obra do demônio. Abram seus ouvidos, pois o momento de ouvir já chegou.

Será que basta vestir uma batina para ser um fiel servidor? Basta dizer “Eu sou cristão” para seguir o Cristo? Procurem os verdadeiros cristãos e vocês os reconhecerão pelas suas obras. “Uma árvore boa não pode dar maus frutos, nem uma árvore má pode dar frutos bons.” — “Toda árvore que não dá

bons frutos é cortada e jogada ao fogo.” Eis as palavras do mestre; discípulos do Cristo, compreendam bem essas palavras. Quais são os frutos que a árvore do cristianismo deve dar, árvore possante cujos ramos frondosos cobrem com a sua sombra uma parte do mundo, mas que ainda não abrigaram todos aqueles que deveriam se reunir em torno dessa árvore? Os frutos da árvore da vida são os frutos de vida, de esperança e de fé. O cristianismo — tal como o fizeram depois de muitos séculos — sempre prega essas virtudes divinas; ele procura disseminar seus frutos, mas quão poucos os colhem! A árvore é sempre boa, mas os jardineiros são maus. Eles quiseram adaptá-la às ideias deles, quiseram modelá-la segundo suas necessidades; eles a cortaram, a reduziram e a mutilaram; seus ramos estéreis não dão maus frutos, pois eles sequer produzem frutos. O viajante sedento que se detém sob a sua sombra para procurar o fruto da esperança — que deveria lhe restabelecer a força e a coragem — só se depara com ramos áridos que pressentem a tempestade. Em vão ele pede o fruto da vida à árvore da vida: suas folhas ressecadas caem murchas; a mão do homem tanto as maltratou que elas se queimaram.

Abram, pois, os ouvidos e os corações, meus bem-amados! Cultivem essa árvore da vida cujos frutos dão a vida eterna. Aquele que a plantou os convida a tratá-la com amor, e vocês ainda irão vê-la dar seus frutos divinos em abundância. Conservem-na tal como o Cristo a entregou a vocês: não a mutilem; sua sombra imensa quer se estender sobre o Universo: não cortem seus ramos. Seus frutos benfazejos caem abundantemente para nutrir o viajor sedento que deseja alcançar seu destino; não amontoem esses frutos para os armazenar e deixar apodrecer até que não sirvam para ninguém. “Muitos são chamados e poucos são escolhidos” — é que há monopolizadores do pão da vida, como há os do pão material. Não se coloquem entre eles; a árvore que dá bons frutos deve distribuí-los para todos. Então, vão buscar aqueles que estão sedentos e os conduzam para debaixo dos galhos da árvore e compartilhem com eles o abrigo que ela oferece a vocês. “Não se colhem uvas dos espinheiros.” Meus amigos, afastem-se daqueles que os chamam para lhes apresentar as sarças do caminho, mas sigam aqueles que os conduzem para a sombra da árvore da vida.

O divino Salvador — o justo por excelência — disse, e suas palavras não

passarão: “Nem todos que me dizem ‘Senhor! Senhor!’ entrarão no reino dos céus, mas somente aqueles que fazem a vontade de meu Pai que está nos céus.”

Que o Senhor de bênçãos os abençoe; que o Deus de luz os ilumine; que a árvore da vida derrame sobre vocês seus frutos com abundância! Creiam e orem.

SIMÃO (Bordeaux, 1863)

CAPÍTULO XIX

A FÉ TRANSPORTA MONTANHAS

Poder da fé – A fé religiosa. Condição da fé inabalável – Parábola da figueira seca – INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS**: A fé, mãe da esperança e da caridade – A fé divina e a fé humana**

Poder da fé

1. Quando ele veio ao encontro do povo, um homem se aproximou, lançou-se de joelhos a seus pés e lhe disse: Senhor, tenha piedade do meu filho, que é lunático e sofre bastante, pois ele cai muitas vezes no fogo e muitas vezes na água. Eu o apresentei aos teus discípulos, mas eles não puderam curá-lo. — E Jesus respondeu, dizendo: Ó raça incrédula e depravada! Até quando estarei entre vocês? Até quando os suportarei? Tragam-me aqui esse menino. — E tendo Jesus ameaçado o demônio, este saiu do menino, o qual ficou curado no mesmo instante. Então os discípulos vieram ter com Jesus em particular e lhe indagaram: Por que não pudemos nós mesmos expulsar esse demônio? — Jesus lhes respondeu: É por causa da vossa incredulidade. Pois eu lhes digo em verdade, ***que se vocês tivessem fé como um grão de mostarda, vocês diriam a esta montanha: Transporta-te daqui para ali e ela se transportaria***, e nada seria impossível para vocês. (São Mateus, 17: 14 a 20)

2. No sentido próprio, é certo que a confiança nas próprias forças torna uma pessoa capaz de executar coisas materiais que nós não conseguimos fazer quando duvidamos de nós mesmos; mas aqui, é unicamente no sentido moral que devemos entender essas palavras. As montanhas que a fé transporta são as dificuldades, as resistências, a má vontade, enfim, aquilo que encontramos entre os homens, até quando se trata das melhores coisas. Os preconceitos de

rotina, o interesse material, o egoísmo, a cegueira do fanatismo e as paixões orgulhosas são outras tantas montanhas que barram o caminho de quem trabalha pelo progresso da humanidade. A fé robusta dá a perseverança, a energia e os recursos que fazem vencer os obstáculos — tanto nas pequenas coisas como nas grandes. Enquanto isso, a fé vacilante traz a incerteza e a hesitação, que beneficiam o que queremos combater; ela não procura os meios de vencer, porque não crê que possa vencer.

3. Numa outra acepção, chamamos de fé a confiança que temos na realização de algo, a certeza de alcançar um objetivo; ela dá um tipo de lucidez que nos faz ver, em pensamento, a meta à qual pretendemos alcançar e os meios de chegar até lá, de sorte que aquele que a possui, por assim dizer, caminha com muita segurança. Em ambos os casos ela pode realizar grandes coisas.

A fé sincera e verdadeira é sempre calma; ela concede a paciência que sabe esperar, porque, tendo seu ponto de apoio na inteligência e na compreensão das coisas, ela tem a certeza de que consegue; já a fé duvidosa, esta sente sua própria fraqueza, e quando é estimulada pelo interesse, ela fica furiosa e julga suprir a força com violência. A calma durante a luta é sempre um sinal de força e de confiança; a violência, ao contrário, é uma prova de fraqueza e de dúvida de si mesmo.

4. É preciso evitar confundir a fé com a presunção. A verdadeira fé se alia à humildade; aquele que a possui deposita sua confiança mais em Deus do que em si próprio, porque ele sabe que, sendo um simples instrumento da vontade divina, ele nada pode sem Deus; por isso os bons Espíritos vêm lhe ajudar. A presunção é menos fé do que orgulho, e o orgulho é sempre castigado — cedo ou tarde — pela decepção e pelos fracassos que lhe são infligidos.

5. A potência da fé recebe uma aplicação direta e especial na ação magnética; por ela, o homem age sobre o fluido — o agente universal — e modifica as qualidades fluídicas para lhe dar uma impulsão por assim dizer irresistível. Eis por que quem junta uma grande força fluídica normal com uma fé ardente, através da vontade dirigida exclusivamente para o bem, pode operar esses fenômenos extraordinários de cura e outros que antigamente se passavam

por prodígios, mas que não são mais do que as consequências de uma lei natural. Tal é o motivo pelo qual Jesus disse a seus apóstolos: Se vocês não o curaram, foi porque vocês não tiveram fé.

A fé religiosa – Condição da fé inabalável

6. Do ponto de vista religioso, a fé é a crença em dogmas particulares que constituem as diferentes religiões; todas as religiões têm seus artigos de fé. Sob esse aspecto, a fé pode ser ***raciocinada*** ou ***cega***. A fé cega não examina nada, aceitando sem verificação tanto o falso quanto o verdadeiro, e a cada passo ela se choca contra a evidência e a razão; levada ao excesso, a fé cega produz o ***fanatismo***. Quando a fé se apoia no erro, cedo ou tarde ela desmorona; só aquela que tem por base a verdade é a que está segura quanto ao futuro, por não ter nada a temer do progresso das luzes, considerando-se que ***o que é verdadeiro no escuro é igualmente verdadeiro à luz do dia***. Cada religião pretende ter a posse exclusiva da verdade; ***preconizar a fé cega sobre um ponto de crença é confessar sua impotência para demonstrar que tem razão***.

7. Costuma-se dizer que ***a fé não pode ser encomendada***, pelo que muita gente alega que não é culpa sua o fato de não ter fé. Sem dúvidas, a fé não pode ser encomendada, e o que é ainda mais certo: ***a fé não pode ser imposta***. Não, ela não pode ser encomendada, mas ela pode ser obtida, e não há ninguém impedido de possuí-la — até mesmo entre os mais intransigentes. Estamos falando das verdades espirituais fundamentais, e não dessa ou daquela crença particular. Não cabe à fé ir até eles, mas é eles quem deve ir em direção à fé, e se eles a procurarem com sinceridade, então a encontrarão. Portanto, tenham como certo que aqueles que dizem “Não pediríamos nada melhor do que crer, mas não podemos”, estes falam com os lábios e não com o coração, porque enquanto dizem isso eles tapam os ouvidos. Contudo, sobram provas em volta deles; por que então se recusam a vê-las? Para uns, é descaso; para outros, é o receio de serem forçados a mudar seus hábitos; para a maioria, é o orgulho que se nega a reconhecer uma força superior, porque

seria preciso se curvar diante dessa força.

Para determinadas pessoas, de algum modo a fé parece inata; uma centelha é suficiente para desenvolvê-la, e essa facilidade para assimilar as verdades espirituais é um sinal evidente de um progresso anterior. Outras pessoas, ao contrário, só penetram a fé com dificuldade — sinal não menos evidente de uma natureza atrasada. As primeiras já creram e entenderam; elas trazem de ***nascença*** a intuição do que elas aprenderam: sua educação está feita. As outras pessoas têm tudo o que aprender: sua educação está por fazer; ela se fará, e se ela não for concluída nesta existência, será em outra.

A resistência do incrédulo, devemos convir, muitas vezes se deve menos a ele do que à maneira pela qual lhe apresentam as coisas. A fé requer uma base, e essa base é a compreensão perfeita daquilo em que devemos crer; para crer, não basta ***ver***; é preciso sobretudo ***compreender***. A fé cega já não é mais deste século;[41] ora, é justamente o dogma da fé cega que faz hoje o maior número dos incrédulos, porque ela quer se impor e exige a abdicação de uma das mais preciosas prerrogativas do homem: o raciocínio e o livre-arbítrio. É principalmente contra essa fé que o incrédulo se endurece, e da qual é verdade que se diga que ela não pode ser encomendada. Não admitindo provas, ela deixa no espírito um vazio do qual nasce a dúvida. A fé raciocinada — aquela que se apoia nos fatos e na lógica — não deixa, a partir daí, nenhuma obscuridade; acreditamos porque temos certeza, e só temos certeza depois que compreendemos; eis por que ela não vacila, pois ***não há fé inabalável senão aquela que pode encarar a razão face a face em todas as épocas da humanidade***.

É a esse resultado que o espiritismo nos conduz; assim, ele triunfa sobre a incredulidade todas as vezes que ele não encontra uma oposição sistemática e interesseira.

Parábola da figueira seca

8. Quando eles saíam de Betânia, ele teve fome; e vendo ao longe uma figueira, foi até ela para ver se ali poderia achar alguma coisa, e chegando

[41] Obviamente, uma referência ao já longínquo século XIX. — N. T.

> próximo da figueira, ele nada encontrou senão folhas, pois não era tempo de figos. Então Jesus disse à figueira, conforme o que seus discípulos ouviram: Que ninguém coma de ti fruto algum! No dia seguinte, eles viram, ao passarem pela figueira, que ela tinha secado até a raiz. E Pedro, lembrando-se da fala de Jesus, disse-lhe: Mestre, veja como ficou seca a figueira que o senhor amaldiçoou. — Jesus, tomando a palavra, disse a eles: Tenham fé em Deus. Em verdade eu digo a vocês que qualquer um que disser a esta montanha: Saia daí e se lance ao mar, e isso sem hesitar no seu coração, mas crendo firmemente que tudo o que tiver dito acontecerá, então ele verá de fato acontecer. (São Marcos, 11: 12 a 14; 20 a 23)

9. A figueira seca é o símbolo das pessoas que só têm as aparências do bem, mas que na realidade não produzem nada de bom; é o símbolo dos oradores, que têm mais brilho do que solidez, pois suas palavras têm um verniz superficial que agradam aos ouvidos, mas quando as perscrutamos, não encontramos nessas palavras nada de substancial para o coração, e depois de ouvi-las, nós nos perguntamos que proveito tivemos.

É também o símbolo de todas as pessoas que, mesmo tendo os meios, não são úteis; assim como é o símbolo de todas as utopias, de todas as teorias vazias, de todas as doutrinas sem base sólida. O que falta na maioria das vezes é a verdadeira fé, a fé fecunda, a fé que remexe as fibras do coração: numa palavra, a fé que transporta montanhas. São as árvores que têm folhas, mas nada de frutos; eis por que Jesus as condena à esterilidade, pois virá um dia em que elas ficarão secas até a raiz; quer dizer que todos os sistemas e todas as doutrinas que não tiverem produzido nenhum bem à humanidade cairão no vazio; que todos os homens voluntariamente inúteis, por não terem colocado em ação os recursos que traziam consigo, serão tratados como a figueira seca.

10. Os médiuns são os intérpretes dos Espíritos; eles suprem os órgãos físicos que faltam nos desencarnados para nos transmitir as instruções espirituais, e é por isso que os médiuns são dotados de faculdades para esse efeito. Nestes tempos de renovação social, eles têm uma missão particular: são árvores que devem dar o alimento espiritual a seus irmãos; eles se multiplicam para que o

alimento seja abundante, havendo médiuns em toda parte, em todos os países, em todas as classes da sociedade, entre ricos e pobres, entre grandes e pequenos, a fim de que não haja deserdados e para provar aos homens que ***todos são chamados***. Todavia, se eles desviarem do objetivo providencial a preciosa faculdade que lhes foi concedida, se eles a utilizarem em coisas fúteis ou nocivas, se a colocarem a serviço dos interesses mundanos, se em vez de frutos salutares eles derem maus frutos, se eles se recusarem de torná-la benéfica para os outros, se não tirarem nenhum proveito dela para si mesmos em se melhorando, então esses médiuns serão como a figueira estéril e Deus lhes retirará um dom que se tornou inútil nas mãos deles — a semente que eles não sabem fazer frutificar, deixando que eles se tornem presas dos maus Espíritos.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

A fé, mãe da esperança e da caridade

11. A fé, para ser proveitosa, deve ser ativa e não pode adormecer. Mãe de todas as virtudes que conduzem a Deus, ela deve velar atentamente pelo desenvolvimento dos filhos que ela gerou.

A esperança e a caridade são consequências da fé; essas três virtudes formam uma trindade inseparável. Já que é a fé que dá a esperança de vermos a realização das promessas do Senhor, então, se vocês não tiverem fé, o que estão esperando? Já que é a fé que dá o amor, então, se não tiverem fé, que reconhecimento vocês terão? E por conseguinte, que amor?

A fé — divina inspiração de Deus — desperta todos os instintos nobres que conduzem o homem ao bem; ela é a base da regeneração. É preciso, pois, que essa base seja forte e durável, porque se uma mínima dúvida vier abalá-la, o que será do edifício que vocês construíram sobre ela? Portanto, levantem esse edifício sobre fundações inabaláveis; que a sua fé seja mais forte do que os sofismas e as zombarias dos incrédulos, porque a fé que não encara o ridículo dos homens não é a verdadeira fé.

A fé sincera é empolgante e contagiante; ela se comunica com aqueles

que não a tinham — ou mesmo que não a queriam — e encontra palavras persuasivas que vão até a alma, enquanto a fé aparente não tem mais do que palavras sonoras que causam frieza e indiferença. Preguem pelo exemplo da sua própria fé, para transmiti-la aos homens; preguem pelo exemplo de suas próprias obras, para demonstrarem a eles o mérito da fé; preguem pela própria esperança inabalável, para fazer com que eles vejam a confiança que os fortifica e os põe a enfrentar todas as vicissitudes da vida.

Então, tenham fé em tudo aquilo que ela contém de belo e de bom, na sua pureza e na sua racionalidade. Não admitam a fé sem comprovação — filha cega da cegueira. Amem a Deus, mas saibam por que o amam; creiam nas suas promessas, mas saibam por que acreditam nelas; sigam os nossos conselhos, mas se conscientizem do propósito que lhes mostramos e dos meios que lhes trazemos para alcançá-lo. Creiam e esperem sem jamais fraquejar: os milagres são obras da fé.

JOSÉ, ESPÍRITO PROTETOR (Bordeaux, 1862)

A fé divina e a fé humana

12. A fé é o sentimento inato no homem quanto aos seus destinos futuros; é a consciência que ele tem das faculdades imensas cuja semente foi depositada nele, inicialmente em estado latente, e que ele deve fazer desabrochar e crescer pela sua vontade ativa.

Até o presente, a fé não foi compreendida senão pelo lado religioso, porque o Cristo a preconizou como uma poderosa alavanca e porque só viram nele o chefe de uma religião. Mas o Cristo, que operou milagres materiais, mostrou através desses mesmos milagres o quanto o homem pode fazer, desde que ele tenha fé — isto é, ***vontade de querer*** e certeza de que essa vontade pode se realizar. Também os apóstolos, a exemplo de Jesus, não operaram milagres? Ora, aqueles milagres não eram mais do que efeitos naturais cuja causa era desconhecida dos homens daquela época, mas que hoje é explicada em grande parte, e que será completamente compreendida pelo estudo do espiritismo e do magnetismo.

A fé é humana ou divina, conforme o homem aplica suas faculdades para

as necessidades terrenas ou para as suas aspirações celestiais e futuras. O homem inteligente que procura a realização de um grande empreendimento triunfa quando ele tem fé, porque sente em si que ele pode e há de conseguir, e essa certeza lhe dá uma força imensa. O homem de bem que queira preencher a sua existência com ações nobres e belas, acreditando no seu futuro celeste, este então extrai a força necessária na sua fé e na certeza da felicidade que o espera, e ainda aí se operam milagres de caridade, de devotamento e de abnegação. Enfim, com a fé, não há maus pendores que não sejam vencidos.

O magnetismo é uma das maiores provas do poder da fé posta em ação; é pela fé que ele cura e produz esses fenômenos singulares que outrora eram qualificados de milagres.

Repito: a fé é ***humana*** e ***divina***; se todos os encarnados estivessem bem persuadidos da força que eles trazem em si, e se eles quisessem colocar sua vontade a serviço dessa força, então eles seriam capazes de realizar o que até agora eles chamam de prodígios, e que é simplesmente um desenvolvimento das faculdades humanas.

UM ESPÍRITO PROTETOR (Paris, 1863)

CAPÍTULO XX

OS TRABALHADORES DA ÚLTIMA HORA

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: **Os últimos serão os primeiros – Missão dos espíritas – Os obreiros do Senhor**

1. O reino dos céus é semelhante a um pai de família que saiu de madrugada, a fim de contratar obreiros para trabalhar na sua vinha; tendo combinado com os trabalhadores que eles receberiam um denário pela sua jornada, ele os enviou para a vinha. E saiu de novo na terceira hora do dia, e vendo outros que estavam parados na praça sem fazer nada, ele lhes disse: Vocês também, vão para a minha vinha e eu lhes darei o que for razoável — e eles foram. Saiu novamente na sexta hora e na nona hora do dia, e fez a mesma coisa. E tendo saído na undécima hora, ele encontrou outros obreiros que estavam lá sem fazer nada, aos quais ele disse: Por que ficam aí ao longo do dia sem trabalhar? — Eles disseram: É que ninguém nos contratou. Ele então lhes disse: Vão, vocês também, para a minha vinha.

Tendo vindo a noite, o senhor da vinha disse àquele que cuidava dos seus negócios: Chame os trabalhadores e pague a eles, começando pelos últimos, até os primeiros. — Aqueles que tinham vindo à vinha apenas na undécima hora então se aproximaram, cada qual recebendo um denário. Aqueles que tinham sido os primeiros contratados acharam que receberiam mais, porém eles não receberam mais do que um denário cada um; e o recebendo, eles se queixaram ao pai de família, dizendo: Estes últimos não trabalharam mais do que uma hora e o senhor lhes paga igual a nós, que carregamos o peso do dia e do calor.

Mas, em resposta ele disse a um deles: Meu amigo, eu não te faço mal algum; porventura, você não combinou comigo um denário pela tua jornada?

Tome o que te pertence e vá embora; de minha parte, eu quero dar a este último tanto quanto a ti. Por acaso, não me é permitido fazer o que eu quero? Será que o teu olho é mau porque eu sou bom?

Assim, ***os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos, porque muitos são chamados e poucos são escolhidos***. (São Mateus, 20: 1 a 16. Ver também: *Parábola do festim de núpcias*, cap. XVIII, item 1)

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

Os últimos serão os primeiros

2. O trabalhador da última hora tem direito ao salário, mas é preciso que a sua boa vontade o tenha mantido à disposição do senhor que o devia empregar, e que o seu atraso não seja fruto da preguiça ou da sua má vontade. Ele tem direito ao salário porque, desde o alvorecer, ele aguardava impacientemente aquele que finalmente o chamaria à obra; ele era laborioso, só estava lhe faltando o trabalho.

Entretanto, se ele tivesse recusado o emprego a qualquer hora do dia; se ele tivesse dito: Tenhamos paciência, o repouso me é agradável; quando chegar a última hora é que será o tempo de pensar no salário da jornada; que necessidade tenho de me incomodar com um patrão que eu não conheço e a quem não amo? Quanto mais tarde melhor! — Esse, meus amigos, não teria recebido o salário do obreiro, e sim o da preguiça.

O que será então daquele que, em vez de ficar simplesmente na ociosidade, tenha empregado as horas destinadas ao labor do dia para praticar atos culposos; que tenha blasfemado contra Deus, derramado o sangue de seus irmãos, lançado perturbação nas famílias, arruinado os homens confiáveis, abusado da inocência, e que, enfim, tenha se envolvido com todas as ignomínias da humanidade? O que será então dessa pessoa? Imaginem que ela dissesse na derradeira hora: Senhor, empreguei mal meu tempo; leve-me até o fim do dia, para que eu faça um pouco, bem pouco da minha tarefa, e me dê o salário do obreiro de boa vontade. — Isso bastaria? Não, não! O Senhor diria a essa pessoa: Não tenho emprego para ti no

momento; você desperdiçou o seu tempo, esqueceu o que tinha aprendido e já não sabe mais trabalhar na minha vinha. Portanto, recomece a aprender, e quando estiver mais bem disposta, venha até mim e eu abrirei para você o meu vasto campo, onde poderá trabalhar a qualquer hora do dia.

Bons espíritas, meus bem-amados, vocês todos são trabalhadores da última hora. Seria muito orgulhoso aquele que dissesse: Comecei a obra na alvorada e só o terminei no fim do dia. Todos vieram quando foram chamados, um pouco mais cedo ou um pouco mais tarde, para a encarnação da qual carregam as correntes; mas há quantos séculos amontoados o senhor os chamava para a sua vinha sem que vocês quisessem nela entrar! Aqui estão vocês no momento de receber o salário; aproveitem bem esta hora que lhes resta e não esqueçam jamais que a existência de vocês — por mais longa que lhes pareça — não é mais do que um momento bem fugaz na imensidade dos tempos que formam para vocês a eternidade.

CONSTANTINO, ESPÍRITO PROTETOR (Bordeaux, 1863)

3. Jesus gostava da simplicidade dos símbolos e, na sua linguagem varonil, os obreiros que chegaram na primeira hora são os profetas, Moisés e todos os iniciadores que marcaram as etapas do progresso que através dos séculos continuaram a ser desenvolvidas pelos apóstolos, pelos mártires, pelos Pais da Igreja, pelos sábios, pelos filósofos e finalmente pelos espíritas. Estes, vindo por último, foram anunciados e preditos desde a aurora do Messias, e eles receberão a mesma recompensa — melhor dizendo: uma recompensa maior. Como os derradeiros que chegaram, os espíritas aproveitam os labores intelectuais dos seus predecessores, porque o homem deve herdar do homem, e porque seus trabalhos e seus resultados são coletivos: Deus abençoa a solidariedade. Muitos dentre eles, aliás, revivem hoje ou reviverão amanhã para completar a obra que começaram lá atrás; mais de um patriarca, mais de um profeta, mais de um discípulo do Cristo e mais de um propagador da fé cristã se encontram entre eles, porém mais esclarecidos, mais avançados, trabalhando não mais na base, e sim na cumeeira do edifício; o salário deles, portanto, será proporcional ao mérito da obra.

A reencarnação — esse belo dogma — eterniza e torna exata a filiação

espiritual. O Espírito, chamado a prestar contas do seu mandato terreno, compreende a continuidade da tarefa interrompida, mas sempre retomada; ele vê e sente que pegou no ar o pensamento de seus precedentes; ele retorna na liça amadurecido pela experiência para avançar mais; e todos, trabalhadores da primeira e da derradeira hora, de olhos desvendados quanto à profunda justiça de Deus, já não murmuram, mas o adoram.

Este é um dos verdadeiros significados dessa parábola, que — como todas aquelas que Jesus endereçou ao povo — contém o germe do futuro, e também, sob todas as formas, sob todas as imagens, contém a revelação dessa magnífica unidade que harmoniza todas as coisas no Universo, dessa solidariedade que liga todos os seres presentes ao passado e ao futuro.

HENRI HEINE (Paris, 1863)

Missão dos espíritas

4. Vocês ainda não percebem que está se formando a tempestade que há de varrer o velho mundo e engolir do nada todas as iniquidades terrenas? Ah! Bendigam o Senhor, vocês que depositaram sua fé na sua soberana justiça, e que, como os novos apóstolos da crença revelada pelas vozes proféticas superiores, vão pregar o novo dogma da ***reencarnação*** e da elevação dos Espíritos, conforme eles tenham cumprido — bem ou mal — suas missões e suportado suas provações terrestres.

Não temam mais! As línguas de fogo estão sobre as suas cabeças. Ó verdadeiros adeptos do Espiritismo, vocês são os eleitos de Deus! Vão e preguem a palavra divina. Chegou a hora em que, pela propagação dessa palavra, vocês precisam sacrificar os seus hábitos, seus trabalhos, suas ocupações fúteis. Vão e preguem: os Espíritos do alto estão com vocês. Com certeza, falarão a pessoas que não vão querer escutar a voz de Deus, porque essa voz as convida constantemente à abnegação; preguem o desinteresse aos avarentos, a abstinência aos devassos, a mansidão aos tiranos domésticos e aos déspotas. Palavras perdidas, eu bem sei; mas não importa! É preciso regar com seus suores o terreno em que vocês devem semear, porque ele não frutificará e não produzirá senão sob os esforços reiterados da enxada e da

charrua evangélicas. Vão e preguem!

Sim, vocês todos, homens de boa-fé, que acreditam na sua inferioridade em relação aos mundos espalhados ao infinito: partam em cruzada contra a injustiça e a iniquidade. Vão e derrubem esse culto do bezerro de ouro, cada vez mais atrevido. Vão, pois Deus os conduz! Homens simples e ignorantes, suas línguas se soltarão e vocês falarão como nenhum orador fala. Vão e preguem, e as populações atentas acolherão com felicidade suas palavras de consolação, de fraternidade, de esperança e de paz.

Que importam as ciladas que serão armadas no caminho de vocês! Somente lobos caem em armadilhas para lobos, pois o pastor saberá defender suas ovelhas das fogueiras sacrificadoras.

Vão, homens grandiosos perante Deus, e que, mais felizes do que são Tomé, creem sem pedir para ver e aceitam os fatos da mediunidade, ainda quando vocês mesmos não têm conseguido obtê-los pessoalmente; vão, o Espírito de Deus os conduz.

Então, marchem avante, falange imponente pela sua fé! Os grandes batalhões de incrédulos se desvanecerão diante de ti, assim como a bruma da manhã desvanece aos primeiros raios do Sol nascente.

A fé é a virtude que transportará montanhas — disse Jesus a vocês. Porém, mais pesadas do que as mais pesadas montanhas, jazem no coração dos homens a impureza e todos os vícios da impureza. Então, sigam com coragem, para levantar essa montanha da iniquidade que as futuras gerações não devem conhecer senão na condição de lenda, assim como vocês mesmos só conhecem muito imperfeitamente o período anterior à civilização pagã.

Sim, as agitações morais e filosóficas vão eclodir em todos os pontos do globo; aproxima-se a hora em que a luz divina aparecerá sobre os dois mundos.[42]

Vão, pois, e levem a palavra divina: aos grandes que a desdenharão, aos instruídos que exigirão provas, aos pequenos e aos simples que a aceitarão,

---

[42] Na obra original (referente à 4ª edição, de 1868), muito provavelmente por um descuido da montagem tipográfica do livro, a transcrição desta mensagem termina neste ponto, inclusive com a ausência do nome do Espírito comunicante, assim como o local e o ano de recebimento da mensagem. Contudo, para esta tradução, fomos buscar o complemento desta mesma comunicação na 1ª edição da obra (1864), conforme segue adiante à marcação desta nota de rodapé. — N. T.

porque é sobretudo entre os mártires do trabalho, nesta expiação terrena, que vocês encontrarão fervor e fé. Vão; estes últimos receberão com hinos de ação de graça e cantando louvores a Deus a consolação santa que vocês levarem até eles, e então se inclinarão e agradecerão pela parte que lhes toca nas misérias da Terra.

Que a sua falange se arme então de resolução e coragem! Mãos à obra! O arado está pronto; a terra espera; é preciso trabalhar.

Vão e agradeçam a Deus pela tarefa gloriosa que ele confiou a vocês; mas lembrem-se que entre os chamados para o Espiritismo, muitos se transviaram; por isso, olhem para sua rota e sigam o caminho da verdade.

***Pergunta**: Se muitos dos chamados para o Espiritismo se transviaram, por qual sinal devemos reconhecer aqueles que estão no bom caminho? —* ***Resposta**:* Vocês irão reconhecê-los pelos princípios da verdadeira caridade que eles professarão e praticarão; vão reconhecê-los pelo número de aflitos aos quais eles levarem consolo; vão reconhecê-los pelo amor deles pelo próximo, pela abnegação e pelo desinteresse pessoal deles; vocês vão reconhecê-los, finalmente, pelo triunfo de seus princípios, porque Deus quer o triunfo da sua lei; aqueles que seguem sua lei são os seus eleitos, e Deus lhes dará a vitória; mas ele destruirá aqueles que falseiam o espírito dessa lei e fazem dela um degrau para satisfazer à sua vaidade e à sua ambição.

ERASTO, anjo guardião do médium (Paris, 1863)

Os obreiros do Senhor

5. Vocês chegaram ao tempo do cumprimento das coisas anunciadas para a transformação da humanidade; felizes serão aqueles que tiverem trabalhado no campo do Senhor com desinteresse e sem outro motivo além da caridade! Suas jornadas de trabalho serão pagas pelo cêntuplo do que tiverem esperado. Felizes serão aqueles que tiverem dito a seus irmãos: “Irmãos, trabalhemos juntos e unamos os nossos esforços, a fim de que o mestre encontre a obra concluída quando ele chegar”, pois o mestre lhes dirá: “Vinham a mim, vocês que são bons servidores, vocês que conseguiram calar

seus ciúmes e suas discórdias, para não prejudicar a obra!" Mas ai daqueles que, por suas dissensões, houverem retardado a hora da colheita, pois a tempestade virá e eles serão levados pela enxurrada. Eles gritarão: "Piedade! Piedade!" Mas o senhor lhes dirá: "Por que pedem piedade, vocês que não tiveram piedade dos irmãos e que recusaram a lhes estender a mão, vocês que esmagaram o fraco em vez de o ampararem? Por que pedem piedade, vocês que buscaram a sua recompensa nos gozos da Terra e na satisfação do próprio orgulho? Vocês já receberam a sua recompensa, tal como quiseram; não peçam mais do que isso: as recompensas celestes são para os que não tenham pedido as recompensas da Terra."

Deus faz, neste momento, a contagem dos seus servidores fiéis e tem marcado com o dedo aqueles que não têm mais do que a aparência do devotamento, a fim de que eles não usurpem o salário dos servidores corajosos, pois é a estes que não recuaram diante de suas tarefas que Deus vai confiar os postos mais difíceis na grande obra da regeneração pelo espiritismo, e esta afirmativa se cumprirá: "Os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros no reino dos céus!"

O ESPÍRITO DE VERDADE (Paris, 1862)

CAPÍTULO XXI

HAVERÁ FALSOS CRISTOS E FALSOS PROFETAS

Conhece-se a árvore pelo seu fruto – Missão dos profetas – Prodígios dos falsos profetas – Não creiam em todos os Espíritos – INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: **Os falsos profetas – Características do verdadeiro profeta – Os falsos profetas da erraticidade – Jeremias e os falsos profetas**

Conhece-se a árvore pelo seu fruto

1. A árvore que produz maus frutos não é boa, e a árvore que produz bons frutos não é má, pois cada árvore é conhecida pelo seu próprio fruto; não se colhem figos de espinheiros, nem se colhem cachos de uvas de abrolhos. O homem de bem tira boas coisas do bom tesouro do seu coração, e o ímpio tira as más coisas do mau tesouro do seu coração; porquanto a boca fala daquilo de que o coração está cheio. (São Lucas, 6: 43 a 45)

2. ***Tenham cuidado com os falsos profetas***, que se apresentam a vocês cobertos de peles de ovelha, mas que por dentro são lobos vorazes. Vocês vão reconhecê-los pelos frutos deles. ***Pode-se colher uvas nos espinheiros ou figos nos abrolhos?*** Assim, toda árvore que é boa produz bons frutos, e toda árvore que é má produz maus frutos. ***Uma árvore boa não pode produzir frutos maus, e uma árvore má não pode produzir frutos bons***. Toda árvore que não produz bons frutos será cortada e lançada ao fogo. Então, vocês vão reconhecê-la pelos frutos deles. (São Mateus, 7: 15 a 20)

3. Tenham cuidado para que ninguém os seduza; porque muitos virão em

meu nome, dizendo: “Eu sou o Cristo”, e eles seduzirão a muitos.

Vários falsos profetas vão se levantar e seduzirão a muitas pessoas; e porque a iniquidade se multiplicará, a caridade de muitos esfriará. Mas será salvo aquele que perseverar até o fim.

Então, se alguém lhes disser: O Cristo está aqui, ou ele está ali, não acreditem; pois ***vão se levantar falsos cristos e falsos profetas que farão grandes prodígios*** e coisas espantosas, a ponto de seduzirem — se for possível, até mesmo os escolhidos. (São Mateus, 24: 4 e 5; 11 a 13; 23 e 24 – São Marcos, 13: 5 e 6; 21 e 22)

Missão dos profetas

4. Atribui-se normalmente aos profetas o dom de revelar o futuro, de sorte que as palavras ***profecia*** e ***predição*** se tornaram sinônimas. No sentido evangélico, a palavra ***profeta*** tem uma significação mais ampla; ela se refere a todo enviado de Deus com a missão de instruir os homens e de lhes revelar as coisas ocultas, bem como os mistérios da vida espiritual. Portanto, um homem pode ser profeta sem fazer predições; essa era a ideia dos judeus no tempo de Jesus; foi por isso que, quando ele foi levado diante do sumo sacerdote Caifás, estando reunidos os escribas e os anciãos, eles lhe cuspiram no rosto, bateram-lhe com os punhos e o esbofetearam, dizendo: “Cristo, profetiza-nos e diga quem foi que te bateu.” Entretanto, aconteceu que os profetas tiveram a presciência do futuro — seja por intuição, seja por revelação providencial — a fim de dar avisos aos homens; realizando-se esses eventos, o dom de predizer o porvir foi considerado como um dos atributos da qualidade de profeta.

Prodígios dos falsos profetas

5. “Vão se levantar falsos cristos e falsos profetas que farão grandes prodígios e coisas espantosas, a ponto de seduzirem até mesmo os escolhidos.” Essas palavras dão o verdadeiro sentido do termo prodígio. Na acepção teológica, os prodígios e os milagres são fenômenos excepcionais, fora das leis da natureza. Como as leis da natureza são obras ***exclusivas*** de Deus, sem dúvidas ele pode

derrogá-las se isso lhe agradar, mas o simples bom senso diz que não é possível que ele possa ter dado a seres inferiores e perversos um poder igual ao seu, e ainda menos o direito de desfazer aquilo que ele tenha feito. Jesus não pode ter consagrado tal princípio. Se, portanto, conforme o sentido que se dê a essas palavras, o Espírito do mal tivesse o poder de fazer prodígios tais que enganassem até mesmo os eleitos, o resultado seria que, podendo fazer o que Deus faz, os prodígios e os milagres não são privilégios exclusivos dos enviados de Deus, e não provam nada, já que nada distingue os milagres dos santos dos milagres do demônio. Então, é preciso procurar um sentido mais racional para aquelas palavras.

Aos olhos do vulgo ignorante, todo fenômeno cuja causa é desconhecida passa por sobrenatural, maravilhoso e miraculoso; uma vez conhecida a causa, reconhece-se que o fenômeno — por mais extraordinário que pareça — não é outra coisa senão a aplicação de uma lei da natureza. É assim que o círculo dos fatos sobrenaturais se restringe à medida que o da ciência se estende. Em todos os tempos, em proveito da sua ambição, dos seus interesses e da dominação, os homens exploraram certos conhecimentos que possuíam, a fim de garantir para si o prestígio de um poder dito sobre-humano, ou de uma pretensa missão divina. São esses os falsos cristos e os falsos profetas; mas a difusão das luzes destrói o crédito deles, e é por isso que o seu número diminui na proporção que os homens se esclarecem. O fato de operar aquilo que, aos olhos de algumas pessoas, passa por prodígios não constitui, pois, o sinal de uma missão divina, já que isso pode resultar de conhecimentos que cada um pode adquirir ou de faculdades orgânicas especiais que a pessoa mais indigna pode possuir tão bem quanto a mais digna. O verdadeiro profeta é reconhecido por características mais sérias — e exclusivamente morais.

Não creiam em todos os Espíritos

6. Meus bem-amados, ***não acreditem em qualquer Espírito***, mas examinem se os Espíritos são de Deus, porque muitos falsos profetas têm se levantado no mundo. (São João, 1ª epístola, 4: 1)

7. Os fenômenos espíritas, longe de dar crédito aos falsos cristos e os falsos profetas — como algumas pessoas gostam de dizer — vêm, ao contrário, desferir neles o derradeiro golpe. Não peçam ao espiritismo nem milagres nem prodígios, porque ele declara formalmente que não produz essas coisas; assim como a física, a química, a astronomia e a geologia vêm revelar as leis do mundo material, o espiritismo vem revelar outras leis desconhecidas: aquelas que regem as relações entre o mundo corporal e o mundo espiritual — e que, assim como as mais antigas leis da ciência, não deixam de ser leis da natureza. Ao dar a explicação de uma certa ordem de fenômenos até então incompreendidos, o espiritismo destrói o que ainda restava do domínio do maravilhoso. Dessa forma, aqueles que fossem tentados a explorar esses fenômenos em proveito próprio, fazendo-se passar por messias de Deus, não conseguiriam por muito tempo abusar da fé das pessoas, pois logo seriam desmascarados. Além do mais, assim como já foi dito, esses fenômenos por si só não provam nada: a missão se prova por efeitos morais — o que não é dado a qualquer um produzir. Este é um dos resultados do desenvolvimento da ciência espírita; perscrutando a causa de certos fenômenos, ela levanta o véu sobre muitos mistérios. Somente aqueles que preferem a obscuridade à luz é que têm interesse em combater a ciência espírita; mas a verdade é como o Sol: ela dissipa os mais densos nevoeiros.

O espiritismo vem revelar outra categoria bem mais perigosa de falsos cristos e de falsos profetas, que se encontram, não entre os homens, mas entre os desencarnados: é categoria dos Espíritos enganadores, hipócritas, orgulhosos e pseudossábios, que da Terra passaram para a erraticidade e que se disfarçam com nomes venerados para, graças à máscara com a qual se cobrem, promover a crença em ideias muitas vezes das mais bizarras e das mais absurdas. Antes que as relações mediúnicas fossem conhecidas, esses Espíritos exerciam suas ações de uma maneira menos ostensiva, através da inspiração, pela mediunidade inconsciente, audiente ou falante. É expressivo o número daqueles que em diversas épocas, mas sobretudo nestes últimos tempos, têm se apresentado como alguns dos antigos profetas, como o Cristo, Maria, sua mãe, e até como Deus. São João faz um alerta contra eles, quando diz: “Meus bem-amados, não acreditem em qualquer Espírito, mas examinem

se os Espíritos são de Deus, porque muitos falsos profetas têm se levantado no mundo.” O espiritismo dá os meios de os pôr à prova ao indicar as características pelas quais podemos reconhecer os bons Espíritos — características ***sempre morais, e nunca materiais***.[43] É para fazer a diferenciação entre os bons Espíritos e os maus Espíritos que podem ser aplicadas principalmente estas palavras de Jesus: “Reconhecemos a qualidade da árvore pelos seus frutos; uma árvore boa não pode produzir maus frutos, e uma árvore má não pode produzir bons frutos.” Podemos julgar os Espíritos pela qualidade de suas obras, como julgamos uma árvore pela qualidade dos seus frutos.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

Os falsos profetas

8. Se lhes disserem isso: “Cristo está aqui”, não vão até lá, mas ao contrário, fiquem atentos, porque os falsos profetas serão numerosos. Porventura, vocês não estão vendo as folhas da figueira que começam a embranquecer? Não estão vendo seus brotos numerosos esperando a época da floração? Pois o Cristo disse a vocês: Reconhece-se uma árvore pelo seu fruto, não disse? Portanto, se os frutos forem amargos, vocês poderão julgar que a árvore é má; porém, se eles forem doces e saudáveis, vocês poderão dizer: Nada de puro pode sair de um toco de árvore má.

É assim, meus irmãos, que vocês devem julgar; essas são as obras que vocês precisam examinar. Se os que se dizem investidos de um poder divino estão acompanhados de todas as marcas de tal missão, quer dizer, se eles possuírem no mais alto grau as virtudes cristãs e eternas — a caridade, o amor, a indulgência, a bondade que concilia todos os corações — e se, em apoio das palavras, eles acrescentarem ações, então vocês poderão dizer: Estes realmente são os enviados de Deus.

Todavia, desconfiem das palavras melosas, desconfiem dos escribas e fariseus que rezam nas praças públicas, vestidos de longas túnicas.

---

[43] Ver, sobre a distinção dos Espíritos, ***O Livro dos Médiuns***, 2ª parte, cap. XXIV e seguintes.

Desconfiem dos que pretendem ter o monopólio único e exclusivo da verdade!

Não, não! O Cristo não está lá, pois aqueles que ele envia para propagar sua doutrina e para regenerar o seu povo serão — a exemplo do Mestre — mansos e humildes de coração acima de todas as coisas; aqueles que, através de seus exemplos e conselhos, devam salvar a humanidade que corre para a perdição e vagueia por caminhos tortuosos, estes serão sobretudo modestos e humildes. Fujam de tudo o que demonstre um átomo de orgulho, como se fugissem de uma lepra contagiosa que corrompe tudo o que toca. Lembrem-se de que ***cada criatura traz na sua fronte, mas principalmente nos atos, a marca da sua grandeza ou da sua decadência***.

Então, sigam em frente, meus filhos bem-amados, marchem sem procrastinação, sem olhar para trás na rota bendita em que vocês ingressaram. Vão! Vão sempre sem temor; afastem corajosamente tudo o que poderia entravar sua caminhada rumo ao objetivo eterno. Viajantes, vocês não ficarão mais do que pouco tempo nas trevas e nas dores da provação — se deixarem seus corações serem inspirados por essa doce doutrina que vem lhes revelar as leis eternas e satisfazer a todas as aspirações da alma frente ao desconhecido. Doravante, vocês podem dar corpo a esses silfos fugazes que veem passar nos seus sonhos, e que, efêmeros, só poderiam encantar a sua imaginação, mas sem nada dizer ao coração. Agora, meus queridos, a morte desapareceu para dar lugar ao anjo radioso que vocês conhecem, o anjo do reencontro e da reunião! Agora, vocês que realizaram bem a tarefa imposta pelo Criador, vocês não têm mais nada a temer da sua justiça, pois ele é pai e sempre perdoa os filhos desgarrados que imploram misericórdia. Sendo assim, continuem, avancem sem cessar; que a sua bandeira seja a do progresso, do progresso contínuo em todas as coisas, até que finalmente vocês cheguem a esse feliz término, em que são aguardados por todos aqueles que lhes precederam.

Luís (Bordeaux, 1861)

Características do verdadeiro profeta

9. ***Desconfiem dos falsos profetas***. Essa recomendação é útil em todos os

tempos, mas especialmente nos momentos de transição em que, como no tempo atual, elabora-se uma transformação da humanidade, porque então uma multidão de ambiciosos e intrigantes se vestem de reformadores e de messias. É contra esses impostores que precisamos estar em guarda, e é dever de todo homem honesto desmascará-los. Vocês certamente perguntarão como podemos reconhecê-los; aqui está o perfil deles:

Não se confia o comando de um exército senão a um general hábil e capaz de dirigi-lo. Então vocês acham que Deus seja menos prudente do que os homens? Estejam certos de que ele só confia as missões importantes àqueles que ele sabe que são capazes de cumpri-las, pois as grandes missões são fardos pesados que esmagariam o homem bastante fraco para carregá-los. Como em todas as coisas, o mestre deve saber mais do que o discípulo; para fazer a humanidade avançar moral e intelectualmente, é preciso homens superiores em inteligência e em moralidade! Eis por que os encarregados dessa tarefa são sempre Espíritos já adiantados em outras existências, pois se eles não fossem superiores em relação ao meio no qual eles devem agir, a ação deles seria nula.

Isto posto, concluam que o verdadeiro missionário de Deus deve justificar sua missão pela sua superioridade, pelas suas virtudes, pela sua grandeza, pelo resultado e pela influência moralizadora de suas obras. Tirem ainda essa conclusão: que, pelo seu caráter, pelas suas virtudes, pela sua inteligência, se ele estiver abaixo do papel que atribui a si, ou do personagem cujo nome ele usa, então ele não passa de um ator de baixa categoria, que nem sequer sabe imitar o seu modelo.

Outra consideração, é que a maior parte dos verdadeiros missionários de Deus ignoram a si mesmos; eles cumprem aquilo a que foram chamados pela força da sua inteligência, ajudados pelo poder oculto que os inspira e dirige sem que eles saibam, mas sem intenção premeditada. Em síntese, ***os verdadeiros profetas se revelam por seus atos e nós os reconhecemos, enquanto os falsos profetas posam como os enviados de Deus***: o primeiro tipo é humilde e modesto; o segundo é orgulhoso e cheio de si mesmo, fala com altivez e, como todos os mentirosos, parece sempre receoso de que ninguém acredite nele.

Temos visto desses impostores se apresentarem como apóstolos do Cristo, outros como o próprio Cristo e — o que é uma vergonha para a humanidade — eles têm encontrado pessoas bastante crédulas para dar fé a essas semelhantes torpezas. Entretanto, uma consideração bem simples deveria abrir os olhos do mais cego: é que, se o Cristo reencarnasse na Terra, ele aí viria com todo o seu poder e todas as suas virtudes, a menos que se admitisse — o que seria um absurdo — que ele tivesse degenerado. Ora, da mesma forma que se vocês tirassem de Deus um só dos seus atributos vocês já não teriam mais Deus, então se vocês tirassem uma só das virtudes do Cristo vocês já não teriam mais o Cristo. Por acaso, aqueles que se passam pelo Cristo têm todas as virtudes dele? Essa é a questão. Observem e perscrutem as ideias e os atos destes, e então vocês reconhecerão que acima de tudo faltam neles as qualidades distintivas do Cristo: a humildade e a caridade, ao passo que eles têm aquilo que Jesus não tinha: a cupidez e o orgulho. Notem, além disso, que neste momento e em vários países, há vários pretensos Cristos, como há vários pretensos Elias, são João ou são Pedro, e que necessariamente todos eles não podem ser verdadeiros. Tenham como certo que são pessoas que exploram a fé pública e acham cômodo viver às custas daqueles que as levam em consideração.

Por tudo isso, desconfiem dos falsos profetas, principalmente em tempos de renovação, porque muitos impostores dirão que são enviados de Deus; eles procuram para si uma vaidosa satisfação na Terra, porém uma terrível justiça os aguarda — vocês podem estar certos disso.

ERASTO (Paris, 1862)

Os falsos profetas da erraticidade

10. Os falsos profetas não estão somente entre os encarnados; eles estão também — e em número bem maior — entre os Espíritos orgulhosos que, sob a falsa aparência de amor e de caridade, semeiam a desunião e retardam a obra emancipadora da humanidade, misturando-a com os seus sistemas absurdos, que eles promovem através dos seus médiuns. E, para melhor fascinar aqueles a quem eles querem iludir, para dar mais peso às suas

teorias, eles se apoderam inescrupulosamente de nomes que os homens só pronunciam com muito respeito.

São eles que semeiam o fermento do antagonismo entre os grupos, que os levam a se isolarem uns dos outros e a se olharem negativamente. Só isso bastaria para os desmascarar, porque agindo assim, eles mesmos dão um desmentido formal ao que eles pretendem ser. Logo, cegos são os homens que se deixam cair em uma armadilha tão grosseira.

Porém, há muitos outros meios de os reconhecermos. Espíritos da classe à qual eles dizem pertencer precisam ser não somente muito bons, mas também eminentemente racionais. Pois bem: passem os seus sistemas pelo crivo da razão e do bom senso e vocês verão o que restará. Então, convenham comigo que todas as vezes que, como remédio para os males da humanidade ou como um meio de chegar à sua transformação, um Espírito indica coisas utópicas e impraticáveis, medidas pueris e ridículas; e quando ele formula uma teoria contraditória com as mais elementares noções da ciência, então esse não pode ser senão um Espírito ignorante e mentiroso.

Por um lado, creiam que se a verdade nem sempre é apreciada pelos indivíduos, ela sempre é apreciada pelo bom senso das massas, e isso também é um critério. Se dois princípios se contradizem, então vocês terão a medida do valor intrínseco deles quando verificarem qual dos dois encontra mais apoio e simpatia; de fato, ***seria ilógico admitir que uma doutrina cujo número de seguidores diminui fosse mais verdadeira do que aquela que visse o seu número aumentar***. Querendo que a verdade chegue a todos, Deus não a confina num círculo restrito; ele a faz emergir em diferentes pontos, a fim de que em toda parte haja luz perto das trevas.

Rejeitem impiedosamente todos esses Espíritos que se apresentam como conselheiros exclusivos, pregando a divisão e o isolamento. Quase sempre são Espíritos vaidosos e medíocres que procuram se impor aos homens fracos e crédulos, dispensando-lhes exagerados louvores a fim de os fascinar e de tê-los sob sua dominação. Geralmente são Espíritos famintos de poder, déspotas públicos ou na sua vida privada, que ainda querem ter suas vítimas para tiranizar depois de morto. Em geral, ***desconfiem das comunicações que trazem um caráter de misticismo e de estranheza, ou***

que prescrevem cerimônias e atos estranhos; aí, sempre há um motivo legítimo para suspeitas.

Por outro lado, creiam bem que quando uma verdade tem de ser revelada à humanidade, ela é, por assim dizer, instantaneamente comunicada a todos os grupos sérios que dispõem de médiuns comprometidos, e não a este ou àquele, com exclusão dos outros. Ninguém é médium perfeito se estiver obsidiado, e existe uma obsessão flagrante quando um médium só está apto a receber comunicações de um determinado Espírito — por mais alto que este procure se colocar. Consequentemente, qualquer médium ou grupo que se ache privilegiado por comunicações que só ele pode receber, e que, por outro lado, esteja sujeito a práticas que beiram a superstição, então este indubitavelmente está sob o domínio de uma obsessão das mais caracterizadas, sobretudo quando o Espírito dominador se exibe com um nome que todos nós — encarnados e desencarnados — devemos honrar e respeitar, e não devemos deixar que seja usado em um propósito qualquer.

É incontestável que, submetendo ao crivo da razão e da lógica todos os dados e todas as comunicações dos Espíritos, será fácil repulsar o absurdo e o erro. Um médium pode ser fascinado e um grupo pode ser iludido, mas com o controle severo dos outros grupos, a ciência adquirida, a elevada autoridade moral dos dirigentes de grupos, as comunicações dos principais médiuns que recebem um cunho de lógica e de autenticidade dos nossos melhores Espíritos, então rapidamente será feita justiça a esses ditados mentirosos e astuciosos, emanados de uma turba de Espíritos mistificadores ou maus.

ERASTO, discípulo de são Paulo (Paris, 1862)

(Ver na *Introdução* deste livro o item II: *Controle universal do ensinamento dos Espíritos*, e em ***O Livro dos Médiuns***, 2ª parte, cap. XXIII, *Obsessão.*)

Jeremias e os falsos profetas

11. Eis o que diz o Senhor dos exércitos: Não escutem as palavras dos profetas que lhes profetizam e que os enganam. Eles publicam as visões de seus corações, e não o que aprenderam da boca do Senhor. — Eles dizem aos

> que de mim blasfemam: O Senhor assim disse, vocês terão a paz; e a todos os que andam na corrupção de seus corações: Não lhes ocorrerá nada de mal. — Mas qual dentre eles seguiu o conselho de Deus? Quem o viu e escutou o que ele disse? Eu não enviava esses profetas, e eles corriam por si mesmos; eu não lhes falava, e eles profetizavam de suas cabeças. Eu ouvi o que disseram esses profetas que profetizavam a mentira em meu nome, dizendo: Sonhei, sonhei. — Até quando essa imaginação estará no coração dos que profetizam a mentira e cujas profecias não são senão seduções dos corações deles? Se, pois, esse povo, ou um profeta, ou um sacerdote lhes interrogar e lhes disser: Qual é o fardo do Senhor? Vocês dirão a eles: É vocês mesmos que são o fardo, e eu os lançarei para bem longe de mim, diz o Senhor. (Jeremias, 23: 16 a 18, 21, 25 e 26, 33)

É sobre essa passagem do profeta Jeremias que eu vou lhes entreter, meus amigos. Deus, falando pela sua boca, diz: "É a visão do coração deles que os faz falar". Essas palavras indicam claramente que já naquela época os charlatães e os exaltados abusavam do dom de profecia e o exploravam. Por conseguinte, eles abusavam da fé simples e quase cega do povo, predizendo ***por dinheiro*** coisas boas e agradáveis. Esse tipo de fraude era bastante generalizado na nação judia, e é fácil compreender que o pobre povo, em sua ignorância, estava na impossibilidade de distinguir os bons dos maus, sendo sempre mais ou menos enganado por aqueles que se diziam profetas, mas que não passavam de impostores ou fanáticos. Nada há de mais significativo do que estas palavras: "Eu não enviei esses profetas e eles correram por si mesmos; não lhes falei e eles profetizaram". Mais adiante, ele diz: "Eu ouvi esses profetas que profetizavam a mentira em meu nome, dizendo: Sonhei, sonhei." Indicavam assim um dos meios que eles empregavam para explorar a confiança que o povo tinha neles. A multidão, sempre crédula, não pensava em contestar a veracidade de seus sonhos ou de suas visões; achava isso muito natural e sempre convidava esses profetas para falar.

Após as palavras do profeta, escutem os sábios conselhos do apóstolo João, quando diz: "Não creiam em qualquer Espírito, mas examinem se os Espíritos são de Deus", porque entre os invisíveis, também há os que se comprazem em enganar, quando eles encontram uma ocasião. Está bem

entendido que os iludidos são os médiuns que não tomam as devidas precauções. Aí está, sem contradição, um dos maiores escolhos, contra o qual muitos chegam a esbarrar, sobretudo quando esses médiuns são novatos no espiritismo. Isso é uma provação para eles, sobre a qual só conseguem triunfar com muita prudência. Portanto, aprendam antes de tudo a distinguir os bons e os maus Espíritos, para que vocês mesmos não se tornem falsos profetas.

Luoz, *Espírito protetor* (Karlsruhe, 1861)

CAPÍTULO XXII

NÃO SEPAREM O QUE DEUS UNIU

Indissolubilidade do casamento – O divórcio

Indissolubilidade do casamento

1. Os fariseus também vieram até ele para tentá-lo, e lhe disseram: É permitido a um homem despedir sua mulher por qualquer motivo? — Ele lhes respondeu: Vocês não leram que aquele que criou o homem desde o princípio os criou macho e fêmea e que disse: Por esta razão, o homem deixará seu pai e sua mãe para se ligar à sua mulher, e ambos não serão mais do que uma só carne? Assim, já não serão mais duas, mas uma só carne. Que o homem não separe o que Deus uniu.

Mas então — eles questionaram — por que Moisés ordenou que fosse dado à esposa uma carta de separação e a despedisse? — Ele respondeu: Foi por causa da dureza dos seus corações que Moisés lhes permitiu despedir suas esposas; mas não era assim no princípio. Por isso, eu declaro a vocês que aquele que despede sua mulher, exceto em caso de adultério, e desposa outra, comete um adultério; e que aquele que desposa aquela mulher que outro despediu também comete um adultério. (São Mateus, 19: 3 a 9)

2. Não há nada de imutável exceto o que vem de Deus; tudo que é obra dos homens está sujeito a mudanças. As leis da natureza são as mesmas em todos os tempos e em todos os lugares; já as leis humanas, elas mudam de acordo com as épocas, os locais e o progresso da inteligência. No casamento, o que é de ordem divina é a união dos sexos, para operar a renovação dos seres que morrem; mas as condições que regulam essa união são de ordem tão humana que não há no mundo inteiro — nem mesmo na cristandade — dois países onde elas sejam absolutamente as mesmas, e que não há nenhum lugar onde

essas leis não tenham sofrido alterações com o passar do tempo. Disso resulta que, aos olhos da lei civil, o que é legítimo num país e em dada época é adultério em outro país e em outra época; isso é assim porque a lei civil tem por finalidade regrar os interesses das famílias, e esses interesses variam segundo os costumes e as necessidades locais. É assim, por exemplo, que em certos países o casamento religioso é o único legítimo; em outros é preciso também o casamento civil; noutros mais, finalmente, basta apenas o casamento civil.

3. Mas na união dos sexos, ao lado da lei divina material, comum a todos os seres vivos, há outra lei divina — imutável como todas as leis de Deus — exclusivamente moral: a lei de amor. Deus quis que os seres se unissem não somente pelos laços da carne, mas também pelos da alma, a fim de que a afeição mútua dos cônjuges se estendesse aos filhos, e que fossem dois, ao invés de só um, a amá-los, a cuidar deles e a fazê-los progredir. Será que nas condições regulares do casamento é levada em consideração essa lei de amor? De jeito nenhum; o que se leva em conta não é o afeto de dois seres atraídos um para o outro por um sentimento mútuo — já que na maioria das vezes essa afeição é rompida. O que se busca não é a satisfação do coração, mas sim a do orgulho, da vaidade, da cupidez; em suma, de todos os interesses materiais, e quando tudo vai bem, conforme esses interesses, dizem que o casamento é conveniente, e quando os bolsos estão bem harmonizados, dizem que os cônjuges também se combinam e devem estar muito felizes.

Porém, nem a lei civil nem os compromissos que ela determina podem suprir a lei de amor, se esta lei não preside a união; daí ocorre que muitas vezes ***aquilo que se une pela força se separa por si mesmo;*** que o juramento pronunciado ao pé do altar se torna um perjúrio, quando for dito como uma formalidade banal. Daí vêm as uniões infelizes, que acabam por se tornarem criminosas — uma dupla desgraça que seria evitada se, nas condições do matrimônio, não fosse esquecida a única condição que sanciona a união aos olhos de Deus: a lei de amor. Quando Deus disse: “Vocês não serão mais do que uma só carne”, e quando Jesus disse: “Não separem o que Deus uniu”, isso deve ser entendido como a união conforme a lei imutável de Deus, e não

conforme a lei mutável dos homens.

4. Então, será que a lei civil é supérflua? E será que devemos voltar aos casamentos segundo a natureza? Não, certamente; a lei civil tem como objetivo regular as relações sociais e os interesses das famílias, conforme as exigências da civilização; eis por que ela é útil, necessária — porém variável. Essa lei deve ser previdente, porque o homem civilizado não pode viver como um selvagem; mas nada, absolutamente nada se opõe a que ela seja um corolário da lei de Deus. Os obstáculos ao cumprimento da lei divina vêm dos preconceitos, e não da lei civil. Esses preconceitos, se bem que ainda estejam ativos, já perderam sua influência entre os povos esclarecidos; eles vão desaparecer com o progresso moral, que finalmente abrirá os olhos quanto aos incontáveis males, as faltas, inclusive os crimes que resultam das uniões contraídas com vistas unicamente aos interesses materiais. E um dia nós perguntaremos se é mais humano, mais caridoso e mais moral manter presos um ao outro dois seres que não conseguem viver juntos, ou devolver a eles a liberdade; perguntaremos também se a perspectiva de uma obrigação indissolúvel não aumenta o número de uniões irregulares.

O divórcio

5. O divórcio é uma lei humana que tem por finalidade separar legalmente o que de fato já está separado; essa lei não é contrária à lei de Deus, porque ela só reforma aquilo que os homens fizeram, e ela só é aplicável nos casos em que não foi levada em conta a lei divina; se o divórcio fosse contrário a esta lei, a própria Igreja seria forçada a considerar como prevaricadores aqueles que, por sua própria autoridade e em nome da religião, impuseram o divórcio em mais de uma circunstância — que é uma dupla prevaricação, porque foi com vistas unicamente aos interesses do momento, e não para satisfazer à lei de amor.

Mas nem mesmo Jesus consagrou a indissolubilidade absoluta do casamento. Foi ele quem disse “Foi por causa da dureza dos seus corações que Moisés permitiu despedir suas mulheres”, não foi? Isso significa que, desde o

tempo de Moisés, como a afeição mútua não era o único propósito do matrimônio, a separação podia se tornar necessária. Porém, ele acrescenta: “não era assim no princípio”, quer dizer, na origem da humanidade, quando os homens ainda não estavam pervertidos pelo egoísmo e pelo orgulho, quando eles viviam segundo a lei de Deus; então as uniões — fundadas na simpatia, e não na vaidade ou na ambição — não davam motivo para o repúdio.

Jesus vai mais longe: ele especifica a circunstância em que o repúdio pode ocorrer, como é o caso do adultério. Ora, o adultério não existe onde reina uma sincera afeição recíproca. É verdade que Jesus proíbe todo homem de desposar a mulher repudiada, mas é preciso levar em conta os costumes e o caráter dos homens de seu tempo. A lei mosaica, nesse caso, prescrevia o apedrejamento; então, querendo abolir um costume bárbaro, ele precisava ao menos de uma penalidade, e a encontrou no estigma que seria causado pela proibição de um segundo casamento. Era, de certo modo, uma lei civil substituída por outra lei civil, mas que, como todas as leis dessa natureza, devia passar pela prova do tempo.

CAPÍTULO XXIII

MORAL ESTRANHA

Quem não odiar seu pai e sua mãe – Deixar pai, mãe e filhos – Deixem aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos – Eu não vim trazer a paz, mas a divisão

Quem não odiar seu pai e sua mãe

1. Um grande grupo de pessoas caminhava com Jesus, quando ele se voltou para elas e disse: Se alguém vem a mim e não ***odeia*** seu pai e sua mãe, sua mulher e seus filhos, seus irmãos e irmãs, e até mesmo a sua própria vida, este não pode ser meu discípulo. E aquele que não carrega a sua cruz e não me segue, este não pode ser meu discípulo. Assim, qualquer um dentre vocês que não renunciar a tudo o que tem, este não pode ser meu discípulo. (São Lucas, 14: 25 a 27 e 33)

2. Aquele que ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim, este não é digno de mim; aquele que ama seu filho ou sua filha mais do que a mim, este não é digno de mim. (São Mateus, 10: 37)

3. Certas palavras — muito raras, aliás — criam um contraste tão estranho na boca do Cristo que instintivamente repulsamos o seu sentido literal, e com isso a sublimidade da sua doutrina não é afetada de forma alguma. Escritas após sua morte — já que nenhum Evangelho foi redigido durante a vida dele — podemos supor que, em tal caso, o sentido do seu pensamento não foi bem expresso, ou — o que não é menos provável — que o sentido original pode ter sofrido alguma alteração ao passar de uma língua para outra. Bastaria que um erro fosse cometido uma primeira vez para que fosse repetido pelos reprodutores — como se vê frequentemente com os fatos históricos.

A palavra ***odeia***, nesta frase de Lucas: "***Se alguém vem a mim e não odeia seu pai e sua mãe"***, faz parte desse caso; ninguém teria a ideia de atribuí-la a Jesus. Portanto, seria muito inútil discuti-la, e pior ainda seria tentar justificá-la. Primeiro, seria necessário saber se ele a pronunciou, e em caso afirmativo, saber se na língua na qual ele se expressou essa palavra tinha o mesmo significado que na nossa língua. Nesta passagem de são João: "Aquele que ***odeia*** sua vida neste mundo a conserva para a vida eterna",[44] é certo que a referida palavra não exprime a mesma ideia que lhe atribuímos.

A língua hebraica não era sofisticada e tinha muitas palavras com várias significações. Tal é, por exemplo, aquela que no Gênesis designa as fases da criação, às vezes também servindo para exprimir um período qualquer de tempo e a revolução diurna. Daí, mais tarde, sua tradução pela palavra ***dia***, e daí a crença de que o mundo foi uma obra de seis vezes vinte e quatro horas. Assim é também a palavra que designava um ***camelo*** e um ***cabo***, porque os cabos eram feitos de pelos de camelo, e que foi traduzida por ***camelo*** na alegoria do buraco de uma agulha. (Capítulo XVI, item 2)[45]

É necessário, aliás, levar em conta os costumes e o caráter dos povos que influenciam o modelo particular de seus idiomas; sem esse conhecimento, o sentido verdadeiro de certas palavras se perde. De uma língua para outra, um mesmo vocábulo tem um significado com mais ou menos energia; num idioma ele pode ser uma injúria ou uma blasfêmia, enquanto noutro ele pode ser uma

---

[44] João, 12: 25. — N. T.

[45] ***Non odit*** em latim, ***Kaï*** ou ***miseï*** em grego, não quer dizer ***odiar***, mas ***amar menos***. O que o verbo grego ***miseïn*** exprime, o verbo hebreu do qual Jesus deve ter se servido o exprime ainda melhor: não significa exatamente ***odiar***, mas sim ***amar menos, não amar tanto quanto, não igual a outro***. No dialeto siríaco, do qual dizem que Jesus usava com mais frequência, essa significação é ainda mais acentuada. É nesse sentido que foi dito no Gênesis (29: 30 e 31): "E Jacó amou também a Raquel mais do que a Lia, e Jeová vendo que Lia era ***odiada***..." É evidente que o verdadeiro sentido aqui é ***menos amada***. É assim que deve ser traduzido. Em várias outras passagens hebraicas, e sobretudo siríacas, o mesmo verbo é empregado no sentido de ***não amar tanto quanto a outro***, e seria um contrassenso traduzi-lo por ***odiar***, que tem outra acepção bem determinada. A propósito, o texto de são Mateus afasta qualquer equívoco. — Nota do ***Sr. Pezzani***.

André Pezzani foi um advogado na corte imperial de Lyon, um dos ativistas pioneiros do Espiritualismo Moderno na França, autor de algumas obras espiritualistas que, contudo, por vezes defendia determinados conceitos claramente divergentes com a Doutrina Espírita; ainda assim, Allan Kardec considerou válido aproveitar a nota acima, para melhor contextualizar o significado da palavra em questão. — N. T.

palavra insignificante, segundo a ideia a ele aplicada. Até numa mesma língua, determinadas palavras perdem seu valor com alguns séculos de distância; é por isso que uma tradução rigorosamente literal nem sempre converte perfeitamente o pensamento, e que, para ela ser exata, às vezes é preciso empregar não os vocábulos correspondentes, mas outros equivalentes ou perífrases.

Essas observações encontram uma aplicação especial na interpretação das santas Escrituras e, em particular, dos Evangelhos. Se não levarmos em conta o contexto no qual Jesus vivia, ficamos expostos a interpretações errôneas quanto ao valor de certas expressões e de certos fatos, em consequência do hábito que se tem de assimilar os outros a si próprio. Em todo caso, é preciso então afastar o termo ***odeia*** do sentido moderno, como sendo contrário ao espírito do ensinamento de Jesus. (Ver também o cap. XIV, item 5 e seguintes)

Deixar pai, mãe e filhos

4. Todo aquele que tiver deixado pelo meu nome sua casa, seus irmãos, ou suas irmãs, ou seu pai, ou sua mãe, ou sua mulher, ou seus filhos, ou suas terras, este receberá o cêntuplo de tudo isso e terá como herança a vida eterna. (São Mateus, 19: 29)

5. Então Pedro lhe disse: Quanto a nós, o senhor vê que nós deixamos tudo e te seguimos. — Jesus lhe disse: Em verdade eu digo a vocês que ninguém deixará pelo reino de Deus sua casa, seu pai ou sua mãe, seus irmãos, sua mulher ou seus filhos, sem receber muito mais já neste mundo e, no século vindouro, a vida eterna. (São Lucas, 18: 28 a 30)

6. Um outro lhe disse: Senhor, eu te seguirei, mas me permita antes dispor do que eu tenho em minha casa. — Jesus lhe respondeu: Todo aquele que, pondo a mão no arado, olhar para trás, este não está preparado para o reino de Deus. (São Lucas, 9: 61 e 62)

Sem discutir as palavras, aqui é preciso buscar a ideia, que era evidentemente esta: “Os interesses da vida futura prevalecem sobre todos os

interesses e todas as considerações humanas", porque essa ideia está de acordo com o fundamento da doutrina de Jesus, enquanto a ideia de uma renúncia à família seria a negação dessa doutrina.

Aliás, nós não temos sob os nossos olhos a aplicação dessas máximas no sacrifício dos interesses e das afeições de família em favor da pátria? Por acaso, um filho é condenado por deixar seu pai, sua mãe, seus irmãos, sua mulher e os filhos para marchar em defesa do seu país? Não é que, ao contrário, a ele é dado um grande mérito por se desgarrar das doçuras do lar doméstico e dos abraços de amizade para cumprir um dever? Desse modo, há deveres que se sobrepõem a outros deveres. A lei não impõe à filha a obrigação de deixar os pais para acompanhar o esposo? O mundo está repleto de casos em que as separações mais penosas são necessárias, mas nem por isso as afeições se rompem; o afastamento não diminui nem o respeito nem a solicitude que se deve ter para com os pais, nem a ternura para com os filhos. Vê-se, portanto, que mesmo tomadas ao pé da letra — exceção feita à palavra ***odiar*** —, aqueles termos não seriam a negação do mandamento que manda honrar o pai e a mãe, nem a negação do sentimento de carinho paternal, e com mais forte razão quando tomamos o seu significado. Essas palavras tinham por objetivo mostrar, através de uma hipérbole, o quanto era imperioso o dever de se ocupar com a vida futura. Elas deviam, além disso, ser menos chocantes para um povo e para uma época em que, por consequência dos hábitos, os laços de família tinham menos força do que numa civilização moral mais avançada; esses laços — mais fracos nos povos primitivos — se fortalecem com o desenvolvimento da sensibilidade e do senso moral. A própria separação é necessária ao progresso, tanto entre as famílias como entre as raças, pois elas se degradam caso não haja cruzamento, se não se mesclarem umas com as outras. Isso é uma lei da natureza, tanto no interesse do progresso moral quanto no do progresso físico.

Aqui, as coisas são encaradas apenas do ponto de vista terreno; o espiritismo nos faz vê-las de mais alto, mostrando-nos que os verdadeiros laços de afeto são os do Espírito, e não os do corpo; que esses laços não são desfeitos nem pela separação nem mesmo pela morte do corpo; que eles se fortalecem na vida espiritual pela depuração do Espírito — verdade

consoladora que dá uma grande força para suportarmos as dificuldades da vida. (Cap. IV, item 18; cap. XIV, item 8.)

Deixem aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos

> **7.** Ele disse a outro: Siga-me. E o outro lhe respondeu: Senhor, permita-me antes ir enterrar meu pai. Jesus lhe respondeu: Deixe aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos; quanto a você, vá anunciar o reino de Deus. (São Lucas, 9: 59 e 60)

8. Quanto a estas palavras: "Deixe aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos", o que elas podem significar? As considerações precedentes mostram primeiramente que, nas circunstâncias em que foram pronunciadas, elas não podiam exprimir uma condenação àquele que considerava um dever de piedade filial ir enterrar o pai; mas elas contêm um sentido profundo que só o conhecimento mais completo da vida espiritual podia tornar compreensível.

A vida espiritual é, de fato, a verdadeira vida, é a vida normal do Espírito; sua existência terrestre é apenas transitória e passageira — uma espécie de morte, se a compararmos com o esplendor e a atividade da vida espiritual. O corpo não passa de uma vestimenta grosseira que reveste temporariamente o Espírito, uma verdadeira cadeia que o prende à gleba terrena, do qual ele fica feliz por se libertar. O respeito que temos pelos mortos não se prende à matéria, mas, pela lembrança, ao Espírito ausente; é semelhante àquele respeito que temos pelos objetos que lhe pertenceram, que ele tocou e que as pessoas que gostam dele guardam como relíquias. Era isso o que aquele homem não podia compreender por si mesmo e que Jesus lhe ensinou, dizendo: Não se preocupe com o corpo, mas pense antes no Espírito; vá ensinar o reino de Deus; vá dizer aos homens que a sua pátria não é a Terra, mas o céu, pois somente lá está a verdadeira vida.

Eu não vim trazer a paz, mas a divisão

> **9.** Não pensem que eu tenha vindo trazer paz à Terra; eu não vim trazer a paz,

mas a espada; pois eu vim separar o homem do seu pai, a filha da sua mãe e a nora da sua sogra; e o homem terá por inimigos aqueles da sua própria casa. (São Mateus, 10: 34 a 36)

10. Eu vim para lançar fogo na Terra; e o que é que eu desejo senão que ele se acenda? Eu devo ser batizado com um batismo e o quanto me sinto apressado para que ele se cumpra!

Vocês acham que eu vim trazer paz à Terra? Não, eu lhes asseguro; ao contrário, vim trazer divisão; porque doravante se houver cinco pessoas numa casa, elas estarão divididas umas contra as outras: três contra duas e duas contra três. O pai estará em divisão com o filho e o filho com o pai, a mãe com a filha e a filha com a mãe, a sogra com a nora e a nora com a sogra. (São Lucas, 12: 49 a 53)

11. Será mesmo que Jesus — a personificação da doçura e da bondade, ele que não cessava de pregar o amor ao próximo — poderia ter dito: "Eu não vim trazer a paz, mas a espada; eu vim separar o filho do pai, o esposo da esposa; eu vim lançar fogo na Terra e tenho pressa que ele se acenda"? Essas palavras não estão em flagrante contradição com os seus ensinamentos? Não seria uma blasfêmia lhe atribuir a linguagem de um conquistador sanguinário e devastador? Não, não há blasfêmia nem contradição nessas palavras, pois foi ele mesmo quem as pronunciou, e elas testemunham sua alta sabedoria; apenas a forma, um tanto equivocada, não reproduz exatamente o seu pensamento, o que faz com que o seu verdadeiro sentido seja mal interpretado. Tomadas no sentido literal, essas palavras tenderiam a transformar sua missão inteiramente pacífica numa missão de perturbações e de discórdias — consequência absurda que o bom senso descarta, pois Jesus não podia se desmentir. (Cap. XIV, item 6.)

12. Toda ideia nova forçosamente encontra oposição e não há uma única que tenha se estabelecido sem lutas; ora, em tal caso, a resistência é sempre proporcional à importância dos resultados ***previstos***, porque quanto maior for essa ideia, mais interesse ela despertará. Se for notoriamente falsa e se a julgarem sem efeito prático, ninguém se importará com ela e a deixarão

passar, achando que ela não tem vitalidade. Porém, se a ideia for verdadeira, se estiver fundamentada em uma base sólida e se preveem um futuro para ela, então um secreto pressentimento adverte os seus antagonistas de que essa doutrina é um perigo para eles e para a ordem de coisas às quais eles têm interesse em preservar; eis por que eles avançam contra ela e contra os seus adeptos.

A medida da importância e dos resultados de uma ideia nova se encontra então na emoção que ela provoca no seu aparecimento, na violência da oposição que ela desperta, assim como no grau e na persistência da ira de seus adversários.

13. Jesus veio proclamar uma doutrina que minava pela base os abusos de que sobreviviam os fariseus, os escribas e os sacerdotes do seu tempo; assim, eles o levaram à morte, achando que poderiam matar a ideia ao matar o homem; só que a ideia sobreviveu, porque ela era verdadeira, e ela cresceu, porque estava nos desígnios de Deus e, oriunda de um modesto vilarejo da Judeia, essa ideia foi fincar sua bandeira na própria capital do mundo pagão, diante dos seus inimigos mais ferozes, daqueles que tinham mais interesse em combatê-la, porque ela subvertia crenças tradicionais às quais muitas vezes eles se apegavam mais por interesse do que por convicção. Ali, lutas mais terríveis esperavam seus apóstolos; as vítimas foram inumeráveis, mas a ideia sempre crescia e saiu triunfante, porque prevaleceu como verdade sobre as suas antecessoras.

14. É de se notar que o Cristianismo surgiu quando o paganismo estava no seu declínio e se debatia contra as luzes da razão. Este ainda era praticado pela forma, mas a crença já tinha desaparecido; só o interesse pessoal o sustentava. Ora, o interesse é forte e jamais cede à evidência; então o paganismo fica mais irritado quanto mais os raciocínios que lhe opõem forem mais peremptórios e melhor demonstrarem seu erro; ele sabe bem que está errado, mas isso não o sensibiliza, porque a verdadeira fé não está na sua alma. O que mais ele teme é que a luz abra os olhos dos cegos; esse erro lhe é proveitoso, por isso o paganismo se agarra a ele e o defende.

Sócrates também não tinha proclamado uma doutrina até certo ponto análoga à do Cristo? Por que então ela não prevaleceu em sua época, num dos povos mais inteligentes da Terra? É que a hora ainda não tinha chegado; ele semeou numa terra não lavrada; o paganismo ainda não estava ***esgotado***. O Cristo recebeu a sua missão providencial no tempo apropriado. Nem todos os homens de sua época estavam à altura das ideias cristãs, mas havia uma aptidão mais generalizada para as assimilar, pois já começavam a sentir o vazio que as crenças vulgares deixavam na alma. Sócrates e Platão haviam aberto o caminho e preparado os ânimos. (Ver na *Introdução*, o item IV: *Sócrates e Platão, precursores da ideia cristã e do Espiritismo.*)

15. Infelizmente, os adeptos da nova doutrina não se entenderam quanto à interpretação das palavras do Mestre, na maior parte das vezes veladas sob a alegoria e figuras da linguagem; daí brotarem desde o início numerosas seitas que pretendiam, cada qual, ter a posse exclusiva da verdade, e que nem dezoito séculos conseguiram fazê-las chegar a um acordo. Esquecendo o mais importante dos preceitos divinos — aquele do qual Jesus tinha feito a pedra angular do seu edifício e a condição expressa da salvação: a caridade, a fraternidade e o amor ao próximo —, essas seitas se lançaram o anátema reciprocamente e avançaram umas contra as outras, as mais fortes esmagando as mais fracas, sufocando-as no sangue, nas torturas e nas fogueiras. Os cristãos, vencedores do paganismo, de perseguidos se tornaram perseguidores; foi com ferro e fogo que eles foram plantar a cruz do cordeiro sem mácula nos dois mundos. É um fato constatado que as guerras de religião foram as mais cruéis e fizeram mais vítimas do que as guerras políticas, e que em nenhuma destas foram cometidos mais atos de atrocidade e de barbárie.

A culpa está na doutrina do Cristo? Com certeza não, pois ela condena formalmente toda violência. Será que ele disse alguma vez a seus discípulos: Vão, matem, massacrem e queimem aqueles que não acreditarem igual vocês? Não; mas ele lhes disse, ao contrário: Todos os homens são irmãos e Deus é soberanamente misericordioso; amem o seu próximo; amem seus inimigos; façam o bem a quem os perseguem. Ele lhes disse ainda: Quem matar com a espada perecerá pela espada. A responsabilidade disso, portanto, não é da

doutrina de Jesus, mas daqueles que a interpretaram falsamente e fizeram dela um instrumento para servir as suas paixões; é daqueles que desprezaram estas palavras: Meu reino não é deste mundo.

Jesus, na sua profunda sabedoria, previa o que ia acontecer, mas essas coisas eram inevitáveis, porque elas se devem à inferioridade da natureza humana, que não podia se transformar de uma vez. Era preciso que o cristianismo passasse por essa longa e cruel prova de dezoito séculos para mostrar toda a sua potência; porque, apesar de toda a maldade cometida em seu nome, o cristianismo saiu dela puro, pois ele jamais deu razão a essa maldade; a culpa sempre recaiu sobre aqueles que abusaram dele. A cada ato de intolerância, sempre se disse: Se o cristianismo fosse mais bem compreendido e mais bem praticado, isso não teria acontecido.

16. Quando Jesus disse: "Não creiam que eu tenha vindo trazer a paz, mas sim a divisão", seu pensamento era este:

"Não creiam que a minha doutrina se estabeleça pacificamente; ela trará lutas sangrentas, para as quais o meu nome será o pretexto, porque os homens não terão me compreendido, ou não terão querido me compreender. Os irmãos, separados por suas respectivas crenças, desembainharão a espada um contra o outro e a divisão reinará entre os membros de uma mesma família que não tiverem a mesma crença. Eu vim lançar fogo na Terra para limpá-la dos erros e dos preconceitos, assim como se põe fogo num campo para nele destruir as ervas daninhas, e eu tenho pressa para que o fogo se acenda e que a depuração seja mais rápida, pois a verdade sairá triunfante desse conflito. A guerra será substituída pela paz; o ódio partidário, pela fraternidade universal; as trevas do fanatismo, pela luz da fé esclarecida. Então, quando o campo estiver preparado, eu lhes enviarei ***o Consolador, o Espírito de Verdade, que virá restabelecer todas as coisas;*** quer dizer, que dando a conhecer o verdadeiro sentido das minhas palavras, que os homens mais esclarecidos poderão enfim compreender, ele colocará um fim à luta fratricida que divide os filhos do mesmo Deus. Finalmente, cansados de um combate sem resultado — que não traz consigo nada além de desolação e que causa perturbação até no meio das famílias —, então os homens reconhecerão

onde estão os seus verdadeiros interesses para este mundo e para o outro; eles verão de que lado estão os amigos e os inimigos do seu repouso. Com isso, todos virão se abrigar sob a mesma bandeira: a da caridade, e as coisas serão restabelecidas na Terra, de acordo com a verdade e os princípios que eu ensinei a vocês."

17. O espiritismo vem realizar na época prevista as promessas do Cristo; entretanto, ele não pode fazer isso sem destruir os abusos. Igual a Jesus, ele se depara com o orgulho, o egoísmo, a ambição, a cupidez e o fanatismo cego que, cercados nas suas últimas trincheiras, tentam barrar o seu caminho e lhe suscitam entraves e perseguições; é por isso que ele também precisa combater; mas o tempo das lutas e das perseguições sanguinolentas já passou, e as que ele deve enfrentar são todas de ordem moral, e o fim de todas elas está próximo; as primeiras lutas duraram séculos: estas durarão apenas alguns anos, porque a luz, em vez de partir de um único foco, jorra sobre todos os pontos do globo e abrirá mais depressa os olhos dos cegos.

18. Portanto, aquelas palavras de Jesus devem ser entendidas com relação às cóleras que ele previa que a sua doutrina iria despertar, aos conflitos momentâneos que seriam a consequência dessa doutrina, às lutas que ela teria que sustentar antes de se estabelecer, como aconteceu com os hebreus antes de sua entrada na Terra Prometida, e não como um desígnio premeditado da parte de Jesus em semear a desordem e a confusão. O mal viria dos homens e não dele. Ele era como o médico que vem curar, mas cujos remédios provocam uma crise salutar, removendo os humores doentios do paciente.

CAPÍTULO XXIV

NÃO PONHAM A CANDEIA DEBAIXO DO ALQUEIRE

Candeia debaixo do alqueire. Por que Jesus fala por parábolas – Não vão ao encontro dos gentios – Não são os que estão com saúde os que precisam de médico – A coragem da fé – Carregar sua cruz. Quem quiser salvar a vida vai perdê-la

Candeia debaixo do alqueire. Por que Jesus fala por parábolas

1. Não se acende uma candeia para pô-la debaixo do alqueire; mas, põem-na sobre o candeeiro, a fim de que ela ilumine a todos que estão na casa. (São Mateus, 5: 15)

2. Não há ninguém que, depois de ter acendido uma candeia, a cubra com um vaso ou a ponha debaixo da cama; mas, põe-na sobre o candeeiro, a fim de que aqueles que entrarem vejam a luz; pois não há nada de secreto que não deva ser descoberto, nem nada de oculto que não deva ser conhecido e nem apareça publicamente. (São Lucas, 8: 16 e 17)

3. Seus discípulos, aproximando-se, lhe disseram: Por que o senhor fala com eles por parábolas? — E, respondendo-lhes, ele disse: É porque, para vocês, foi-lhes dado a conhecer os mistérios do reino dos céus; mas para os outros, isso não foi dado a eles. Eu falo a eles por parábolas porque vendo, eles nada enxergam, e ouvindo, eles nada escutam e nem compreendem. E a profecia de Isaías se cumpre neles, quando diz: Vocês ouvirão com os ouvidos e nada entenderão; vocês verão com os olhos e nada enxergarão. Pois o coração

> desse povo se tornou pesado e seus ouvidos se tornaram surdos, e eles fecharam os olhos para que seus olhos não vejam e para que seus ouvidos não ouçam, para que seu coração não compreenda e para que, tendo eles se convertido, eu não os cure. (São Mateus, 13: 10 a 11, 13 a 15)

4. É de se admirar ouvir Jesus dizer que não se deve colocar a luz debaixo do alqueire, enquanto ele próprio constantemente esconde o sentido de suas palavras sob o véu da alegoria que não pode ser compreendida por todos. Ele se explica dizendo a seus apóstolos: "Eu falo a eles por parábolas porque não eles estão em condições de compreender certas coisas; eles veem, olham, ouvem e não entendem; dizer tudo a eles seria, pois, inútil neste momento; mas a vocês eu digo, porque é dado a vocês compreenderem esses mistérios." Portanto, Jesus agia com o povo como se faz com crianças cujas ideias ainda não estão desenvolvidas. Com isso, ele indica o verdadeiro sentido da máxima: "Não se deve pôr a candeia debaixo do alqueire, mas sobre o candeeiro, a fim de que todos que entrem possam vê-la." Não significa que seja preciso revelar inconsideradamente todas as coisas; todo ensinamento deve ser proporcional à inteligência daquele a quem é dirigido, pois há pessoas a quem uma luz muito viva deslumbraria sem as esclarecer.

Ocorre com a humanidade em geral como ocorre com os indivíduos; as gerações têm sua infância, sua juventude e sua idade madura; cada coisa deve vir a seu tempo; o grão semeado fora da estação não frutifica. Mas o que a prudência manda calar momentaneamente cedo ou tarde deve ser descoberto, porque, tendo chegado a certo grau de desenvolvimento, os próprios homens procuram a luz viva, já que a obscuridade lhes pesa. Como Deus lhes deu inteligência para compreender e para se guiar sobre as coisas da Terra e do céu, eles querem raciocinar sobre sua fé; é aí que não se deve pôr a candeia debaixo do alqueire, pois ***sem a luz da razão, a fé se enfraquece***. (Cap. XIX, item 7.)

5. Se, no entanto, em sua previdente sabedoria, a Providência só revela as verdades gradualmente, ela sempre as desvenda à medida que a humanidade está madura para recebê-las; ela as mantém reservadas, e não sob o alqueire; mas os homens que estão em posse dessas verdades quase sempre as ocultam

das pessoas comuns somente com a intenção de as dominarem; são esses os que verdadeiramente colocam a luz debaixo do alqueire. É desse modo que quase todas as religiões têm tido seus mistérios, dos quais elas interditam o exame. Mas enquanto essas religiões permaneceram no atraso, a ciência e a inteligência avançaram e romperam o véu misterioso; tornando-se adulto, o homem comum quis penetrar o fundamento das coisas e então rejeitou de sua fé aquilo que era contrário à observação.

Não pode haver mistérios absolutos, e Jesus está com a verdade quando diz que não há nada de secreto que não deva ser conhecido. Tudo o que está escondido será descoberto um dia, e aquilo que o homem ainda não pode compreender na Terra lhe será sucessivamente desvendado nos mundos mais avançados, quando esse homem estiver purificado; aqui na Terra ele ainda se encontra no nevoeiro.

6. Há quem se pergunte: que proveito o povo podia tirar desse monte de parábolas cujo significado era oculto para ele? Podemos notar que Jesus só se expressava por parábolas sobre as partes de certo modo abstratas da sua doutrina; mas, tendo feito da caridade ao próximo, além da humildade, como a condição expressa da salvação, tudo o que disse a esse respeito está inteiramente claro, explícito e sem ambiguidade. Devia ser assim porque isso era a regra de conduta, regra que todo mundo precisava compreender para poder obedecê-la; isso era essencial para a multidão ignorante, à qual ele se limitava a dizer: Eis aqui o que é preciso fazer para ganhar o reino dos céus. Sobre as outras partes, ele não desenvolvia o seu pensamento a não ser aos seus discípulos; já que estes eram mais avançados moral e intelectualmente, Jesus pôde iniciá-los nas verdades mais abstratas. Foi por essa razão que ele disse: ***Aos que já têm, ainda mais será dado***. (Cap. XVIII, item 15.)

Entretanto, mesmo com os seus apóstolos, ele permaneceu vago acerca de muitos pontos, cuja completa compreensão estava reservada para os tempos ulteriores. Foram esses pontos que deram ocasião a interpretações tão diversas, até que a ciência de um lado e o espiritismo de outro viessem revelar as novas leis da natureza que fizessem compreender o seu verdadeiro sentido.

7. O espiritismo vem hoje projetar luz sobre um monte de pontos obscuros; contudo, ele não a lança inconsideradamente. Os Espíritos procedem em suas instruções com uma admirável prudência; é somente de forma sucessiva e gradual que eles abordam as diversas partes já conhecidas da doutrina, e é assim que as outras partes serão reveladas, quando chegar o momento de tirá-las da escuridão. Se eles a tivessem apresentado completa desde o início, a doutrina não estaria acessível senão a um pequeno número de pessoas e teria até assustado aquelas que não estivessem preparadas para recebê-la — o que teria prejudicado assim a sua propagação. Por isso, se os Espíritos ainda não dizem tudo abertamente, não é porque haja na doutrina mistérios reservados a alguns privilegiados, nem porque eles coloquem a candeia debaixo do alqueire, mas sim porque cada coisa deve vir no momento oportuno; os Espíritos dão a cada ideia o tempo necessário para amadurecer e se propagar, antes que apresentem outra, assim como dão ***aos eventos o tempo para preparar a sua aceitação***.

Não vão ao encontro dos gentios

> **8.** Jesus enviou seus doze (apóstolos) depois de lhes ter dado as instruções seguintes: Não vão ao encontro dos gentios, e não entrem nas cidades dos samaritanos; mas, antes, vão às ovelhas perdidas da casa de Israel; e nos lugares aonde forem, preguem, dizendo que o reino dos céus está próximo. (São Mateus, 10: 5 a 7)

9. Jesus prova, em muitas circunstâncias, que seus propósitos não se circunscrevem ao povo judeu, mas que eles abrangem toda a humanidade. Então, se ele disse a seus apóstolos para não irem aos pagãos, não foi por desdém pela conversão dos pagãos — o que teria sido pouco caridoso —, mas porque os judeus, que acreditavam na unidade de Deus e esperavam o Messias, já estavam preparados, através da lei de Moisés e dos profetas, para receber a sua palavra. Quanto aos pagãos, faltava até mesmo uma base, tudo estava por fazer, e os apóstolos ainda não estavam bastante esclarecidos para uma tarefa tão pesada. Foi por isso que ele lhes disse: Vão até as ovelhas

desgarradas de Israel; quer dizer, vão semear num terreno já desbravado, sabendo bem que a conversão dos gentios viria no seu tempo certo. Mais tarde, os apóstolos realmente foram até o centro do paganismo plantar a cruz.

10. Essas palavras podem ser aplicadas aos adeptos e aos propagadores do espiritismo. Os incrédulos sistemáticos, os zombadores obstinados e os adversários interesseiros são para eles aquilo que eram os gentios para os apóstolos. A exemplo dos apóstolos, que os espíritas procurem antes fazer prosélitos entre as pessoas de boa vontade, entre aquelas que desejam a luz, em quem se encontra uma semente fecunda e cujo número é grande, sem perder tempo com aqueles que recusam ver e ouvir, endurecendo-se ainda mais, por orgulho, quanto mais parece que se dê valor à conversão deles. Mais vale abrir os olhos de cem cegos que desejam ver claramente do que abrir os olhos de um só que se contenta na escuridão, porque isso é aumentar o número dos apoiadores da causa numa maior proporção. Deixar os outros tranquilos não é indiferença, mas apenas diplomacia; a vez deles chegará quando eles estiverem dominados pela opinião geral e quando ouvirem a mesma coisa repetida sem parar em torno deles; então eles acharão que vão aceitar a ideia voluntariamente e por eles mesmos, e não por pressão de outrem. Depois, há ideias que são como as sementes: elas não podem germinar antes da estação, e só brotam num terreno preparado. É por isso que é melhor esperar o tempo propício e cultivar primeiramente aquelas que germinam, para evitar que as outras abortem, pressionando-as demais.

No tempo de Jesus, e em consequência das ideias estreitas e materiais da época, tudo era limitado e localizado; a casa de Israel era um pequeno povo; os gentios eram outros pequenos povos circunvizinhos. Hoje, as ideias se universalizam e se espiritualizam. A luz nova não é privilégio de nenhuma nação; para ela não existem mais barreiras e tem o seu foco em toda a parte e todos os homens são irmãos. Mas também os gentios já não são mais um povo, e sim uma opinião que se encontra em toda parte e da qual a verdade triunfa pouco a pouco, como o cristianismo triunfou sobre o paganismo. Já não é mais com as armas de guerra que os combatemos, mas com a força da ideia.

Não são os que estão com saúde os que precisam de médico

11. Estando Jesus à mesa na casa daquele homem (Mateus), vieram ali muitos publicanos e gente de má vida que se puseram à mesa com Jesus e seus discípulos; tendo visto isso, os fariseus dissessem aos discípulos: Por que o Mestre de vocês come junto com publicanos e pessoas de má vida? — Mas Jesus, tendo-os escutado, disse a eles: Não são os que estão com saúde os que precisam de médico, mas sim os enfermos. (São Mateus, 9: 10 a 12)

12. Jesus se dirigia sobretudo aos pobres e aos deserdados, porque são estes os que mais necessitam de consolações, assim como aos cegos dóceis e de boa-fé, porque eles pedem para ver, e não aos orgulhosos que acham que já possuem toda a luz e que não precisam de nada. (Veja na *Introdução* os itens *Publicanos* e *Portageiros*.)

Essas palavras, como tantas outras, encontram sua aplicação no espiritismo. Há quem muitas vezes se admire de que a mediunidade seja concedida a pessoas indignas e capazes de fazer dela um mau uso; parece — dizem — que uma faculdade tão preciosa deveria ser um atributo exclusivo dos mais merecedores.

Digamos, primeiro, que a mediunidade se deve a uma disposição orgânica da qual todo homem pode ser dotado, assim como ele pode enxergar, ouvir e falar. Não há nenhuma dessas disposições de que o homem não possa abusar, em virtude do seu livre-arbítrio, e se Deus, por exemplo, tivesse concedido a fala somente àqueles que são incapazes de dizer coisas más, então haveria mais mudos do que falantes. Deus dá ao homem as capacidades e o deixa livre para usá-las, mas sempre pune aquele que abusa delas.

Se o poder de se comunicar com os Espíritos fosse dado apenas aos mais dignos, quem é que ousaria pretender possuí-lo? Aliás, onde estaria o limite da dignidade e da indignidade? A mediunidade é distribuída sem distinção a fim de que os Espíritos possam trazer a luz a todas as categorias, em todas as classes da sociedade, ao pobre como ao rico; aos sábios para fortalecê-los no bem, aos viciosos para os corrigir. Estes últimos não são aqueles doentes que necessitam de médico? Por que Deus, que não quer a morte do pecador, o privaria do socorro que pode tirá-lo do atoleiro? Então os bons Espíritos vêm

em socorro deste e os seus conselhos que o homem recebe diretamente são capazes de impressioná-lo mais vivamente do que se ele os recebesse por caminhos indiretos. Deus, em sua bondade, para poupar o homem do sacrifício de ir procurar a luz ao longe, coloca-a na sua mão; o homem não será bem mais culpado por não olhar para ela? Poderá ele se desculpar com a sua ignorância, quando ele mesmo tiver escrito, quando tiver visto com seus próprios olhos, ouvido com seus próprios ouvidos e pronunciado com a sua boca a sua própria condenação? Se o homem não aproveitar, então ele será punido pela perda ou pela perversão de sua faculdade, da qual os maus Espíritos se apoderam para o obsidiar e o enganar, sem prejuízo das aflições reais com que Deus fere os servidores indignos e os corações endurecidos pelo orgulho e pelo egoísmo.

A mediunidade não significa necessariamente relações habituais com os Espíritos superiores; ela é simplesmente uma ***aptidão*** para servir de instrumento mais ou menos acessível aos Espíritos em geral. Logo, o bom médium não é aquele que se comunica facilmente, mas aquele que é simpático aos bons Espíritos e que recebe a assistência destes. É apenas nesse sentido que a excelência das qualidades morais é onipotente sobre a mediunidade.

Coragem da fé

> **13.** Aquele que me defender e me reconhecer diante dos homens, eu também o reconhecerei e defenderei diante de meu Pai que está nos céus; mas aquele que me renegar diante dos homens, eu também o renegarei diante de meu Pai que está nos céus. (São Mateus, 10: 32 e 33)
>
> **14.** Se alguém se envergonhar de mim e das minhas palavras, o Filho do homem também se envergonhará dele, quando vier na sua glória e na glória de seu Pai e dos santos anjos. (São Lucas, 9: 26)

15. A coragem de opinião sempre foi estimada entre os homens, porque há mérito em encarar os perigos, as perseguições, as contradições e até mesmo os simples sarcasmos, aos quais quase sempre se expõe aquele que não teme

proclamar abertamente as ideias que não são aquelas de todo o mundo. Aqui, como em tudo, o mérito está na razão das circunstâncias e da importância do resultado. Sempre há fraqueza em recuar diante das consequências de sua opinião e negá-la, mas há casos em que isso constitui uma covardia tão grande quanto fugir no momento do combate.

Jesus condena essa covardia, do ponto de vista especial da sua doutrina, dizendo que se alguém se envergonhar de suas palavras ele também se envergonhará dessa pessoa; que ele negará quem o tiver negado; que aquele que o defender diante dos homens será reconhecido por ele diante do Pai que está nos céus; noutras palavras: ***aqueles que tiverem medo de se declararem discípulos da verdade não são dignos de serem admitidos no reino da verdade***. Estes perderão o benefício de sua fé, porque é uma fé egoísta, que eles guardam para si e a escondem com medo de que ela traga prejuízo para eles neste mundo, ao passo que aqueles que a proclamam abertamente, colocando a verdade acima de seus interesses materiais, estes trabalham ao mesmo tempo para o seu futuro e para o futuro dos outros.

16. Assim será com os adeptos do espiritismo; já que a sua doutrina não é outra senão o desenvolvimento e a aplicação da doutrina do Evangelho, é a eles também que as palavras do Cristo se dirigem. Eles semeiam na Terra o que vão colher na vida espiritual; lá eles colherão os frutos da sua coragem ou da sua fraqueza.

Carregar sua cruz. Quem quiser salvar a vida vai perdê-la

17. Bem-aventurados serão vocês, quando os homens os odiarem e os rejeitarem, quando os tratarem injuriosamente e repudiarem o seu nome por causa do Filho do homem. Rejubilem-se nesse dia e exultem de alegria, porque uma grande recompensa está reservada para vocês no céu, pois era assim que seus pais tratavam os profetas. (São Lucas, 6: 22 e 23)

18. Chamando para perto de si o povo e os seus discípulos, ele lhes disse: Se alguém quiser vir comigo, então renuncie a si mesmo, carregue a sua cruz e

> me siga; pois aquele que quiser salvar a si mesmo, este se perderá, e aquele que se perder por amor a mim e ao Evangelho, este se salvará. Com efeito, de que serviria a um homem ganhar o mundo todo e perder a si mesmo? (São Marcos, 8: 34 a 36; são Lucas, 9: 23 a 25; são Mateus, 10: 38 e 39; são João, 12: 25 e 26)

19. Rejubilem-se — diz Jesus — quando os homens os odiarem e os perseguirem por minha causa, porque vocês serão recompensados no céu. Essas palavras podem ser traduzidas assim: Fiquem felizes quando os homens, pela má vontade deles com relação a vocês, lhes fornecerem a ocasião de provar a sinceridade da sua fé, pois o mal que eles lhes fazem se converte em benefício para vocês. Desse modo, lamentem a cegueira deles e não os amaldiçoem.

Depois, Jesus acrescenta: "Aquele que quiser me seguir, carregue a sua cruz", ou seja, que suporte corajosamente as tribulações que a sua fé lhe suscitará, pois aquele que quiser salvar a vida e seus bens me renunciando, este perderá as vantagens do reino dos céus, enquanto aqueles que tiverem perdido tudo neste mundo, até mesmo a vida, para o triunfo da verdade, estes vão receber: na vida futura, o prêmio da sua coragem, perseverança e abnegação; mas aos que sacrificam os bens celestes em favor dos prazeres terrestres, a estes Deus dirá: Vocês já receberam a sua recompensa.

CAPÍTULO XXV

PROCUREM E ENCONTRARÃO

Ajuda-te e o céu te ajudará – Olhem os pássaros no céu – Não se preocupem em ter ouro

Ajuda-te e o céu te ajudará

1. Peçam e lhes será dado; ***procurem e vocês encontrarão;*** batam na porta e ela será aberta para vocês; pois quem pede recebe e quem procura acha, e para quem bate na porta ela será aberta.

Além disso, qual é o homem dentre vocês que dá uma pedra ao filho quando ele lhe pede pão? Ou, se ele lhe pedir um peixe, lhe dará uma serpente? Ora, se, sendo maus como vocês são, vocês sabem dar boas coisas aos seus filhos, com mais forte razão o seu Pai que está nos céus dará os verdadeiros bens àqueles que os pedirem a ele. (São Mateus, 7: 7 a 11)

2. Do ponto de vista terreno, a máxima: ***Procurem e vocês encontrarão*** é semelhante a esta outra: ***Ajuda-te e o céu te ajudará***. É o princípio da ***lei do trabalho*** e, por conseguinte, da ***lei do progresso***, pois o progresso é filho do trabalho, uma vez que o trabalho põe em ação as forças da inteligência.

Na infância da humanidade, o homem não aplica sua inteligência senão à procura da sua nutrição, dos meios de se preservar das intempéries e de se defender dos seus inimigos; mas Deus lhe concedeu, mais do que aos animais, ***o desejo incessante do melhor***, e é esse desejo que o leva à procura dos meios de melhorar sua situação, que o conduz às descobertas, às invenções e ao aperfeiçoamento da ciência, pois é a ciência que lhe proporciona o que lhe

falta. Graças às pesquisas, sua inteligência cresce e sua moral se depura; as necessidades do corpo são sucedidas pelas necessidades do Espírito; depois do alimento material ele precisa do alimento espiritual, e é assim que o homem passa da selvageria à civilização.

Mas o progresso que cada homem realiza individualmente durante a vida é bem pouca coisa, até mesmo imperceptível num grande número deles; como então a humanidade poderia progredir sem a preexistência e a ***reexistência*** da alma? Se a cada dia as almas partissem para não mais voltar, a humanidade estaria se renovando constantemente com os elementos primitivos, tendo tudo para fazer, tudo para aprender; então não haveria razão para que o homem hoje fosse mais adiantado do que nas primeiras épocas do mundo, já que a cada nascimento todo o trabalho intelectual teria que recomeçar. A alma, ao contrário, retornando ao progresso realizado e adquirindo a cada vez alguma coisa a mais, então é assim que ela passa gradualmente da barbárie ***à civilização material*** e desta ***à civilização moral***. (Veja o cap. IV, item 17.)

3. Se Deus tivesse dispensado o homem do trabalho do corpo, seus membros teriam se atrofiado; se o tivesse dispensado do trabalho da inteligência, seu espírito teria permanecido na infância, no estado de instinto animal; é por isso que Deus o fez necessitado de trabalho e lhe disse: ***Procure e você encontrará; trabalhe e você produzirá***; dessa maneira você será filho de suas próprias obras, você terá o mérito por isso e será recompensado conforme o que você tenha feito.

4. É pela aplicação desse princípio que os Espíritos não vêm poupar o homem do trabalho das pesquisas para lhe trazer descobertas e invenções todas prontas e acabadas, de maneira que só lhe bastasse receber aquilo que é colocado nas mãos, sem nem mesmo ter que se abaixar para apanhar, e nem ter que pensar. Se fosse assim, o mais preguiçoso poderia se enriquecer e o mais ignorante se tornaria sábio gratuitamente, e os dois poderiam se dar o mérito daquilo que eles não teriam feito. Não, ***os Espíritos não vêm dispensar o homem da lei do trabalho, mas vem lhe mostrar a meta que ele deve alcançar e o caminho que a ela conduz, dizendo-lhe: Caminhe e***

você chegará. Você encontrará pedras sob os teus passos; olhe e as retire você mesmo; nós te daremos a força necessária, se você quiser empregá-la. (***O Livro dos Médiuns***, 2ª parte, cap. XXVI, item 291 e seguintes.)

5. Do ponto de vista moral, essas palavras de Jesus significam: Peçam a luz que deve iluminar a sua rota e ela será dada a vocês; peçam a força para resistir ao mal e vocês a terão; peçam a assistência dos bons Espíritos e eles virão acompanhar vocês, e tal como o anjo de Tobias,[46] eles virão guiá-los; peçam bons conselhos e eles jamais lhes serão recusados; batam à nossa porta e ela será aberta para vocês; mas peçam com sinceridade, com fé, fervor e confiança; apresentem-se com humildade e não com arrogância, sem o que serão abandonados às suas próprias forças, e até mesmo as quedas que vocês sofrerem serão a punição do seu orgulho.

Este é o sentido destas palavras: Procurem e vocês encontrarão, batam à porta e ela será aberta para vocês.

Olhem os pássaros no céu

6. Não acumulem tesouros na Terra, onde a ferrugem e os vermes os comem e onde os ladrões os desenterram e roubam; mas, acumulem tesouros no céu, onde nem a ferrugem nem os vermes os comem; pois, onde está o seu tesouro, aí também está o seu coração.

Eis por que eu digo a vocês: Não se preocupem com onde encontrarão o que comer para o sustento da sua vida, nem de onde tirarão as roupas para cobrir o seu corpo; a vida não vale mais do que o alimento e o corpo mais do que as roupas?

Olhem os pássaros no céu: eles não semeiam, não colhem e nem guardam nada em celeiros; mas o seu Pai celestial os alimenta; vocês não valem muito mais do que eles? E qual é aquele dentre vocês que, com todos os seus esforços, pode acrescentar à sua estatura a medida de um côvado?

Por que também vocês se inquietam com o vestuário? Olhem como crescem os lírios dos campos; eles não trabalham nem fiam, e, entretanto, eu

[46] Menção ao episódio bíblico do livro Tobias, que narra a intervenção socorrista de um anjo (Rafael) em resposta às orações de Tobit (pai de Tobias) e de Sara (que se tornaria esposa de Tobias). — N. T.

> lhes afirmo que nem Salomão — mesmo em toda a sua glória — jamais se vestiu como um deles. Então, se Deus tem o cuidado de vestir dessa maneira uma erva dos campos, que existe hoje e que amanhã será lançada na fornalha, quanto maior cuidado ele não terá em vestir vocês, ó homens de pouca fé!
>
> Portanto, não se inquietem dizendo: O que vamos comer? Ou: o que vamos beber? Ou ainda: o que vamos vestir? — assim como fazem os pagãos, que procuram todas essas coisas; porque o seu Pai sabe que vocês têm necessidade delas.
>
> Então, procurem primeiramente o reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas lhes serão dadas por acréscimo. Eis por que não devem se inquietar com o amanhã, pois o amanhã cuidará de si mesmo. ***A cada dia basta o seu mal***. (São Mateus, 6: 19 a 21 e 25 a 34)

7. Essas palavras tomadas no rigor da letra seriam a negação de toda a previdência, de todo o trabalho e, consequentemente, de todo o progresso. Com um princípio como esse, o homem ficaria reduzido a um espectador passivo: suas forças físicas e intelectuais estariam sem atividade. Se fosse essa a condição normal do homem na Terra, ele nunca teria saído do estado primitivo e, se ele fizesse dessa condição a sua lei atual, então não lhe restaria mais do que viver sem fazer nada. Não pode ter sido esse o pensamento de Jesus, pois estaria em contradição com o que ele disse, de outras vezes, das próprias leis da natureza. Deus criou o homem sem vestes e sem abrigo, mas lhe deu a inteligência para fabricá-los. (Cap. XIV, item 6; cap. XXV, item 2.)

Sendo assim, não se deve ver nessas palavras mais do que uma poética alegoria da Providência, que jamais abandona aqueles que nela depositam sua confiança; ela quer que eles trabalhem a parte que lhes cabe. Se a Providência nem sempre vem ajudar materialmente, ela inspira as ideias com as quais os homens encontram os meios para sair das dificuldades por eles mesmos. (Cap. XXVII, item 8.)

Deus conhece nossas carências e as provê conforme o que é necessário; mas o homem, insaciável nos seus desejos, nem sempre sabe se contentar com o que tem; o necessário não lhe basta, ele quer o supérfluo. Então a Providência o deixa por si mesmo; muitas vezes ele fica infeliz por sua própria culpa e por ter ignorado a voz que o advertia pela consciência; Deus deixa que

ele sofra as consequências disso, a fim de que isso lhe sirva de lição para o futuro. (Cap. V, item 4.)

8. A Terra produzirá o suficiente para alimentar todos os seus habitantes, quando os homens souberem administrar os bens que ela dá, segundo as leis de justiça, de caridade e de amor ao próximo; quando a fraternidade reinar entre os diversos povos, assim como entre as províncias de um mesmo império, o excedente momentâneo de um povo suprirá a insuficiência momentânea do outro, e cada qual terá o necessário. O rico então vai se considerar como alguém que tem uma grande quantidade de sementes; se ele as espalhar, elas produzirão ao cêntuplo para si e para os outros, mas se ele comer essas sementes sozinho, se as desperdiçar e deixar que se perca a sobra do que tenha comido, então elas não produzirão nada e não haverá o bastante para todo mundo; se ele as amontoar no seu celeiro, os vermes vão comê-las: é por isso que Jesus diz: Não acumulem tesouros na Terra, porque são perecíveis, mas acumulem os tesouros no céu, porque eles são eternos. Noutros termos, não deem aos bens materiais mais importância do que aos bens espirituais, e saibam sacrificar os primeiros em favor destes outros. (Cap. XVI, item 7 e seguintes.)

Não é com leis que se decreta a caridade e a fraternidade; se elas não estiverem no coração, o egoísmo sempre as sufocará. Fazê-las penetrar no coração é a obra do espiritismo.

Não se preocupem em ter ouro

9. Não se preocupem em ter ouro ou prata, ou outra moeda em seus bolsos. Não preparem nem bolsa para o caminho, nem duas túnicas, nem calçados, nem sandálias, porque aquele que trabalha merece ser alimentado.

10. Em qualquer cidade ou vilarejo onde vocês entrarem, informem-se sobre quem é digno de lhes receber e se hospedem na casa dele até partirem dali. Entrando nessa casa, saúdam-na assim: Que a paz esteja nesta casa. Se essa casa for digna disso, a paz de vocês virá sobre ela; mas se ela não for digna disso, a sua paz voltará para vocês.

> Quando alguém não os quiser receber e nem escutar suas palavras, ao saírem dessa casa ou dessa cidade, sacudam a poeira dos seus pés. Em verdade eu lhes digo, no dia do julgamento, Sodoma e Gomorra[47] serão tratadas menos rigorosamente do que essa cidade. (São Mateus, 10: 9 a 15)

11. Essas palavras que Jesus dirigiu a seus apóstolos, quando os enviou pela primeira vez para anunciar a boa nova, nada tinham de estranho naquela época; elas estavam de acordo com os costumes patriarcais do Oriente, onde o viajante sempre era recebido sob a tenda. Mas então, os viajantes eram raros; já entre os povos modernos, o aumento da circulação precisou criar outros costumes; só se encontram costumes de tempos antigos em regiões remotas, onde o grande movimento ainda não se desenvolveu, e se Jesus voltasse hoje, ele não poderia mais dizer a seus apóstolos: Ponham-se a caminho sem provisões.

Ao lado do sentido próprio, essas palavras têm um sentido moral muito profundo. Daquela maneira, Jesus ensinava a seus discípulos que confiassem na Providência; depois, como os discípulos não tinham nada, eles não poderiam despertar a cobiça daqueles que os recebessem; esse era o meio de distinguir os caridosos dos egoístas. Eis por que Jesus lhes disse: "Informem-se sobre quem é digno de os receber", quer dizer, quem é bastante humano para albergar o viajante que não tem com o que pagar, pois esses são dignos de escutar as suas palavras; é pela caridade deles que vocês os reconhecerão.

Quanto àqueles que não quisessem nem os receber nem os escutar, será que Jesus mandou seus apóstolos amaldiçoá-los, impor-se a eles, usar da violência e do constrangimento para convertê-los? Não, mas os mandou pura e simplesmente ir a outros lugares e procurar pessoas de boa vontade.

Assim diz hoje o espiritismo a seus adeptos: Não violentem nenhuma consciência; não obriguem ninguém a deixar a sua crença para adotar a sua; não lancem anátema sobre aqueles que não pensam como vocês; acolham os que venham a vocês e deixem em paz aqueles que os rejeitam. Lembrem-se das palavras do Cristo; antigamente o céu era conquistado pela violência; hoje, é pela brandura. (Cap. IV, itens 10 e 11.)

---

[47] Segundo o relato bíblico do livro Gênesis, cap. 18 e 19, Sodoma e Gomorra correspondiam a duas cidades que foram destruídas por Deus devido os pecados de seus habitantes. — N. T.

CAPÍTULO XXVI

DEEM GRATUITAMENTE O QUE RECEBERAM GRATUITAMENTE

Dom de curar – Preces pagas – Vendilhões expulsos do templo – Mediunidade gratuita

Dom de curar

1. Restituam a saúde aos doentes, ressuscitem os mortos, curem os leprosos, expulsem os demônios. ***Deem gratuitamente aquilo que vocês receberam gratuitamente***. (São Mateus, 10: 8)

2. “Deem gratuitamente o que receberam gratuitamente” — diz Jesus aos seus discípulos; com esse preceito ele recomenda que a pessoa não cobre por aquilo pelo qual ela mesma não pagou; ora, o que eles haviam recebido gratuitamente era a faculdade de curar os doentes e de expulsar os demônios, ou seja, os maus Espíritos. Esse dom tinha sido dado a eles gratuitamente por Deus, para o alívio daqueles que sofrem e para ajudar na propagação da fé; então Jesus lhes disse para não fazer desse dom nem um comércio, nem um objeto de especulação, nem um meio de vida.

Preces pagas

3. Ele disse em seguida aos seus discípulos, na presença de todo o povo que o escutava: Tenham cuidado com os escribas que se exibem a passear com longas túnicas, que gostam de ser saudados nas praças públicas e de ocupar os primeiros assentos nas sinagogas e os primeiros lugares nos banquetes;

> aqueles que, ***a pretexto de longas preces, devoram as casas das viúvas***. Essas pessoas receberão uma condenação mais rigorosa. (São Lucas, 20: 45 a 47; são Marcos, 12: 38 a 40; são Mateus, 23: 14)

4. Jesus disse também: Não cobrem pelas suas preces; não façam como os escribas que, "a pretexto de longas preces, ***devoram as casas das viúvas***", isto é, apropriam-se das fortunas. A prece é um ato de caridade, um impulso do coração; cobrar pela prece que se dirige a Deus em favor de outro é se transformar em intermediário assalariado; a prece, nesse caso, torna-se uma fórmula cujo comprimento é proporcional ao preço estipulado. Ora, de duas coisas, uma: ou Deus mede ou não mede suas graças pelo número das palavras; se for preciso muitas palavras, então por que dizer pouco ou quase nada por aquele que não pode pagar? Isso é uma falta de caridade. Se uma só é suficiente, o excedente é inútil; então por que cobrar por ela? Isso é uma prevaricação.

Deus não vende os benefícios que concede; então, por que alguém — que nem sequer é o seu distribuidor e que nem pode garantir a obtenção desses benefícios — poderia cobrar por um pedido que talvez nem possa ser realizado? Deus não pode subordinar um ato de clemência, de bondade ou de justiça que solicitamos à sua misericórdia por uma soma em dinheiro; do contrário, disso resultaria que se a soma não fosse paga, ou fosse insuficiente, a justiça, a bondade e a clemência de Deus ficariam suspensas. A razão, o bom senso e a lógica dizem que Deus — a perfeição absoluta — não pode delegar a criaturas imperfeitas o direito de estipular um preço para a sua justiça. A justiça de Deus é como o Sol: ela existe para todo mundo, tanto para o pobre como para o rico. Se consideramos imoral traficar as graças de um soberano na Terra, seria então mais lícito vender as do soberano do Universo?

As preces pagas têm um outro inconveniente: é que aquele que as compra, na maioria das vezes, acredita que está dispensado de orar ele mesmo, porque se considera quite desde quando pagou com o seu dinheiro. Sabe-se que os Espíritos ficam sensibilizados pelo fervor do pensamento de quem se interessa por eles; qual pode ser o fervor daquele que encarrega uma terceira pessoa de orar por ele pagando por isso? Qual será o fervor dessa

terceira pessoa quando delega o seu mandato a outro, este a mais alguém e assim por diante? Isso não seria reduzir a eficácia da prece ao valor de uma moeda corrente?

Vendilhões expulsos do templo

> **5.** Eles vieram em seguida a Jerusalém, e Jesus entrando no templo, começou por expulsar aqueles que ali vendiam e compravam; ele derrubou as mesas dos cambistas e os bancos daqueles que vendiam pombas; e não permitiu que alguém transportasse qualquer utensílio pelo templo. Ele também os instruiu, dizendo-lhes: Não está escrito: Minha casa será chamada casa de oração por todas as nações? E, no entanto, vocês fizeram dela um covil de ladrões! — Os príncipes dos sacerdotes, ouvindo isso, procuravam um meio de dar um fim a ele, porque o temiam, pois o povo estava repleto de admiração pela sua doutrina. (São Marcos, 11: 15 a 18; são Mateus, 21: 12 e 13)

6. Jesus expulsou os vendilhões do templo; com isso, ele condenou o tráfico das coisas santas ***sob qualquer forma que seja***. Deus não vende nem a sua bênção, nem o seu perdão, nem a entrada no reino dos céus; portanto, o homem não tem o direito de cobrar por isso.

Mediunidade gratuita

7. Os médiuns modernos — pois os apóstolos também tinham mediunidade — igualmente receberam de Deus um dom gratuito: o de serem intérpretes dos Espíritos para a instrução dos homens, para lhes mostrar a rota do bem e os conduzir à fé, e não para lhes vender as palavras que não lhes pertencem, porque não são fruto ***nem de suas concepções, nem de suas pesquisas, nem de seu trabalho pessoal***. Deus quer que a luz chegue a todo mundo; ele não quer que o mais pobre seja deserdado dessa luz e possa dizer: eu não tive fé porque não pude pagar por ela; não pude ter a consolação de receber os encorajamentos e os testemunhos de afeição daqueles por quem choro porque sou pobre. É por isso que a mediunidade não é um privilégio e se

encontra por toda parte; logo, cobrar por ela seria desviá-la do seu objetivo providencial.

8. Qualquer um que conheça as condições em que os bons Espíritos se comunicam e a repulsa deles por tudo o que é de interesse egoísta, e que saiba quão pouco é preciso para afastá-los, jamais poderá admitir que os Espíritos superiores estejam à disposição do primeiro que apareça e os chame a um determinado preço por sessão; o simples bom senso repulsa tal ideia. Não seria também uma profanação evocar por dinheiro os seres que respeitamos ou que amamos? Sem dúvida, é possível haver manifestações assim, mas quem poderia garantir a sua sinceridade? Os Espíritos levianos, mentirosos, gaiatos e toda a coluna de Espíritos inferiores, muito pouco escrupulosos, sempre vêm e estão todos prontos para responder àquele que pergunta sem se preocupar com a verdade. Então, quem quiser comunicações sérias deve primeiro pedi-las com seriedade, depois, certificar-se quanto à natureza das simpatias do médium com os seres do mundo espiritual; ora, a primeira condição para se conquistar a benevolência dos bons Espíritos é a humildade, o devotamento, a abnegação, o mais absoluto desinteresse ***moral*** e ***material***.

9. Ao lado da questão moral se apresenta uma consideração efetiva não menos importante com relação à própria natureza da faculdade. A mediunidade séria não pode ser e jamais será uma profissão, não somente porque ela seria desacreditada moralmente e logo confundida com os ledores da boa sorte, mas também porque um obstáculo material se opõe a isso: é que ela é uma faculdade essencialmente instável, fugidia e variável, com a qual ninguém pode contar. Para o explorador, portanto, a mediunidade seria um recurso totalmente incerto, que pode lhe faltar no momento em que ela fosse mais necessária para ele. Outra coisa é um talento adquirido pelo estudo e pelo trabalho, e que, por isso mesmo, consiste numa propriedade da qual naturalmente é permitido tirar proveito. A mediunidade, porém, não é uma arte nem um talento, e por isso ela não pode se tornar uma profissão; ela não existe sem a cooperação dos Espíritos: se esses Espíritos faltarem, não haverá mais mediunidade. A aptidão pode subsistir, mas o seu exercício fica anulado.

Assim sendo, não há um único médium no mundo que possa garantir a obtenção de um fenômeno espírita em um determinado instante. Logo, explorar a mediunidade é dispor de uma coisa da qual ninguém é realmente o dono, e afirmar o contrário é enganar aquele que paga. E tem mais: não é de ***si mesmo*** que o explorador dispõe, mas dos Espíritos, das almas dos mortos, cuja cooperação não está à venda, e um pensamento como esse é instintivamente repugnante. Foi esse tráfico degenerado em abuso, explorado pelo charlatanismo, pela ignorância, pela credulidade e pela superstição que motivou a proibição de Moisés. O espiritismo moderno, compreendendo o lado sério da questão, pelo descrédito que lançou sobre essa exploração, elevou a mediunidade à categoria de missão. (Veja ***O Livro dos Médiuns***, 2ª parte, cap. XXVIII; ***O Céu e o Inferno***, 1ª parte, cap. XI.)

10. A mediunidade é uma coisa santa que deve ser praticada santamente, religiosamente. E se há um tipo de mediunidade que requeira essa condição de uma maneira ainda mais absoluta é a mediunidade curadora. O médico dá o fruto de seus estudos, que ele fez ao custo de sacrifícios muitas vezes penosos; o magnetizador doa do seu próprio fluido, às vezes até da sua saúde: eles podem estabelecer o seu preço. Já o médium curador transmite o fluido salutar dos bons Espíritos: ele não tem o direito de vender esse fluido. Jesus e os apóstolos, conquanto pobres, nada cobravam pelas curas que operavam.

Portanto, aquele que não tem do que viver, que procure recursos alhures, menos na mediunidade; que ele dedique, se for preciso, apenas o tempo de que puder dispor materialmente. Os Espíritos levarão em conta o seu devotamento e sacrifício, ao passo que se afastam daquele que espera fazer deles um trampolim.

CAPÍTULO XXVII

PEÇAM E VOCÊS OBTERÃO

Qualidades da prece – Eficácia da prece – Ação da prece. Transmissão do pensamento – Preces inteligíveis – Prece pelos mortos e pelos Espíritos sofredores – INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS**: Maneira de orar – Felicidade da prece**

Qualidades da prece

1. Quando estiverem orando, não se assemelhem aos hipócritas, que gostam de orar de pé nas sinagogas e nos cantos de rua para serem vistos pelos homens. Eu lhes digo, em verdade, que eles já receberam a recompensa deles. Mas quando quiserem orar, entrem no seu quarto e, a porta estando fechada, orem em segredo ao Pai de vocês; e o Pai de vocês, que vê o que se passa em segredo, irá lhes recompensar.

Não tratem de pedir muito nas suas preces, como fazem os pagãos, que acham que é pela quantidade de palavra que eles serão atendidos. Não se tornem, pois, semelhantes a eles, porque o Pai de vocês sabe do que é que vocês têm necessidade, antes que o peçam. (São Mateus, 6: 5 a 8)

2. Quando forem orar, se vocês tiverem qualquer coisa contra alguém, perdoem-no, a fim de que o Pai de vocês, que está nos céus, também perdoe os pecados de vocês. Se não perdoarem, o Pai de vocês, que está nos céus, também não perdoará os pecados de vocês. (São Marcos, 11: 25 e 26)

3. Ele contou também essa parábola, a alguns que colocavam a sua confiança em si mesmos, como sendo justos, e desprezavam os outros:

Dois homens subiram ao templo para orar; um era fariseu e o outro era um publicano. O fariseu, mantendo-se de pé, orava assim, consigo mesmo:

> Meu Deus, eu te rendo graças por não ser como o resto dos homens, que são ladrões, injustos e adúlteros, incluindo esse publicano. Eu faço jejum duas vezes por semana e eu dou o dízimo de tudo o que possuo.
>
> O publicano, ao contrário, permanecendo afastado, não ousava sequer erguer os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Meu Deus, tenha piedade de mim, que sou um pecador.
>
> Eu declaro a vocês que este retornou para sua casa justificado, e não o outro, pois aquele que se eleva será rebaixado e aquele que se rebaixa será elevado. (São Lucas, 18: 9 a 14)

4. As qualidades da prece foram claramente definidas por Jesus; quando forem orar — diz ele — não se ponham em evidência, mas orem em segredo; não tratem de orar demoradamente, pois não é pela multiplicidade das palavras que vocês serão atendidos, mas pela sinceridade das palavras; antes de orar, se tiverem qualquer coisa contra alguém, perdoem-no, porque a prece não pode ser agradável a Deus se ela não vier de um coração purificado de todo sentimento contrário à caridade; orem, enfim, com humildade, igual ao publicano — e não com orgulho, igual ao fariseu; examinem seus próprios defeitos e não as suas qualidades, e se vocês forem se comparar com os outros, procurem o que há de mau em si mesmo. (Cap. X, itens 7 e 8.)

Eficácia da prece

> **5.** Seja lá o que for que vocês pedirem na prece, creiam que vocês o obterão, e assim será concedido a vocês. (São Marcos, 11: 24)

6. Há pessoas que contestam a eficácia da prece, e elas se baseiam no princípio de que, já que Deus conhece as nossas necessidades, é supérfluo expô-las a ele. Acrescentam ainda que, como tudo se encadeia no Universo por leis eternas, as nossas súplicas não podem mudar os decretos de Deus.

Sem dúvidas, há leis naturais e imutáveis que Deus não pode derrogar segundo o capricho de cada um; mas daí a achar que todas as circunstâncias da vida estão submetidas à fatalidade, a distância é grande. Se fosse assim, o homem não seria mais do que um instrumento passivo, sem livre-arbítrio e

sem iniciativa. Nessa hipótese, ele só teria que curvar a cabeça sob o golpe de todos os acontecimentos, sem procurar evitá-los; ele não deveria tentar desviar-se do raio. Deus não lhe deu a razão e a inteligência para que fique sem usá-las, nem a vontade para que ele deixe de querer, nem a atividade para ele ficar inativo. O homem sendo livre para agir num sentido ou noutro, seus atos têm — para ele mesmo e para os semelhantes — consequências subordinadas ao que ele faz ou deixa de fazer; por iniciativa dele, portanto, há eventos que forçosamente escapam da fatalidade e que não destroem a harmonia das leis universais, assim como o avanço ou o atraso do ponteiro de um relógio não destrói a lei do movimento sobre a qual se estabelece o mecanismo. Sendo assim, Deus pode conceder certos pedidos sem derrogar a imutabilidade das leis que regem o conjunto, estando essa sua concessão sempre subordinada à vontade dele.

7. Desse provérbio: "Seja lá o que for que vocês pedirem na prece, assim será concedido a vocês", seria ilógico concluir que bastaria pedir para obter, e seria injusto acusar a Providência se ela não atendesse a todo pedido que lhe fosse feito, pois ela sabe melhor do que nós aquilo que é para o nosso bem. É o mesmo que acontece com um pai sábio que recusa ao filho as coisas contrárias ao próprio interesse desse filho. O homem geralmente não vê além do presente; ora, se o sofrimento for útil para a sua felicidade futura, então Deus o deixará sofrer, assim como o cirurgião deixa o doente sentir as dores de uma operação que deve lhe trazer a cura.

O que Deus concederá ao homem, quando este se dirigir a Deus com confiança, é a coragem, a paciência e a resignação. O que Deus também lhe concederá são os meios de ele mesmo se livrar das dificuldades, com a ajuda das ideias que Deus fará os bons Espíritos lhe sugerirem, deixando assim ao homem o mérito. Deus auxilia os que ajudam a si mesmos, segundo esta máxima: "Ajuda-te e o céu te ajudará", e não aqueles que esperam tudo de um socorro estranho, sem fazer uso das suas próprias faculdades; entretanto, na maioria das vezes, as pessoas preferem ser socorridas por um milagre, sem que precisem fazer nada. (Cap. XXV, item 1 e seguintes.)

8. Vamos pegar um exemplo. Um homem está perdido no deserto; ele sofre

terrivelmente de sede, sente-se desfalecer e tomba no chão; ele pede a Deus que o ajude, e fica esperando; porém, nenhum anjo vem lhe dar de beber. Todavia, um bom Espírito lhe ***sugere*** a ideia de se levantar e seguir uma das trilhas que se apresenta diante dele; então, por um movimento maquinal, reunindo suas forças ele se levanta e segue a aventura. Chegando ao alto, ele repara ao longe um riacho; à vista disso, ele retoma a coragem. Se ele tiver fé, então exclamará: "Obrigado, meu Deus, pela ideia que me inspirou e pela força que me concedeu." Se não tiver fé, ele dirá: "Que boa ideia ***eu tive!*** Que ***sorte*** eu tive de seguir a trilha da direita em vez da trilha da esquerda; o acaso realmente nos serve às vezes! Quanto me felicito pela ***minha*** coragem e por não ter me deixado abater!"

Mas, vão dizer: "Por que o bom Espírito não lhe disse claramente para seguir aquela trilha e que no fim dela ele encontraria aquilo de que necessitava? Por que não se mostrou a ele para guiá-lo e sustentá-lo no seu desfalecimento? Dessa maneira o bom Espírito o teria convencido da intervenção da Providência." Em primeiro lugar, era para lhe ensinar que é preciso ajudar a si mesmo e fazer uso das próprias forças. Depois, pela incerteza, Deus lhe põe à prova a confiança nele e a submissão à sua vontade. Aquele homem estava na situação de uma criança que cai e que, percebendo a presença de alguém, chora e espera que alguém venham levantá-la; mas, caso não veja ninguém, ela faz esforços e se ergue sozinha.

Se o anjo que acompanhou Tobias lhe tivesse dito: "Eu fui enviado por Deus para te guiar na tua viagem e te preservar de todo perigo", Tobias não teria tido nenhum mérito; fiando-se no seu companheiro, ele sequer teria precisado pensar. Foi por isso que o anjo só se revelou a ele no retorno.

Ação da prece – Transmissão do pensamento

9. A prece é uma invocação; através dela, nós nos colocamos em contato pelo pensamento com o ser a quem nos dirigimos. Ela pode ter como objetivo um pedido, um agradecimento ou uma glorificação. Podemos orar por nós mesmos ou por outros, pelos vivos ou pelos mortos. As preces endereçadas a Deus são recebidas pelos Espíritos encarregados da execução das vontades

divinas; as que se dirigem aos bons Espíritos são reportadas a Deus. Quando oramos aos outros seres que não a Deus, é apenas como intermediários, intercessores, pois nada pode ser feito sem a vontade de Deus.

10. O Espiritismo torna compreensível a ação da prece ao explicar o modo de transmissão do pensamento — seja quando o ser a quem oramos atende ao nosso apelo, seja quando o nosso pensamento o alcança. Para entender o que se passa em tal circunstância é preciso imaginar todos os seres — encarnados e desencarnados — mergulhados no fluido universal que ocupa o espaço, assim como neste mundo nós nos encontramos dentro da atmosfera. Esse fluido recebe um impulso da vontade; ele é o veículo do pensamento, como o ar é o veículo do som, com a diferença de que as vibrações do ar são circunscritas, enquanto as do fluido universal se estendem ao infinito. Quando o pensamento é dirigido a um ser qualquer — na Terra ou no Espaço, de encarnado para desencarnado, ou de desencarnado para encarnado — então uma corrente fluídica se estabelece de um para o outro, transmitindo o pensamento como o ar transmite o som.

A energia da corrente é proporcional à energia do pensamento e da vontade. É assim que a prece é recebida pelos Espíritos em qualquer lugar onde eles se encontrem; é assim que os Espíritos se comunicam entre si, que eles nos transmitem suas inspirações e que se estabelecem relações à distância entre os encarnados.

Essa explicação é especialmente em vista daqueles que não entendem a utilidade da prece puramente mística; ela não tem por objetivo materializar a prece, mas tornar inteligível o seu efeito, mostrando que ela pode ter uma ação direta e efetiva. Nem por isso ela deixa de estar subordinada à vontade de Deus — juiz supremo em todas as coisas e o único que pode tornar a sua ação eficaz.

11. Pela prece o homem atrai para si o auxílio dos bons Espíritos, que vêm sustentá-lo nas suas boas resoluções e lhe inspirar bons pensamentos; deste modo, ele adquire a força moral necessária para vencer as dificuldades e voltar ao caminho correto, se estiver afastado dele. E com isso ele também

pode desviar de si os males que atrairia pelas suas próprias faltas. Por exemplo, um homem vê sua saúde arruinada pelos excessos que cometeu, e arrasta até o fim de seus dias uma vida de sofrimento; será que ele tem o direito de se queixar, caso não obtenha a cura que deseja? Não, porque ele poderia ter encontrado na prece a força para resistir às tentações.

12. Se dividirmos em duas partes os males da vida, uma delas sendo a dos males que o homem não pode evitar e a outra sendo a parte das tribulações de que ele mesmo é a principal causa, devido ao seu descuido e aos seus excessos (cap. V, item 4), então veremos que esta segunda parte supera e muito o número dos males em relação à primeira. Logo, fica bem evidente que o homem é o autor da maior parte das suas aflições, e que ele se pouparia desses males se agisse sempre com sabedoria e prudência.

Não é menos certo que essas misérias são o resultado das nossas infrações às leis de Deus, e que, se observássemos pontualmente essas leis, nós seríamos perfeitamente felizes. Se não ultrapassássemos o limite do necessário na satisfação das nossas necessidades, não teríamos as doenças que são a consequência dos excessos, nem teríamos as vicissitudes acarretadas por essas doenças. Se colocássemos limites à nossa ambição, nós não temeríamos a ruína; se não quiséssemos subir mais alto do que podemos, não teríamos receio de cair; se fôssemos humildes, não sofreríamos as decepções do orgulho abatido; se praticássemos a lei de caridade, nós não seríamos nem maledicentes, nem invejosos, nem ciumentos, e evitaríamos as querelas e dissensões; se não fizéssemos mal a ninguém, não temeríamos as vinganças etc.

Admitamos que o homem não possa fazer nada com relação aos outros males; que toda prece lhe seja ineficaz para se preservar deles; já não seria muito ficarmos livres de todos os males que vêm da nossa própria conduta? Ora, aqui a ação da prece é facilmente concebida, porque ela tem por efeito chamar a inspiração salutar dos bons Espíritos e lhes pedir a força para resistir aos maus pensamentos cuja execução pode ser funesta para nós. Nesse caso, ***não é o mal que eles afastam; eles apenas nos desviam do mau pensamento que pode causar o mal. Eles não contrariam em nada os***

decretos de Deus, nem suspendem o curso das leis da natureza; é a nós que eles impedem de infringir essas leis ao orientar o nosso livre-arbítrio. Mas eles fazem isso sem que saibamos, de uma maneira velada, para não constranger a nossa vontade. O homem se encontra então na posição de alguém que solicita bons conselhos e os põe em prática, mas que é sempre livre para segui-los ou não; Deus quer que seja assim para que o homem tenha a responsabilidade dos seus atos e o mérito da escolha entre o bem e o mal. É isso o que o homem sempre obterá — se pedir com fervor — e ao que podemos aplicar especialmente estas palavras: "Peçam e vocês obterão".

A eficácia da prece, mesmo reduzida a essa proporção, já não teria um imenso resultado? Estava reservado ao Espiritismo nos provar a ação dela, pela revelação das relações existentes entre o mundo corporal e o mundo espiritual. Mas, seus efeitos não se limitam somente a isso.

A prece é recomendada por todos os Espíritos; renunciar à prece é desconhecer a bondade de Deus, é recusar para si mesmo a sua assistência e, para os outros, é recusar o bem que podemos fazer por eles.

13. Atendendo ao pedido que lhe é endereçado, Deus muitas vezes tem em vista recompensar a intenção, o devotamento e a fé daquele que ora; é por isso que a prece do homem de bem tem mais mérito aos olhos de Deus, e sempre tem mais eficácia, pois o homem vicioso e malvado não pode orar com o fervor e a confiança que só são concedidos pelo sentimento da verdadeira piedade. Do coração do egoísta, daquele que ora com os lábios, não podem sair mais do que ***palavras***, e não os impulsos de caridade que dão à prece toda a sua pujança. Tanto compreendemos isso que, por um movimento instintivo, preferencialmente nós nos recomendamos às preces daqueles cuja conduta sabemos que deve ser agradável a Deus, porque eles são mais bem atendidos.

14. Se a prece exerce uma espécie de ação magnética, poderíamos crer que o efeito dela está subordinado à força fluídica; porém, não é assim. Já que os Espíritos exercem essa ação sobre os homens, eles suprem, quando isso é necessário, a insuficiência daquele que ora — seja agindo diretamente ***em seu***

nome, seja lhe dando momentaneamente uma força excepcional, quando ele é considerado digno desse favor ou quando o objetivo pode ser útil.

O indivíduo que não se considere suficientemente bom para exercer uma influência positiva não deve deixar de orar pelos outros, com a ideia de que não é digno de ser escutado. A consciência da sua inferioridade é uma prova de humildade, sempre agradável a Deus, que leva em conta a intenção caridosa que motiva a pessoa. Seu fervor e sua confiança em Deus já são um primeiro passo rumo ao retorno ao bem, ao qual os bons Espíritos ficam felizes em incentivar. A prece que é rejeitada é aquela do ***orgulhoso, que tem fé em sua força e em seus méritos, e acha que pode substituir a vontade do Eterno***.

15. A força da prece está no pensamento; ela não depende nem das palavras, nem de lugar, nem do momento em que é feita. Portanto, podemos orar em toda parte e a qualquer hora, a sós ou em grupo. A influência do lugar e do horário depende das circunstâncias que podem favorecer a concentração. ***A prece em grupo tem uma ação mais poderosa quando todos aqueles que estejam orando se associam de coração a um mesmo pensamento e têm o mesmo objetivo***, pois é como se muitos clamassem juntos e em uníssono; mas que importa estar reunidos em grande número de pessoas se cada uma age isoladamente e por conta própria? Cem pessoas reunidas podem orar como egoístas, enquanto duas ou três, unidas por uma mesma aspiração, oram como verdadeiros irmãos em Deus, e sua prece terá mais força do que a da outra centena de pessoas. (Cap. XXVIII, itens 4 e 5.)

Preces inteligíveis

16. Se eu não entender o que significam as palavras, eu serei um bárbaro para aquele a quem falo, e aquele que me fala será um bárbaro. ***Se eu oro numa língua que eu não entendo***, meu coração ora, mas a minha inteligência fica sem fruto. Se vocês louvam a Deus apenas de coração, como é que um homem do número daqueles que só entendem a sua própria língua responderá ***amém*** no fim da ação de graça de vocês, ***já que ele não entende o que vocês dizem***?

> Não é que a ação de vocês não seja boa, mas que ***os outros não estão assim edificados***. (São Paulo, I Coríntios, 14: 11, 14, 16 e 17)

17. A prece só tem valor pelo pensamento que a ela é agregado; agora, é impossível agregarmos algum pensamento àquilo que não compreendemos, pois aquilo que não compreendemos não pode tocar o coração. Para a imensa maioria das pessoas, as preces numa língua incompreendida não passam de um amontoado de palavras que não dizem nada ao espírito. Para que a prece sensibilize, é preciso que cada palavra desperte uma ideia, mas se não a entendermos, a palavra não pode despertar nenhuma ideia; ela será repetida como simples fórmula que tem uma maior ou menor virtude conforme o número de vezes que ela for repetida. Muitas pessoas oram por dever, outras até mesmo para se adequar aos costumes; é por isso que eles se julgam quites quando dizem uma oração num determinado número de vezes e nessa ou naquela ordem. Deus lê no fundo dos corações; ele percebe o pensamento e a sinceridade, e seria rebaixá-lo acreditar que ele fosse mais sensível à forma do que à essência. (Cap. XXVIII, item 2.)

Prece pelos mortos e pelos Espíritos sofredores

18. A prece é solicitada pelos Espíritos sofredores; ela é útil para eles porque, ao verem que nós pensamos neles, eles se sentem menos abandonados, menos infelizes. Mas a prece tem sobre eles uma ação mais direta: desperta a coragem, inspira neles o desejo de se elevar pelo arrependimento e pela reparação, podendo desviá-los do mau pensamento; é nesse sentido que a prece pode não apenas aliviar, mas também abreviar sofrimentos deles. (Veja em ***O Céu e o Inferno***, 2ª parte, Exemplos.)

19. Certas pessoas não admitem a prece pelos mortos, porque, segundo a crença delas, não há para a alma mais do que duas alternativas: ou ser salva ou ser condenada às penas eternas, e que, nos dois casos, a prece é inútil. Sem discutir o valor dessa crença, vamos admitir por um instante a realidade das penas eternas e irremissíveis, e que as nossas preces sejam impotentes para

pôr um fim às penas. Perguntamos, nessa hipótese: seria lógico, caridoso e cristão negar a prece aos condenados? Tais preces, por mais impotentes que fossem para os libertar, não seriam para eles uma demonstração de piedade que poderia aliviar seus sofrimentos? Na Terra, quando um homem é condenado à pena perpétua, mesmo quando não haja nenhuma esperança de obter o perdão para ele, será que é proibido a uma pessoa caridosa ir carregar seus grilhões para aliviá-lo desse peso? Quando alguém é atingido por uma moléstia incurável, deveríamos abandoná-lo sem nenhum lenitivo, só porque ele não tem nenhuma esperança de cura? Lembrem-se de que entre os réprobos pode haver uma pessoa que já foi querida, um amigo, talvez um pai, uma mãe ou um filho, e, como se diz, já que ele não poderia esperar um perdão, vocês lhe negariam um copo d'água para matar a sede dele? Ou um bálsamo para secar suas chagas? Vocês não fariam por ele o que fariam por um infeliz? Não lhe dariam um testemunho de amor, uma consolação? Não, isso não seria cristão. Uma crença que resseca o coração não combina com a crença de um Deus que coloca o amor ao próximo na primeira ordem dos deveres.

A não eternidade das penas não significa a negação de uma penalidade temporária, porque Deus, na sua justiça, não pode confundir o bem e o mal; ora, neste caso, negar a eficácia da prece seria negar a eficácia da consolação, dos encorajamentos e dos bons conselhos; seria negar a força que colhemos da assistência moral daqueles que nos querem bem.

20. Outros se fundam numa razão mais ilusória: a imutabilidade dos decretos divinos. Deus — dizem esses — não pode modificar suas decisões a pedido de suas criaturas; sem isso, nada seria estável no mundo; logo, o homem não tem nada a pedir a Deus, ele só tem que se submeter e adorá-lo.

Há nessa ideia uma falsa aplicação do princípio da imutabilidade da lei divina, ou melhor, ignorância da lei no que se refere à penalidade futura. Essa lei é revelada pelos Espíritos do Senhor, agora que o homem já está maduro para compreender o que, na fé, é conforme ou contrário aos atributos divinos.

Segundo o dogma da eternidade absoluta das penas, não é levado em conta em favor do culpado nem os seus remorsos nem o seu arrependimento;

para ele, todo desejo de se melhorar é um desperdício: ele está condenado a permanecer no mal perpetuamente. Se ele está condenado por um tempo determinado, a pena cessará quando o prazo estiver expirado; mas quem diz que ele então terá voltado a ter sentimentos melhores? Quem diz que, a exemplo de muitos dos condenados da Terra, ao sair da prisão ele não será tão malvado quanto antes? No primeiro caso, isso seria manter na dor do castigo um homem que retornou ao bem; no segundo, seria agraciar aquele que continua culpável. A lei de Deus é mais previdente do que isso: sempre justa, equitativa e misericordiosa, ela não fixa nenhuma duração para a pena, seja ela qual for; essa lei se resume assim:

21. "O homem sempre sofre a consequência de suas faltas; não há uma única infração à lei de Deus que não tenha a sua punição.

"A severidade do castigo é proporcional à gravidade da falta.

"Seja qual for a falta, a duração do castigo é ***indeterminada; ela está subordinada ao arrependimento do culpado e ao seu retorno ao bem;*** a pena dura tanto quanto a obstinação no mal; ela seria perpétua se a obstinação fosse perpétua; ela será de curta duração se o arrependimento for rápido.

"Desde que o culpado clame misericórdia, Deus o ouve e lhe envia a esperança. Mas o simples remorso do mal não basta: é preciso uma reparação; eis por que o culpado fica submetido a novas provas, nas quais, sempre por sua vontade, ele pode fazer o bem em reparação ao mal que tenha feito.

"Assim, o homem é constantemente o árbitro da sua própria sorte; ele pode abreviar ou prolongar o seu suplício indefinidamente; a sua felicidade ou a sua infelicidade depende da sua vontade de praticar o bem."

Esta é a lei, lei ***imutável*** e de acordo com a bondade e a justiça de Deus.

Então, o Espírito culpado e infeliz sempre pode se salvar por si mesmo: a lei de Deus lhe diz em que condições isso pode ser feito. O que lhe falta na maioria das vezes é vontade, força e coragem; se, por nossas preces, nós lhe inspiramos essa vontade, se o amparamos e o encorajamos; se, pelos nossos conselhos, nós lhe damos as luzes que lhe faltam, ***em lugar de pedirmos a Deus que derrogue a sua lei, nós nos tornamos instrumentos para a***

execução de sua lei de amor e de caridade, da qual ele nos permite participar, dando a nós mesmos, uma prova de sua caridade. (Veja em ***O Céu e o Inferno***, 1ª parte, caps. IV, VII, VIII.)

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

Maneira de orar

22. O primeiro dever de toda criatura humana, o primeiro ato que deve assinalar o seu retorno à vida ativa de cada dia, é a prece. Quase todos vocês oram, mas quão poucos são os que sabem orar! Que importam ao Senhor as frases que vocês ligam umas às outras maquinalmente, porque vocês têm isso como um hábito, como uma obrigação que vocês cumprem e que, como qualquer obrigação, é um peso para vocês.

A prece do cristão, do ***espírita*** de qualquer culto que seja, deve ser feita desde logo que o Espírito tenha retomado o jugo da carne; ela deve se elevar aos pés da majestade divina com humildade, com profundeza, num ímpeto de reconhecimento por todos os benefícios recebidos até esse dia; pela noite passada e durante a qual lhes foi permitido, mesmo sem saberem disso, voltar para junto dos amigos, dos guias, para haurir no contato com eles mais força e perseverança. A prece deve se elevar humilde aos pés do Senhor, para se aconselhar sobre a própria fraqueza, para lhe pedir apoio, indulgência e misericórdia. Ela deve ser profunda, pois é a alma de vocês que deve se elevar em direção ao Criador, que deve se transfigurar como Jesus no Monte Tabor, e para chegar alva e radiosa de esperança e de amor.

A sua prece deve conter o pedido das graças de que vocês têm necessidade, mas de uma necessidade real. Com isso, é inútil pedir ao Senhor para abreviar as provações de vocês, para lhes dar alegrias e riquezas; peçam para ele lhes conceder os bens mais preciosos da paciência, da resignação e da fé. Não digam, como acontece com muitos de vocês: “Não vale a pena orar, porque Deus não me atende.” Mas o que é que na maior parte do tempo vocês pedem a Deus? Já pensaram alguma vez em lhe pedir o próprio aperfeiçoamento moral de vocês? Oh, não! Bem poucas vezes! Mas vocês

pensam logo em lhe pedir ***sucesso nos seus negócios terrenos***, e depois choram: "Deus não se ocupa conosco; se ele se ocupasse, não haveria tantas injustiças." Insensatos! Ingratos! Se vocês descessem ao fundo da própria consciência, então encontrariam quase sempre em vocês mesmos o ponto de partida dos males dos quais se queixam. Então, peçam antes de todas as coisas o próprio aprimoramento, e aí verão que torrente de bênçãos e de consolações se derramará sobre vocês. (Cap. V, item 4.)

Vocês devem orar sem cessar, sem que para isso vocês se recolham nos seus santuários ou se lancem de joelhos nas praças públicas. A prece diária é o cumprimento dos seus deveres, sem exceção de nenhum dos deveres, qualquer que seja a natureza deles. Não é um ato de amor a Deus socorrer os irmãos numa necessidade qualquer, moral ou física? Não é um ato de reconhecimento elevar a ele o próprio pensamento quando uma felicidade se realiza para vocês, quando um acidente é evitado, quando até uma simples contrariedade os sensibiliza, se vocês dizem em pensamento: Bendito seja, meu Pai!? Não é um ato de contrição se humilharem diante do juiz supremo, quando vocês sentem que faliram, nem que fosse só por um pensamento fugaz, para lhe dizerem: ***Perdoe-me, meu Deus, porque eu pequei (por orgulho, por egoísmo ou por falta de caridade); dê-me a força para não falir de novo e coragem para reparar minha falta!?***

Isso independe das preces regulares da manhã, da noite e dos dias consagrados; mas como vocês podem ver, a prece pode ser feita em todos os instantes, sem trazer nenhuma interrupção aos seus trabalhos; dita assim, por sua vez, ela santifica os trabalhos. E fiquem bem certos de que um só desses pensamentos — partindo do coração — é mais percebido pelo seu Pai celestial do que as longas orações ditas por hábito, frequentemente sem causa determinante e às quais ***a hora convencional os chama maquinalmente***.

Pr. **MONOD** (Bordeaux, 1862)

Felicidade da prece

23. Venham, vocês que desejam crer: os Espíritos celestes acorrem e vem lhes anunciar grandes coisas. Deus, meus filhos, abre seus tesouros para lhes dar

todos os seus benefícios. Homens incrédulos! Ah, se vocês soubessem o quanto a fé faz bem ao coração e o quanto ela leva a alma ao arrependimento e à prece! Ah, a prece! Como são tocantes as palavras que saem da boca na hora em que oramos! A prece é o orvalho divino que destrói o calor excessivo das paixões; filha primeira da fé, ela nos envolve na senda que conduz a Deus. No recolhimento e na solidão, vocês estão com Deus; para vocês, nada de mistérios: eles são desvendados para vocês. Apóstolos do pensamento, para vocês é vida; sua alma se desprende da matéria e rola por esses mundos infinitos e etéreos que os pobres humanos desconhecem.

Sigam em frente! Sigam pelas sendas da prece e vocês escutarão as vozes dos anjos. Que harmonia! Já não são mais o ruído confuso e os sons estridentes da Terra; são as liras dos arcanjos; são as vozes doces e suaves dos serafins, mais delicadas do que as brisas da manhã, quando elas brincam na folhagem dos seus grandes arvoredos. Quantas delícias, essas pelas quais vocês caminham! As línguas desse mundo não poderão definir essa felicidade e o quanto ela entrará por todos os poros, o quanto é viva e refrescante a fonte da qual bebemos enquanto oramos! Doces vozes, inebriantes perfumes que a alma escuta e saboreia quando se lança nessas esferas desconhecidas e habitadas pela prece! Livres dos desejos carnais, todas as aspirações são divinas. Então, vocês também, orem como Cristo, levando sua cruz do Gólgota ao Calvário; carreguem a vossa cruz e vocês sentirão as doces emoções que se passavam na alma dele, conquanto carregada de uma madeira infame; ele ia morrer, mas para viver a vida celeste na morada de seu Pai.

SANTO AGOSTINHO (Paris, 1861)

CAPÍTULO XXVIII

COLETÂNEA DE PRECES ESPÍRITAS

Preâmbulo

1. Os Espíritos sempre disseram: “A forma não é nada, o pensamento é tudo. Que cada um ore segundo suas convicções e do modo que o sensibilize mais; um bom pensamento vale mais do que numerosas palavras que não tenham nada a ver com o coração.”

Os Espíritos não prescrevem nenhuma fórmula absoluta de preces; quando eles recitam uma oração, é apenas para fixar as ideias e, sobretudo, para chamar a atenção sobre certos princípios da doutrina espírita, e isso é também com o objetivo de ajudar as pessoas que têm dificuldades para externar suas ideias, pois algumas dessas pessoas não acreditariam ter realmente orado se seus pensamentos não seguissem uma fórmula.

A coletânea de preces contida neste capítulo foi escolhida entre algumas das preces que foram ditadas pelos Espíritos em diferentes circunstâncias. Eles poderiam ter ditado outras, e com outras palavras, apropriadas a certas ideias ou a casos especiais; mas pouco importa a forma, já que o pensamento fundamental é o mesmo. O objetivo da prece é elevar nossa alma a Deus; a diversidade das fórmulas não deve estabelecer nenhuma diferença entre os que nele creem, nem ainda menos entre os adeptos do Espiritismo, porque Deus aceita todas as orações — desde que sejam sinceras.

Portanto, não se deve considerar esta coletânea como um formulário absoluto, mas apenas como uma variedade entre as instruções que os Espíritos oferecem. É uma aplicação dos princípios da moral evangélica desenvolvidos neste livro, um complemento aos seus ditados sobre os deveres para com Deus e com o próximo, em que são lembrados todos os

princípios da doutrina.

O Espiritismo reconhece como boas as preces de todos os cultos, quando elas são ditas pelo coração, e não pelos lábios; ele não impõe nem reprova nenhuma delas. Deus, segundo o Espiritismo, é grande demais para rejeitar a voz que a ele implora ou canta louvores só porque a prece é feita de um jeito mais do que de outro. ***Aquele que lançasse o anátema contra as preces que não estejam no seu formulário provaria que desconhece a grandeza de Deus***. Crer que Deus se atenha a uma fórmula é lhe atribuir a pequenez e as paixões humanas.

Uma condição essencial da prece, segundo Paulo (Cap. XXVII, item 16), é que ela seja compreensível, a fim de que ela possa falar à nossa inteligência; para isso, não basta que a prece seja dita numa língua compreendida por aquele que ora, pois há preces na língua comum que não dizem à mente muito mais do que se fossem ditas numa língua estrangeira, e que, por isso mesmo, não chegam ao coração; as raras ideias que essas preces contêm quase sempre ficam sufocadas pela superabundância das palavras e pelo misticismo da linguagem.

A principal qualidade da prece é a de ser clara, simples e concisa, sem fraseologia inútil, nem luxo de epítetos, que não são mais do que meros enfeites; cada palavra deve ter o seu significado, despertar uma ideia, mover uma fibra: em resumo, ***cada palavra deve provocar uma reflexão***. Somente sob essa condição a prece pode alcançar o seu objetivo; de outro modo, ***ela não passa de ruído***. Então, vejam com que ar de distração e com que volubilidade elas são ditas na maior parte do tempo; vemos os lábios se movendo, mas pela expressão da fisionomia e até pelo som da voz, nós reconhecemos um ato mecânico, puramente exterior, ao qual a alma permanece indiferente.

As preces selecionadas nesta coletânea estão divididas em cinco categorias: 1ª) Preces gerais; 2ª) Preces para si mesmo; 3ª) Preces pelos vivos; 4ª) Preces pelos mortos; 5ª) Preces especiais pelos enfermos e pelos obsidiados.

Com o propósito de chamar a atenção mais particularmente para o objeto de cada prece, e de tornar mais compreensível o seu significado, todas

elas estão precedidas de uma instrução preliminar, uma espécie de exposição dos temas, sob o título de ***prefácio***.

I – PRECES GERAIS

Oração dominical

2. **PREFÁCIO**. Os Espíritos recomendaram que a ***Oração dominical*** fosse colocada no início desta coletânea, não somente como prece, mas também como um símbolo. De todas as preces, ela é a que eles colocam em primeiro lugar — seja porque ela vem do próprio Jesus (São Mateus, 6: 9 a 13), seja porque ela pode suprir todas as outras, conforme o pensamento relacionado a ela. Este é o modelo mais perfeito de concisão, verdadeira obra-prima de sublimidade na simplicidade. Com efeito, sob a forma mais singela, ela resume todos os deveres do homem para com Deus, para consigo mesmo e para com o próximo; ela contém uma profissão de fé, um ato de adoração e de submissão; o pedido das coisas necessárias à vida e o princípio da caridade. Dizê-la na intenção de uma pessoa é pedir para ela o que se pediria para si mesmo.

Entretanto, até em razão da sua brevidade, o sentido profundo contido nas poucas palavras de que ela se compõe não é percebido pela maioria das pessoas; é por isso que geralmente ela é dita sem dirigir os pensamentos para as aplicações de cada uma de suas partes; ela é recitada como uma fórmula cuja eficácia é proporcional ao número de vezes que seja repetida, e quase sempre esse número é um daqueles cabalísticos: ***três***, ***sete***, ou ***nove***, tirados da antiga crença supersticiosa no valor dos números usados nas operações da magia.

Para suprir o vazio que a conclusão dessa prece deixa no pensamento, após o conselho e com a assistência dos Espíritos, foi acrescentado a cada proposição um comentário que explica o seu significado e mostra as suas aplicações. Conforme as circunstâncias e o tempo disponível, podemos então dizer a Oração dominical ***simples*** ou na forma aqui ***desenvolvida***.

3. PRECE. — I. *Pai nosso, que está no céu, santificado seja o teu nome!*

Nós cremos em ti, Senhor, porque tudo revela o teu poder e a tua bondade. A harmonia do Universo testemunha uma sabedoria, uma prudência e uma previdência que ultrapassam todas as faculdades humanas. O nome de um ser soberanamente grande e sábio está inscrito em todas as obras da

criação, desde um ramo de planta e o menor inseto até os astros que se movem no Espaço; por toda parte nós vemos a prova de um zelo paternal. Porquanto, cego é aquele que não te reconhece nas tuas obras, orgulhoso é aquele que não te glorifica e ingrato é aquele que não te rende graças.

II. *Venha a nós o teu reino!*

Senhor, tu deste aos homens leis repletas de sabedoria e que os fariam felizes se eles as obedecessem. Com essas leis, eles fariam reinar entre si a paz e a justiça; eles se ajudariam mutuamente em vez de se maltratarem, como eles fazem; o forte sustentaria o fraco, em vez de o esmagar; eles evitariam os males que geram os abusos e os excessos de todos os tipos. Todas as misérias deste mundo vêm da violação das tuas leis, pois não há uma única infração que não tenha suas consequências fatais.

Ao bruto, tu deste o instinto que traça para ele o limite do necessário, e ele com isso se conforma instintivamente; mas ao homem, além desse instinto, o Senhor deu a inteligência e a razão; deu também a liberdade de observar ou infringir aquelas das tuas leis que lhe concerne pessoalmente, quer dizer, a liberdade para ele escolher entre o bem e o mal, a fim de que tenha o mérito e a responsabilidade das suas ações.

Ninguém pode alegar ignorância das tuas leis, pois, na tua providência paternal, o Senhor quis que elas fossem gravadas na consciência de cada um, sem distinção de cultos nem de nacionalidade. Então, aqueles que violam essas leis, violam porque te menosprezam.

Virá o dia em que, segundo a tua promessa, todos praticarão essas leis; com isso, a incredulidade terá desaparecido, todos te reconhecerão como o soberano Mestre de todas as coisas e o reino de tuas leis será o teu reino na Terra.

Digna-te, Senhor, de apressar o advento do teu reino, dando aos homens a luz necessária para os conduzir ao caminho da verdade.

III. *Seja feita a tua vontade, assim na Terra como no céu.*

Se a submissão é um dever do filho com relação ao pai, do inferior para

com o superior, quão maior deve ser a submissão da criatura com relação ao seu Criador! Fazer a tua vontade, Senhor, é cumprir as tuas leis e se submeter sem murmúrios aos teus decretos divinos; o homem realizará essa submissão toda vez que compreender que o Senhor é a fonte de toda a sabedoria, e que sem ti o homem não pode fazer nada; então ele fará a tua vontade, na Terra, como os eleitos fazem no céu.

IV. Conceda-nos o *pão nosso de cada dia.*

Conceda-nos o alimento para a sustentação das forças do corpo; dê-nos também o alimento espiritual para o desenvolvimento do nosso Espírito.

O animal acha o seu pasto, mas o homem deve sua nutrição à sua própria atividade e aos recursos da sua inteligência, porque o Senhor o criou livre.

O Senhor disse ao homem: “Colha o alimento da terra com o suor do teu rosto”, e com isso, fez do trabalho uma obrigação para ele, a fim de que ele exercitasse sua inteligência na procura dos meios de prover as suas necessidades e seu bem-estar — uns pelo trabalho material, outros pelo trabalho intelectual. Sem o trabalho, o homem ficaria estacionário e não poderia aspirar à felicidade dos Espíritos superiores.

O Senhor ajuda o homem de boa vontade que confia em ti para o necessário, mas não aquele que se compraz na ociosidade e que desejaria obter tudo sem esforço, nem aquele que busca o supérfluo. (Cap. XXV.)

Quantos deles sucumbem pela sua própria culpa, pela sua incúria, pela sua imprevidência ou pela sua ambição, e por não terem querido se contentar com o que o Senhor lhes havia concedido! Estes são os artífices do próprio infortúnio e não têm o direito de se queixar, pois estão sendo punidos pelo que pecaram. Mas nem mesmo a estes o Senhor abandona, por ser infinitamente misericordioso; estende a eles uma mão de socorro desde que, como o filho pródigo, eles voltem sinceramente para ti. (Cap. V, item 4.)

Antes de reclamarmos da nossa sorte, devemos nos perguntar se ela não é obra nossa; a cada infortúnio que nos chegue, perguntemos se não teria dependido de nós evitá-lo; mas dizendo também que Deus nos deu a inteligência para nos tirar do pântano, e que depende de nós fazer uso dela.

Já que a lei do trabalho é uma obrigação para o homem na Terra,

conceda-nos a coragem e a força para cumpri-la; dê-nos também a prudência, a previdência e a moderação, a fim de não perdermos o fruto dessa lei.

Então, dê-nos, Senhor, nosso pão de cada dia, isto é, os meios de adquirirmos pelo trabalho as coisas necessárias para a vida, pois ninguém tem o direito de pedir o supérfluo.

Se o trabalho for impossível para nós, confiaremos na tua divina Providência.

Se estiver nos teus desígnios nos experimentar pelas mais duras privações, apesar dos nossos esforços, aceitaremos essas provações como uma justa expiação pelas faltas que tenhamos cometido nesta vida ou numa vida precedente, pois o Senhor é justo. Sabemos que não há penas imerecidas, e que o Senhor jamais castiga sem uma causa.

Preserva-nos, ó meu Deus, de pensar em invejar aqueles que possuem o que nós não temos, nem mesmo aqueles que têm o supérfluo enquanto nós não temos sequer o necessário. Perdoa-lhes se eles esquecem a lei de caridade e de amor ao próximo que o Senhor lhes ensinou. (Cap. XVI, item 8.)

Afaste também da nossa mente a ideia de negar a tua justiça enquanto vemos a prosperidade do mau e a desgraça que às vezes recai sobre o homem de bem. Sabemos agora — graças às novas luzes que o Senhor teve a bondade de nos conceder — que a tua justiça sempre se realiza e não falta a ninguém; que a prosperidade material do mau é efêmera como a sua existência corporal e que terá terríveis consequências, ao passo que a alegria reservada àquele que sofre com resignação será eterna. (Cap. V, itens 7, 9, 12, 18.)

V. *Perdoe nossas dívidas assim como nós perdoamos aqueles que nos devem. Perdoe nossas ofensas assim como nós perdoamos aqueles que nos têm ofendido.*

Cada uma de nossas infrações às tuas leis, Senhor, é uma ofensa contra ti e uma dívida contraída que cedo ou tarde precisaremos quitar. Nós pedimos à tua infinita misericórdia a remissão dessa dívida, sob a promessa de fazermos nossos esforços para não contrair novas dívidas.

O Senhor fez da caridade uma lei expressa para nós, mas a caridade não consiste apenas em assistir o próximo nas suas necessidades; ela também está

no esquecimento e no perdão das ofensas. Com que direito reivindicaríamos a tua indulgência se nós mesmos não a temos em relação àqueles de quem nos queixamos?

Dê-nos, ó meu Deus, a força para sufocar em nossa alma todo ressentimento, todo ódio e todo rancor; ***faça com que a morte não nos surpreenda com um desejo de vingança no coração***. Se te agradar nos tirar hoje mesmo deste mundo, faça com que possamos nos apresentar a ti livres de toda raiva, a exemplo do Cristo, cujas derradeiras palavras foram pelos seus carrascos. (Cap. X.)

As perseguições que os ímpios nos afligem fazem parte das nossas provas terrenas; devemos aceitá-las sem reclamar, como todas as outras provas, e não maldizer daqueles que, por suas maldades, nos abrem o caminho da felicidade eterna, pois o Senhor nos disse, pela boca de Jesus: "Bem-aventurados os que sofrem pela justiça!" Portanto, abençoemos a mão que nos fere e nos humilha, visto que os açoites do corpo fortalecem a nossa alma, e então seremos elevados por nossa humildade. (Cap. XII, item 4.)

Bendito seja teu nome, Senhor, por nos ter ensinado que nossa sorte não está irrevogavelmente fixada depois da morte; que encontraremos em outras existências os meios de resgatar e de reparar nossas faltas passadas, de cumprir numa nova vida o que não podemos fazer nesta, para o nosso adiantamento. (Cap. IV; cap. V, item 5.)

Assim se explicam, enfim, todas as aparentes anomalias da vida; é a luz projetada sobre o nosso passado e o nosso futuro, sinal evidente da tua soberana justiça e da tua infinita bondade.

VI. *Não nos deixe entregues à tentação, mas livra-nos do mal.*[48]

Dê-nos, Senhor, a força de resistir às sugestões dos maus Espíritos que tentem nos desviar da estrada do bem ao nos inspirar maus pensamentos.

Nós mesmos, porém, somos Espíritos imperfeitos, encarnados nesta

---

[48] Algumas traduções trazem: ***Não nos induza à tentação*** *(et ne nos inducas in tentationem)*; essa expressão daria a entender que a tentação vem de Deus, que ele voluntariamente levasse os homens ao mal — pensamento blasfematório que assemelharia Deus a Satanás, e que não pode ter sido ideia de Jesus, mas que é, aliás, conforme a doutrina vulgar a respeito do papel dos demônios. (Veja em ***O Céu e o Inferno***, cap. X, *Demônios*).

Terra para expiar e nos melhorar. A causa primeira do mal está em nós, e os maus Espíritos não fazem mais do que aproveitar nossas tendências viciosas, nas quais eles nos entretêm para nos tentar.

Cada imperfeição é uma porta aberta à influência deles, no mesmo instante em que eles são impotentes e renunciam a toda tentativa contra os seres perfeitos. Tudo o que poderíamos fazer para afastá-los seria inútil se não lhes opusermos uma vontade inabalável no bem e uma renúncia absoluta ao mal. Portanto, é contra nós mesmos que precisamos dirigir os nossos esforços, e então os maus Espíritos se afastarão naturalmente, porque é o mal que os atrai, enquanto o bem os repousa. (Veja adiante: *Preces pelos obsidiados*.)

Senhor, sustenta-nos na nossa fraqueza; inspira-nos, pela voz dos nossos anjos guardiões e pelos bons Espíritos, a vontade de nos corrigirmos de nossas imperfeições, a fim de fecharmos aos Espíritos impuros o acesso à nossa alma. (Veja-se adiante o item 11.)

O mal não é obra tua, Senhor, pois a fonte de todo bem não pode gerar nada de mau; somos nós mesmos que criamos o mal ao infringirmos as tuas leis e pelo mau uso que fazemos da liberdade que o Senhor nos concede. Quando os homens observarem tuas leis, o mal desaparecerá da Terra, como já desapareceu dos mundos mais avançados.

O mal não é uma necessidade fatal para ninguém e ele só parece irresistível para quem se entrega a ele com complacência. Se nós temos a vontade de fazê-lo, também podemos ter a de fazer o bem; eis por que, ó meu Deus, pedimos a tua assistência e a dos bons Espíritos, para resistirmos à tentação.

VII. *Assim seja.*

Que seja do teu agrado, Senhor, que os nossos desejos se realizem! Mas nós nos inclinamos diante da tua sabedoria infinita. A respeito de todas as coisas que nós não podemos compreender, que seja feito conforme a tua santa vontade, e não conforme a nossa, pois o Senhor não quer nada além do nosso bem e sabe melhor do que nós aquilo que nos convém.

Nós te dirigimos esta prece, ó Deus nosso, por nós mesmos e por todas as almas sofredoras, encarnadas ou desencarnadas, pelos nossos amigos e

inimigos, por todos os que clamam nossa assistência e, em particular, por... [nome da pessoa a ser favorecida].

Para todos nós suplicamos a tua misericórdia e a tua bênção.

Observação – Podemos formular aqui aquilo pelo que agradecemos a Deus e o que pedimos, para nós mesmos ou por outra pessoa. (Veja adiante as preces dos itens 26 e 27.)

Reuniões espíritas

4. Onde quer que se encontrem duas ou três pessoas reunidas em meu nome, ali estou eu no meio deles. (São Mateus, 18: 20)

5. PREFÁCIO. Estar reunido em nome de Jesus não quer dizer que seja necessário estar reunido materialmente, mas que é preciso estar reunido espiritualmente, pela comunhão de intenção e de pensamentos para o bem. Sendo assim, Jesus se faz presente na assembleia — ele mesmo, ou os Espíritos puros que o representam. O Espiritismo nos faz compreender como os Espíritos podem estar entre nós; eles se apresentam com o seu corpo fluídico, ou espiritual,[49] e com a aparência que nos permitiria reconhecê-los, se eles se tornassem visíveis. Quanto mais eles forem elevados na hierarquia espiritual maior será o poder de irradiação deles; é assim que eles possuem o dom da ubiquidade e que podem ser encontrados em vários lugares simultaneamente: para isso, basta um raio de seu pensamento.

Por essas palavras, Jesus quis mostrar o efeito da união e da fraternidade; o que o atrai não é o maior ou menor número, porque em vez de duas ou três pessoas ele poderia ter dito dez ou vinte: o que atrai a presença de Jesus é o sentimento de caridade de um para com os outros que motive a todos. Ora, para isso, basta que ali haja duas pessoas; porém, se essas duas pessoas oram cada uma por seu lado, embora se dirijam a Jesus, não há entre elas uma comunhão de pensamentos, sobretudo se não forem motivadas por um sentimento de benevolência mútua; caso elas se olhem com má intenção, com ódio, inveja ou ciúme, até as correntes fluídicas de seus pensamentos se rejeitam, ao invés de se unirem num impulso comum de simpatia, e então ***elas não estarão reunidas em nome de Jesus****;* assim, Jesus não passa de um ***pretexto*** para a reunião, e não o seu motivo verdadeiro. (Cap. XXVII, item 9.)

---

[49] Também conhecido na literatura espírita como *Perispírito*. — N. T.

Isto não significa que Jesus seja surdo à voz de uma única pessoa; se ele não disse “Eu irei a qualquer um que me chamar”, é porque ele exige antes de tudo o amor ao próximo — do qual podemos dar mais provas quando estamos entre muitos do que no isolamento — e porque todo sentimento pessoal o afasta. Daí segue que, se numa assembleia numerosa, somente duas ou três pessoas se unem de coração pelo sentimento de uma verdadeira caridade, enquanto as outras se isolam e se concentram em pensamentos egoísticos ou mundanos, Jesus estará com aquelas duas pessoas e não com as outras. Logo, não é a simultaneidade das palavras, dos cânticos ou dos atos exteriores que constitui a reunião em nome de Jesus, mas a comunhão de pensamentos concordantes com o espírito de caridade personificado em Jesus. (Cap. X, itens 7 e 8; cap. XXVII, itens 2, 3, 4.)

Tal deve ser o caráter das reuniões espíritas sérias, daquelas em que sinceramente se deseja o auxílio dos bons Espíritos.

6. PRECE. (Para o começo da reunião.) — Nós suplicamos ao Senhor Deus Todo-Poderoso que nos envie bons Espíritos para nos auxiliar, afastando aqueles que poderiam nos induzir ao erro e nos concedendo a luz necessária para distinguirmos a verdade da impostura.

Afastem também os Espíritos malfazejos — encarnados ou desencarnados — que tentarem lançar a desunião entre nós e nos desviar da caridade e do amor ao próximo. Se alguns deles procurarem se intrometer aqui, façam com que eles não encontrem acesso no coração de nenhum de nós.

Bons Espíritos que se dignam vir nos instruir, tornem-nos dóceis aos seus conselhos; afastem de nós todo pensamento de egoísmo, de orgulho, de inveja e de ciúme; inspirem-nos a indulgência e a benevolência para com os nossos semelhantes presentes ou ausentes, amigos ou inimigos; enfim, façam com que, pelos sentimentos que nos animam, possamos reconhecer a sua influência salutar.

Deem aos médiuns que vocês encarregaram de nos transmitir seus ensinamentos a consciência da santidade do mandato que lhes é confiado e da gravidade do ato que eles vão realizar, a fim de que o façam com o fervor e o recolhimento necessários.

Se nessa assembleia se encontrarem pessoas que tenham vindo atraídas por outros sentimentos que não os do bem, abram os olhos delas para a luz e

perdoem-nas, como nós as perdoamos, se elas tiverem vindo com intenções malévolas.

Pedimos especialmente ao Espírito de... [nome do Espírito], nosso guia espiritual, que nos oriente e que vele por nós.

7. (Para o fim da reunião.) — Nós agradecemos aos bons Espíritos que vieram de boa vontade se comunicar conosco; rogamos que nos ajudem a pôr em prática as instruções que nos deram, para fazer que cada um de nós, ao sair daqui, sinta-se fortalecido na prática do bem e do amor ao próximo.

Desejamos igualmente que essas instruções sejam proveitosas aos Espíritos sofredores, ignorantes ou viciosos que puderam assistir a esta reunião e para os quais nós imploramos a misericórdia de Deus.

Para os médiuns

> **8.** Nos últimos tempos, diz o Senhor, eu derramarei do meu Espírito sobre ***toda*** carne; seus filhos e filhas profetizarão; seus jovens terão visões e seus idosos terão sonhos. Nesses dias, eu derramarei do meu Espírito sobre os meus servos e minhas servas, e eles profetizarão. (Atos, 2: 17 e 18)

9. PREFÁCIO. O Senhor quis que a luz se fizesse para todos os homens e que a voz dos Espíritos penetrasse em toda parte, a fim de que cada um pudesse adquirir a prova da imortalidade. É com essa finalidade que os Espíritos se manifestam hoje em todos os pontos da Terra, e a mediunidade que se revela — nas pessoas de todas as idades e de todas as condições, homens e mulheres, crianças e idosos — é um dos sinais do cumprimento dos tempos preditos.

Para conhecer as coisas do mundo visível e descobrir os segredos da natureza material, Deus deu ao homem a vista do corpo, os sentidos e os instrumentos especiais; com o telescópio ele mergulha seus olhares nas profundezas do espaço e, com o microscópio, descobriu o mundo dos infinitamente pequenos. Para penetrar no mundo invisível, Deus lhe deu a mediunidade.

Os médiuns são os intérpretes encarregados de transmitir aos homens os ensinamentos dos Espíritos; ou, melhor, ***os médiuns são os órgãos materiais pelos quais os Espíritos se expressam para se tornarem inteligíveis aos homens***. A missão deles é santa, pois tem como objetivo abrir os horizontes da vida eterna.

Os Espíritos vêm instruir o homem sobre seus destinos futuros, para o reconduzirem ao caminho do bem, e não para o pouparem do trabalho material que ele deve cumprir neste mundo rumo ao seu avanço, nem para favorecerem a ambição e a cupidez humana. Eis do que os médiuns devem se compenetrar bem, para não fazerem mau uso de sua faculdade. Aquele que compreende a seriedade do mandato do qual o médium está investido, o cumpre religiosamente; sua consciência lhe censuraria, como um ato sacrílego, se ele fizesse um divertimento ou uma distração, ***para si ou para os outros***, de uma faculdade dada para um propósito também sério e que o põem em contato com os seres de além-túmulo.

Como intérpretes do ensinamento dos Espíritos, os médiuns devem desempenhar um papel importante na transformação moral que se opera; os serviços que eles podem prestar são proporcionais à boa direção que eles dão às suas faculdades, porque aqueles que estão num mau caminho são mais prejudiciais do que úteis à causa do Espiritismo; pelas más impressões que produzem, eles acabam retardando mais de uma conversão. Eis por que eles terão de prestar contas do uso que tiverem feito de uma capacidade que lhes foi dada para o bem de seus semelhantes.

O médium que quiser conservar a assistência dos bons Espíritos deve trabalhar pela sua própria melhoria; aquele que desejar ver sua faculdade crescer e se desenvolver deve se engrandecer moralmente e de se abster de tudo o que tenda a desviá-la da sua finalidade providencial.

Se os bons Espíritos às vezes se servem de instrumentos imperfeitos é para dar bons conselhos e tratar de reconduzi-los ao bem; mas quando eles encontram corações endurecidos e quando seus conselhos não são seguidos, eles se retiram, e os maus Espíritos ficam com o campo livre. (Cap. XXIV, itens 11 e 12.)

A experiência prova que, entre aqueles médiuns que não aproveitam os conselhos dos bons Espíritos, as comunicações, depois de terem revelado algum brilho durante um determinado tempo, degeneram pouco a pouco e acabam caindo no erro, na verborragia ou no ridículo — sinal incontestável do afastamento dos bons Espíritos.

Obter a assistência dos bons Espíritos, afastar os Espíritos levianos e mentirosos: este deve ser o objetivo dos esforços constantes de todos os médiuns sérios; sem isso a mediunidade se torna uma faculdade estéril, que pode até se tornar prejudicial para aquele que a possui, pois ela pode degenerar em uma obsessão perigosa.

O médium que compreende o seu dever, ao invés de se orgulhar de uma

faculdade que não lhe pertence, já que ela pode ser retirada dele, atribui a Deus as boas coisas que obtém. Se as suas comunicações merecem elogios, ele não se envaidece com isso, porque ele sabe que elas independem do seu valor pessoal, e então ele agradece a Deus por ter permitido que os bons Espíritos viessem se manifestar através dele. Se as comunicações derem motivo à crítica, o médium não se ofenderá com isso, porque elas não são obra do seu próprio Espírito; ele dirá a si mesmo que não foi um bom instrumento e que ele não possui todas as qualidades necessárias para se opor à intromissão dos maus Espíritos. É por isso que ele procura adquirir essas qualidades, pedindo, através da prece, a força que lhe falta.

10. PRECE. — Deus Todo-Poderoso, permita aos bons Espíritos me auxiliarem na comunicação que eu solicito. Preserve-me da presunção de me achar a salvo dos maus Espíritos; preserve-me do orgulho que poderia me iludir sobre o valor daquilo que eu obtenha; preserve-me de todo sentimento contrário à caridade com relação aos outros médiuns. Se eu for induzido ao erro, inspire alguém a ideia de me advertir disso, e a mim, inspire a humildade que me faça aceitar a crítica com reconhecimento, e que eu tome como sendo para mim mesmo, e não para os outros, os conselhos que os bons Espíritos quiseram me ditar.

Se eu for tentado a abusar, no que quer que seja, ou a me envaidecer da faculdade que o Senhor bem quis me conceder, eu te imploro que a retire de mim antes de me permitir que ela seja desviada da sua finalidade providencial, que é o bem de todos e o meu próprio avanço moral.

II – PRECES PARA SI MESMO

Aos anjos guardiões e aos Espíritos protetores

11. PREFÁCIO. Todos nós temos um bom Espírito que fica ligado a nós desde o nascimento e que nos tomou sob a sua proteção. Ele desempenha junto a nós a missão de um pai junto ao seu filho: a missão de nos conduzir pela estrada do bem e do progresso, através das provações da vida. Ele fica feliz quando nós correspondemos à sua solicitude e lamenta quando nos vê sucumbir.

Seu nome pouco importa, pois pode não ser um nome conhecido na Terra; então, nós o invocamos como o nosso anjo guardião, nosso bom gênio; podemos até

invocá-lo sob o nome de um Espírito superior qualquer pelo qual nós sentimos uma simpatia mais particularmente.

Além do nosso anjo guardião, que é sempre um Espírito superior, nós temos Espíritos protetores que, por serem menos elevados, nem por isso deixam de ser bons e benevolentes; são eles: os parentes, os amigos ou algumas vezes pessoas que não conhecemos na nossa existência atual. Eles nos assistem com seus conselhos e muitas vezes com suas intervenções nos atos da nossa vida.

Os Espíritos simpáticos são aqueles que se ligam a nós por uma certa semelhança de gostos e de tendências; eles podem ser bons ou maus, de acordo com a natureza das inclinações que os atraem até nós.

Os Espíritos sedutores se esforçam para nos desviar do caminho do bem, sugerindo-nos maus pensamentos. Eles se aproveitam de todas as nossas fraquezas, como de outras tantas portas abertas que lhes dão acesso à nossa alma. Alguns deles se agarram a nós como a uma presa, mas ***eles se afastam quando reconhecem sua impotência para lutar contra a nossa vontade***.

Deus nos deu um guia principal e superior em nosso anjo guardião, e guias secundários em nossos Espíritos protetores e familiares; mas seria um erro achar que temos ***forçosamente*** um mau gênio posto ao nosso lado para contrabalançar as boas influências. Os maus Espíritos vêm ***voluntariamente***, quando eles encontram algum domínio sobre nós — pela nossa fraqueza ou pela nossa negligência em seguirmos as inspirações dos bons Espíritos. portanto, somos nós que os atraímos. Daí resulta que nós jamais estamos privados da assistência dos bons Espíritos e que depende de nós o afastamento dos maus. Por suas imperfeições, sendo o homem a causa primeira das misérias que o afligem, quase sempre ele é o seu próprio mau gênio. (Cap. V, item 4.)

A prece aos anjos guardiões e aos Espíritos protetores deve ter por finalidade solicitar a intercessão deles junto a Deus, pedindo-lhes a força para resistir às más sugestões e a assistência deles nas necessidades da vida.

12. PRECE. — Espíritos sábios e benevolentes, mensageiros de Deus, cuja missão é a de assistir os homens e conduzi-los pelo bom caminho: sustentem-me nas provas desta vida; concedam-me a força para suportá-las sem reclamação; afastem de mim os maus pensamentos e façam com que eu não dê acesso a nenhum mau Espírito que tentasse me induzir ao mal. Esclareçam a minha consciência sobre os meus defeitos e tirem dos meus olhos o véu do orgulho que poderia me impedir de percebê-los e de admiti-los a mim mesmo.

Principalmente a ti... [nome], meu anjo guardião, que vela mais

particularmente por mim, e a todos vocês, Espíritos protetores, que se interessam por mim: façam com que eu me torne digno da sua benevolência. Vocês conhecem as minhas necessidades; que elas se realizem conforme a vontade de Deus.

13. (Outra) — Meu Deus, permita que os bons Espíritos que me cercam venham em meu auxílio quando eu estiver em dificuldade, e que me sustentem se eu fraquejar. Faça, Senhor, com que eles me inspirem a fé, a confiança e a caridade; que eles sejam para mim um apoio, uma esperança e uma prova da tua misericórdia. Faça, enfim, com que eu encontre perto deles a força que me falta nos desafios da vida e, para resistir às sugestões do mal, a fé que salva e o amor que consola.

14. (Outra) — Espíritos bem-amados, anjos guardiões, vocês a quem Deus, na sua infinita misericórdia, permite velarem pelos homens: sejam nossos protetores nas provações da vida terrestre. Concedam-nos a força, a coragem e a resignação; inspirem-nos tudo que é bom, retendo-nos da inclinação do mal; que a sua doce influência penetre nossa alma; faça-nos sentir que um amigo devotado está aqui, perto de nós, vendo os nossos sentimentos e participando das nossas alegrias.

E você, meu bom anjo, não me abandone! Eu preciso de toda a tua proteção para suportar com fé e amor as provas que Deus queira me enviar.

Para afastar os maus Espíritos

15. Ai de vocês, escribas e fariseus hipócritas, porque vocês limpam por fora o copo e o prato, mas que, por dentro, estão cheios de ganância e de impurezas. Fariseus cegos, limpem primeiramente o interior do copo e do prato, a fim de que o exterior também esteja limpo. Ai de vocês, escribas e fariseus hipócritas, que se assemelham a sepulcros caiados, que por fora parecem belos aos olhos dos homens, mas que, por dentro, estão cheios de toda espécie de podridão. Assim, exteriormente vocês parecem justos aos olhos dos homens, mas interiormente vocês estão cheios de hipocrisia e de iniquidades. (São Mateus, 23: 25 a 28)

16. PREFÁCIO. Os maus Espíritos só vão aonde eles podem satisfazer a sua própria perversidade; para afastá-los, não basta pedir ou até mesmo lhes mandar embora: é preciso que exclui em si mesmo aquilo que os atrai. Os maus Espíritos farejam as feridas da alma como as moscas farejam as feridas do corpo; do mesmo modo que você limpa o corpo para evitar a contaminação pelos vermes, você também deve limpar a alma de suas impurezas para evitar os maus Espíritos. Já que nós vivemos num mundo onde pululam maus Espíritos, as boas qualidades do coração nem sempre nos colocam a salvo das tentativas deles, mas elas nos dão a força para resistirmos a esses maus Espíritos.

17. PRECE. — Em nome de Deus Todo-Poderoso, que os maus Espíritos se afastem de mim e que os bons me sirvam de proteção contra eles!

Espíritos malvados, que inspiram maus pensamentos aos homens; Espíritos trapaceiros e mentirosos que os enganam; Espíritos zombeteiros que brincam com a fé alheia, eu os repulso com todas as forças de minha alma e fecho os ouvidos às suas sugestões, mas peço para vocês a misericórdia de Deus.

Bons Espíritos, que se dignam de me assistir, concedam-me a força para resistir à influência dos maus Espíritos e as luzes necessárias para eu não ser iludido por suas trapaças. Preservem-me do orgulho e da presunção; afastem do meu coração o ciúme, o ódio, a malevolência e todo sentimento contrário à caridade, que são outras tantas portas abertas ao Espírito do mal.

Pedir para se corrigir de um defeito

18. PREFÁCIO. Nossos maus instintos são o resultado da imperfeição do nosso próprio Espírito, e não do nosso organismo físico; de outro modo, o homem escaparia de toda espécie de responsabilidade. Nosso melhoramento depende de nós, pois todo homem que tem o gozo das suas faculdades tem, para todas as coisas, a liberdade de fazer ou de não fazer; para praticar o bem, não lhe falta mais do que vontade. (Cap. XV, item 10; cap. XIX, item 12.)

19. PRECE. — Recebi de ti, ó meu Deus, a inteligência necessária para distinguir o que é bom e o que é mau. Ora, desde quando eu reconheço que uma coisa é má, torno-me culpado se não me esforçar para resisti-la.

Preserve-me do orgulho que poderia me impedir de perceber os meus defeitos, e dos maus Espíritos que poderiam me incitar a segui-los.

Entre as minhas imperfeições, reconheço que eu sou particularmente inclinado a...; e se eu não resisto a esse arrastamento, é devido ao hábito que já adquiri de ceder a esta imperfeição.

O Senhor, por ser justo, não me criou culpado, mas com uma igual aptidão para o bem e para o mal; se eu segui o mau caminho, foi por efeito do meu livre-arbítrio. Contudo, pela mesma razão que eu tive a liberdade de fazer o mal, eu tenho a de fazer o bem e, por conseguinte, a de mudar de caminho.

Meus defeitos atuais são um resto das imperfeições que eu guardei das minhas existências anteriores; esse é o meu pecado original, do qual eu posso me desembaraçar pela minha vontade e com a assistência dos bons Espíritos.

Bons Espíritos que me protegem, e sobretudo o meu anjo guardião, concedam-me a força para resistir às más sugestões e para sair vitorioso da luta.

Os defeitos são as barreiras que nos separam de Deus e cada defeito superado é um passo dado na estrada do adiantamento que deve me aproximar dele.

O Senhor, na sua infinita misericórdia, dignou-se de me conceder a existência atual para que ela servisse ao meu adiantamento. Bons Espíritos, ajudem-me a aproveitá-la, a fim de que ela não seja uma existência perdida para mim, e que, quando Deus quiser retirá-la de mim, eu saia dela melhor do que quando nela entrei. (Cap. V, item 5; cap. XVII, item 3.)

Pedir para resistir a uma tentação

20. PREFÁCIO. Todo mau pensamento pode ter duas fontes: a própria imperfeição da nossa alma ou uma funesta influência que age sobre ela; neste último caso, isso é sempre um indício de uma fraqueza que nos torna propícios a receber essa influência e, consequentemente, um indício de alma imperfeita; de tal maneira que a pessoa que falir não poderá usar como desculpa a influência de um Espírito estranho, já que ***esse Espírito não a teria convencido ao mal se ele achasse que a pessoa fosse incessível à sedução***.

Quando um mau pensamento surge em nós, podemos então imaginar um Espírito malvado nos chamando para o mal, mas para o qual todos nós somos livres para ceder ou para resistir, tal como se fosse um chamamento de uma pessoa viva. Devemos ao mesmo tempo imaginar nosso anjo guardião, ou Espírito protetor, que ao nosso lado combate em nós a má influência e espera com ansiedade ***a decisão que nós vamos tomar***. Nossa hesitação em praticar o mal é a voz do bom Espírito que se faz ouvir pela nossa consciência.

Reconhecemos que um pensamento é mau quando ele se afasta da caridade, que é a base da verdadeira moral; quando ele tem por princípio o orgulho, a vaidade ou o egoísmo; quando sua realização pode causar qualquer prejuízo a alguém; quando, enfim, ele nos induz a fazer aos outros o que não gostaríamos que os outros nos fizessem. (Cap. XXVIII, item 15; cap. XV, item 10.)

21. Prece. — Deus Todo-Poderoso, não me deixe cair na tentação de falir que eu tenho. Espíritos benevolentes que me protegem, afastem de mim esse mau pensamento e me dê a força para resistir à sugestão do mal. Se eu cair, eu merecerei expiar a minha falta nesta vida e na outra, porque eu sou livre para escolher.

Ação de graças pela vitória obtida sobre uma tentação

22. Prefácio. Aquele que resistiu a uma tentação deve isso à assistência dos bons Espíritos dos quais ele ouviu a voz. Ele deve agradecer a Deus e ao seu anjo guardião.

23. Prece. — Meu Deus, eu te agradeço por haver permitido sair vitorioso da luta que acabo de sustentar contra o mal; faça com que essa vitória me dê a força para resistir a novas tentações.

E a ti, meu anjo guardião, agradeço a tua assistência; que a minha submissão aos teus conselhos me faça de novo merecedor da tua proteção!

Para pedir um conselho

24. Prefácio. Quando estamos indecisos sobre fazer ou não fazer uma coisa, devemos antes de tudo propor a nós mesmos as seguintes questões:

1°) Aquilo que eu hesito em fazer pode trazer algum prejuízo a alguém?

2°) Pode ser útil a outro alguém?

3°) Se alguém fizesse a mesma comigo eu ficaria satisfeito?

Se essa coisa só interessa a nós mesmos, devemos balancear as vantagens e os inconvenientes pessoais que daí possam resultar.

Se ela envolve outras pessoas e se, fazendo bem para alguém, ela faz mal para outra, é preciso igualmente pesar a soma do bem e do mal para nos abster ou agir.

Enfim, mesmo para as melhores coisas, é necessário ainda considerarmos a oportunidade e as circunstâncias acessórias, porque uma coisa boa em si mesma pode ter maus resultados em mãos inábeis e se ela não for conduzida com prudência e critério. Antes de empreendê-la, convém consultar suas forças e os meios de execução.

Em todos os casos, sempre podemos solicitar a assistência dos nossos Espíritos protetores, lembrando deste sábio provérbio: ***Na dúvida, abstenha-se***. (Cap. XXVIII, item 38.)

25. PRECE. — Em nome de Deus Todo-Poderoso, bons Espíritos que me protegem: inspirem-me a melhor resolução a tomar na incerteza em que me encontro. Dirijam meu pensamento para o bem e desviem a influência daqueles que tentarem me transviar.

Nas aflições da vida

26. PREFÁCIO. Podemos pedir a Deus favores terrenos e ele pode concedê-los, quando eles tiverem uma finalidade útil e séria; mas como nós julgamos a utilidade das coisas conforme o nosso ponto de vista e como a nossa vista está limitada ao presente, nem sempre nós vemos o lado mau do que desejamos. Deus, que vê melhor do que nós e que só quer o nosso bem, pode então negar nosso pedido, como um pai nega ao filho aquilo que lhe poderia ser prejudicial. Se o que pedimos não nos for concedido, não devemos desanimar por causa disso; devemos, ao contrário, pensar que a privação daquilo que desejamos nos é imposta como uma prova ou como expiação, e que a nossa recompensa será proporcional à resignação com a qual tivermos suportado. (Cap. XXVII, item 6; cap. II, itens 5 a 7.)

27. PRECE. — Deus Todo-Poderoso que vê as nossas misérias, digna-te de ouvir favoravelmente os desejos que te endereço neste momento. Se o meu pedido for inconveniente, perdoe-me por isso; se ele for justo e útil aos teus

olhos, que os bons Espíritos que executam as tuas vontades venham em meu auxílio para a sua realização.

O que quer que aconteça, meu Deus, que a tua vontade seja feita. Se meus desejos não forem atendidos, é que está nos teus desígnios me testar, e eu me submeto sem queixas. Faça com que eu não desanime por causa disso, e que nem a minha fé nem a minha resignação sofram qualquer abalo.

(Formular o pedido.)

Ação de graças por um favor obtido

28. PREFÁCIO. Não devemos considerar como acontecimentos felizes somente as coisas de grande importância; as coisas aparentemente mais insignificantes são com frequência as que mais influenciam o nosso destino. O homem esquece facilmente o bem, e se lembram muito mais daquilo que o aflige. Se registrássemos dia após dia os benefícios que recebemos, mesmo sem os pedirmos, quase sempre ficaríamos admirados de termos recebido tantos e tantos que se apagaram da nossa memória, e ficaríamos humilhados com a nossa ingratidão.

A cada noite, ao elevarmos a nossa alma a Deus, devemos recordar em nós mesmos os favores que ele nos concedeu durante o dia e lhe agradecer por isso. É principalmente no momento exato em que experimentamos o efeito da sua bondade e da sua proteção que devemos, por um movimento espontâneo, testemunhar a nossa gratidão a ele. Para tanto, basta que um pensamento atribua a ele o benefício recebido, sem que seja necessário interromper o nosso trabalho.

Os benefícios de Deus não consistem somente em coisas materiais; é preciso agradecê-lo igualmente pelas boas ideias, as inspirações felizes que nos são sugeridas. Enquanto o egoísta atribui o mérito de tudo a si mesmo e o incrédulo o atribui ao acaso, aquele que tem fé rende graças a Deus e aos bons Espíritos. Para isso, as longas frases são inúteis: ***"Obrigado, meu Deus, pelo bom pensamento que me foi inspirado"*** diz mais do que muitas palavras. O impulso espontâneo que nos faz atribuir a Deus aquilo que nos acontece de bom já prova um hábito de reconhecimento e de humildade que nos atrai a simpatia dos bons Espíritos. (Cap. XXVII, itens 7 e 8.)

29. PRECE. — Deus infinitamente bom, que o teu nome seja bendito pelas bênçãos que me tem concedido; seria indigno de minha parte delas se eu as

atribuísse ao acaso dos acontecimentos ou ao meu próprio mérito.

Bons Espíritos, que foram os executores das vontades de Deus, e especialmente a ti, meu anjo guardião: eu agradeço a vocês. Afastem de mim o pensamento de me orgulhar dessas bênçãos e de usá-las sem ser para o bem.

Agradeço a vocês principalmente por... [favor obtido]

Ato de submissão e de resignação

30. PREFÁCIO. Quando um motivo de aflição nos atinge, se procurarmos a sua causa, nós descobriremos frequentemente que é uma consequência da nossa imprudência, da nossa imprevidência ou de uma ação anterior; nesses casos, não devemos culpar senão a nós mesmos. Se a causa de uma infelicidade independe totalmente de qualquer ação nossa, é que ou ele é uma provação para esta vida ou é uma expiação de uma existência passada, e neste último caso, o tipo da expiação pode nos indicar o tipo da falta que cometemos, pois nós somos sempre punidos por aquilo que pecamos. (Cap. V, itens 4, 6 e seguintes.)

Naquilo que nos aflige, geralmente nós só vemos o mal momentâneo e não as futuras consequências favoráveis que isso possa ter. O bem muitas vezes é a sequência de um mal passageiro, como a cura de uma doença é o resultado dos meios doloridos que empregamos para obter tal cura. Em todos os casos, nós devemos nos submeter à vontade de Deus e suportar com coragem as tribulações da vida, se quisermos que elas nos sejam levadas em conta e que estas palavras do Cristo sejam aplicadas a nós: “Bem-aventurados aqueles que sofrem”. (Cap. V, item 18.)

31. PRECE. — Meu Deus, que é soberanamente justo: todo sofrimento neste mundo há de ter então sua causa e sua utilidade. Eu aceito a causa da aflição que acabo de experimentar como uma expiação das minhas faltas passadas e como uma prova para o futuro.

Bons Espíritos que me protegem, deem-me a força para suportá-la sem murmúrio; façam com que isso me seja uma advertência positiva; que faça crescer a minha experiência; que combata em mim o orgulho, a ambição, a tola vaidade e o egoísmo, contribuindo assim para o meu adiantamento.

32. (Outra) — Eu sinto, ó meu Deus, a necessidade de te pedir para que me dê a força para suportar as provações que o Senhor quis me enviar. Permita que

a luz se faça bastante viva em minha mente para que eu aprecie toda a extensão de um amor que me aflige porque quer me salvar. Submeto-me com resignação, ó meu Deus. Ah, mas a criatura é tão fraca que, se o Senhor não me amparar, eu temo sucumbir. Não me abandone, Senhor, pois sem ti eu não consigo nada.

33. (Outra) — Elevei meu olhar a ti, ó Eterno, e me senti fortalecido. O Senhor é a minha força, não me abandone! Ó meu Deus, sinto-me esmagado sob o peso das minhas iniquidades! Ajude-me! O Senhor conhece as fraquezas da minha carne, não desvie de mim o teu olhar!

Sou devorado por uma sede ardente; faça brotar a fonte da água viva e eu serei saciado. Que a minha boca não se abra senão para entoar os teus louvores, e não para me reclamar das aflições da minha vida. Sou fraco, Senhor, mas o teu amor me sustentará.

Ó Eterno, o único que é grande, o único que é o propósito e a finalidade da minha vida. Bendito seja o teu nome quando me ferir, pois o Senhor é o Mestre e eu sou o servo infiel; eu curvarei minha fronte sem me lastimar, pois só o Senhor é grandioso, só o Senhor é objetivo.

Diante de um perigo iminente

34. PREFÁCIO. Através dos perigos que nós enfrentamos, Deus nos faz lembrarmos da nossa fraqueza e da fragilidade da nossa existência. Ele nos mostra que a nossa vida está nas mãos dele e que ela está por um fio, que pode se romper quando menos estivermos esperando por isso. Nesse sentido, não há privilégio para ninguém, pois tanto o grande quanto o pequeno estão sujeitos às mesmas alternativas.

Se examinarmos a natureza e as consequências do perigo, veremos que na maioria das vezes, se tivessem ocorrido, essas consequências teriam sido a punição de uma falta cometida ou de ***um dever negligenciado***.

35. PRECE. — Deus Todo-Poderoso, e você, meu anjo guardião, ajudem-me! Se eu devo sucumbir, que a vontade de Deus seja feita. Se eu for salvo, que o restante da minha vida repare o mal que eu possa ter feito e do qual me arrependo.

Ação de graças por ter escapado de um perigo

36. PREFÁCIO. Por meio do perigo que corremos, Deus nos mostra que de um momento para outro nós podemos ser chamados a prestar contas do que nós temos feito da vida; assim, ele nos convida a examinarmos a nós mesmos e nos corrigirmos.

37. PRECE. — Meu Deus e meu anjo guardião, eu lhes agradeço o socorro que me enviaram diante do perigo que me ameaçou. Que esse perigo seja para mim uma advertência e que me esclareça sobre as faltas que possam tê-lo atraído a mim. Eu compreendo, Senhor, que a minha vida está em tuas mãos e que o Senhor pode tirá-la de mim quando te aprouver. Inspire-me, através dos bons Espíritos que me assistem, o pensamento de empregar utilmente o tempo que ainda me concedeu neste mundo.

Meu anjo guardião, ampare-me na resolução que eu tomo de reparar os meus erros e de fazer todo o bem que esteja ao meu alcance, a fim de chegar menos carregado de imperfeições no mundo dos Espíritos, quando Deus quiser me chamar para lá.

Quando for dormir

38. PREFÁCIO. O sono é o repouso do corpo, mas o Espírito não precisa repousar. Enquanto os sentidos físicos estão entorpecidos, a alma se desprende parcialmente da matéria e goza de suas faculdades espirituais. O sono foi dado ao homem para a reparação das forças orgânicas e das forças morais. Enquanto o corpo recupera as forças que gastou pela atividade da vigília, o Espírito vai se retemperar entre os outros Espíritos; naquilo que ele vê, no que ouve e nos conselhos que lhe deram, ele colhe ideias que, ao despertar, lhe surgem em forma de intuição. É o retorno temporário do exilado à sua verdadeira pátria, é o prisioneiro momentaneamente de volta à liberdade.

Mas, como ocorre com o presidiário perverso, acontece que o Espírito nem sempre aproveita esse momento de liberdade para o seu adiantamento; se tiver maus instintos, em vez de procurar a companhia de bons Espíritos, ele procura a de seus similares e vai visitar os lugares onde possa dar livre curso às suas inclinações.

Que aquele que esteja compenetrado dessa verdade eleve o seu pensamento no momento em que sinta o sono se aproximar; que ele peça os conselhos dos bons Espíritos e de todos aqueles cuja memória lhe seja cara, a fim de que eles venham se

juntar a ele nos curtos instantes que lhe são concedidos, e ao acordar ele vai se sentir mais forte contra o mal, mais corajoso diante da adversidade.

39. PRECE. — Minha alma vai se encontrar por um instante com os outros Espíritos. Que aqueles que sejam bons venham me ajudar com seus conselhos. Meu anjo guardião, faça com que no meu despertar eu conserve desse encontro uma impressão durável e aproveitável.

Prevendo a morte próxima

40. PREFÁCIO. Durante a vida, a fé no futuro e a elevação do pensamento em direção aos destinos vindouros ajudam no rápido desligamento do Espírito ao enfraquecer os laços que o retêm ao corpo; muitas vezes, a vida corporal ainda nem se extinguiu e a alma, impaciente, já levantou voo rumo à imensidade. De maneira contrária, no homem que concentra todos os seus pensamentos nas coisas materiais, esses laços são mais tenazes, ***a separação é difícil e dolorosa***, e o despertar no além-túmulo é cheio de perturbação e ansiedade.

41. PRECE. — Meu Deus, eu creio em ti e na tua bondade infinita; eis por que não posso crer que o Senhor tenha dado ao homem a inteligência para te conhecer e nem a aspiração pelo futuro para mergulhá-la no nada.

Acredito que o meu corpo é apenas o envoltório perecível da minha alma e que, quando eu tiver deixado de viver, acordarei no mundo dos Espíritos.

Deus Todo-Poderoso, eu sinto se romperem os laços que unem minha alma ao meu corpo, e logo vou ter que prestar contas da utilização da vida que vou deixar.

Vou sofrer as consequências do bem e do mal que fiz; lá, não há mais ilusões nem subterfúgios possíveis: todo o meu passado vai se desenrolar diante de mim e eu serei julgado segundo as minhas obras.

Nada levarei dos bens terrenos; honras, riquezas, satisfações da vaidade e do orgulho, enfim tudo que diz respeito ao corpo vai ficar neste mundo; nem a mínima parcela me acompanhará, e nada disso tudo será de utilidade alguma para mim no mundo dos Espíritos. Levarei comigo somente o que diz respeito à alma, isto é, as boas e as más qualidades, que serão pesadas na

balança de uma rigorosa justiça, e eu serei julgado com tanto maior severidade quanto mais a minha posição na Terra me tenha oferecido oportunidade de fazer o bem que eu não fiz. (Cap. XVI, item 9.)

Deus de misericórdia, que o meu arrependimento chegue a ti! Digna-te de estender a mim a tua indulgência.

Se te agradar prolongar a minha existência, que o restante dela seja empregado, tanto que eu puder, para reparar o mal que eu tenha feito. Se a minha hora tiver chegado, sem volta, eu levo o pensamento consolador de que me será permitido redimir-me por meio de novas provas, a fim de merecer um dia a felicidade dos eleitos.

Se não me for permitido gozar imediatamente dessa felicidade pura compartilhada só pelos justos por excelência, eu sei que a minha esperança não está perdida para sempre e que, com trabalho, alcançarei a meta, mais cedo ou mais tarde, conforme os meus esforços.

Eu sei que os bons Espíritos e o meu anjo guardião estão lá, a meu favor, para me receberem; em pouco tempo eu os verei, como eles me veem. Sei que reencontrarei aqueles a quem amei na Terra, ***se eu tiver merecido***, e que aqueles que eu deixar aqui virão se juntar a mim, e que um dia estaremos todos reunidos para sempre e que, enquanto isso, eu poderei vir visitá-los.

Sei também que vou reencontrar aqueles a quem ofendi; então, que eles possam me perdoar por aquilo de que eles se queixam contra mim: meu orgulho, minha dureza e minhas injustiças, para que eu não passe vergonha com a presença deles!

Eu perdoo aqueles que me tem feito ou quiseram me fazer o mal na Terra; não alimento nenhuma mágoa contra eles e peço a Deus que os perdoe.

Senhor, dê-me a força para deixar sem pesar os prazeres grosseiros deste mundo, que não significam nada perto das alegrias puras do mundo onde vou entrar. Lá, para o justo, não há mais tormentos, nem sofrimentos, nem misérias; só o culpado sofre, embora lhe reste a esperança.

Bons Espíritos, e a ti, meu anjo guardião, não me deixem falhar neste momento supremo; façam com que brilhe aos meus olhos a luz divina para reanimar a minha fé, se ela vier a se abalar.

Observação — Veja adiante o item V: *Preces pelos doentes e obsidiados*.

III – PRECES PELOS OUTROS

Por alguém que esteja em aflição

42. PREFÁCIO. Se for do interesse do aflito que a sua prova siga seu curso, ela não será abreviada a nosso pedido; mas seria um ato de impiedade se nos desencorajássemos porque o pedido não foi atendido; além disso, pelo fato da prova não ser cessada, podemos esperar obter alguma outra consolação que lhe suavize o amargor. O que realmente é útil para aquele que está sofrendo é a coragem e a resignação, sem as quais aquilo que ele sofre fica sem proveito, porque ele será obrigado a recomeçar a prova. Então, é para esse fim que se deve sobretudo dirigir seus esforços — seja chamando os bons Espíritos em seu auxílio, seja ele próprio levantando o moral dos aflitos através de conselhos e encorajamentos, ou enfim, seja amparando-o materialmente, se for possível. Neste caso, a prece pode ter também um efeito direto, dirigindo sobre a pessoa uma corrente fluídica com vistas a fortalecer o seu moral. (Cap. V, itens 5 e 27; cap. XXVII, itens 6 e 10.)

43. PRECE. — Meu Deus, cuja bondade é infinita, digna-te de suavizar o amargor da situação em que se encontra... [nome do favorecido], se assim for a tua vontade.

Bons Espíritos, em nome de Deus Todo-Poderoso, eu suplico a vocês que o assistam nas suas aflições. Se, no seu interesse, elas não puderem lhe ser poupadas, façam-lhe compreender que essas provações são necessárias ao seu progresso. Deem-lhe a confiança em Deus e no futuro, o que as tornam menos amargas. Deem-lhe também a força para não cair no desespero que lhe faria perder o fruto e tornaria a sua situação futura ainda mais penosa. Conduza o meu pensamento até ele, e que este pensamento o ajude a sustentar sua coragem.

Ação de graças por um benefício concedido a outro alguém

44. PREFÁCIO. Aquele que não é dominado pelo egoísmo se alegra com o bem que acontece ao seu próximo, mesmo quando não o tiver solicitado pela prece.

45. PRECE. — Meu Deus, bendito seja pela felicidade que ocorreu com... [nome do favorecido]

Bons Espíritos, façam com que ele veja nisso um efeito da bondade de Deus. Se o bem que lhe aconteceu for uma prova, inspirem nessa pessoa a ideia de fazer um bom uso desse benefício e de não se envaidecer disso, para que esse bem não se transforme para ele em prejuízo no futuro.

A ti, meu bom gênio que me protege e que deseja a minha felicidade, afasta do meu pensamento todo sentimento de inveja ou de ciúme.

Pelos nossos inimigos e pelos que nos querem mal

46. PREFÁCIO. Jesus disse: ***Amem até os seus inimigos***. Este preceito é o ponto sublime da caridade cristã; mas, com isso, Jesus não pretende que devamos ter para com os nossos inimigos o carinho que nós temos para com os amigos; por essas palavras ele nos diz para esquecermos as suas ofensas, para lhes perdoarmos o mal que eles nos fazem, para lhes pagarmos o mal com o bem. Além do mérito que disso resulta aos olhos de Deus, isso é mostrar aos olhos dos homens a verdadeira superioridade. (Cap. XII, itens 3 e 4.)

47. PRECE. — Meu Deus, eu concedo o perdão a... [nome do favorecido] pelo mal que ele me fez e pelo que ele me quis fazer, assim como desejo que o Senhor me perdoe e ele também me perdoe os erros que eu possa ter cometido. Se o Senhor o colocou no meu caminho como uma provação para mim, que a sua vontade seja feita.

Desvia de mim, ó meu Deus, a ideia de o maldizer e de qualquer desejo malévolo contra ele. Faça com que eu jamais experimente uma satisfação com as desgraças que possam lhe ocorrer, nem qualquer tristeza com as bênçãos que lhe possam ser concedidas, a fim de não contaminar minha alma com pensamentos indignos de um cristão.

Que a tua bondade, Senhor, possa se estender a ele, levando-o a melhores sentimentos para comigo!

Bons Espíritos, inspirem-me o esquecimento do mal e a lembrança do bem. Que nem o ódio, nem o rancor, nem o desejo de lhe retribuir o mal com outro mal jamais entrem no meu coração, porque o ódio e a vingança só pertencem aos maus Espíritos — encarnados ou desencarnados! Que, ao contrário, eu esteja pronto para lhe estender uma mão fraterna, a lhe pagar o

mal com o bem e a auxiliá-lo, se estiver ao meu alcance!

Eu desejo, para provar a sinceridade das minhas palavras, que me seja ofertada uma ocasião de lhe ser útil; mas sobretudo, ó meu Deus, preserve-me de fazê-lo por orgulho ou por ostentação, constrangendo-o com uma generosidade humilhante — o que me faria perder o fruto da minha ação, pois então eu mereceria que estas palavras do Cristo fossem aplicadas a mim: ***Você já recebeu a tua recompensa***. (Cap. XIII, itens 1 e seguintes.)

Ação de graças pelo bem concedido aos nossos inimigos

48. Prefácio. Não desejar mal aos inimigos é ser caridoso apenas pela metade; a verdadeira caridade quer que lhes desejemos o bem e que nos sintamos felizes pelo bem que lhes ocorra. (Cap. XII, itens 7 e 8.)

49. Prece. — Meu Deus, na tua justiça, o Senhor achou por bem encher de alegria o coração de... [nome do favorecido]. Agradeço-te por ele, apesar do mal que ele me fez ou tem procurado me fazer. Se ele se aproveitasse desse bem para me humilhar, eu receberia isso como uma prova para a minha caridade.

Bons Espíritos que me protegem, não permitam que conceba isso com qualquer pesar; afastem de mim a inveja e o ciúme que rebaixam, mas ao contrário, inspirem-me a generosidade que eleva. A humilhação está no mal, e não no bem, e nós sabemos que cedo ou tarde a justiça será feita a cada um segundo as suas obras.

Pelos inimigos do Espiritismo

50. Bem-aventurados os que têm fome de justiça, porque eles serão saciados. Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus.

Felizes serão vocês quando os homens os carregarem de maldições e os perseguirem, dizendo falsamente toda espécie de mal contra vocês por minha causa. Alegrem-se então, porque uma grande recompensa está reservada para vocês nos céus, pois assim eles perseguiram os profetas que vieram antes de vocês. (São Mateus, 5: 6, 10 a 12)

Não temam aqueles que matam o corpo, mas que não podem matar a

> alma; antes, porém, temam aquele que pode perder a alma e o corpo no inferno. (São Mateus, 10: 28)

51. PREFÁCIO. De todas as liberdades, a mais inviolável é a de pensar, que compreende também a liberdade de consciência. Lançar anátema sobre quem não pensa como nós é requerer essa liberdade para si e negá-la aos outros, é violar o primeiro mandamento de Jesus: a caridade e o amor ao próximo. Perseguir os outros por causa da crença deles é atentar contra o direito mais sagrado que todo homem tem de crer no que lhe convém e de adorar a Deus como bem entenda. Constrangê-los a atos exteriores semelhantes aos nossos é mostrar que damos mais valor à forma do que ao fundamento, que damos mais valor às aparências do que à convicção. A abjuração forçada jamais produziu fé: ela não pode fazer mais do que hipócritas, pois é um abuso da força material que não prova a verdade. ***A verdade é senhora de si mesma: convence, e não persegue, porque ela não precisa disso.***

O Espiritismo é uma opinião, uma crença; mesmo que fosse uma religião, por que não se teria a liberdade de declarar-se espírita, como se tem a liberdade de se dizer católico, judeu ou protestante, partidário dessa ou daquela doutrina filosófica, de tal ou qual sistema econômico? Essa crença é falsa ou verdadeira: se for falsa, ela cairá por si mesma, já que o erro não pode prevalecer contra a verdade quando a luz se faz nas consciências; mas se for verdadeira, a perseguição não a tornará falsa.

A perseguição é o batismo de toda ideia nova, grande e justa; ela cresce com a grandeza e a importância da ideia. O ardor e a raiva dos inimigos dessa ideia estão na proporção do temor que essa crença lhes inspira. É por essa razão que o Cristianismo foi perseguido outrora e que o Espiritismo também é hoje, com a diferença, porém, de que o Cristianismo foi perseguido pelos pagãos, enquanto o Espiritismo é perseguido pelos cristãos. O tempo das perseguições sangrentas já passou, é verdade, mas se não matam mais o corpo, torturam a alma, atacam-na até nos seus sentimentos mais íntimos, nas suas afeições mais caras; essa perseguição divide famílias, excita a mãe contra a filha, a mulher contra o marido; ataca até mesmo o corpo nas suas necessidades materiais, tirando-lhe o seu ganha-pão para vencê-lo pela fome. (Cap. XXIII, itens 9 e seguintes.)

Espíritas, não se aflijam com os golpes que desferidos contra vocês, pois eles provam que vocês estão com a verdade; se não fosse assim, eles deixariam vocês tranquilos e não os atacariam. Isso é uma prova para a fé de vocês, porque é pela

sua coragem, pela sua resignação e pela sua perseverança que Deus os reconhecerá entre os seus servos fiéis, dos quais hoje ele conta para dar a cada um a parte que lhe toca, segundo suas obras.

A exemplo dos primeiros cristãos, tenham a satisfação de carregar a sua cruz. Creiam na palavra do Cristo, que disse: “Bem-aventurados aqueles que sofrem perseguição por causa da justiça, porque o reino dos céus pertence a deles. Não temam os que matam o corpo, mas não podem matar a alma”. Ele também disse: “Amem os seus inimigos, façam o bem aos que fazem o mal a vocês e orem pelos que os perseguem”. Mostrem que vocês são seus verdadeiros discípulos e que a doutrina de vocês é boa, fazendo aquilo que o Cristo disse e o que ele mesmo fez.

A perseguição será só por um tempo; então, esperem com paciência o despertar da aurora, porque a estrela da manhã já se levanta no horizonte. (Cap. XXIV, itens 13 e seguintes.)

52. PRECE. — Senhor, que mandou nos dizer pela boca de Jesus, o teu Messias: “Bem-aventurados aqueles que sofrem perseguição por causa da justiça; perdoem seus inimigos; orem pelos que perseguem vocês.” E ele mesmo nos mostrou o caminho, orando pelos seus carrascos.

Pelo exemplo dele, meu Deus, nós pedimos a tua misericórdia para os que desprezam os teus divinos preceitos, os únicos que podem assegurar a paz neste mundo e no outro. Assim como o Cristo, nós te dizemos: “Perdoem-lhes, meu Pai, porque eles não sabem o que fazem.”

Conceda-nos a força para suportar com paciência e resignação — como provações para nossa fé e nossa humildade — as zombarias, as injúrias, as calúnias e as perseguições dos nossos inimigos; afaste-nos de toda ideia de represália, pois a hora da tua justiça soará para todos, e nós esperamos por isso, submetendo-nos à tua santa vontade.

Por uma criança que acaba de nascer

53. PREFÁCIO. Os Espíritos não chegam à perfeição senão depois de terem passado pelas provas da vida corpórea; aqueles que estão na erraticidade aguardam que Deus lhes permita retomar uma existência que deva lhes fornecer um meio de progresso — seja pela expiação de suas faltas passadas através das vicissitudes às quais estão sujeitos, seja desempenhando uma missão útil à humanidade. O seu avanço e a sua

felicidade futura serão proporcionais à maneira pela qual eles tenham empregado o tempo que deviam passar na Terra. A tarefa de guiar os seus primeiros passos e de os dirigir para o bem foi confiado a seus pais, que responderão diante de Deus pela maneira como tiverem cumprido seu mandato. Foi para facilitar a execução dessa tarefa que Deus fez do amor paterno e do amor filial uma lei da natureza — lei que jamais é transgredida impunemente.

54. PRECE. (Dos pais) Espírito que está encarnado no corpo do nosso filho, seja bem-vindo entre nós. Bendito seja Deus Todo-Poderoso, que o enviou para nós.

Este filho é um depósito que nos foi confiado e do qual deveremos prestar contas um dia. Se ele pertence à nova geração de bons Espíritos que devem povoar a Terra, obrigado, ó meu Deus, por essa graça! Se é uma alma imperfeita, nosso dever é o de ajudá-lo a progredir no caminho do bem através dos nossos conselhos e dos bons exemplos; se ele cair no mal por nossa culpa, responderemos por isso diante de ti, já que não teremos realizado nossa missão para com ele.

Senhor, ajude-nos em nossa tarefa e nos dê a força e a vontade de cumpri-la. Se esta criança deve ser uma causa de provações para nós, que a tua vontade seja feita!

Bons Espíritos que vieram presidir ao seu nascimento e que devem acompanhá-lo durante a vida, não o abandonem. Afastem dele os maus Espíritos que tentem induzi-lo ao mal; deem-lhe a força para resistir às sugestões dos maus Espíritos, e a coragem para sofrer com paciência e resignação as provas que o esperam na Terra. (Cap. XIV, item 9.)

55. (Outra) — Meu Deus, o Senhor me confiou a sorte de um dos teus Espíritos; faça, Senhor, com que eu seja digno da tarefa que me foi imposta; conceda-me a tua proteção; ilumina a minha inteligência a fim de que eu possa discernir desde cedo as tendências daquele que eu devo preparar para entrar na tua paz.

56. *(Outra)* — Deus boníssimo, já que permitiu ao Espírito desta criança vir novamente passar pelas provas terrenas destinadas a fazê-lo progredir,

conceda-lhe a luz para que ele aprenda a te conhecer, amar e adorar. Faça, pela tua onipotência, com que essa alma se regenere na fonte das tuas divinas instruções; que, sob a égide do seu anjo guardião, a inteligência dele cresça, desenvolva-se e o faça desejar se aproximar cada vez mais de ti; que a ciência do Espiritismo seja a luz brilhante que o esclareça através das dificuldades da vida; que, enfim, ele saiba apreciar toda a extensão do teu amor, que nos testa para nos purificar.

Senhor, lança um olhar paternal sobre a família à qual foi confiada essa alma; que ela possa compreender a importância da sua missão e faça germinar nessa criança as boas sementes, até o dia em que ela possa, por suas próprias aspirações, elevar-se sozinha para ti.

Digna-te, ó meu Deus, de atender esta humilde prece, em nome e pelos méritos d'Aquele que disse: "Deixem vir a mim as criancinhas, porque o reino dos céus é para aqueles que se assemelham a elas."

Por um agonizante

57. PREFÁCIO. A agonia é o prelúdio da separação da alma e do corpo; podemos dizer que nesse momento o homem não tem mais do que um pé neste mundo e que tem um pé no outro mundo. Algumas vezes essa passagem é penosa para aqueles que se apegaram à matéria e viveram mais para os bens deste mundo do que para os do outro, ou em quem a consciência está agitada pelas lamentações e remorsos. Por outro lado, para aqueles cujos pensamentos se elevaram rumo ao infinito e se desprenderam da matéria, então os laços são menos difíceis de romper e os seus derradeiros momentos não têm nada de dolorosos; assim, a alma só fica ligada ao corpo por um fio, enquanto no outro caso ela se prende ao corpo por raízes profundas. Em todos os casos, a prece exerce uma ação poderosa sobre o trabalho de separação. (Veja adiante, *Preces pelos enfermos*, e em ***O Céu e o Inferno***, 2ª parte, cap. I: *A passagem*.)

58. PRECE. — Deus poderoso e misericordioso, eis aqui uma que está deixando o seu envoltório terreno para retornar ao mundo dos Espíritos, sua verdadeira pátria; que ela possa voltar em paz e que a tua misericórdia se estenda até ela.'

Bons Espíritos que a acompanharam na Terra, não a abandonem neste momento supremo; concedam-na a força para suportar os últimos sofrimentos que ela deve experimentar neste mundo, para o progresso futuro dela; inspirem-na para que ela consagre ao arrependimento de próprias faltas os últimos lampejos de inteligência que lhe restem, ou que poderiam momentaneamente lhe surgir.

Dirijam meu pensamento a fim de que a ação dele torne menos penoso o trabalho de separação desta alma, e que ela leve consigo, no momento de deixar a Terra, as consolações da esperança.

IV – PRECES POR AQUELES QUE NÃO ESTÃO MAIS DA TERRA

Por alguém que acaba de morrer

59. PREFÁCIO. As preces pelos Espíritos que acabam de deixar a Terra não têm por objetivo somente lhes dar um testemunho de simpatia, mas também tem por efeito ajudar no desprendimento deles e, desse modo, abreviar a perturbação que sempre se segue a separação, e para tornar o seu despertar mais calmo. Mais ainda aí, como em qualquer outra circunstância, a eficácia da prece está na sinceridade do pensamento, e não na abundância de palavras ditas com maior ou menor pompa, e nas quais, na maioria das vezes, o coração não tem participação nenhuma.

As preces que partem do coração ressoam em torno do Espírito, cujas ideias ainda estão confusas, como as vozes amigas que vem nos tirar do sono. (Cap. XXVII, item 10.)

60. PRECE. — Deus Todo-Poderoso, que a tua misericórdia se estenda sobre a alma de... [nome do favorecido], a quem o Senhor acaba de chamar. Que as provações que ele (ou ela) sofreu na Terra sejam levadas em conta e que as nossas preces suavizem e abreviem as penas que ainda lhe caiba suportar como Espírito!

Bons Espíritos que vieram recebê-lo, e sobretudo seu anjo guardião: ajudem-no a se despojar da matéria; deem-lhe a luz e a consciência de si mesmo a fim de o livrar da perturbação que acompanha a passagem da vida carnal para a vida espiritual. Inspirem nele o arrependimento das faltas que

ele possa ter cometido, assim como o desejo que lhe seja permitido de as reparar, para acelerar o seu progresso rumo à vida eterna bem-aventurada.

[Nome do favorecido], você acaba de entrar novamente no mundo dos Espíritos e, no entanto, continua aqui presente entre nós; você nos vê e nos escuta, pois não há nada a menos entre você e nós do que um corpo perecível, que você acaba de deixar e que em breve será reduzido a pó.

Você deixou o envoltório grosseiro, sujeito às vicissitudes e à morte, e já conserva mais do que o envoltório etéreo, imperecível e inacessível aos sofrimentos. Se não vive pelo corpo, então vive a vida dos Espíritos, e essa vida é isenta das misérias que afligem a humanidade.

Você não tem mais o véu que encobre aos nossos olhos os esplendores da vida futura; você pode então, de agora em diante, contemplar novas maravilhas, ao passo que nós ainda continuamos mergulhados nas trevas.

Você vai percorrer o espaço e visitar os mundos em completa liberdade, enquanto nós rastejamos penosamente na Terra, onde o nosso corpo material nos retém, sendo para nós semelhante a um fardo pesado.

O horizonte do infinito vai se desenrolar diante de ti, e na presença de tanta grandeza, você compreenderá a vaidade dos nossos desejos terrenos, das nossas ambições mundanas e dos prazeres fúteis de que os homens fazem seus deleites.

Para os homens, a morte não passa de uma separação material de alguns instantes. Do lugar de exílio onde a vontade de Deus ainda nos retém, assim como os deveres que temos a cumprir neste mundo, nós te seguiremos pelo pensamento até o momento em que nos for permitido nos juntar a ti, como agora você está se juntando àqueles que te precederam.

Se nós não podemos ir até você, você pode vir até nós. Venha, então, entre os que te amam e que você amou; ajude-os nas provas da vida; vele pelos que te são caros; proteja-os conforme puder e suavize os seus pesares, pelo pensamento de que você é mais feliz agora, e pela consoladora certeza de que eles um dia estarão reunidos contigo num mundo melhor.

No mundo onde você está, todos os ressentimentos terrestres devem se extinguir. Que agora você possa, para a sua felicidade futura, estar inacessível a esses ressentimentos! Por isso, perdoe aqueles que possam ter feito algo de

errado contra você, como eles te perdoam por você ter feito algo contra eles.

Observação – Pode-se acrescentar a esta prece, que se aplica a todos, algumas palavras especiais, de acordo com as circunstâncias particulares da família ou de seus relacionamentos, assim como a situação do defunto.

Caso se trate de uma criança, o Espiritismo nos ensina que este não é um Espírito criado recentemente, mas que ele já viveu e que já pode ser muito adiantado. Se sua última existência foi curta, é que ela se tratava do complemento de uma prova, ou devia ser uma provação para os pais. (Cap. V, item 21.)

61. (Outra) [50] — Senhor Todo-Poderoso, que a tua misericórdia se estenda sobre os nossos irmãos que acabam de deixar a Terra! Que a tua luz brilhe aos olhos deles! Tire-os das trevas; abra-lhes os olhos e os ouvidos! Que vocês, bons Espíritos, os cerquem e façam com que ele ouça palavras de paz e de esperança!

Senhor, por mais indigno que sejamos, nós ousamos implorar a tua misericordiosa indulgência em favor desse nosso irmão que acaba de ser chamados do exílio; faça com que o seu retorno seja como o do filho pródigo. Esquece, ó meu Deus, as faltas que ele possa ter cometido, para te lembrar somente do bem que tenha feito. A tua justiça é imutável, nós sabemos disso, mas o teu amor é imenso; nós te suplicamos que abranda a tua justiça nessa fonte de bondade que emana de ti.

Que a luz se faça para você, meu irmão, que acaba de deixar a Terra! Que os bons Espíritos do Senhor desçam até você, que te cerquem e te ajudem a quebrar os grilhões terrenos! Compreenda e reconheça a grandeza do nosso mestre; submeta-se sem queixas à sua justiça, mas não se desacredite nunca da sua misericórdia. Irmão, que um sério exame do teu passado te abra as portas do futuro, fazendo-te entender as faltas que você deixa para trás e o trabalho que te resta a fazer para repará-las. Que Deus te perdoe e que os bons Espíritos te amparem e te encorajem! Teus irmãos da Terra orarão por ti e te pedem orações por eles.

---

[50] Esta oração foi ditada a uma médium de Bordeaux no momento em que passava em frente às suas janelas o cortejo de um desconhecido.

Pelas pessoas a quem tivemos afeição

62. PREFÁCIO. Como é horrível a ideia do nada! Como são lastimáveis aqueles que acreditam que a voz do amigo que está chorando pelo seu amigo se perde no vácuo sem encontrar nenhum eco que lhe responda! Estes jamais conheceram as puras e santas afeições, aqueles que pensam que tudo morre com o corpo; que o gênio que iluminou o mundo com a sua vasta inteligência é um brinquedo de matéria que se extingue como um sopro, para sempre; que do ser mais querido, de um pai, de uma mãe ou de um filho adorado não restará senão um punhado de pó que o tempo dispersará sem volta.

Como um homem de coração pode se manter frio a essa ideia? Como a ideia de um aniquilamento absoluto não o gela de terror e não lhe faz ao menos desejar que não seja assim? Se até hoje a sua razão não foi suficiente para tirar suas dúvidas, eis que o Espiritismo vem dissipar toda incerteza quanto ao futuro por provas materiais que ele fornece da sobrevivência da alma e da existência dos seres do além-túmulo. Assim, por toda parte essas provas são acolhidas com alegria; a confiança renasce, pois o homem sabe desde então que a vida terrestre é só uma curta passagem que conduz a uma vida melhor; sabe que seus trabalhos neste mundo não ficam perdidos para ele e que as mais santas afeições não se quebram sem esperanças. (Cap. IV, item 18; cap. V, item 21.)

63. PRECE. Digna-te, ó meu Deus, de acolher favoravelmente a prece que eu te remeto pelo Espírito... [nome do favorecido]. Faça-o entrever as tuas divinas claridades e torna fácil para ele o caminho da felicidade eterna. Permita que os bons Espíritos lhe levem as minhas palavras e o meu pensamento.

Você, a quem eu queria tão bem neste mundo, ouça a minha voz que te chama para te dar uma nova prova da minha afeição. Deus permitiu que você fosse libertado por primeiro: eu não poderia lamentar isso sem egoísmo, pois seria desejar para você as penas e os sofrimentos da vida. Desse modo, espero com resignação o momento de nosso reencontro no mundo mais feliz onde você me precedeu.

Sei que a nossa separação não é mais do que temporária e que, por mais longa que me possa parecer, sua duração se perde em face da eternidade de contentamento que Deus promete aos seus eleitos. Que a sua bondade me preserve de fazer qualquer coisa que possa retardar esse instante desejado, e

que me poupe assim da dor de não te reencontrar ao sair do meu cativeiro terrestre.

Oh, como é doce e consoladora a certeza de que não há entre nós mais do que um véu material que te esconde das minhas vistas! A mesma certeza de que você pode estar aqui, ao meu lado, me vendo e me ouvindo como antes, e talvez até melhor do que antes; certeza de que você não me esquece, do mesmo modo que eu não te esqueço; certeza de que os nossos pensamentos não cessam de se conectar e que o teu pensamento sempre me acompanha e me ampara sempre.

Que a paz do Senhor esteja contigo.

Pelas almas sofredoras que pedem preces

64. PREFÁCIO. Para compreender o alívio que a prece pode proporcionar aos Espíritos sofredores, é preciso levar em consideração o seu modo de ação, conforme foi explicado anteriormente. (Cap. XXVII, itens 9, 18 e seguintes.) Aquele que está conscientizado dessa verdade ora com mais fervor pela certeza de que não está orando em vão.

65. PRECE. — Deus clemente e misericordioso, que a tua bondade se estenda a todos os Espíritos que solicitam as nossas preces, e particularmente à alma de... [nome do favorecido].

Bons Espíritos, cuja única ocupação é fazer o bem: intercedam comigo pelo alívio deles. Façam com que brilhe diante dos olhos deles um raio de esperança, e que a divina luz os clareie acerca das imperfeições que os afastam da morada dos bem-aventurados. Abram o coração deles ao arrependimento e ao desejo de se depurarem, para apressar o seu progresso. Façam-lhes compreender que, por seus esforços, eles podem abreviar o tempo de suas provas.

Que Deus, em sua bondade, dê a eles a força para perseverarem nas boas resoluções!

Que essas palavras benevolentes possam amenizar suas tristezas, mostrando-lhes que existem na Terra seres que sabem se compadecer deles e que desejam a sua felicidade.

66. (Outra) — Nós te pedimos, Senhor, que derrame as graças do teu amor e da tua misericórdia sobre todos que sofrem — seja no espaço como Espíritos errantes, seja entre nós como Espíritos encarnados. Tenha piedade das nossas fraquezas. O Senhor nos fez falíveis, mas nos deste a força para resistir ao mal e vencê-lo; que a tua misericórdia se estenda sobre todos aqueles que não puderam resistir aos maus pendores e que ainda estão seduzidos pelos maus caminhos. Que os bons Espíritos os envolvam; que a tua luz brilhe aos olhos deles e que, atraídos pelo calor vivificante, eles venham se prostar aos teus pés — estando eles humildes, arrependidos e submissos.

Nós te pedimos também, Pai de misericórdia, por aqueles nossos irmãos que não tiveram a força para suportar suas provas terrenas. O Senhor nos deu um fardo a carregar e não devemos depositá-lo senão a teus pés; mas a nossa fraqueza é grande e algumas vezes nos falta a coragem durante a jornada. Tenha piedade desses servos indolentes que abandonaram a obra antes da hora; que a tua justiça os poupe e permita aos bons Espíritos lhes trazerem o alívio, as consolações e a esperança no futuro. A perspectiva do perdão é fortificante para a alma; mostre-a, Senhor, aos culpados que se desesperam e, sustentados por essa esperança, eles haurirão forças na própria grandeza de suas faltas e de seus sofrimentos, para resgatarem o passado e se prepararem para conquistar o futuro.

Por um inimigo que morreu

67. PREFÁCIO. A caridade para com os nossos inimigos deve acompanhá-los além do túmulo. É preciso ponderar que o mal que eles nos causaram foi para nós uma prova, que pode ter sido útil para o nosso adiantamento, caso tenhamos sabido aproveitá-la. Ela pode nos ter sido também até mais proveitosa do que as aflições puramente materiais, naquilo que, à coragem e à resignação, ela nos permitiu juntar a caridade e o esquecimento das ofensas. (Cap. X, item 6; cap. XII, itens 5 e 6.)

68. PRECE. — Senhor, foi do teu agrado chamar antes de mim a alma de... [nome do favorecido]. Eu perdoo este irmão pelo mal que ele me fez e suas más intenções a meu respeito; que ele possa se arrepender disso, agora que ele não tem mais as ilusões deste mundo.

Que a tua misericórdia, meu Deus, se estenda até ele e afaste de mim o pensamento de me alegrar com a sua morte. Se cometi erros contra ele, que ele me perdoe por isso, como eu esqueço o que ele tenha feito contra mim.

Por um criminoso

69. PREFÁCIO. Se a eficácia das preces fosse proporcional à duração delas, as mais longas deveriam ficar reservadas para os mais culpados, porque eles têm mais necessidade delas do que aqueles que viveram santamente. Recusá-las aos criminosos é faltar com a caridade e ignorar a misericórdia de Deus; julgá-las inúteis só porque um homem tenha praticado esse ou aquele erro, é prejulgar a justiça do Altíssimo.

70. PRECE. Senhor, Deus de misericórdia, não repulse esse criminoso que acaba de deixar a Terra; a justiça dos homens pôde castigá-lo, mas ela não o livrou da tua justiça, caso o coração dele não tenha sido tocado pelo remorso.

Tira a venda que esconde nele a gravidade das suas faltas; que o seu arrependimento possa encontrar graça diante de ti e suavizar os sofrimentos de sua alma! Que as nossas preces e a intercessão dos bons Espíritos também possam levar até ele a esperança e a consolação, inspirar-lhe o desejo de reparar suas ações más numa nova existência e lhe dar a força para não sucumbir nas novas lutas que ele empreenderá!

Senhor, tenha piedade dele!

Por um suicida

71. PREFÁCIO. O homem jamais tem o direito de dar fim à sua própria vida, porque somente a Deus cabe retirá-lo do cativeiro terreno, quando ele o julgue oportuno. Todavia, a justiça divina pode abrandar seus rigores de acordo com as circunstâncias; mas ele reserva toda a sua severidade para com aquele que quis se subtrair das provas da vida. O suicida é como o prisioneiro que se evade da prisão antes de cumprir sua pena, e que, quando recapturado, é tratado mais severamente. Assim é com o suicida, que acha que pode escapar das misérias do presente e que mergulha em desgraças ainda maiores. (Cap. V, itens 14 e seguintes.)

72. PRECE. — Nós sabemos, ó meu Deus, a sorte reservada aos que violam as

tuas leis, abreviando voluntariamente seus dias, mas sabemos também que a tua misericórdia é infinita: digna-te de estendê-la sobre a alma de... [nome do favorecido]. Que as nossas preces e a tua comiseração possam atenuar a amargura dos sofrimentos que ele está experimentando por não ter tido a coragem de esperar o fim de suas provações!

Bons Espíritos, cuja missão é ajudar os infelizes: tomem-no sob a proteção de vocês; inspirem-lhe o pesar da falta cometida e que essa assistência dê a ele a força para suportar com mais resignação as novas provas que ele terá que experimentar para reparar tal falta. Afastem dele os maus Espíritos que possam novamente arrastá-lo para o mal e prolongar seus sofrimentos, fazendo-o perder o fruto de suas futuras provas.

A você, cuja infelicidade o fez causa das nossas preces: que a nossa compaixão possa amenizar a tua amargura e possa fazer que nasça em ti a esperança de um futuro melhor! Esse futuro está nas tuas mãos; confie na bondade de Deus, cujo seio está aberto a todos os arrependidos e só se mantém fechado aos corações endurecidos.

Pelos Espíritos arrependidos

73. PREFÁCIO. Seria injusto colocar na categoria dos maus Espíritos aqueles Espíritos sofredores e arrependidos que pedem preces; estes podem ter sido maus, mas já não tão maus desde quando eles reconhecem suas faltas e se arrependem delas: eles não passam de infelizes, e alguns deles até já começam a gozar de uma relativa felicidade.

74. PRECE. — Deus de misericórdia, que aceita o arrependimento sincero do pecador, encarnado ou desencarnado: aqui está um Espírito que sentia prazer no mal, mas que reconhece seus erros e está entrando no bom caminho; digna-te, ó meu Deus, de recebê-lo como um filho pródigo e perdoa-o.

Bons Espíritos, cuja voz ele ignorou: ele quer ouvi-los de agora em diante; permitam-lhe entrever a felicidade dos eleitos do Senhor, a fim de que ele persista no desejo de se purificar para alcançá-la; sustentem-no em suas boas resoluções e deem a ele a força para resistir aos seus maus instintos.

Espírito de... [nome do favorecido], nós te felicitamos pela tua mudança e agradecemos aos bons Espíritos que te ajudaram!

Se outrora você se comprazia em fazer o mal, é que não compreendia o quanto é doce o prazer de fazer o bem; você também se sentia pequeno demais para esperar alcançar isso. Mas desde o instante em que pôs o pé na boa rota, uma luz nova se fez para você; começou a saborear uma felicidade desconhecida e a esperança entrou no teu coração. É que Deus sempre escuta a prece do pecador arrependido; ele não rejeita nenhum dos que vêm até ele.

Para entrar de novo e completamente na graça diante dele, esforce-se doravante, não só para não mais fazer o mal, mas para fazer o bem, e sobretudo para reparar o mal que tenha feito, e então você terá cumprido a justiça de Deus; cada boa ação apagará uma das tuas faltas passadas.

O primeiro passo já foi dado; agora, quanto mais avançar no caminho mais fácil e agradável ele te parecerá. Portanto, tenha perseverança e um dia você terá a glória de estar entre os bons Espíritos e os Espíritos venturosos.

Pelos Espíritos endurecidos

75. PREFÁCIO. Os maus Espíritos são aqueles que ainda não foram tocados pelo arrependimento; aqueles que se comprazem no mal e não sentem nenhum pesar por isso; aqueles que são insensíveis às repreensões, que repelem a prece e que muitas vezes blasfemam o nome de Deus. São essas almas endurecidas que após a morte se vingam nos homens dos sofrimentos que experimentaram e que perseguem com seu ódio — seja pela obsessão, seja por uma influência funesta qualquer — aqueles de quem eles não gostavam durante a vida. (Cap. X, item 6; cap. XII, itens 5 e 6.)

Entre os Espíritos perversos há duas categorias bem distintas: a dos que são francamente maus e a dos hipócritas. Os primeiros são infinitamente mais fáceis de serem reconduzidos ao bem, em comparação com os da segunda categoria; na maioria das vezes eles são de naturezas brutas e grosseiras, como se vê entre os homens, que fazem maldades mais por instinto do que por intensão, e não procuram fingir que são melhores do que eles são; há entre eles um germe latente que é preciso fazer desabrochar, e que assim podemos fazer quase sempre através da perseverança, da firmeza aliada à benevolência, dos conselhos, do raciocínio e da prece. Na mediunidade, a dificuldade que eles têm para escrever o nome de Deus é o indício de um temor instintivo, de uma voz íntima da consciência que lhes diz que eles são indignos disso; aquele que estiver nesse ponto já está no limiar da conversão e podemos esperar tudo deles: basta encontrar o ponto vulnerável do coração.

Os Espíritos hipócritas quase sempre são muito inteligentes, mas não possuem no coração nenhuma fibra sensível; nada os toca e eles simulam todos os bons sentimentos para captar a confiança, sentindo-se felizes quando encontram tolos que os aceitam como santos Espíritos, a quem eles podem governar à vontade. O nome de Deus, longe de lhes inspirar o menor temor, serve a eles de máscara para cobrir suas torpezas. No mundo invisível, como no mundo visível, os hipócritas são os seres mais perigosos, porque eles agem na sombra, sem que ninguém desconfie deles. Eles só têm as aparências da fé, mas não a fé sincera.

76. PRECE. — Senhor, digna-te de lançar um olhar de bondade sobre os Espíritos imperfeitos que ainda se encontram na treva da ignorância e te ignoram, particularmente sobre o Espírito de... [nome do favorecido].

Bons Espíritos, ajudem-nos a fazê-lo compreender que, induzindo os homens ao mal, obsediando-os e os atormentando, ele prolonga os seus próprios sofrimentos; façam com que o exemplo da felicidade de que vocês desfrutam seja um encorajamento para ele.

Espírito que ainda se compraz no mal, venha ouvir a prece que nós fazemos por ti; ela deve te provar que desejamos o teu bem, embora você faça o mal.

Você é infeliz, pois é impossível ser feliz fazendo o mal; por que então continuar no sofrimento, quando depende de você sair dele? Olha os Espíritos bons que te rodeiam; veja o quanto eles são felizes e se não seria mais agradável para ti saborear dessa mesma felicidade.

Você dirá que isso é impossível para ti, mas nada é impossível àquele que quer, pois Deus te concedeu, como concedeu a todas as suas criaturas, a liberdade de escolher entre o bem e o mal, ou seja, entre a felicidade e a infelicidade, e ninguém está condenado a praticar o mal. Se você tem vontade de fazer o mal, você pode ter a vontade de fazer o bem e de ser feliz.

Volte o teu olhar para Deus; eleve o teu pensamento a ele por um instante, e um raio da sua divina luz virá te esclarecer. Diga conosco estas simples palavras: ***Meu Deus, eu estou arrependido, perdoe-me***. Tente se arrepender e fazer o bem, em vez de fazer o mal, e você verá que rapidamente a sua misericórdia se estenderá sobre ti, e que um bem-estar desconhecido virá substituir as angústias que você experimenta.

Uma vez que você tenha dado um passo no bom caminho, o resto da estrada te parecerá fácil. Então compreenderá quanto tempo você perdeu da tua felicidade por tua própria culpa; mas um futuro radioso e pleno de esperança se abrirá diante de ti e te fará esquecer o teu miserável passado, repleto de perturbação e de torturas morais, que seriam para ti o inferno, se elas tivessem de durar eternamente. Virá o dia em que essas torturas serão de tal modo que você desejará encerrá-las a qualquer preço; porém, quanto mais você demorar, mais isso será difícil.

Não ache que você ficará sempre no estado em que se encontra; não, pois isso é impossível. Você tem duas perspectivas diante de si: uma, a de sofrer muito mais do que tem sofrido até agora; outra, a de ser feliz como os bons Espíritos que estão em torno de ti. A primeira é inevitável se você persistir na tua teimosia; um simples esforço da tua vontade basta para te tirar da má situação em que está. Apresse-se, então, pois cada dia de demora é um dia perdido para a tua felicidade.

Bons Espíritos, façam com que estas palavras encontrem acesso nessa alma ainda atrasada, a fim de que a ajudem a se aproximar de Deus. Nós lhes pedimos isso em nome de Jesus Cristo, que tinha tão grande poder sobre os maus Espíritos.

V – PRECES PELOS ENFERMOS E PELOS OBSIDIADOS

Pelos enfermos

77. PREFÁCIO. As doenças fazem parte das provas e das dificuldades da vida terrena; elas são inerentes à grosseria da nossa natureza material e à inferioridade do mundo onde nós habitamos. As paixões e os excessos de todos os gêneros semeiam em nós germes malsãos, às vezes hereditários. Nos mundos mais adiantados, física ou moralmente, o organismo humano, sendo mais depurado e menos material, não está sujeito às mesmas enfermidades e o corpo não é minado surdamente pela devastação das paixões. (Cap. III, item 9.) Portanto, precisamos nos resignar a sofrer as consequências do meio em que a nossa inferioridade nos coloca, até que tenhamos merecido mudar para um mundo melhor. No entanto, enquanto esperamos essa mudança, isso não deve nos impedir de fazer o que dependa de nós para melhorar nossa situação atual. Mas, apesar dos nossos esforços, se não pudermos fazer isso, o

Espiritismo nos ensina a suportar com resignação os nossos males passageiros.

Se Deus não quisesse que os sofrimentos carnais fossem dissipados ou suavizados em certos casos, ele não teria disponibilizado meios curativos à nossa disposição. Sua previdente solicitude a esse respeito, de acordo com o do instinto de conservação, indica que é nosso dever buscar esses recursos e os aplicar.

Ao lado da medicação convencional, elaborada pela ciência, o magnetismo nos faz conhecer o poder da ação fluídica; depois, o Espiritismo veio nos revelar outra força na ***mediunidade curadora*** e a influência da prece. (Veja, a seguir, a observação sobre a mediunidade curadora.)

78. PRECE. (Do enfermo.) — Meu Deus, que é todo justiça: a doença que o Senhor achou por bem me enviar, eu devo tê-la merecido, pois uma aflição nunca é sem causa. Para minha cura, entrego-me à tua infinita misericórdia; se te agradar me restituir a saúde, bendito seja o teu santo nome; se, ao contrário, ainda devo sofrer, que seja bendito do mesmo jeito. Submeto-me sem murmurar aos teus divinos decretos, porque tudo que o Senhor faz só tem por objetivo o bem das criaturas.

Faça, ó meu Deus, com que esta enfermidade seja para mim um aviso salutar e me leve a refletir sobre mim mesmo. Aceito-a como uma expiação do passado e como uma prova para a minha fé e a minha submissão à tua santa vontade. (Veja a prece do item 40.)

79. PRECE. (Pelo enfermo) — Meu Deus, teus desígnios são impenetráveis e, em tua sabedoria, achou que devia afligir... [nome do favorecido] pela enfermidade. Eu te suplico que lance um olhar de compaixão sobre os sofrimentos dele e digna-te de lhes pôr um término.

Bons Espíritos, ministros do Todo-Poderoso: eu lhes peço que reforcem o meu desejo de aliviá-lo; dirijam meu pensamento a fim de que ele vá derramar um bálsamo salutar no corpo dele e a consolação na sua alma.

Inspirem-lhe a paciência e a submissão à vontade de Deus; deem-lhe a força para suportar suas dores com uma resignação cristã, para que ele não perca o fruto desta provação. (Veja a prece do item 57.)

80. PRECE. (Do médium curador) — Meu Deus, se bem quiser se servir de mim,

por mais indigno que eu seja, eu poderei curar esta enfermidade, se tal for a tua vontade, porque eu tenho fé em ti. Mas sem ti, eu nada posso. Permita aos bons Espíritos me impregnarem com o seu fluido salutar, a fim de que eu o transmita a esse enfermo, e desvie de mim todo pensamento de orgulho e de egoísmo que pudesse alterar a pureza desse fluido.

Pelos obsidiados

81. PREFÁCIO. A obsessão é a ação persistente que um Espírito mau exerce sobre um indivíduo. Ela apresenta características muito diferentes, desde a simples influência moral, sem sinais exteriores perceptíveis, até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais. Ela anula todas as faculdades mediúnicas; na mediunidade para a escrita ela se traduz pela obstinação de um Espírito em se manifestar com exclusão de todos os outros Espíritos.

Os maus Espíritos pululam em torno da Terra, em virtude da inferioridade moral dos seus habitantes. Sua ação malfazeja faz parte dos flagelos contra os quais a humanidade está em luta neste mundo. A obsessão — assim como as enfermidades e todas as tribulações da vida — deve ser considerada como prova ou expiação e aceita como tal.

Do mesmo modo que as doenças resultam das imperfeições físicas que tornam o corpo acessível às influências perniciosas exteriores, a obsessão é sempre o resultado de uma imperfeição moral que dá acesso a um Espírito mau. A uma causa física se opõe uma força física; a uma causa moral é preciso opor uma força moral. Para preservar das enfermidades, fortifica-se o corpo; para se livrar da obsessão, é preciso fortificar a alma. Daí a necessidade de trabalhar a própria melhoria, o que na maioria das vezes é o suficiente para se desembaraçar do obsessor, sem o auxílio de outras pessoas. Esse auxílio se torna necessário quando a obsessão degenera em subjugação e em possessão, porque então o paciente muitas vezes perde a sua vontade e o seu livre-arbítrio.

A obsessão é quase sempre o fato de uma vingança exercida por um Espírito e que com mais frequência tem sua causa nas relações que o obsidiado manteve com ele numa anterior existência. (Veja o cap. X, item 6; cap. XII, itens 5 e 6.)

Nos casos de obsessão grave, o obsidiado fica como que envolvido e impregnado por um fluido pernicioso que neutraliza a ação dos fluidos salutares e os repulsa. É desse fluido que é preciso desembaraçá-lo; ora, um fluido nocivo não pode ser eliminado por outro fluido nocivo. Por uma ação idêntica à do médium curador nos

casos de enfermidade, é preciso expulsar o fluido nocivo com a ajuda de um fluido melhor, de certo modo, que produz o efeito de um reagente. Essa é a ação mecânica, mas que não basta; é preciso também, e acima de tudo, ***agir sobre o ser inteligente*** com o qual é preciso falar com autoridade, e essa autoridade só é dada pela superioridade moral; quanto maior for esta superioridade, maior será a autoridade.

Mas isso não é tudo; para garantir a libertação, é preciso levar o Espírito perverso a renunciar aos seus maus desígnios; é preciso fazer nascer nele o arrependimento e o desejo do bem, com a ajuda de instruções habilmente dirigidas, em evocações particulares realizadas visando a sua educação moral; então podemos ter a dupla satisfação de libertar um encarnado e de converter um Espírito imperfeito.

A tarefa se torna mais fácil quando o obsidiado, compreendendo a sua situação, contribui com a sua vontade e sua oração; já não é o mesmo quando, seduzido pelo Espírito enganador, ele se ilude sobre as qualidades daquele que o domina e se compraz no erro em que este último o mergulha; poia então, longe de cooperar, ele repulsa toda assistência. É o caso da fascinação, sempre infinitamente mais rebelde do que a subjugação mais violenta. (***O Livro dos Médiuns***, 2ª parte, cap. XXIII.)

Em todos os casos de obsessão, a prece é o mais poderoso auxiliar para agir contra o Espírito obsessor.

82. PRECE. (Do obsidiado) — Meu Deus, permita aos bons Espíritos me livrarem do Espírito malfazejo que está grudado em mim. Se for uma vingança que ele está exercendo pelos erros que outrora eu tenha feito contra ele, o Senhor assim o permite para a minha punição, meu Deus, e eu sofro a consequência da minha culpa. Que o meu arrependimento possa fazer com que eu mereça o teu perdão e a minha libertação! Mas, seja qual for o motivo, eu peço em favor dele a tua misericórdia. Digna-te de facilitar a rota do progresso que o desviará do pensamento de praticar o mal. Que eu, de minha parte, ao lhe retribuir o mal com o bem, possa induzi-lo a melhores sentimentos.

Mas eu sei também, ó meu Deus, que são as minhas imperfeições que me tornam acessível às influências dos Espíritos imperfeitos. Conceda-me a luz necessária para reconhecer essas imperfeiçoes; combata em mim sobretudo o orgulho que me cega a respeito dos meus defeitos.

Qual não deve ser a minha indignidade, já que um ser malfazejo pode me dominar!

Faça, ó meu Deus, com que esse golpe desferido na minha vaidade me sirva de lição para o futuro; que ele me fortifique a resolução que eu tomo de me depurar para a prática do bem, da caridade e da humildade, a fim de opor daqui por diante uma barreira às más influências.

Senhor, dê-me a força para suportar essa prova com paciência e resignação; eu compreendo que, como todas as outras provas, ela deve ajudar o meu avanço, se eu não perder os seus frutos com as minhas lamúrias, já que ela me proporciona uma ocasião de mostrar a minha submissão e de exercitar a minha caridade em favor de um irmão infeliz ao lhe perdoar o mal que ele me fez. (Cap. XII, itens 5 e 6; cap. XXVIII, itens 15 e seguintes, 46 e 47.)

83. PRECE (Pelo obsidiado) — Deus Todo-Poderoso, digna-te de me dar o poder de libertar... [nome do favorecido] do Espírito que o obsidia; se estiver nos teus desígnios pôr um fim a essa prova, conceda-me a graça de falar a esse Espírito com autoridade.

Bons Espíritos que me assistem, e você, anjo guardião de... [nome do favorecido], empreste-me a tua cooperação; ajude-me a livrá-lo do fluido impuro em que ele se acha envolvido.

Em nome de Deus Todo-Poderoso, eu rogo ao Espírito malfazejo que está atormentando-o que se retire.

84. PRECE (Pelo Espírito obsessor). — Deus infinitamente bom, eu imploro a tua misericórdia para o Espírito que obsidia... [nome do obsidiado]. Faça-o perceber as divinas claridades, a fim de que ele veja o falso caminho por onde entrou. Bons Espíritos, ajudem-me a fazê-lo compreender que ele tem tudo a perder ao praticar o mal, e tudo a ganhar ao fazer o bem.

Espírito que se compraz em atormentar... [nome do obsidiado], ouça-me, pois eu te falo em nome de Deus.

Se quiser refletir, compreenderá que o mal nunca prevalece sobre o bem e que você não pode ser mais forte do que Deus e os bons Espíritos.

Eles poderiam ter preservado... [nome do obsidiado] de todos os teus ataques; se não o fizeram, foi porque ele (ou ela) tinha que passar por uma prova. Mas quando essa prova terminar, eles vão impedir qualquer ação tua

sobre ele; o mal que você o tenha feito, em vez de prejudicá-lo, servirá para o adiantamento dele, e então ele será ainda mais feliz. Assim, a tua maldade terá sido um grande desperdício e se voltará contra você.

Deus, que é Todo-Poderoso, e os Espíritos superiores, seus delegados, que são mais poderosos do que você, poderão finalmente pôr um fim a essa obsessão quando eles bem quiserem, e a tua resistência se quebrará diante da suprema autoridade. Porém, até pelo fato de Deus ser bom, ele quer te dar o mérito de cessar essa obsessão pela tua própria vontade. É uma concessão que te é concedida; se você não a aproveitar, então sofrerá as deploráveis consequências disso: grandes castigos e cruéis sofrimentos te esperam, e você será forçado a implorar piedade e as preces da tua vítima, que já te perdoa e ora por ti, o que é um grande mérito aos olhos de Deus e apressará a libertação dela.

Portanto, reflita enquanto ainda é tempo, pois a justiça de Deus pesará sobre você, como sobre todos os Espíritos rebeldes. Imagine que o mal que está praticando neste momento terá forçosamente um término, ao passo que, se você persistir no teu endurecimento, os teus sofrimentos aumentarão incessantemente.

Quando você estava na Terra, não achava uma estupidez sacrificar um grande bem por uma pequena satisfação de momento? O mesmo acontece agora que você é um Espírito. O que você ganha com o que está fazendo? O triste prazer de atormentar alguém, o que não impede de você ser infeliz — diga o que disser — e que te deixará mais infeliz ainda.

Ao lado disso, veja o que está perdendo; observe os bons Espíritos que te rodeiam e pense: a sorte deles não é melhor do que a tua? A felicidade de que eles desfrutam também será compartilhada contigo, quando você quiser. O que é preciso fazer para isso? Implorar a Deus e fazer o bem, em vez de fazer o mal. Eu sei que você não pode se transformar de repente, mas Deus não exige o impossível; o que ele quer é a boa vontade. Experimenta, então, e nós te ajudaremos. Faça com que em breve possamos dizer em teu favor a prece pelos Espíritos arrependidos (item 73), e não mais te classificar entre os maus Espíritos, enquanto esperamos poder contar contigo entre os bons.

(Veja também, o item 75: *Preces pelos Espíritos endurecidos*.)

Observação – A cura de obsessões graves requer muita paciência, perseverança e devotamento; ela exige ainda tato e habilidade para encaminhar ao bem aqueles Espíritos muitas vezes perversos, endurecidos e astuciosos, pois entre eles existem os rebeldes no último grau. Na maioria dos casos, é preciso se guiar pelas circunstâncias; mas, qualquer que seja o caráter do Espírito, uma coisa é certa: ninguém consegue nada pelo constrangimento ou pela ameaça. Toda influência consiste na superioridade moral. Outra verdade igualmente constatada, tanto pela experiência quanto pela lógica, é ***a completa ineficácia dos exorcismos, fórmulas, palavras sacramentais, amuletos, talismãs, práticas exteriores, ou quaisquer sinais materiais***.

A obsessão muito prolongada pode ocasionar desordens patológicas e, algumas vezes, requer um tratamento simultâneo ou consecutivo tanto magnético quanto médico, para restabelecer o organismo. A causa estando destruída, resta combater os efeitos. (Veja ***O Livro dos Médiuns***, 2ª parte, cap. XXIII, *Obsessão*; ***Revista Espírita***, fevereiro e março de 1864; abril de 1865: exemplos de curas de obsessões.)

ANEXO

CITAÇÕES BÍBLICAS

Para a composição desta obra, Allan Kardec utilizou-se, conforme ele mesmo declara na *Introdução*, de várias passagens bíblicas extraídas da edição francesa *Bíblia de Port-Royal* (popularmente *Bíblica de Sacy*) traduzida pelo sacerdote católico Louis-Isaac Lemaistre de Sacy (1613-1684). Contudo, no capítulo IV, ele cita outras versões das chamadas Escrituras Sagradas (*Bíblia de Osterwald*, *Bíblia de Lamennais* e *Bíblia da Igreja Grega*, ou seja, a *Septuaginta Grega*), fazendo comparações de textos, razão pela qual podemos considerar que essas outras edições também lhe serviram de fonte de pesquisa.

Nosso autor faz as citações com a indicação correspondendo aos devidos capítulos e versículos; no entanto, algumas marcações (8 no total) aparecem na obra original de Kardec com inconsistências em relação à divisão convencional, e que para esta tradução foram devidamente corrigidas, conforme a tabela seguinte:

Referência nesta obra	Marcação equivocada	Marcação correta
Cap. IV, item 3	Marcos, 9: 10-12	Marcos, 9:11-12
Cap. V, item 1	Marcos, 5: 5-6, 10	Marcos, 5:4-6, 10
Cap. IX, item 1	Mateus, 5: 4	Mateus, 5:5
Cap. XII, item 1	Mateus, 5: 20, 43-47	Mateus, 5: 43-47
Cap. XIX, item 1	Mateus, 17: 14-19	Mateus, 17: 14-20
Cap. XXIV, item 3	Mateus, 8: 10-15	Mateus, 10: 10-11, 13-15
Cap. XXV, item 1	Mateus, 8: 7-11	Mateus, 7: 7-11
Cap. XXVIII, item 2	Mateus, 5: 9-13	Mateus, 6: 9-13

No total, Kardec fez 139 citações bíblicas, oriundas de 59 capítulos e 663 versículos. A base dos textos transcritos vem dos quatro evangelhos: Mateus (74 citações), Marcos (17), Lucas (31) e João (8), com destaque para o célebre *Sermão da Montanha* (cerca de 30% de todas as citações).

Há também quatro citações do Novo Testamento: 1 da Epístola de João, 2 da Epístola de Paulo aos Coríntios e 1 do livro dos Atos dos Apóstolos.

Finalmente, há ainda 5 passagens do Velho Testamento: 2 citações do livro de Êxodo, 1 de Isaías, Jeremias e Jó.

Participe do curso online

KESE – Estudo de *O Evangelho segundo o Espiritismo*

promovido pela

PEADE – Plataforma de Estudos Avançados da Doutrina Espírita

www.luzespirita.org.br/peade

LUZ ESPÍRITA
www.luzespirita.org.br